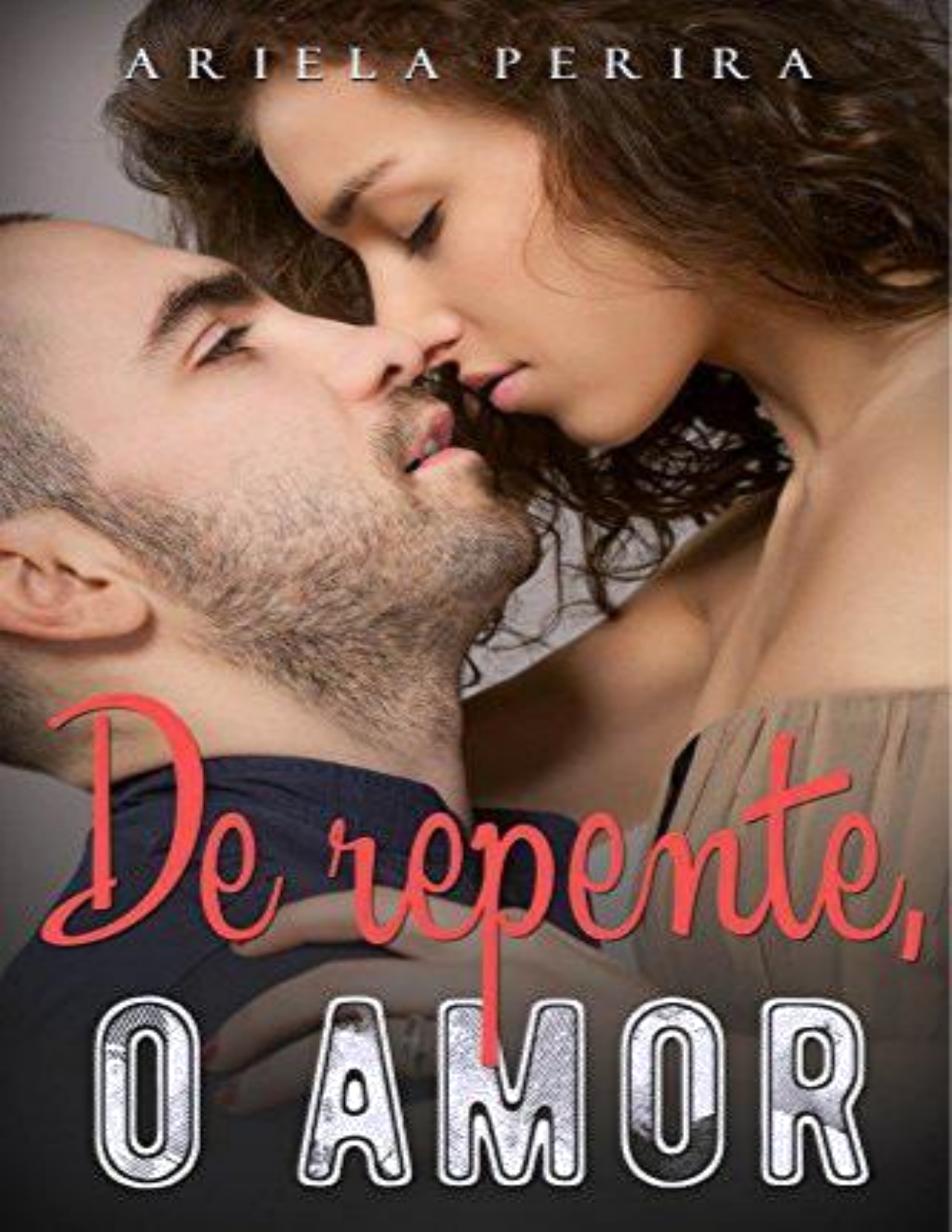


A romantic close-up of a man and a woman about to kiss. The man is on the left, looking up at the woman on the right. They are both smiling and their faces are very close. The woman has dark, wavy hair and is wearing a dark top. The man has a beard and is wearing a dark shirt. The background is a soft, out-of-focus grey.

ARIELA PERIRA

De repente,
O AMOR



SUMÁRIO

CAPÍTULO I
CAPÍTULO II
CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX
CAPÍTULO X
CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XII
CAPÍTULO XIII
CAPÍTULO XIV
CAPÍTULO XV
CAPÍTULO XVI
CAPÍTULO XVII
CAPÍTULO XVIII
CAPÍTULO XIX
CAPÍTULO XX
CAPÍTULO XXI
CAPÍTULO XXII
CAPÍTULO XXIII
CAPÍTULO XXIV
CAPÍTULO XXV
CAPÍTULO XXVI
CAPÍTULO XXVII
CAPÍTULO XXVIII
CAPÍTULO XXIX

A large, faint pink watermark of an owl is centered in the background. The owl has large, circular eyes and a wide, open beak. Below the beak are two small pink hearts.

DE REPENTE, O AMOR

Ariela Pereira

BOOKSTORY

CAPÍTULO I

Definitivamente esta não está sendo uma das melhores noites da minha vida. O primeiro cliente que atendi estava fedendo tanto que não consegui deixá-lo chegar perto de mim e depois de passar horas sentada na sua mesa, o bastardo quis o dinheiro de volta porque não me comeu. Que engula sua grana!

O segundo, era um cara novinho, da minha idade, do tipo que eu odeio, porque se acha o tal, o gostosão e quando percebe que não está abafando, que a puta que ele pagou para comer está interessada apenas no seu dinheiro e não no seu pau, fica frustrado e tenta humilhar afim de se superiorizar. Desse babaca não devolvi um centavo, já que usou o meu corpo como bem quis, tentando me deixar excitada, quando na verdade só me causou irritação. Como alguém pode ser alienado a ponto de acreditar que uma mulher sentiria prazer com um completo estranho? Só podia ser homem mesmo.

Não posso nem imaginar o que ainda tenho que pela frente hoje, pois quando a noite tende a dar errada, tudo segue o mesmo curso.

Já passa da meia noite, iria dormir se não precisasse de mais um programa para pagar as contas que tenho, sem falar na diária do quarto, onde preciso descansar por pelo menos duas horas antes de pegar a estrada de volta para Quixadá e ir à aula na faculdade pela.

Esta manhã começaremos uma nova disciplina, seria fatal faltar no primeiro dia. Impaciente, acendo um cigarro, pego uma dose de Martine no bar e sento-me a uma mesa num canto da boate mal iluminada, repleta de garotas de programas, de diferentes idades, raças e estilos. A maioria são como eu: têm vinte anos de idade, usam roupas que mais mostram que escondem o corpo, cabelos soltos, maquiagem chamativa. A maioria tem um ou mais filhos sem pai para sustentar e um aluguel para pagar. No meu caso, tenho um filho de dois anos de idade, o aluguel de uma boa casa no centro da cidade, uma secretária do lar que é praticamente minhas pernas e braços e a mensalidade da faculdade para custear.

Como hoje é segunda feira, não há muitos clientes, apenas alguns gatos pingados, turistas que vêm às praias do Ceará em busca não apenas do mar, mas do que temos a oferecer a eles. As garotas jovens como eu são as mais requisitadas, por homens mais velhos, é claro. As coroas são mais procuradas pelos jovens. Acredito que todos queiram experimentar algo diferente do que têm em casa e acho melhor que seja assim, pois detesto sair com caras jovens, que demoram mais para terminar. Quanto mais rápido o programa, melhor.

Saboreio meu Martine sem pressa, esperando que alguém entre na maldita boate, meu terceiro programa, já que os homens presentes estão todos acompanhados, pelas mulheres que os ludibriam a levarem-nas para os quartos no segundo andar.

Viajo em meus pensamentos, ao som de Paula Fernandes, enquanto o tempo se arrasta, até que por fim um homem entra no maldito salão. Examino-o de onde estou, discretamente. Não é tão jovem nem tão velho, deve ter uns trinta e cinco anos de idade. Serve para uma trepada. É

alto, tem a pele branca, os cabelos escuros, se veste de maneira sóbria demais para quem está numa boate à beira mar e age diferente dos outros, dirigindo-se diretamente para a recepção em vez de ocupar uma mesa e pedir uma bebida.

Escolhendo-o para ser meu terceiro e último programa da noite, aproximo-me do balcão da recepção e sento-me no banco de madeira ao seu lado, cruzando uma perna sobre a outra, sensualmente, jogando meu charme, ciente que ele não resistirá às minhas curvas exposta pelo minúsculo vestido de tafetá vermelho, curto, justo e com um generoso decote.

Eu não sou a única interessada nele, Priscila, a loura mais rabuda que eu já vi, fareja o que tem na carteira dele e senta-se do outro lado, desempenhando seu papel de puta ao flertar descaradamente com o sujeito.

Todavia, ele não parece interessado em nenhuma de nós, olha-me de relance e continua discutindo com a recepcionista, quando então começo a prestar atenção no que ele diz.

— Você não está me entendendo. Eu não quero uma mulher, apenas um quarto para passar a noite. — Diz ele, elevando o tom da voz para que esta se sobressaia ao som da música.

— Senhor, isso aqui é um bordel. Não alugamos quartos a não ser que o senhor contrate uma das garotas. Se não está interessado em sexo, apenas passe a noite com ela. — Carla, a recepcionista que aluga os quartos explica.

Eu ouvi direito? O cara quer um quarto, para passar a noite, com uma garota, sem fazer sexo. Só pode ser meu sonho se realizando! Poder dormir sem pagar a diária do quarto e ainda por cima receber pela noite sem precisar transar. “*Moço! Me leva!*”

Carla parece ter ouvido o eco dos meus pensamentos, ou apenas viu meu olhar de suplica.

— Deixa eu te apresentar duas das nossas garotas. — Ela diz, conduzindo a atenção dele para mim. — Essa é Sophia. Tudo o que você quiser ela faz. — Leva a atenção dele até Priscila. — E essa é Priscila, também bastante profissional. Basta escolher.

Porra! Ela não precisava exagerar na caracterização! Se ele for um perverso, agora terei que satisfazer as taras doentias dele porque Carla disse que tudo o que ele quiser eu faço.

— É um prazer receber você aqui. — Falo, esboçando meu sorriso mais encantador.

Ele fita meu rosto por um breve momento, sem percorrer os olhos pelo meu corpo, como todos os outros costumam fazer. Olha rapidamente para Priscila antes de virar-se novamente para Carla e insistir.

— Eu pago o dobro pelo quarto, se for necessário. Realmente preciso descansar. Estou só de passagem pela cidade. Resolvi dar uma volta na praia e quando procurei um hotel não havia mais vagas. Acho que por causa do período das férias estão todos lotados. — O sotaque dele é diferente, como o de todos os turistas. Aposto como é do sul do país.

— Desculpe. Sem garota, sem quarto. — Carla é firme. Está acostumada a lidar com todo tipo de homem, dos mais educados aos mais rudes, sabe como tratá-los.

O homem reflete por um instante, então cede.

— Ok. Você venceu. Quanto a garota cobra pela noite?

— Não sei. Pergunte a ela.

Para minha total satisfação, é para mim que ele se vira, ignorando Priscila, encarando-me com olhos inexpressivos, seu rosto demonstrando cansaço.

Observando-o com mais atenção, percebo o quanto é bonito. Tem a face bem desenhada, com um nariz afilado, o queixo másculo, a pele saudável, os olhos de um azul claro, brilhantes. Porém o que mais me chama a atenção nele é sua boca. Que boca! É carnuda, sem ser grande. Parece estar fazendo biquinho, como se fosse naturalmente desenhada para beijar.

Eu poderia passar uma noite inteira beijando aquela boca e não me cansaria.

Por isso ele não quer uma de nós, deve estar acostumado a comer as mais lindas e sofisticadas mulheres. Ou talvez apenas seja gay.

— Quanto você cobra, Sophia? — Ele pergunta, muito desconsertado, como se nunca tivesse feito isso antes.

— Quatrocentos reais. — Isso é o preço de um pernoite, o equivalente a dois programas. Apesar de ele afirmar que não pretende ter relações, sei que não posso confiar num homem. Vai que chegando lá, ele muda de idéia?

O espanto atravessa a expressão dos seus olhos. Achou caro e com certeza é. Mas não reclama, tira o cartão de crédito da carteira e o entrega a Carla que faz a transação, antes de devolvê-lo junto com as chaves do quarto, um pacote de preservativos e um mine recipiente com gel lubrificante. Normalmente, ela costuma perguntar aos clientes se desejam dar uma olhada no menu do sex shop, mas desta vez dispensa a pergunta.

Entrega-me minha bolsa, onde trago o necessário e dá uma piscadela, desejando-me sorte, como sempre faz.

— Vem comigo. Eu te mostro onde fica o quarto. — Falo, gesticulando para que o homem me siga.

Caminho pelo longo corredor mal iluminado, com o cara me seguindo de perto. Por instinto, ou costume, não deixo de rebolar sensualmente os quadris. Subimos o lance de escadas que leva ao segundo andar, já que o elevador está quebrado, como sempre. Alcançamos outro corredor, ao longo do qual se estendem as varias portas fechadas dos quartos, até alcançarmos o cento e vinte, aquele onde Carla sabe que mais gosto de dormir, por possuir um colchão mais durinho na grande cama redonda.

Destranco a porta e entramos. O cômodo não é muito grande. Além da cama redonda é mobiliado por uma poltrona de couro, dois criados mudos, frigobar, interfone e a televisão que pega apenas o canal pornô. Tudo aqui insinua sexo, desde as cortinas grossas e vermelhas nas janelas com vista para o mar, até os espelhos no teto e nas paredes.

— Então, como é seu nome? — Pergunto, sentando-me da beirada da cama para tirar as desconfortáveis sandálias de salto alto.

— Afonso. Quer dizer... acho que não precisamos conversar. — Ele parece muito sem jeito, pousando sua valise sobre um dos criados mudos enquanto observa o quarto visivelmente espantando. Será que nem num motel ele nunca esteve antes? — A cama é grande o suficiente para nós dois. Pode dormir à vontade. Prometo que não tocarei em você.

Ele fala como se compreendesse que é uma tortura para nós mulheres sermos tocadas pelos clientes, provando o quanto é inteligente. A maioria dos homens têm a deturpada concepção de que fazemos isso porque gostamos do sexo, não entendem que é apenas um trabalho, que fazemos exclusivamente pelo dinheiro e que a única diferença que um programa tem de um

estupro, é que durante o estupro a mulher tem o direito de protestar, enquanto que no programa temos que sorri e fingir estar gostando.

— Ta. Obrigada. Vou só tomar um banho rapidinho. — Por mais que tenha tomado banho há menos de uma hora, não consigo dormir sem fazê-lo antes.

Desinibidamente, dispo-me diante do olhar atento e meio perplexo dele, pego uma das toalhas felpudas que estão sobre a cama e me dirijo para o amplo banheiro, onde há também uma banheira de hidromassagem, indispensável aos clientes mais exigentes.

Após o banho, encontro-o deitado de lado na beirada da cama, muito na beirada mesmo, quase caindo, completamente vestido, de costas para a direção onde me deitarei.

Caminhando na ponta dos pés para não incomodá-lo, vou até minha bolsa, de onde tiro uma calcinha de algodão confortável e limpa, visto-a, ligo o despertador do celular para as seis da manhã e deito-me no lado da cama que me foi reservado, cobrindo-me com o lençol de cetim, deixando a luz fraca acesa, já que tenho fobia ao escuro quando estou aqui.

O silêncio no quarto é profundo. Fecho os olhos e tento adormecer, mas não consigo. Algo está me perturbando. O calor que parte daquele homem está despertando sensações há muito adormecidas dentro de mim. Viro-me de frente para ele, observando seus cabelos bem cortados na nuca, tomada por um incontrolável impulso de tocá-lo ali, sentir a maciez dos seus cabelos negros bem cuidados entre meus dedos. Aspiro o cheiro gostoso do seu perfume masculino e tudo piora, estou excitada, muito excitada, como não ficava há anos, desde que acreditei estar apaixonada pelo pai do meu filho.

Porra! O que está acontecendo comigo? Fodo com vários homens, noite sim e noite não e nunca senti absolutamente nada com nenhum deles. E agora, repentinamente, estou úmida no meio das pernas por causa de um que nem olha para mim.

— Afonso. — Chamo, num impulso.

— Sim? — Ele responde num fio de voz.

— De onde você é? — Solto, mecanicamente.

— Como eu já disse, não preci...

— Eu sei. Não precisamos conversar. Mas eu quero.

Segue-se um longo momento de silêncio antes que ele se vire para mim, fitando-me diretamente nos olhos, tão profundamente que minha excitação se intensifica e de repente estou sem fôlego, com o coração batendo descompassado no peito. O que está acontecendo comigo? Colocaram algo na minha bebida?

— O que você quer? — Sua voz é meio sussurrada, ligeiramente ríspida e muito, muito sensual.

— Eu... — Não sei como continuar.

Subitamente, ele sobe em cima de mim, muito agilmente, encaixando seus quadris entre minhas pernas, pressionando seu pau, duro como uma pedra, contra minha boceta, por sob os tecidos das roupas.

— Por acaso é isso que você está querendo?

Não me lembro de ter ficado tão excitada antes na minha vida. Estou tão perdida de tesão

que minha calcinha está molhada, meus peitos doem intumescidos, minha pele parece em chamas.

— Sim... quero... — As palavras saem entrecortadas, pela minha respiração ofegante.

Ele parece hesitar antes de inclinar sua cabeça para baixo e cobrir meus lábios com os seus. Vagarosamente, passeia sua língua pelo meu lábio superior, depois pelo inferior, então a introduz na minha boca, entrelaçando-a com a minha, para depois sugá-la, tão lascivamente que um gemido abafado escapa-me.

Tomada pela luxúria, afundo meus dedos em seus cabelos lisos, esfregando mais minha intimidade na sua virilidade, ensandecida, louca de tesão, pronta, ansiosa por tê-lo dentro de mim.

Nunca antes meu corpo reagiu tão violentamente a um homem, estou completamente perdida, entregue às sensações que me dominam, sem compreender como algo que eu detesto, pode, de repente, se tornar tão enlouquecedoramente prazeroso.

Lentamente, Afonso ergue seu corpo para afastar o lençol que me cobre, contemplando, com olhos brilhantes de luxúria, meu corpo oculto apenas pela calcinha.

— Você é linda. — Ele diz, evidenciando o quanto sua respiração está ofegante.

Já ouvi essa frase inúmeras vezes, mas jamais me afetou como agora, fazendo-me sentir a mais desejada das mulheres.

Ainda ajoelhado sobre o colchão, com uma perna dobrada de cada lado dos meus quadris, ele despe-se da sua camisa social, exibindo um físico admirável. Seu peito e braços são cobertos por músculos bem definidos, sem exagero. Há uma espessa camada de pelos negros cobrindo seu tórax, se estendendo pelo seu abdômen, desaparecendo no cós da sua calça, para onde levo minhas mãos, tentando abrir o fecho, ansiosa por ver o resto daquele corpo.

— Apressadinha você, héim. — Ele sussurra, curvando-se novamente sobre mim, prendendo meus pulsos contra o colchão, com as duas mãos. — Me deixa provar esse corpinho gostoso antes.

Uau! Nunca palavras tão simples me pareceram tão eróticas, sensuais, excitantes.

Perdida, entrego-me à luxúria quando ele desliza sua boca quente e úmida sobre minha pele, descendo do pescoço para o colo, até alcançar um dos meus peitos, lambendo o mamilo enrijecido, para em seguida sugá-lo com avidez, despertando-me uma nova onda de desejo, que passeia por todo o meu corpo e parece me incendiar no meio das pernas.

“Ai, minha nossa! Como isso é bom!”

Ele parte para o outro peito e repete a carícia, sua língua dançando avidamente sobe meu mamilo, para em seguida chupá-lo sem dó, enviando ondas de prazer que se alastram por todo o meu ser.

Quando acredito que finalmente ele enterrará aquele pau na minha vagina, que palpita ansiosa, ele vai mais além, escorregando a boca até minha boceta, afastando a calcinha para o lado, infiltrando sua língua entre meus grandes lábios, lambendo-me inteira ali, tão prazerosamente que deixo escapar um gemido alto.

Há muito tempo não experimentava nada parecido. É como se todas essas sensações estivessem adormecidas dentro de mim, esperando por esse homem para serem a floradas.

Eu jamais permitiria que outro qualquer fizesse sexo oral em mim, da forma que não há como usar uma proteção, mas nos braços desse estranho estou perdida, completamente dominada por emoções e sentidos. A cada toque dele, mergulho um pouco mais nesse imenso mar de luxúria do qual não quero sair.

Sua língua dança sobre meu clitóris, lascivamente, ao mesmo tempo em que seu polegar escorrega para o interior do meu canal encharcado, habilidosamente e é inevitável, logo o gozo se forma nas minhas entranhas, todas as fibras do meu corpo se contraindo, suplicando pelo alívio que vem numa explosão arrebatadora, quase me fazendo perder a consciência, meus gemidos ecoando pelo quarto enquanto convulsiono descontroladamente.

Ele parece se alimentar do meu gozo, antes de erguer a cabeça e fitar-me tão profundamente que tenho um último espasmo.

— Seu sabor é maravilhoso. — Diz, suas palavras despertando-me uma nova onda de excitação.

— Quero sentir o seu. — Falo, salivando de tesão.

Colocar minha boca no pau de um cliente, sem preservativo, é algo que eu não faria nem por um milhão de dólares, mas esse homem não é apenas um cliente, é minha perdição em forma de ser humano, capaz de me deixar alucinada a ponto de fazer qualquer coisa que ele me propor, sem que eu compreenda a razão desse turbilhão de sentimentos com o qual não estou familiarizada.

Ele fica em pé sobre a cama para tirar a calça social e a cueca, desnudando o pau grande, grosso, cheio de veias protuberantes, tão atraente que minha vagina palpita descontroladamente, querendo senti-lo por inteiro.

Antes que ele tenha a chance de se mover, ajoelho-me na cama a sua frente e seguro aquela oitava maravilha do mundo entre minhas duas mãos, massageando-o antes de levar minha boca até sua ponta, circulando-a com a língua, seu líquido saboroso se misturando à minha saliva, para em seguida abocanhá-lo inteiro, mamando com uma gana que me espanta, a lasciva tomando conta de mim.

Ele geme, sua voz grossa e rouca. Segura-me pelo queixo com uma mão e afasta meus cabelos com a outra, erguendo-me o rosto, para que eu possa fitá-lo enquanto o chupo.

— Ah! Como você chupa gostoso...

O rosto dele está contraído de um prazer tão genuíno que me seduz ainda mais, me incentivando a levá-lo mais fundo na minha garganta, a dar-lhe mais daquilo que o agrada.

Ele fica mais duro dentro de mim, deixando claro que está perto de gozar, quando então afasta-se. Vai até o pacote de preservativos esquecido sobre o criado mudo, abre a embalagem com os dentes e cobre seu pau, voltando para a cama, cobrindo meus lábios com os seus, conduzindo minhas costas na direção do colchão, deitando-se sobre mim, sem deixar de me beijar.

— Tem certeza que você quer isso? — Ele pergunta, num gemido rouco, interrompendo o beijo.

E que dúvidas ele ainda pode ter?

— Quero muito...

Então, ele arranca minha calcinha molhada com um safanão, antes de encaixar seus quadris entre minhas pernas e penetra-me, devagar, seu pau preenchendo-me deliciosamente, minha vagina se tornando mais lambuzada em torno da sua carne rijá, que parece latejar de encontro a mim, tornando tudo mais intenso, ensandecido.

Abafando meus gemidos com sua boca, ele me fode lentamente, como se tentasse prolongar cada estocada, indo fundo em mim, seu pau empurrando meu útero numa deliciosa massagem, sua pélvis depilada se chocando contra meu clitóris, me deixando cada vez mais doida, mais faminta por isso, algo tão novo e surpreendente em minha vida.

Um novo orgasmo se forma em meu ventre e ele sabe disso, pois acelera os movimentos dos seus quadris, metendo mais forte, mais depressa, ao mesmo tempo em que separa sua boca da minha, erguendo a cabeça para fitar-me nos olhos, enquanto mergulho em um novo e arrebatador êxtase, meus gemidos ecoando pelo quarto, meu corpo sacudindo involuntariamente, ondulando.

Sem desviar seus olhos dos meus, ele goza, soltando um grunhido meio selvagem, seu rosto se contraindo de prazer, seu pau se esvaindo em espasmos dentro de mim, até que ficamos imóveis ao mesmo tempo, apenas os sons ofegantes das nossas respirações quebrando o silêncio que inunda todo o ambiente.

Muito apressadamente, ele deixa o meu interior e senta-se na beirada do colchão, tirando o preservativo, permanecendo cabisbaixo, com os ombros encolhidos, enquanto tento reorganizar os meus pensamentos e entender o que acabou de acontecer comigo. Acredito que o que acabamos de fazer é o que as pessoas chamam de fazer amor, pois não pode haver nada mais magnífico. Mas como pode ser isso? Eu sequer conheço o cara, como aconteceu essa química tão avassaladora entre nós? Nem mesmo com Pietro, o pai do meu filho, por quem eu acreditei estar apaixonada um dia, foi assim tão perfeito. Não há uma lógica que explique o fato. Simplesmente aconteceu.

— Isso foi maravilhoso. — As palavras me escapam.

— Isso não devia ter acontecido. — Ele retruca, com tom ríspido.

CAPÍTULO II

Incrédula, processo suas palavras e é como se alguém me jogasse um balde de água fria. Subitamente sinto vergonha da minha nudez e cubro-me com o lençol, ao passo em que o sangue parece fugir da minha face, todo o calor proporcionado pelo momento esvaindo-se do meu corpo, dando lugar a uma frieza desoladora.

Não compreendo porque as palavras dele me deixam tão magoada, desapontada. Eu nem devia estar dando bola para isso, afinal ele é apenas um estranho qualquer, possivelmente nunca mais voltarei a vê-lo.

— Por que não? Você é casado? — Pergunto, sem graça, tentando esconder minha decepção.

Afinal o que eu esperava? Que ele me pedisse em namoro? Ele é homem e homens não têm sentimentos.

— Não. Mas não é certo pagar alguém pra fazer sexo. Isso é repugnante. Não quero parecer grosso, mas não apóio a prostituição.

Putá merda! Ele é preconceituoso, por isso não queria uma mulher quando chegou. Evidentemente deve estar pensando o pior de mim, como todo preconceituoso pensa. Que sou uma vadia, preguiçosa, drogada, mentirosa, ladra e que estou nessa vida porque não gosto de trabalhar.

Jamais acreditaria se eu dissesse que não fiquei com ele pelo dinheiro, mas porque quis e mesmo que acreditasse eu não lhe diria depois dessa, afinal ele não merece minha consideração, o que é uma pena, pois o que senti com ele sei que não sentirei com outro. Foi tão intenso que jamais esquecerei e isso é tudo o que me resta agora: guardar o momento na minha memória.

— Cada um pensa o que quiser. Boa noite. — Viro-me para o lado pronta para dormir. Recuso-me a discutir com ele sobre prostituição. As pessoas preconceituosas têm sua opinião formada desde a infância, não serei eu a mudá-las.

Ele pega a outra toalha e vai até o banheiro. Após o banho rápido, começa a se vestir, dizendo:

— Acho que vou indo. Preciso chegar ao meu destino.

— Ué, você não estava doido pra dormir? Pode ficar aqui até amanhecer. Não vou te violentar.

Merda! Fui eu quem o procurou, induzindo-o ao sexo. Talvez ele não queira ficar para que não aconteça de novo. A que ponto cheguei? Fazer um homem sair pelas ruas de Fortaleza, de madrugada, só para evitar transar comigo!

— Realmente preciso ir.

Sem mais palavras, ele termina de se vestir, ajeita os cabelos molhados com os dedos, pega sua valise e lança-me um olhar demorado, inexpressivo, antes de deixar o quarto.

Sozinha, tranco a porta pelo lado de dentro e deito-me confortavelmente, afastando todos os

pensamentos, mergulhando num sono profundo.

Desperto com o sinal do celular, às seis e meia em ponto. Estou exausta, pois dormi por menos de três horas e sinto vontade de permanecer na cama, como acontece dia sim e dia não, sempre que passo a noite na boate. Mas não posso, preciso me levantar.

Movida pelo desejo de mudar de vida, levanto-me a cambaleio até o banheiro, a água fria terminando de me acordar. Em frente ao espelho, tiro a maquiagem com o leite demaquilante, expondo minhas olheiras profundas. Passo apenas o protetor solar, escovo os cabelos longos, castanhos claros, molhados, e volto ao quarto para vestir o jeans e a camiseta do uniforme da Faculdade.

São seis e quarenta e cinco quando deixo o quarto, a aula começa sete e trinta, tenho menos de uma hora para chegar a Quixadá, na minha moto. Como sempre, chegarei atrasada. Ainda bem que é uma faculdade paga, com poucas reclamações.

Antes de deixar o prédio, passo na recepção para pegar meu dinheiro, atravesso o amplo salão, agora totalmente deserto e pego a estrada em altíssima velocidade.

São cento e sessenta e oito quilômetros de Fortaleza a Quixadá, consigo fazer o percurso em duas horas, chegarei à aula com uma hora de atraso.

Tem sido assim há um ano e meio, desde que iniciei o curso de Psicologia. Venho à boate dia sim e dia não e, apesar dos atrasos, ainda não fiquei reprovada em nenhuma disciplina, pelo contrario, às vezes faço sozinha o trabalho de todo o meu grupo, para ter a chance de aprender mais, passar no concurso quando me formar e sair desse trabalho maldito que, apesar de odiar, tenho que fazer por não encontrar outro que me pague o suficiente para dar uma vida confortável ao meu filho.

Deixo o perímetro urbano de Fortaleza e aumento a velocidade na rodovia que se estende em meio ao sertão, a paisagem familiar passando despercebida aos meus olhos.

Subitamente recordo-me dos momentos vividos durante a madrugada, nos braços daquele estranho. Foram os melhores da minha existência, pelo menos sexualmente falando. Há muito tempo não sentia prazer com um homem. Aliás nunca tinha sentido nada parecido antes. Foi tão incrível que ainda estou abalada. Tenho certeza de que jamais o esquecerei e também de que jamais voltarei a vê-lo. Preconceituoso como ele é, nunca mais voltará ao meu local de trabalho. Foi lá ontem apenas porque não encontrou outro lugar para passar a noite.

Porém, considero esse fato positivo, pois se nunca mais vê-lo, não corro o risco de cair na besteira de me apaixonar, como me apaixonei por Pietro, o pai do meu filho Gabriel.

Eu o conheci quando tinha apenas dezesseis anos de idade. Morávamos ambos no sertão, eu na casa dos meus pais lavradores, miseráveis, com sete filhos para sustentar e ele na abastada fazenda da sua família. Eu acreditava ter encontrado o homem da minha vida, com quem passaria o resto dos meus dias, porém, quando engravidei, um ano após conhecê-lo, ele mostrou quem realmente é, ameaçando-me de morte caso eu o colocasse na justiça para forçá-lo a registrar a criança no seu nome. Acusou-me de interesseira, de ter engravidado propositalmente para receber parte dos bens da sua família. Foi nesta ocasião que deixei de acreditar nos homens e no amor verdadeiro, restando-me apenas a amargura da desilusão.

Quando contei aos meus pais sobre a gravidez, fui expulsa de casa. Como na época tinha

apenas dezessete anos de idade, fui acolhida por um abrigo para mães solteiras em Quixadá, onde meu filho nasceu. Porém, ao atingir a maioridade, tive que deixar o lugar.

Desempregada, com meu filho de três meses nos braços, passei uma semana morando nas ruas, até conhecer Jandira, uma prostitua de quarenta anos que me ofereceu abrigo na sua casa. Dali em diante, segui os conselhos e a carreira dela, com a diferença de que optei por trabalhar em Fortaleza, para que não me tornasse conhecida com prostituta em Quixadá e futuramente meu filho não se tornasse vítima de discriminação, como eu e todas as mulheres que seguem essa profissão são.

Seis meses após ter iniciado nesse trabalho, comecei a fazer faculdade, portanto não posso ir à boate todas as noites, o que vem me impedindo de realizar o sonho de comprar minha casa apropriada.

Eu não devia ter me matriculado na disciplina de verão e aproveitado essas férias de julho para juntar algum dinheiro, já que é o mês em há maior movimentação de turistas em Fortaleza e na boate.

Mas ouvi dizer que essa disciplina, Antropologia, estaria disponível apenas nesse período, o que me coagiu a fazê-la. E agora estou aqui nessa merda de campus em pleno mês de julho enquanto as outras putas estão enchendo as carteiras de dinheiro. É foda!

O sol está escaldante quando adentro os muros do campus da Faculdade Rainha do Sertão. Estaciono e caminho apressadamente para a sala de aula, na primeira ala. São quase nove horas, estou mais atrasada que de costume. Espero que o novo professor seja compreensivo como todos os demais, que embora não saibam que trabalho a noite, estão cientes de que sou mãe solteira e dona de casa, bastante ocupada, portanto, perdoam meus atrasos.

Com passos pesados, abro a porta da sala e entro, o frio do ar condicionado causando-me o familiar choque de temperatura. Todavia o que realmente me deixa chocada é o homem sentado a mesa do professor, Afonso, com quem vivi o momento mais intenso da minha existência. O que ele está fazendo aqui? É o novo professor? Pergunto-me enquanto sinto o sangue fugir da minha face, minhas pernas ficarem tão dormentes que não consigo afastar-me da porta.

Ele parece tão perplexo quanto eu, pois me encara com olhos arregalados, o rosto empalidecendo subitamente.

E se ele contar para todo mundo o que faço em fortaleza? Ah meu Deus! Isso destruiria minha vida acadêmica. Preconceituoso como ele é, tenho quase certeza de que não tolerará uma prostituta na sua turma, reclamará com o diretor e logo todos saberão de tudo. Agora sim, estou ferrada!

— Sente-se, por favor. — Ele fala, muito sério, arrancando-me do meu total estado de torpor.

— Boa dia. — Falo. Ele não responde. E encolho-me ao me dirigir até meu lugar de sempre, completando o trio das excluídas da sala.

Eu, Rita e Solange nos juntamos no início do curso por sermos totalmente excluídas pelos demais alunos, todos riquinhos, filhos de papaiinhos, socialmente perfeitinhas. Rita por ser evangélica dessas igrejas que exigem o uso de roupas super longas e fechadas; Solange por

estar em meio aos jovens com quase quarenta anos de idade e por ser uma pessoa de mente aberta, sem preconceito com nada, do tipo que faz amizade com todo mundo, inclusive com as pessoas consideradas inaceitáveis pela sociedade. Apesar de ninguém conhecer meu trabalho clandestino, comecei a ser excluída por ir à aula com cara de quem passou a noite em claro, fumando, bebendo e fodendo.

A única pessoa em Quixadá que conhece minha realidade é minha secretária do lar e amiga Tati, com quem converso sobre tudo. Porém, às vezes me pergunto se minhas duas amigas da faculdade sabem e fingem que não, pois seria muita ingenuidade delas não perceberem.

— Qual o seu nome mocinha? — O professor mais bom de cama que já conheci pergunta, com tom áspero.

Eita! Mas nem meu nome ele se lembra mais? Realmente a madrugada passada não significou nada para ele, ou está cogitando que inventei outro nome por me encontrar num bordel, como muitas garotas fazem.

— Meu nome é Sophia. S.O.P.H.I.A. — Falo, com tom de desafio e deboche, empinando bem meu nariz, já naturalmente arrebitado.

Ele pode ter o poder de me destruir com uma palavra apenas, mas nem por isso vou permitir que me trate com arrogância. Foda-se ele.

— Sophia. Eu não tolero atrasos tão grandes na minha aula. — Sujou! Ele vai me expulsar da sala! — Vou deixar que você permaneça aqui hoje, mas que fique avisada que isso não se repita.

Alívio, é o sentimento que me define.

Porém, meu sangue é mais quente do que eu gostaria e não consigo ficar calada.

— Por acaso o senhor dá suas notas baseadas no horário ou no desempenho do aluno? — Pergunto, desafiando-o uma segunda vez, sob os alertas discretos de Solange, que me belisca por sob a carteira, sugerindo que eu me cale.

Mas não o farei. Não abaixo minha cabeça para nenhum filho da puta.

— Certamente um acadêmico que perde praticamente a metade da aula não conseguirá mostrar um bom desempenho na hora de fazer os trabalhos.

— Então fazemos assim: o senhor não reclama dos meus atrasos e caso o meu desempenho nos trabalhos da disciplina não seja excelente, pode me reprovar.

— É uma proposta muito perigosa Sophia.

— Perigo é o meu segundo nome, professor.

Neste momento, alguns alunos engraçadinhos soltam piadas e risinhos em uníssono, divertindo-se com a discussão.

O professor encara-me em silêncio por um momento, com expressão dura, por fim declara:

— Você é quem sabe. Não posso oferecer nenhum privilegio a alunos que não cumprem seus horários. As avaliações serão as mesmas para todos. Sem exceções.

Quero dizer-lhe que nunca recebi regalias por causa dos meus atrasos e sempre passei em tudo, todavia, ele não me dá a chance de falar, prosseguindo com a explicação que dava antes da minha chegada.

— Mas que professor grosseiro! — Solange fala, num sussurro.

— Só que ele se meteu com a pessoa errada. — Declaro, a raiva ainda pipocando em minhas veias.

— Eita que tu hoje ta atacada. O que foi? — Desta vez é Rita quem pergunta.

— Nada. Esse palhaço que me irritou.

— Ele ta irritando todo mundo desde que iniciou a aula. Mandou a Alice jogar o chiclete fora e ordenou que todos nós desligássemos o celular. E não foi só você que ele recriminou pelo atraso. O Renato e o Beto também levaram bronca.

— Tenho raiva desses branquelos que vêm do sul encher o saco dos outros aqui. Isso deve ser mágoa recolhida porque a esposa não quis vir junto. — Falo, fazendo Rita e Solange sorrirem num uníssono que atrai a atenção do tirano.

Ele nos fuzila com um olhar fulminante e dá prosseguimento à aula quando as duas se encolhem nas carteiras, cabisbaixas, intimidadas pelo seu olhar duro, sendo eu a única a encará-lo de frente.

A aula se arrasta e não consigo me concentrar no que o tirano bom de cama diz ou escreve, o que me expõe a um grande risco de ficar reprovada na disciplina. Minha mente está enevoada por pensamentos sombrios, de medo e apreensão. Temo que Afonso me delate aos membros da universidade, o que seria o meu fim. Se as pessoas aqui descriminam Rita por ser evangélica e Solange por ser mais velha, posso imaginar como me tratarão quando souberem o que faço para ganhar a vida.

Não consigo afastar tais pensamentos. Durante o intervalo Rita e Solange questionam meu comportamento, mas não tenho o que dizer a elas.

Ao final da aula, decido que preciso falar com ele, saber quais são suas intenções.

Espero que todos os alunos deixem a sala. Observo-o. Está atrás da sua mesa, muito serio, com o semblante contraído, organizando sua papelada na valise.

Hesito, uma, duas três vezes. Por fim tomo coragem e aproximo-me.

Quando chego perto, mantendo-me do outro lado da mesa, o cheiro do seu perfume me alcança, atingindo-me em cheio, despertando-me uma onda de desejo que passeia por todo o meu corpo, fazendo meu sangue ferver, se instalando no meio das minhas pernas, onde fico molhada.

Ele ergue o rosto para fitar-me e sou capturada pelo azul dos seus olhos, mergulhando numa espécie de frenesi, que me deixa sem palavras.

— O que você quer? — Ele é grosso, como foi durante toda a manhã.

De repente me sinto estúpida por estar em pé diante dele sem falar nada e ao mesmo tempo humilhada pela rudeza que ele me dirige depois do que aconteceu entre nós.

— É... bem... sobre o meu trabalho. Quero saber se você vai me delatar para o diretor. Uma expressão de espanto surge em seu olhar.

— E isso faz diferença pra você?

— Claro que faz as pessoas são preconceituosas.

— Apesar de repudiar o que você faz, não tenho nada a ver com isso.

Ele volta a mexer nos papeis, ignorando-me.

— Então você não vai falar?

— Não.

Eu posso sair agora pela porta, livre dos receios que me atormentaram durante toda a manhã, ir para casa, tomar um banho e dormir um pouco. Mas algo mais forte que eu me prende aqui perto dele. Uma vontade descontrolada de fazê-lo mudar de idéia ao meu respeito, a respeito do meu trabalho, embora saiba que palavras não são capazes de destruir um preconceito inculcado durante toda uma vida.

— Olha, eu não faço aquilo porque gosto...

— Não quero saber! — Ele me interrompe, abruptamente. — Acho melhor você não voltar a falar comigo algo que não esteja estritamente relacionado à disciplina.

Caramba! Eu podia ter ido dormir sem essa. O cara não apenas me descrimina, ele me detesta, sem que eu compreenda a razão. Talvez seja um fanático puritano que luta contra a prostituição. Eu mereço!

— Ok, entendi.

Forçando minhas pernas dormentes de constrangimento a me levarem para a frente, deixo a sala.

CAPÍTULO III

Meia hora depois, chego em casa, o melhor momento do meu dia, quando encontro meu pequeno príncipe.

Estaciono a moto na pequena varanda, cercada por grades de ferro pretas, tiro o capacete e entro, o cheirinho de comida caseira alcançando-me, dando-me água na boca.

A casa em que moro é grande e confortável, composta por uma sala ampla, três quartos, uma cozinha bem equipada, área de serviço e um grande quintal onde Gabriel gosta de brincar. Para quem nasceu e cresceu num casebre de barro em meio ao sertão, isso aqui é uma mansão.

Encontro meu pequenino sentado em sua cadeira de refeições, a mesa com tampo de mármore da cozinha, com Tati tentando empurrar-lhe a sopa de legumes.

— Mamãe! — Ele grita eufórico ao me ver entrar.

Pego-o em meus braços e rodopio com ele no ar, antes de abraçá-lo com força, aspirando seu cheiro gostoso, reconfortante, amado.

São momentos como esse que me fazem acreditar que todo o meu sacrifício vale à pena, quando percebo que apesar de não me sentir feliz o tempo todo, tenho essa parcela de felicidade em minha vida que compensa todo o resto.

— Dando trabalho à tia Tati pra comer?

Ele balbucia algumas palavras incompreensíveis, gesticulando para a comida com cara de nojo, o que serve para me fazer sorrir.

— Ele encheu a barriga de salgadinho e agora fica falando mal da minha comida.

— Tati contesta, brincalhona.

Como é bom estar aqui! Em paz, tranqüila, feliz. Longe da boate escura e barulhenta e da sala de aula abarrotada de gente.

— Ele dormiu bem Tati? — Pergunto, sentando-me a mesa com Gabriel em meu colo, disposta a fazê-lo comer.

— Bem, como sempre. E sua noite como foi? — Ela ajeita-se na cadeira diante de mim.

Tati tem a minha idade. É morena, magrinha, dona de uma disposição invejável para o trabalho doméstico. É sobrinha da mulher que me acolheu em sua casa quando eu morava nas ruas, a pedido de quem dei-lhe o emprego na minha casa quando veio do sertão, há quase dois anos, com o objetivo de continuar seus estudos na cidade, já que não há escolas secundárias onde morava. Ainda está cursando o Ensino Médio e estuda à tarde, quando sempre estou em casa para ficar com Gabriel.

Ela é minha válvula de escape, com quem divido todos os meus segredos.

— Aff! Nem me lembre. Transei como o novo professor de antropologia. Foi terrível. Ela arregala os olhos, mostrando-se mais interessada.

— Como assim? Ele é muito ruim de cama?

— Não. Pelo contrario. É maravilhoso. Me deu o melhor momento que já tive com um

homem. — Minha voz treme brevemente e Tati fica séria, prevendo o que falarei em seguida.

— Mas depois ele saiu apressado e me tratou super mal hoje na aula.

— Que pena amiga. Eu queria tanto que você encontrasse alguém e fosse feliz.

Ela acredita que a única felicidade consiste em ter um namorado, como ela tem Ricardo, o policial militar com quem namora há um ano. Os dois estão sempre juntinhos, na escola, nas noites em que estou em casa. Parecem um casal de pombinhos.

— Há! É piada. Eu nunca tive sorte no amor. Não é a partir de agora que vou ter.

— Você só precisa dar uma chance a alguém. — Lembro-me daqueles otários da boate que tentam conseguir mais que uma transa comigo, convidando-me a os acompanhar a outros lugares. Acho-os todos patéticos, por acreditarem que há algo neles, além da carteira, que desperte meu interesse. — O que você sentiu com esse professor foi carência afetiva. Falta de alguém que te dê amor.

— Sempre que um homem tenta conquistar meu amor, tenho a impressão de que quer apenas suscitar meu interesse pelo sexo e tornar as coisas mais gostosas pra ele.

— Eu não to falando dos homens que você conhece na boate. Um cara que precisa pagar por sexo não tem a mínima dignidade e não merece o amor de uma mulher. — Nisso tenho que concordar com ela.

— Então quem? Aqueles mauricinhos imaturos da faculdade?

— Não precisa ser um deles. — Ela reflete por um instante. — Você se lembra no mês passado quando o Guilherme da padaria me pediu pra te dar o numero do telefone dele e você rasgou o papel?

— Sim.

— Eu salvei o numero antes de te dar. Por que você não liga pra ele? O cara é um gato. Trabalhador, honesto, não sabe o que você faz e daria um ótimo marido.

Esse é o sonho da maioria das garotas de programa que conheço: arrumar um bom marido que as sustente e as tire dessa vida, mas definitivamente não é o meu. Prefiro estudar e arranjar um emprego que me pague o suficiente para sustentar meu filho. Não suportaria viver à custa de um homem. Sou esquentada demais para isso. Na primeira briga ele me jogaria na cara que me sustenta e eu teria que escutar calada para não perder o teto e a comida. Nem morta eu caio nessa.

— Não to precisando de um marido, nem Gabriel de um pai.

— Mas ta precisando de um namorado pra te dar carinho de verdade. Pra fazer você sentir todo dia o que esse professor fez.

Poxa, ter aquela experiência todos os dias seria tudo de bom. Mas isso é possível? Um homem que não estivesse me pagando pelo sexo me daria tanto prazer? Talvez fosse isso que me encantou no professor, ele não estava me pagando pelo sexo, eu fiz porque quis. Tati pode estar certa.

— Mas já tem um mês que ele mandou o numero. Não é tarde pra ligar?

Tati abre um largo sorriso vitorioso. Desde que veio morar comigo ela insiste nessa ladainha de que devo arrumar um namorado. Eu nunca tinha concordado antes. E ainda estou meio em duvida.

— Claro que não. — Ela tira seu celular do bolso do short, digita os números e entrega-me o aparelho. — Toma, já liguei.

Mas já? Eu nem estava preparada ainda. Não vou saber o que dizer ao cara. Para falar a verdade, sequer me lembro direito do rosto dele.

— *Alô.* — Atende a voz masculina do outro lado da linha.

— Olá. É Guilherme? — Pergunto, muito sem jeito.

— *Sim. Quem ta falando?*

— Oi Guilherme, aqui é Sophia, da rua sete.

— *Oi Sophia. Tudo bem? Te mandei meu numero faz tempo. Que bom que você ligou.*

Pronto! Agora é que não sei mesmo o que dizer. Não estou acostumada com isso. Meus diálogos com as pessoas do sexo oposto consistem basicamente em: “*Quanto você cobra?*” “*Duzentos*”. “*O que você faz?*” “*Tudo, desde que seja de camisinha*”. “*Quanto tempo posso ficar com você por esses duzentos?*” E daí por diante.

— Eu estava pensando se você ainda... Bem, eu... — Não consigo continuar e ele percebe minha falta de jeito.

— *Você gostaria de ir comigo à festa dos calouros hoje na faculdade?* — Ele é direto e seguro, o que me agrada. Eu acho.

— Tem festa hoje na facu? Eu não estava sabendo. — Poxa, dei uma bola fora. Acho que uma garota normal não comentaria isso, apenas concordaria para parecer bem informada.

— *Não na faculdade em que você estuda. Na UFC, onde eu estudo.*

Caraca! O cara estuda numa Universidade Federal! Deve ser bastante inteligente.

— Ah, ta. Entendi. Quero sim.

— *Que horas te pego na sua casa?*

Como ele sabe onde é minha casa?

— Sei lá. Você quem sabe. — Acho que essa não foi uma resposta adequada para a situação.

— *Às nove está bom pra você?*

— Sim.

— *Então até mais tarde. Fiquei muito feliz que você tenha ligado.* — Até que isso não soou tão falso quanto quando os homens da boate falam algo do gênero.

— Até mais tarde. — E desligo o aparelho, devolvendo-o a Tati.

— Yes! Você terá seu primeiro encontro. Preciso estar aqui pra ver isso! — Tati exclama, exultante.

— Aff! Não acredito que deixei você me convencer a fazer isso.

Após o almoço, quando Tati vai para a escola, tomo um banho demorado, dou banho em Gabriel, visto uma confortável camisola de algodão e deito-me com meu filho ao meu lado na grande cama de casal em meu quarto, um cômodo amplo, com paredes em marfim, cortinas salmão, mobiliado por uma escrivaninha com computador, os dois criados mudos, cômoda com maquiagens e espelho, cujas gavetas estão abarrotadas de livros e apostilas da faculdade, dois grandes guardas roupas e o ar condicionado, que, ligado na máxima potência, ameniza o

calor intenso desta tarde de terça feira, me permitindo relaxar gostosamente, ao lado do pequeno Gabriel, que pega no sono rapidamente.

Apesar do cansaço, demoro mais que o de costume para adormecer, aquele tirano povoando meus pensamentos, mais especificamente o momento que passei em seus braços durante a madrugada, que para ele nada significou, mas que para mim foi inesquecível.

Gostaria de reviver tudo aquilo e já que não será com ele, vai ser com outro. Quem sabe com o tal do Guilherme da padaria.

Estou tentando me recordar do rosto dele, quando minhas pálpebras ficam cada vez mais pesadas, até que adormeço.

Durmo praticamente durante toda a tarde, como costumo fazer nos dias posteriores às minhas noites de trabalho. Gabriel já está acordado quando desperto, quietinho e silencioso, como se fosse capaz de compreender o quanto preciso dessas horas de sono.

Como Tati ainda não chegou da escola, preparo um lanchinho para nós dois e me afundo no sofá da sala, diante da televisão ligada, enquanto Gabriel brinca com seus bonecos de super heróis sobre o carpete.

São momentos como esse, de paz e tranquilidade, que fazem a vida valer à pena.

É noite quando Tati chega. Ainda estou no sofá, lendo uma apostila da disciplina ministrada pelo tirano.

— Caraca! Você ainda está assim? — Ela fala alarmada. Do que está falando?

— Assim como?

— O encontro com o Guilherme está marcado para nove horas. Já são oito e meia e você ainda nem começou a se arrumar.

Putz! Tinha me esquecido disso.

— Vixe! Agora é tarde. Não vai dar tempo. — Sinto como se acabasse de tirar um peso das minhas costas.

— Você não vai escapar dessa, Sophia. Vem aqui que vou dar um jeito nisso.

Ela me segura pelo braço e, apesar dos meus protestos, sai me puxando para o quarto, com Gabriel nos seguindo, sorrindo, achando que a situação é uma brincadeira.

É serio que vou ter que deixar meu filho tão lindinho pra ir me encontrar com um marmanjo que provavelmente tentará me levar para um motel depois de me pagar algumas cervejas?

— Pensando bem não to muito afim de ir não Tati.

— Não ta mais vai. — Ela começa a vasculhar um dos guardas roupas. — Você precisa sair dessa carência, mulher. Colocar mais emoção na sua vida.

“Fala a voz da experiência!”

— Se ele tentar me comer, vou dar na cara dele.

— Ele não vai fazer isso. Ele gosta de você. — Depois de fuçar os dois guardas roupas, ela vira-se para mim segurando um vestidinho preto de seda, curto, meio folgadoinho, com lantejoulas no decote em renda. — Esse é perfeito para a ocasião. Vamos lá. Tira essa camisola e se veste.

Simplesmente não estou com disposição para sair de casa, já bastam as noites que passo

acordada na boate. Prefiro ficar aqui com meu filho. Porém, não posso voltar atrás depois de ter ligado para o cara. Vou a esse encontro pelo menos para dizer a ele que não vai rolar nada entre nós.

Preguiçosamente, troco a camisola pelo vestido. Calço uma sandália de salto alto, da mesma cor, escovo os cabelos longos, deixando as madeixas castanhas cascadeando pelas costas e faço uma maquiagem discreta.

Estou diante do espelho, examinando o resultado, aprovando como a cor do vestido combinou com minha pele morena clara e a maquiagem escura ressaltou o castanho dos meus olhos. Não é um visual com o qual costumo sair à noite. Este está mais comportado, apesar de o vestido ser curto.

— Você tá linda. — Tati fala. Abro a boca para agradecer o elogio, quando a campainha toca. — É ele! — Tati se mostra eufórica, como se o encontro fosse dela.

Pego a bolsinha de mão, beijo o rosto do meu bebê, deixando uma marca de batom na sua bochecha rosada, despeço-me de Tati com uma piscadela e vou abrir a porta.

Ao fazê-lo, deparo-me com um cara alto, cujos lábios estão curvados num largo sorriso, revelando uma fileira de dentes brancos e perfeitos. Tem um físico atlético que não passa despercebido sob o jeans e camiseta de malha que usa. Seus cabelos são loiros, meio espetadinhos, os olhos esverdeados e há um furinho em seu queixo que lhe confere um charme todo especial. Tem mais ou menos a minha idade e não posso negar: é muito bonito, embora isso não signifique muito para mim, pelo contrário, é uma característica que torna um homem abominável, por fazê-lo se achar o gostosão.

— Você é o Guilherme? — Pergunto, apenas para ter certeza, quando então vejo o sorriso se desfazer dos seus lábios, a decepção surgir nos seus olhos, certamente desapontado por não me recordar dele.

O que posso fazer? Não fico olhando para a cara do padeiro quando vou comprar pão.

— Sim, eu mesmo. — A voz dele é muito máscula para a sua idade.

— Você quer entrar e beber alguma coisa, ou prefere ir logo?

— Vamos logo. A festa já deve estar começando.

Melhor assim. Quanto antes isso começar, antes termina.

Saio, deixando a porta encostada e me surpreendo ao vê-lo se dirigir ao Audi conversível branco que está estacionado diante da casa.

— Uau! O salário de padeiro deve ser muito bom! — Exclamo.

— Na verdade, sou o dono da padaria. — Ele fala, abrindo a porta do carro para mim, surpreendendo-me com a atitude.

Nos acomodamos em nossos assentos e ele dá a partida, seguindo em baixa velocidade pela rua movimentada.

— Como alguém tão jovem como você pode ser dono de uma padaria? — Eu sei que estou sendo indiscreta, mas a curiosidade está me corroendo por dentro.

Ele sorri antes de responder.

— É uma longa história.

— Você dirige devagar. Dá tempo de me contar até chegarmos lá.

— Eu ganhei uma bezerra do meu padrinho quando tinha cinco anos de idade. Meu pai a colocou em outra fazenda, para procriar, no sistema de meia. Você conhece?

— Sim.

— A bezerra era fértil e a maioria das suas crias eram fêmeas. Acho que dei sorte. Quando completei dezoito anos, já tinha bastante gado. Vendi tudo de uma vez e abri a padaria. Em três anos consegui quintuplicar o negócio.

— Estou impressionada. Algumas pessoas realmente nascem com sorte. — Ou com cabeça para os negócios, o que não é o meu caso.

Chegamos ao campus da UFC e Guilherme encontra dificuldade para estacionar no espaço abarrotado de carros. Do interior da imensa construção, dois prédios de dois andares, pintados de branco, parte a batida alta da musica agitada, incomodando meus ouvidos. Posso imaginar como será quando estivermos lá dentro.

Enfim saltamos, passamos por dentro de um dos prédios, onde há muitas portas fechadas e alcançamos um imenso pátio ao ar livre, com chão de cimento grosso e espaço reservado para grama, coqueiros e outras plantas, onde a festa acontece.

O lugar está abarrotado de pessoas que se deliciam ao sabor da musica ensurdecadora, jovens, em sua maioria. A um canto estão as imensas caixas de som e um JD que comanda os remixes. Do outro lado há um bar diante do qual se forma uma pequena fila. Há ainda mesas com cadeiras, em sua maioria vazias, já que as pessoas parecem preferir permanecer em pé, o que me parece no mínimo estranho.

Definitivamente não estou familiarizada com esse tipo de evento. Quando morava no sertão, meus pais não me deixavam freqüentar festas, depois que conquistei minha independência tenho dedicado minhas noites ao trabalho. Isso tudo aqui é muito novo para mim.

— Você quer beber alguma coisa? — Guilherme precisa gritar para que eu o ouça, por causa da musica excessivamente alta. Como alguém pode considerar algo assim divertido?

— Sim. Martine, se tiver.

— Você prefere esperar aqui ou quer sentar-se numa mesa?

— Aqui está bom.

Ele desaparece na direção do bar, voltando tão depressa com as bebidas que me espanto. Deve ser amigo do balconista e furou a fila. Só pode.

Ele bebe cerveja direto de uma latina, enquanto eu ingiro o Martine de um copo grande, sem sofisticação alguma. De quando em quando, algumas pessoas param para falar com ele, demonstrando intimidade, às quais sou apresentada como sua amiga.

A única coisa que se pode fazer aqui é ficar em pé, olhando as pessoas dançarem, já que o som ensurdecador da musica nos impede de conversarmos. Daqui a pouco meus pés estarão doendo por causa das sandálias altas.

— Você quer dançar? — Ele pergunta, ao me ver terminar minha bebida. É, há uma segunda coisa que se pode fazer aqui.

— Quero.

Nos colocamos no centro do pátio, balançando nossos corpos de acordo com o ritmo agitado da musica internacional.

Pouco a pouco isso vai se tornando tão divertido que não consigo mais parar. Quanto mais danço, mais quero dançar. Meu corpo está leve, meu sangue agitado. É realmente uma boa experiência.

Logo, outras pessoas juntam-se a nós, amigos de Guilherme e formamos uma grande roda no centro da festa.

Percebo que uma das garotas da roda, uma morena de cabelos longos, não tira os olhos de Guilherme, embora ele atribua toda a sua atenção a mim, dançando ao meu lado, tocando seu corpo no meu sempre que tem uma oportunidade. Não posso dizer que o contato com ele é desagradável, como também não é nada de tão extraordinário.

O tempo passa e estou me divertindo como nunca me diverti antes. Embora sejam muito parecidas, cada musica tem um ritmo diferente e exige movimentos de acordo. Não sei de onde tirei a habilidade para fazer os passos, só sei que os faço, com tanta precisão que de vez em quando flagro uma das meninas da roda tentando me imitar.

Embora o calor seja escaldante, intensificado pelos movimentos, Guilherme não me deixa ficar com sede. A todo momento vai ao bar, trazendo-me água mineral ou Martine e as latinhas de cerveja para si próprio.

Paro por um instante para ingerir um grande gole de água, quando, subitamente, sinto o peso de um olhar sobre mim e viro-me naquela direção, deparando-me com o professor Afonso, em pé, a certa distancia de onde estamos, imóvel, em meio aos agitados dançarinos, segurando um copo, com seus olhos fixos em mim.

A reação do meu corpo é imediata e inesperada. Logo minhas pernas ficam trêmulas, meu coração está mais agitado no peito e minha respiração irregular, sem que eu compreenda o motivo de tamanho alvoroço do meu organismo por causa de um tirano que passou toda a manhã me tratando com grosseria.

Tento ignorá-lo e voltar à dança, mas é impossível, minha mente está completamente tomada pela presença dele, incapaz de processar qualquer outra informação, inclusive o ritmo da musica.

Já não consigo me concentrar na dança, nem me lembro mais de como fazer os passos. Estou tensa, movendo-me mecanicamente, sem conseguir conter o impulso de a todo instante me virar na direção do professor para observá-lo, notando que há uma loura dançando muito próxima a ele. Certamente sua acompanhante.

E eu não sou a única observá-lo, muitos olhos se voltam na sua direção, principalmente olhares femininos.

Embora ele seja o único aqui a usar roupas sociais e ter mais que vinte e cinco anos de idade, não consegue parecer ridículo em meio à juventude descolada, pelo contrário, é atraente como um oásis no deserto e eu não sou a única a perceber isso.

CAPÍTULO IV

— Você conhece ele? — Guilherme pergunta, evidentemente percebendo que não tiro os olhos do professor.

— Sim. Ele é meu professor de Antropologia.

— Ele vai dar aulas aqui também. Sua primeira seria esta noite, mas foi cancelada por causa da festa. Está vendo a garota perto dele?

Dirijo minha atenção para a loura alta, com corpo de modelo, elegantemente vestida, dançando ao lado dele.

— Sim, o que tem?

— Estão dizendo que ele ficou puto quando chegou aqui e soube que teria uma festa no dia da sua primeira aula e ia até pedir as contas, mas se acalmou rapidinho quando ela o convidou para a festa.

Putá merda! Se Guilherme queria me atingir com essa, por perceber meu interesse pelo outro, definitivamente conseguiu.

Então quer dizer que comigo ele transa, goza, sente prazer, me dá prazer e depois me trata como um lixo. E com ela, que acabou de conhecer, deixa de lado sua raiva, sua indignação e ainda concorda em vir a uma festa depois de ter seu trabalho totalmente desrespeitado.

Fala sério! Até que ponto vai o preconceito de uma pessoa?

— Onde fica o banheiro? — Pergunto, sentindo um bolo se formar no meu estômago.

— No primeiro andar do segundo prédio. No final do corredor. Quer que te leve até lá?

— Não precisa. Eu encontro o caminho sozinha.

Afasto-me sem olhar para trás, com passos tão apressados que esbarro sem querer nas pessoas em meu caminho. Ao entrar no prédio, mal iluminado, onde alguns casais trocam uns amassos, nos cantos mais escuros, o volume do som da música diminui por causa da distância, proporcionando um alívio indescritível aos meus ouvidos.

Percorro o lugar interminável, quente e abafado, devido ao forro de gesso e não encontro o banheiro. Guilherme disse que fica no final do corredor, mas qual corredor? Há muitos deles aqui, na verdade parece um labirinto de corredores, ao longo dos quais se estendem várias portas fechadas, sem que haja o indício de um banheiro em nenhuma delas. Nas festas que vejo em filmes e novelas, sempre há uma fila de mulheres diante do banheiro feminino, mas por aqui não há nada.

Continuo adentrando as dependências do prédio, que me parecem pertencer à área administrativa da instituição e que se torna a cada passo mais deserto, silencioso e assustador.

O corredor onde estou é estreito, abafado, quase que totalmente tomado pela penumbra e termina em mais uma porta trancada. Dou meia volta, decidida a desistir da minha busca e voltar para a festa, quando vejo um homem caminhando na minha direção, vagarosamente e um calafrio percorre-me a espinha, anunciando-me um mau presságio.

— O-Oi. Você sabe onde fica o banheiro? — Pergunto, minha voz vacilando, minhas mãos apertando minha bolsinha, como se o gesto fosse capaz de amenizar meu nervosismo.

O cara é muito forte e alto e se coloca diante de mim, tão perto que me sinto encurralada entre ele e a porta fechada.

— Muito longe daqui, sua prostituta! — Sua voz é baixa e ríspida, suas palavras despertando-me uma onda de pavor e raiva, que se alastra por todo o meu corpo.

Para falar assim, certamente Afonso me dedurou a ele, mas ainda posso desmentir o maldito professor. É minha palavra contra a sua.

— Não sou prostituta. De onde você tirou isso? — Tento afastar-me, mas ele não permite, tomando-me a frente. — Com licença, preciso voltar à festa. Meu namorado deve estar me procurando. — Precisava inventar algo que desmotivasse qualquer má intenção que ele possa ter.

Para meu total espanto, ele solta uma gargalhada bizarra, sem que seu olhar acompanhe o gesto.

— Eu sei que você é uma puta fodida. Te vi mais de uma vez boate Luanda. — Puta merda! Agora estou ferrada! Todos na cidade vão saber a verdade, se já não sabem. Ele segura meu queixo com sua mão forte, apertando-o, machucando-me, erguendo-me o rosto, sem que eu consiga me libertar. — O que uma vagabunda como você faz aqui em meio aos universitários?

— Não te interessa! Me solta ou vou gritar! — Ameaço, o pânico se misturando à raiva dentro de mim.

— Pode gritar. Ninguém vai mexer um dedo por causa de uma vadia que dá a boceta pra qualquer cachorro sardento que tenha cinqüenta reais no bolso.

Ainda segurando meu queixo com força, ele coloca sua boca na minha.

Agindo por instinto, mordo-lhe o lábio, fazendo uso de todas as minhas forças, o que o obriga a afastar-se depressa, cobrindo o local ferido com uma mão, para em seguida, desferir-me uma bofetada no rosto com a outra.

— Vagabunda! — Esbraveja.

Apavorada, tento fugir, mas ele me segura, pressionando seu corpo grande contra o meu, encurralando-me na porta.

Com um gesto muito brusco e rápido, vira-me de costas, pressionando meu rosto contra a superfície sólida de madeira, prendendo meus pulsos acima da minha cabeça com uma das mãos, enquanto que com a outra ergue meu vestido até que o tecido cubra minha cabeça. Arranca minha calcinha com um safanão e usa um pé para afastar minhas pernas uma da outra.

Sei que vai comer minha bunda, sem sequer usar camisinha.

Puta merda! Que situação humilhante! Se tivesse ficado em casa, nada disso estaria acontecendo.

— Por favor, não faz isso. — Suplico, sentindo-me o ultimo dos seres humanos.

— Por que não? Pra você vou ser apenas mais um, sua vadia!

Ele não me violentaria se eu não fosse uma prostituta. É nisso que da tentar me misturar às pessoas “normais”.

Estou completamente imobilizada por ele, sem chance de defesa contra sua força física. Não posso fazer nada que não fechar os olhos e pensar em qualquer outra coisa, para que isso se torne o menos doloroso e humilhante possível.

Ouç-o abrindo o zíper da sua calça, quando de repente, com um safanão, ele é puxado para trás, suas mãos deixando-me, quase me derrubando.

Viro-me naquela direção e vejo o professor Afonso esmurrando-lhe o rosto, repetidamente, sem que este tenha agilidade suficiente para se defender do ataque do outro, mesmo tendo ele um porte físico menor que o seu.

O professor continua desferindo-lhe socos, hora no rosto, hora no estomago, até que o maldito sai correndo, seus passos apressados fazendo eco pelo corredor deserto.

— Você está bem? — Afonso pergunta, aproximando-se de mim, sua voz serena pela primeira vez desde que estivemos juntos intimamente, sua respiração ofegante pelo esforço da luta.

— Não. — Respondo, o pavor ainda em mim, deixando todo o meu corpo trêmulo, descontroladamente, um suor frio cobrindo minha pele, as lágrimas ameaçando aflorar dos meus olhos.

É inacreditável, como, apesar do meu estado, a proximidade desse homem consegue me afetar, de forma fatal. A energia, puramente sexual, que irradia do seu corpo, despertando o desejo em mim.

— Ele te machucou? Quer ir a um hospital?

Por que ele está preocupado comigo agora, depois de ter me tratado tão mal?

— Como você nos encontrou aqui?

— Eu vi quando você entrou no prédio e quando ele te seguiu.

— Deu pra deduzir o que aconteceria por causa do faço, não é? Ele ignora minha pergunta.

— Vamos. Vou te levar em casa. — Ele fala, segurando meu antebraço.

Num impulso incontrolável, bato minha mão na sua, com brutalidade, tirando-a do meu braço.

— Não me toque! — Esbravejo, observando o espanto se estampar no seu olhar.

— Você me tratou como se eu fosse um lixo esta manhã. Não pense que, só porque me salvou de um estupro, pode voltar a colocar suas mãos em mim.

— Você ainda está abalada por causa do que acabou de acontecer. Precisa ir pra casa e descansar.

— Eu já tenho alguém para me levar em casa. Obrigada pelo que acabou de fazer por mim, mas não preciso da companhia de mais uma pessoa que me odeia por causa do que eu faço para ganhar a vida.

Tento afastar-me, ele me detém, tomando-me o caminho.

— Eu não te odeio. Apenas não gostei de como me fez perder o controle esta madrugada. De caso pensado, eu jamais teria relações com uma mulher que está comigo por causa do meu dinheiro. Jamais! Acho desprezível esse tipo de coisa. É humilhante tanto para quem paga quanto para quem recebe. Existem maneiras mais dignas de se ganhar a vida.

Porra! Ele nunca vai deixar de me julgar. É inteligente, professor universitário, mas tem uma mente pequena, moldada pelo preconceito. Eu deveria odiá-lo por isso.

— Lamento que seu poder de reflexão seja tão limitado, mas não acho essa maneira de

ganhar a vida menos digna que qualquer outro trabalho honesto. Não que gostamos do que fazemos, é repugnante ficar com os homens, eu concordo, mas não deixa de ser digno por isso.

— Você não me parecia muito repugnada hoje quando estava debaixo de mim. Pelo contrário, parecia estar gostando bastante. Vai me dizer que não é assim com todos!?

O tom duro das suas palavras, o desprezo que me dirige, o ódio pelo que faço e, acima de tudo, a sua ignorância em não perceber que foi especial com ele, que não fiz por dinheiro, que jamais me senti assim com outro homem, faz meu estomago revirar, um ódio cego tomando conta de mim e, num impulso incontrollável, espalmo minha mão sobre sua face, numa bofetada cujo estalo ecoa pelo corredor deserto.

— Sai da minha frente. — Falo, com dentes cerrados.

Ele observa-me em silencio por um instante, antes de dar-me passagem.

Preciso seguir o som da musica para sair do labirinto de corredores e encontrar o lugar da festa.

Com passos pesados, apressados, alheia aos protestos daqueles em quem esbarro pelo caminho, vou até Guilherme, que continua dançando, incansavelmente, na sua roda de amigos, na qual não há lugar para alguém como eu.

— Você demorou! — Ele fala com descontracção.

— Me tira daqui agora! Quero ir pra casa!

— Aconteceu alguma coisa? — Pergunta, sério desta vez.

— Não. Apenas quero ir embora. Se você não me levar, avisa que pego um taxi.

— É claro que te levo. Vamos.

Ele se despede dos demais jovens e deixamos o lugar.

Percorremos todo o trajeto de volta para minha casa, mergulhados no mais absoluto silencio.

Ao estacionarmos diante da moradia, despeço-me e tendo deixar o carro, quando ele me pede que espere um pouco, com tanta gentileza na voz que não consigo recusar e permaneço sentada.

— Eu sei que aconteceu alguma coisa com você quando foi ao banheiro e embora você não confie em mim o suficiente para me dizer o que foi, quero que saiba que essa noite foi especial, por ter você ao meu lado. — Ele fala, fitando-me diretamente nos olhos. — Eu gosto muito de você. Sempre gostei. Desde que te vi pela primeira vez e espero que você me dê outra chance, uma chance de me redimir pelo que possa ter te acontecido hoje, porque não estou disposto a desistir de você.

“Você não está disposto hoje, mas amanhã, quando seu colega de faculdade que tentou me violentar disser a todos quem sou eu, você estará”.

— Você é muito legal, Guilherme, mas não voltaremos a sair juntos.

— Posso saber pelo menos o porquê?

— Faz assim: qualquer coisa eu te ligo, ok?

— Vou esperar.

Sem mais, deixo o carro.

Ao alcançar a porta da casa, dou-me conta de que deixei minha bolsinha esquecida, certamente onde aconteceu a tentativa de estupro, com as chaves dentro, além do meu celular e documentos.

“Porra! Que noite sem fim!”

Desolada, bato insistentemente na porta até que Tati acorde e venha abrir.

— Meu Deus, que cara é essa? Cadê sua chave? — Ela pergunta, sonolenta.

— Amanhã te conto tudo. Agora só quero tomar um banho e dormir. Como está o Gabriel?

— Ótimo. Comeu tudo na janta e dormiu rapidinho.

Observo-a trancando a porta por dentro e dirijo-me ao meu quarto, dizendo:

— Amanhã não vou à faculdade. Não me acorda cedo.

Fecho a porta do aposento atrás de mim e deixo-me cair sobre a cama, as lágrimas que vinha segurando, banhando abundantemente meu rosto. Relembro a violência com que aquele maldito me tratou; o desprezo contido nas palavras de Afonso; sua concepção pejorativa ao meu respeito e o ódio toma conta de mim. Ódio por ser quem sou, por fazer o que faço. Por não ter tido a oportunidade seguir um caminho diferente, como Guilherme teve ao ganhar a bezerra do seu padrinho e construir uma pequena fortuna com isso. Ódio do preconceito das pessoas em relação à prostituição, em acreditarem que todas nós somos um lixo em que qualquer um pode colocar as mãos. Ódio de tudo, até de existir.

Se aquele otário que me atacou descobrir onde estudo, amanhã toda a cidade saberá a verdade e essa discriminação virá em massa, se estenderá até meu filho e Tati. Se isso acontecer, precisarei me mudar de Quixadá, talvez até deixar a faculdade.

Que merda! Maldita hora que fui sair com aquele garoto.

Choro até que minhas lágrimas parecem ter se esgotado. Tomo um banho rápido, visto uma camisola confortável e espero o sono chegar.

Passa das dez horas da manhã quando desperto no dia seguinte. Dificilmente falto a uma aula depois de uma noite de sono, mas hoje realmente não me sinto em condições de interagir com as pessoas, de olhar para a cara de Afonso e me concentrar no que ele diz sem que sua opinião sobre mim se torne uma barreira entre minha mente e o aprendizado.

Amanhã estarei melhor e pegarei o conteúdo com uma das meninas.

Levanto-me e deixo o quarto, usando minha minúscula camisola de algodão branca, dirigindo-me para a cozinha onde encontro Tati preparando o almoço e Gabriel arremessando, pela janela, as Tupperwares que encontra na porta de baixo do armário, interrompendo a travessura para vir correndo ao meu encontro.

Seguro-o em meus braços, erguendo-o do chão.

— Mas que moleque travesso, jogando fora as coisas da mamãe. — Falo, beijando suas bochechas, para em seguida ouvir seus balbucios incompreensíveis de auto defesa.

— Ele não jogou nada de quebrar. Depois eu cato tudo. — Tati ainda o defende.
— Você ta horrível, credo! Que cara é essa?

— Tive uma noite péssima. — Falo, sentando-me a mesa com Gabriel no colo, servindo-me de uma fatia do bolo de fubá que está ali.

Tati deixa as panelas de lado e vem sentar-se diante de mim, fitando-me com seus olhos curiosos.

— Pelo visto o encontro com Guilherme não foi bom. Me conta tudo.

Faço a ela um resumo de todos os acontecimentos da noite. Ao final da narrativa, seus olhos, já naturalmente grandes, estão ainda mais arregalados.

— Deixa eu ver se entendi: você deu um tapa na cara do sujeito que te salvou de ser violentada?!

Do jeito que ela coloca, parece até que eu sou a errada na história.

— Porra Tati. De tudo o que eu falei você só processou isso?

Ela continua me observando com seus olhos grandes, enquanto mordo um pedaço do bolo.

— Você gosta dele. — Diz.

— Hã?

— Você gosta desse professor. Não foi só sexo que rolou entre vocês. Pelo menos não da sua parte.

— Agora você viajou na maionese.

— Eu te conheço mais do que você mesma e sei do que estou falando. Você sente algo por ele e agora, mais que nunca, precisa se apegar com Guilherme, pra esquecer esse cara. Ele não te merece, mas Guilherme sim.

— Quando o Guilherme souber o que faço, me tratará tão mal quanto o professor. Ambos não são diferentes nesse ponto.

— Pois eu aposto meus brincos de diamantes como ele não vai te discriminar.

— Quer saber? Vamos parar de falar sobre homens, porque não quero me estressar logo de manhã. O que você ta fazendo pra almoçar?

— Risoto de franco. — Ela volta correndo para o fogão. — Daqui a pouco ta pronto. Pára de encher a barriga com bolo.

CAPÍTULO V

Tenho um dia maravilhoso ao lado de Gabriel. Como é uma das raras ocasiões em que estou descansada, passamos quase toda a tarde na pracinha perto de casa, onde ele interage com outras crianças e brinca no parquinho. Não pode haver nada mais compensador que ver meu pequenino assim tão feliz.

Contudo, quando a noite chega, sou tomada por um desanimo desolador. Gostaria muito de ficar em casa, mas definitivamente não posso. O dinheiro que ganhei na noite de segunda, é apenas a metade do meu aluguel, preciso da outra metade e depois da mensalidade da faculdade, do salário de Tati, guardar alguma coisa na poupança, para abrir meu consultório quando me formar na faculdade e assim por diante. Isso nunca tem fim, quando termino de pagar uma conta, já chegou a data de repagar a primeira e o ciclo recomeça.

Espero que Gabriel durma e parto na minha moto para Fortaleza, usando o jeans e a camiseta com os quais irei à aula pela manhã. Chegando lá, troco o traje por um minúsculo vestido de chiffon preto, que mais mostra que esconde o corpo. Faço uma maquiagem escura e estou pronta para o trabalho.

Como sempre, a noite é longa, árdua e deprimente. Muitos clientes para atender, em sua maioria senhores da alta classe social, alguns já bastante conhecidos.

Ao final da noite, fiz quatro programas, meu limite, e preciso recorrer aos analgésicos para refrear a dor no colo do meu útero antes de dormir pelas duas horas que restam até o amanhecer.

Estou um caco quando chego à faculdade, com uma hora de atraso. Minha cabeça está pesada pela quantidade de álcool que ingeri durante toda a noite, meu corpo dolorido pede cama.

Entro na sala, com ar refrigerado, sem dar bom dia ou ao menos olhar diretamente na direção de Afonso que está atrás da sua mesa, ministrando a aula. Dirijo-me para o fundo da sala e sento-me entre Rita e Solange, que me recebem com carinho, deixando claro que a verdade sobre mim ainda não se espalhou pela cidade.

Percebo que os demais alunos viram-se para olhar-me e dou-me conta de que isso se deve ao fato de que Afonso cessou sua fala para observar-me. Olho para ele e me deparo com o azul brilhante dos seus olhos fixos em mim, com expressão dura. Certamente está me condenando pelo meu atraso e pelo motivo que me fez chegar atrasada, mas não estou nem aí. Foda-se ele. Se quiser me reprovar, faço a disciplina em outro lugar para completar minha carga horária. Seu ódio não me prejudicará em nada.

Desviando minha atenção de todos que não das minhas duas amigas, questiono-as sobre o conteúdo da aula de ontem e recebo todas as instruções sobre um trabalho que foi passado pelo professor, cujo contexto consiste em pesquisarmos qualquer comunidade que possua uma cultura diferente da nossa e abordá-la em forma de texto.

Acho difícil encontrarmos essa diversidade de culturas no Ceará. Somos quase todos

descendentes de sertanejos, herdeiros de sua cultura, mas aposto como a maioria os abordará como um povo dono de uma cultura diferente. É a velha renegação das origens.

As horas de aula se arrastam interminavelmente, o cansaço me consumindo, o esforço em evitar olhar para aquele tirano, me deixando tensa, me distraíndo do aprendizado.

Durante o intervalo, ouço um grupo de garotas do sétimo período falando sobre ele, no quanto é bonito, elegante e diferente dos homens da cidade. Todas estão a fim dele e quando souberem que ele foi a uma festa com a loura mais linda da UFC, ficarão ainda mais interessadas.

— O professor Afonso birrou com você. — Solange fala, subitamente.

Estamos sentadas a uma mesa da grande cantina, abarrotada de alunos, no pátio da instituição, aproveitando o intervalo da aula para comer sanduíches e tomar suco natural.

— Por que você acha isso? Ele disse alguma coisa? — Indago, surpreendida.

— Não. Mas dá pra perceber a forma como ele te trata. Pela grosseria como falou contigo antes de ontem, o jeito que te olhou hoje quando você chegou. Parecia que queria te queimar viva com o olhar.

Acho engraçado a forma que ela fala e sorrio, embora no fundo sintame consternada por todos saberem o quão sou odiada, embora desconheçam a verdadeira razão.

— Ele deve ser o tipo perfeitinho que nunca se atrasou na vida e fica pegando no meu pé porque nunca chego na hora. — É minha defesa.

Ao final do intervalo voltamos à sala.

As duas horas seguintes, são ainda mais arrastadas, parecem intermináveis.

Quando, finalmente, o horário termina e todos nos preparamos para deixar o recinto, Afonso fala, curto e grosso como sempre é ao se dirigir a mim:

— Sophia, por favor, não vá ainda. Preciso falar com você.

Cogito ignorá-lo e ir embora, mas seria um vexame fazer isso diante de toda a turma. Então, após receber os olhares de compaixão das minhas amigas, que vão embora preocupadas comigo, espero que todos saiam e dirijo-me à sua mesa, colocando-me em pé diante do móvel de mogno que dá alguns centímetros de distancia entre nós. O que é pouco, pois logo o cheiro gostoso do seu perfume masculino invade minhas narinas, despertando-me a lasciva. Olho para sua boca linda, carnuda, meio bicudinha, como se fosse desenhada à mão e lembro-me de como foi bom quando ela esteve sobre meu clitóris, chupando-o arduamente, proporcionando-me um prazer jamais antes experimentado.

A lembrança traz consigo uma intensa onda de desejo, que se alastra por todo o meu corpo e logo minha calcinha está molhada.

Se não desviar meus olhos daquela boca, vou acabar gozando aqui mesmo.

— Sente-se. — Ele fala, muito sério.

— Prefiro ficar em pé, até porque não posso demorar muito. Meu filho está em casa me esperando.

— Eu sei, o Gabriel.

Fito-o espantada.

— Como você sabe o nome do meu filho?

— Fiquei curioso e olhei sua ficha. — Como ele se atreve a fazer isso? — Mas não é sobre isso que quero falar. — Ele também fica em pé, para me fitar mais diretamente, minha respiração tornando-se ainda mais irregular com a intensidade do seu olhar. — O sujeito que te atacou na festa, é meu aluno na UFC. Quero saber se você está disposta a denunciá-lo.

— Por que? Se eu estiver você vai defendê-lo?

— Não. Pelo contrario. Vou te dar todo o meu apoio. Testemunho ao seu favor se você quiser.

Agora fiquei sem entender. Por que ele está sendo tão prestativo?

— Não vou denunciar. Se eu fizer isso, ele vai dizer a todos na delegacia o que faço para ganhar a vida e todos vão pensar como ele e você: que eu mereço ser estuprada, por ser uma prostituta.

A fisionomia dele se contrai.

— Eu nunca disse que penso isso.

— Não disse diretamente, mas deixou claro com outras palavras. — Sou o mais firme possível. — Era só isso? Posso ir embora?

— Sophia é importante que você denuncie aquele maldito. Ele não pode fazer o que fez e ficar impune.

E desde quando ele se preocupa com causas humanas?

— Não vou denunciar. — Falo, sem conseguir mais fechar a boca por causa da respiração pesada.

Subitamente, ele parece perceber meu estado e fixa seus olhos, mais escuros que o normal, nos meus lábios, como eu fazia com ele.

— Quantos paus entraram nessa boquinha ontem à noite? — A pergunta me surpreende.

“Nenhum sem camisinha e nenhum que me desse prazer, seu bastardo! Mas você não acreditaria nisso se eu te falasse, pois só pensa o pior de mim.”

— Muitos. — Falo, a raiva se misturando ao tesão dentro de mim. — E todos me fizeram gozar. Gozei tanto que estou de pernas tremulas.

Uma fúria bestial surge em seus olhos azuis, sua fisionomia se contraindo um pouco mais.

— Só de pensar no que você fica fazendo a noite toda lá, da vontade de jogar uma bomba naquele lugar. — Ele fala, entre dentes.

Nesse caso, vou dar algo mais para ele pensar.

— O primeiro que me fodeu, enfiou o pau dele, tão fundo na minha boceta que cheguei a gritar de tesão. O segundo me fez gozar chupando minha boceta...

— Cala a boca! — Fazendo uso de uma agilidade que deixaria o Jackie Chan com inveja, ele contorna a mesa, alcançando-me. Sem que eu espere, agarra-me pela cintura, com força, apertando meu corpo contra o seu, para em seguida, cobrir minha boca com a sua.

Tento resistir ao beijo, mantendo os lábios cerrados, mas é impossível, o desejo que esse homem me desperta é muito mais forte que eu possa controlar e logo os entreabro, para receber sua língua que explora minha boca, avidamente, entrelaçando-se com a minha, o tesão se intensificando nas minha entranhas, fazendo meu sangue ferver.

Ele me beija com tanta sofreguidão, que me tira completamente o fôlego, as estribeiras, o

raciocínio.

Queria ser capaz de resistir, afastá-lo, mas simplesmente não consigo.

Sinto sua ereção latejando de encontro ao meu ventre, por sob as roupas, o calor do seu corpo contra o meu e a luxúria cega destrói qualquer vestígio de sensatez que poderia me restar.

Estou pronta para ser sua, do jeito que ele quiser.

Sem deixar os meus lábios, Afonso vira-me de costas para a mesa e inclina-me sobre ela, deitando-se sobre mim, seu peito forte pressionando meus seios, seus quadris se encaixando entre minhas pernas, sua ereção encontrando minha umidade.

E pensar que estamos na sala de aula onde, apesar de todos os alunos já terem saído, a moça da limpeza pode entrar a qualquer momento, o que serve para aumentar minha excitação.

As mãos sedentas dele percorrem meu corpo, deixando um rastro de fogo por onde passam.

— Merda! Foda-se tudo. Vamos pro meu hotel. — Ele fala, interrompendo o beijo, seus lábios há poucos centímetros de distancia dos meus.

Todo o meu corpo clama por aceitar sua proposta, ir para o seu quarto de hotel e ser sua até saciar esse fogo que me consome, mas não posso, ele me rebaixou demais. Não tenho nada na vida. Preciso manter pelo menos meu orgulho.

De qualquer canto obscuro do meu consciente, encontro forças para fazer a coisa certa.

— Não posso. — Sussurro, com dificuldade para puxar o ar.

Ele lambe meus lábios de baixo para cima, como se estivesse faminto por mais um beijo.

— Eu te pago. Te dou quanto você quiser.

Suas palavras vêm como um balde de água fria que me é jogado. Eu não quero o seu dinheiro, mas sim o seu respeito, acompanhado de um bom pedido de desculpas, coisas que eu sei que ele nunca me dará.

— Pensei que repudiasse sexo por dinheiro.

— E repudio. Mas você me faz perder a cabeça. Não consigo esquecer como foi bom o que aconteceu entre nós. Quero que se repita.

— Não vai rolar. Sai de cima de mim.

— O quê? — Ele parece atônito.

— O que aconteceu entre nós nunca se repetirá.

Como se fosse empurrado com violência, ele afasta-se, colocando-se em pé, ajeitando suas roupas amassadas de volta no lugar, enquanto faço o mesmo.

— Por que não? Meu dinheiro não serve pra você como o dinheiro dos outros?

— Não se trata de dinheiro. Você é que não serve pra mim.

Sem deixar de notar a raiva e o espanto que se misturam ao tédio em sua expressão, dou-lhe as costas, caminhando para a porta, quando ele esbraveja:

— Não vá. Fique.

— Por que eu ficaria?

— Porque estou mandando.

— Acontece que você não manda em mim.

Sem esperar resposta, saio apressadamente pela porta, dirigindo-me quase correndo para o

estacionamento do campus. Monto em minha moto e sigo para casa em altíssima velocidade.

Nem mesmo a adrenalina da correria pelas ruas movimentadas é capaz de afastar o gosto daquela boca na minha, o calor daquele corpo contra o meu, o tesão que ainda lateja em minhas veias. Preciso urgentemente de um banho frio, ou vou entrar em combustão.

Minha nossa! Que homem é esse! Que poder é esse que ele tem de me deixar doida, sequiosa por uma foda.

De tantos cretinos que passam pelas minhas mãos, noite sim e noite não, logo esse maldito preconceituoso foi o único capaz de me despertar todo esse turbilhão de emoções que sequer consigo definir. Só pode ser castigo por levar tantos homens a cometerem adultério.

Chegando em casa, corro direto para o banheiro, sob o olhar curioso de Tati que está na sala vestindo Gabriel que, aparentemente, acaba de sair do banho.

Em meu quarto, dispo-me apressadamente e permaneço por quase uma hora sob os jatos da água fria do chuveiro, até que esse desejo insano se apague por completo dentro de mim.

— Meu Deus! O babado foi sério dessa vez. O que aconteceu? — Tati pergunta quando deixo o quarto, retornando à sala, usando um roupão felpudo branco sobre meu corpo.

Não sei se devo falar a ela sobre algo tão íntimo, que nem eu mesma consigo compreender.

Fingindo ignorar sua pergunta, seguro Gabriel em meus braços e vou para a cozinha.

— Nem adiante tentar fugir de mim, dona Sophia. Pode ir logo me falando o que aconteceu. — Tati fala, seguindo-me de perto.

— O que você fez pro almoço hoje? — Tento fugir do assunto, sentando-me a mesa da cozinha, com Gabriel no colo.

— Peixe ao molho. Agora desembucha. — Ela senta-se diante de mim, seus olhos arregalados exigindo uma resposta.

Ciente de que ela continuará insistindo até me vencer pelo cansaço, conto logo tudo o que aconteceu entre mim e Afonso, sentindo-me constrangida por admitir que gostei de ser beijada pelo homem que vem me humilhando desde que nos conhecemos.

— Você precisa parar de dar mole pra esse sujeito. Ele não te merece. — Ela diz.

— Eu não dei mole. Aconteceu... naturalmente.

— Aconteceu porque você gosta dele. E pra esquecer um cara, você precisa arrumar outro. Vamos ligar pro Guilherme. Ele gosta de você.

— Você ta doidona?! — Retruco. — Você viu o que aconteceu quando saí com ele. Foi a pior noite da minha vida.

— Dessa vez vai ser diferente. Sábado eu e Ricardo vamos ao show da Paula Fernandes no bar Bomotivo. Vocês vêm com a gente. E está decidido.

Até que não seria uma má idéia, afinal amo as musicas da Paula Fernandes e para eu ter me derretido toda nos braços daquele tirano, devo estar muito carente mesmo, precisando de um namorado. Guilherme é muito gentil e atencioso. Ele não teve culpa do que aconteceu na noite em que saímos juntos, sem falar que me senti bem ao lado dele. Acho que vale a pena tentar de novo, se isso for capaz de me impedir de cair nos braços de Afonso, caso ele me tente me comer outra vez. Mais uma pegada daquelas e dificilmente eu vou conseguir me segurar.

— Ta bom. Eu topo. Mas com quem vamos deixar o Gabriel?

— Deixe que eu penso nisso. Tenho muitas amigas na escola. Vou escolher a melhor delas.

— Ela abre aquele sorriso que irradia alegria por todo o ambiente. — Ai, nem acredito que você concordou tão depressa. Você nunca concorda com nada.

Encho uma xícara com café quente da garrafa que está sobre a mesa e beberico-o aos poucos.

— Quero só ver o resultado disso quando o Guilherme descobrir qual o meu trabalho. Isso se já não descobriu, pois de acordo com o tirano, o cara que me atacou também estuda na UFC. Já deve ter espalhado a notícia.

— Que nada. Se ele fosse falar, teria que contar que estive na boate também. E mesmo que ele fale, o Guilherme não vai te discriminar como esse Afonso faz. Pode acreditar em mim.

— Como você pode ter tanta certeza disso?

— Eu compro pão naquela padaria todos os dias, há quase dois anos. Diferentemente de você, eu converso com as pessoas e consigo distinguir como elas são de fato.

— Ta bom. Se você está dizendo.

Tati usa o celular dela para efetuar a ligação, embora seja eu quem fale na hora de fazer co convite, que Guilherme aceita sem hesitar, mostrando-se satisfeito.

— Então, você vai querer almoçar agora? — Tati pergunta, me fitando vitoriosa.

— Sim. To morrendo de fome.

Após o almoço, Tati vai para a escola e eu para o meu quarto. Ligo o ar condicionado no máximo e deito-me com Gabriel ao meu lado, experimentando o melhor momento de todos os meus dias. Com meu corpo colado ao do meu pequenino, afasto todos os pensamentos e adormeço junto com ele.

Acordo com o toque insistente da campainha. Olho no relógio de cabeceira e constato que ainda não são nem três horas. Dormi por menos de duas horas. Quem se atreve a vir me incomodar durante meu repouso?

Movendo-me depressa, para evitar que outro toque da campainha acorde Gabriel, dirijo-me para a sala, usando apenas a camisola fina de algodão e abro a porta, demorando alguns segundos para acreditar que é realmente Afonso em pé, diante de mim.

O que ele está fazendo aqui? Como soube meu endereço?

Ele me parece diferente, com um visual mais despojado que o normal. No lugar da calça social e camisa com botões, usa jeans e camiseta de malha, o que, unido aos seus cabelos molhados, ligeiramente despenteados, deixa sua aparência mais jovial e irresistivelmente sexy.

— Vim deixar sua bolsa. — Ele estende-me a bolsinha de mão que perdi na noite em que fui atacada nos corredores da UFC. — Eu ia te entregar hoje depois da aula, mas você não me deu tempo. — Continuo observando-o em silencio, como uma boba, sem saber se o convido para entrar, ou o expulso da minha varanda. Queria que Tati estivesse aqui, pois não sei como lidar com um homem fora da cama. — Você deixou cair quando aquele garoto te atacou. Eu peguei pra você.

CAPÍTULO VI

Apesar de ser um canalha preconceituoso e metido, ele está se mostrando gentil e prestativo nesse caso, como se mostrou quando me salvou de ser violentada. Está certo que manter as mãos dele longe de mim seja uma questão de honra, mas não seria justo, tampouco educado da minha parte, deixá-lo plantado aqui fora como um idiota.

Também não posso julgar que seja inseguro deixá-lo entrar, pois embora não saiba nada sobre ele, tenho certeza de que as duas maiores faculdades do Ceará não contratariam alguém que não fosse cem por cento íntegro.

— Você quer entrar? — Pergunto, sem jeito, recebendo a bolsa das suas mãos, recordando-me de que uso uma camisola transparente, que deixa quase todo o meu corpo à mostra.

— Sim.

“Droga! Ele podia não ter concordado. Agora estou ferrada. Se ele tentar me comer, certamente não vou resistir”.

Dou-lhe passagem e é a primeira vez que um homem, que não seja Ricardo, o agente de saúde, ou algum cobrador mal encarado, entra na minha casa.

— Você tem um belo lugar aqui. Estou procurando uma casa como essa pra alugar. Não agüento mais aquele hotel.

— Se eu souber de alguma te digo. — Gesticulo para o sofá. — Senta. Aceita um café? — Falo, recordando-me de como minha mãe costumava agir ao receber visitas em casa.

Como não podia ser diferente, minhas pernas estão tremulas, por causa da sua proximidade, meu coração batendo descompassado no peito, o formigamento se fazendo na altura do meu ventre.

— Não precisa se incomodar com o café. — Ele fala, deixando-se afundar no sofá maior, seus olhos sequiosos varrendo meu corpo de cima a abaixo, deixando-me ainda mais desejosa.

— Obrigada por trazer minha bolsa. — *“Agora pode ir embora antes que eu perca a cabeça e pule no seu colo”.*

— Não foi só por isso que vim até aqui. — Ele fita-me fixamente agora. — Você pode se sentar para que conversemos?

Sento-me a cavaleiro no braço do sofá menor, o mais longe possível dele, seus olhos escorregando para minhas pernas desnudas e abertas, que não faço mais questão de esconder. Ele que babe por aquilo que não pode ter.

— E o que você quer de mim? — Coloco malícia no tom da minha voz, apenas para provocá-lo. É um jogo perigoso, do qual posso sair perdedora, mas me diverte brincar com ele.

— Por que você disse que não sirvo pra você? — Ele é bem direto.

“E você ainda pergunta?! Fala sério!”

— Por que você vem se mostrando preconceituoso com o meu trabalho, desde que nos vimos pela primeira vez. Sem falar no quanto me tratou mal no primeiro dia de aula. Eu sou pobre, não tenho nada além do meu orgulho e pretendo preservá-lo. Manter uma pessoa como

você longe de mim é uma forma de fazer isso.

— Você sequer cogitou questionar os motivos que me levam a agir assim?

— Arrogância? — Ergo uma sobancelha, ironicamente.

— Talvez um pouco disso. Mas tudo na vida tem uma razão de ser.

— Vai me dizer o quê? Que é filho de uma prostituta e tem trauma por isso? — Não consigo deixar de ser irônica e o semblante dele fica sombrio, para logo uma amargura dolorosa surgir em sua expressão, me fazendo querer afagá-lo.

— Eu amei uma única mulher na minha maldita vida e ela me traiu, com um cretino qualquer. Por isso deixei o interior de São Paulo e vim me refugiar aqui no Ceará. — Sua voz é tão amarga quanto seu olhar e, por alguma razão que desconheço, em meu íntimo, quero estrangular a mulher a quem ele se refere, não por tê-lo traído, mas por ter sido amada por ele.

— Você tem noção do que significa para um homem, que passou praticamente a vida inteira estudando e trabalhando, se tornar motivo de chacota de toda uma cidade? — Ele não espera por minha resposta. — E depois de tudo, a primeira mulher que desperta meu interesse é uma garota de programas.

Eu sei aonde ele quer chegar. Está tentando dizer que se envolver com uma garota de programas o tornaria motivo de chacotas uma segunda vez. Todavia, é doloroso demais admitir que ele está certo, sem falar que ele podia ter sido sincero desde o início e não ter me tratado tão mal. Eu nunca pedi que ele assumisse um compromisso comigo em público, queria apenas seu respeito e em vez disso recebi sua humilhação. Se a intenção das suas ações era me afastar, definitivamente conseguiu.

— Olha... eu não tenho nada a ver com seus problemas. Se você me contou isso tentando justificar seu preconceito em relação ao que faço, está perdendo seu tempo. Nada vai me fazer esquecer a forma como você me tratou depois de ter transado comigo e naquele primeiro dia de aula. Nada! Você me humilhou, me inferiorizou e uma pessoa assim não me serve nem para fazer um programa.

— Ah, e você acha que aqueles babões com quem você fica, pensam diferente de mim?

— Eu não sei. Pelo menos eles me tratam bem.

— Eu vi o quanto aquele garoto estava te tratando bem no dia da festa na UFC.

— Se você já terminou o que veio fazer aqui, pode ir embora. Eu preciso descansar.

— Eu não vim só por isso. Vim terminar o que começamos em cima daquela mesa também.

Sem que eu espere, ele levanta-se e avança para mim. Antes que eu consiga evitar, estou presa entre seus braços fortes, meu corpo colado no seu, minha quase completa nudez de encontro à sua solidez, minhas costas encontrando a parede e as fagulhas do desejo incendeiam-me.

Sua boca cobre a minha, tento lutar contra o turbilhão que me invade, não consigo. Logo sua língua se infiltra em minha boca e todas as minhas resistências se perdem na luxúria que esse homem consegue me despertar, como nenhum outro conseguiu.

Manipulando-me com facilidade, ele me escorrega sobre o estofado, deitando-me no sofá, colocando-se sobre mim, seu peito forte pressionando meus seios, sua ereção se fazendo contra

meu ventre, me deixando cada vez mais perdida, doida de tesão.

Enquanto ele usa um braço para me segurar firme no lugar, sua outra mão escorrega para debaixo da minha camisola, afastando o tecido frágil da minha calcinha, para em seguida acariciar minha boceta depilada, seus dedos atrevidos penetrando meus grandes lábios, massageando a entrada da minha vagina empapada.

— Minha nossa, como você está molhada. — Ele murmura, sua voz abafada, sua respiração pesada.

Aproveito que sua boca afastou-se parcialmente da minha e, me apegando ao meu ultimo vestígio de sensatez, sussurro, num fio de voz:

— Me solta... eu não vou transar com você...

— E por que não se é isso que você também quer?

— Você não presta... você não me respeita... me humilhou...

Ignorando minhas palavras, ele desce sua boca pelo meu corpo, indo de encontro a um dos meus seios, enquanto sua mão habilidosa continua massageando minha boceta, dois dos seus dedos se enterrando na minha vagina, entrando e saindo, fodendo-me tão gostoso que estou a ponto de explodir num orgasmo.

Ele afasta o tecido da camisola com os dentes, desnudando um dos peitos, para em seguida colocá-lo na boca, sua língua dançando sobre meu mamilo, em círculos, numa doce tortura que me faz gemer sem querer.

Parte para o outro peito com a mesma volúpia e o mama, sugando o mamilo com uma intensidade que só aquela boquinha gostosa é capaz de alcançar.

Quero muito senti-la sobre minha boceta, chupando meu clitóris, me fazendo gozar, como fez da outra vez.

A lembrança vem nítida em minha mente, intensificando o desejo dentro de mim, logo o gozo se forma em meu ventre e sem que eu consiga evitar, explodo num orgasmo arrebatador, que me faz gritar ensandecida, me contorcendo sob o corpo forte de Afonso, apertando minhas pernas em torno da sua mão.

Porra! O que esse homem está fazendo comigo é loucura, jamais senti algo parecido. Sem a minha autorização ele me fez gozar apenas com os dedos, imagina se seu pau grande e grosso entra em mim agora? Estou perdida! Não tenho mais vontade própria sobre o meu corpo.

— Gostou disse não foi? — Ele indaga, com um meio sorriso vitorioso, tirando seus dedos lambuzados pelo meu gozo da minha vagina, enterrando-os na sua boca, chupando-os com vontade, sem desviar seus olhos do meu. — Que delícia sentir seu gosto.

— Isso foi um... acidente. Sai de cima de mim.

Ele ignora meu apelo e permanece sobre mim, aprisionando-me com seu corpo.

Leva sua boca até minha orelha e lambe meu lóbulo, despertando-me uma nova onda de tesão que desce pelo meu corpo como uma descarga de eletricidade, abalando cada uma das minhas terminações nervosas.

— Você goza assim com todos?

Estava demorando para ele conseguir me irritar.

— Gozo. — Minto, zangada.

Nesse momento, o choro infantil de Gabriel parte do quarto e Afonso levanta-se depressa, libertando-me, jogando a barra da sua camiseta por sobre a protuberância que se faz na altura do seu colo.

Levanto-me abalada, meu corpo tremulo, minhas pernas moles, o desejo ainda me percorrendo.

Não vai ser uma experiência muito agradável estar com perto do meu filho nesse estado e tudo por culpa desse bastardo gostoso do caralho.

Quero expulsá-lo da minha casa, mas não há tempo, pois logo Gabriel adentra a sala, seu rostinho sonolento banhado de lágrimas.

Caramba! E se ele tivesse entrado aqui dois minutos antes?

Apressadamente, seguro-o em meus braços, erguendo-o do chão.

— O que foi meu amor? Por que está chorando? — Pergunto, secando suas lágrimas, enquanto ele cessa seu choro para observar Afonso com curiosidade.

— Olá Gabriel. Como você está? — Afonso fala, com a voz tão afetuosa que sinto inveja de Gabriel.

O pequenino o observa por mais algum tempo, então afunda seu rostinho no meu ombro, demonstrando timidez, embora não pareça estranhar o professor, como costuma fazer com os demais estranhos que lhe dirigem a palavra.

De repente, me ocorre que Afonso pode ter filhos com a mulher que o traiu e foi forçado a deixá-los para trás por conta da sua vergonha. Posso imaginar o quanto isso deve tê-lo feito sofrer e imediatamente crio toda uma fantasia de homem abandonado em minha mente, esquecendo-me, por um breve instante, de quem ele realmente é: um grosseiro, preconceituoso.

— Você tem filhos? — Pergunto.

— Não tive essa sorte. Mas gosto de crianças. — A curiosidade me corrói por dentro, de súbito quero saber tudo sobre ele: por quanto tempo ficou casado, como soube sobre a traição e muito mais. — Acho que já vou indo. — Seu olhar fica sombrio antes de completar: — Eu te devo alguma coisa?

Queria ter tempo de elaborar uma resposta bem ofensiva para essa pergunta, mas preciso cuidar do meu filho.

— Não. Pode ir embora.

Ele fita-me por um longo momento, o ardor se manifestando em sua expressão, antes de deixar a casa, um vazio estranho ficando em seu lugar.

Invadida por uma euforia que não sei de onde saiu, rodopio com Gabriel no ar e o levo para a cozinha, onde preparo mistos quentes e suco de laranja para nós dois, afinal, o momento louco com Afonso me deixou com muita fome.

Enquanto como, sentada à mesa de mármore, relembro nossa loucura no sofá, como gozei com facilidade, como queria muito mais dele, sentir seu pau gostoso dentro de mim e pergunto-me se é assim com todos os casais normais, se será assim quando acontecer entre mim e Guilherme, se chegar a acontecer, e concluo que quero isso para minha vida. Experimentar tais emoções todos os dias, não com Afonso, mas com alguém que me respeite,

que me aceite como sou e me queira de verdade.

Este alguém pode ser Guilherme, afinal parece ser uma boa pessoa, é bonito, inteligente e trabalhador. Tem tudo o que uma mulher pode esperar de um homem.

Estou decidida a dar uma chance a ele de entrar na minha vida. Se não der certo, darei chances a outros que possam me proporcionar o que acabei de viver nos braços daquele cretino, pois se foi bom assim com ele, imagina com alguém que goste de mim. Não custa muito tentar.

Pela primeira vez, desde que fui abandonada pelo pai do meu filho, estou disposta a me arriscar a ter alguém de verdade, para me dar carinho, me apoiar nos momentos delicados, com quem eu possa dividir tudo e ter momentos deliciosos, como o que acabei de ter com o tirano.

Para dar início ao meu plano, preciso aproximar-me mais de Guilherme, conhecê-lo de fato, deixá-lo saber que o quero. Uma aproximação tão íntima não pode acontecer durante o show de Paula Fernandes que iremos no final de semana, pois é impossível conversar num lugar tão barulhento, preciso convidá-lo para jantar aqui em casa e será hoje.

Decidida, vou até a sala, onde deixei a minha bolsinha que o tirano trouxe, pego meu celular, ligo no carregador e vejo várias chamadas não atendidas e mensagens de Guilherme. De volta à cozinha, sento-me ao lado do meu pequenino e retorno uma das ligações dele.

— *Alô.* — Guilherme atende no primeiro toque e subitamente não sei como me expressar. Por que é tão difícil me comunicar com as pessoas?

— Oi Guilherme aqui é Sophia.

— *Eu sei, tenho seu número salvo. Tudo bem Sophia?*

Porra, fico ainda mais sem graça com o comentário dele e, de repente, não vejo sentido no que estou fazendo. Tenho homens demais na minha vida, qual mesmo a razão de arranjar mais um?

— Tudo bem. Estou ligando pra te convidar a jantar na minha casa esta noite. — Falo depressa, antes que mude de idéia.

Segue-se um longo momento de silêncio do outro lado da linha. Quando começo a acreditar que a ligação caiu, ele responde.

— *Poxa! Que surpresa.*

— Se você tiver outro compromisso, vou entender.

— *Tenho não, imagina. E mesmo que tivesse cancelaria. Que horas posso ir?*

— As oito está bom?

— *Perfeito. Até mais.*

— Até. — E desligo o telefone, ligando para Tati logo em seguida, pedindo que venha para casa mais cedo, preparar algo especial.

Como era de esperar, ela fica exultante com a novidade. Acho que o sonho dela é me ver casada, fora da prostituição, com meu marido me sustentando. Pena que nunca se realizará, pois viver à custa de um homem, definitivamente não está nos meus planos.

Se Guilherme quiser ter algo comigo, precisará aceitar numa boa o que faço para viver.

Aproveito o restante da tarde para ler os textos trabalhados durante a aula de ontem, que Rita me enviou por e-mail. Nunca encontrei tanta dificuldade em me concentrar nos estudos

como desta vez, meus pensamentos direcionados a Afonso, aos momentos de luxúria que vivemos no meu sofá, sobre a mesa da sala de aula. Por mais que tente afastá-lo, seu gosto ainda está na minha boca, seu cheiro na minha pele, seu calor me incendiando. Ele está gravado em mim como a ferro e fogo e preciso acabar com isso.

Amanhã, depois da aula, terei uma conversa séria com ele, o proibirei, terminantemente, de voltar a me tocar, de vir a minha casa. Foi ele quem disse, no primeiro dia de aula, que não lhe dirigisse a palavra que não para falar algo relacionado à disciplina, agora será minha vez de dizer o mesmo a ele.

No final da tarde, Tati chega em casa com Ricardo, seu namorado, que, apesar de ter se tornado policial muito cedo, considero muito imaturo para ela, uma garota tão esperta e sábia. Ele a ajuda a preparar o jantar e me surpreendem ao me apresentarem a mesa da cozinha coberta por uma toalha nova, enfeitada com flores, velas e a louça ainda não usada. O prato é o meu preferido: arroz á grega com frango grelhado e salada. Está tudo perfeito.

— Agora, veste o vestido que separei pra você, passa um pouco de gloss e rimel, que eu e Ricardo vamos sair com Gabriel. — Tati fala, alegremente.

— Vocês não precisam, sair. Vai ser apenas um jantar.

— Não vai ser apenas um jantar. Vocês estarão se conhecendo melhor. Até mais. Estamos indo.

— Boa sorte. Sophia. — Desta vez é Ricardo quem fala, esperando eu beijar as bochechas rechonchudas de Gabriel antes de sair com ele no colo.

Tati começou a namorá-lo logo que se mudou para Quixadá. Apesar de considerá-lo meio bobo, em relação a ela que é tão esperta, acho que ambos formam um par perfeito, pois são igualmente amáveis, confiáveis, companheiros e felizes. O que mais me fascina em Ricardo, é o fato de Gabriel ser louco por ele. Talvez veja nele uma figura paterna, por ser o único homem a freqüentar nossa casa quase que diariamente.

Sozinha em casa, visto o tubinho de seda preto, longo e colado que Tati separou, achando-o social demais para um jantar em casa. Escovo bem os cabelos longos, deixando-os soltos, caindo pelas costas e faço uma maquiagem discreta.

São oito e cinco quando a campainha toca e vou abrir a porta para Guilherme.

Ele tem um buque de rosas vermelhas e uma garrafa de vinho nas mãos.

— Desculpe o atraso. Quase não consigo deixar a padaria hoje. — Diz.

“Humm, muito trabalho, sinal de muito dinheiro” Ainda bem que eu não falo tudo o que penso.

— Foram só cinco minutos. Entra aí.

Dou-lhe passagem e ele me entrega as flores e o vinho, seu olhar cálido fixo no meu, o que não me comove nem um pouco. Para mim é como olhar para um dos homens da boate.

— Você quer jantar agora, ou prefere tomar um pouco de vinho aqui na sala antes? — Acho que essa seria a coisa certa a dizer agora. Parece que estou indo bem no meu segundo encontro de verdade.

— Vamos beber um pouco. Ainda está cedo. — Ele diz.

Deixo-o sentado no sofá pequeno, onde me acabei de tesão nos braços de Afonso, o que é

impossível não me lembrar quando olho para o móvel e vou até a cozinha, em busca de taças.

De volta à sala, deixo que Guilherme nos sirva do vinho e sento-me no outro sofá, sentindo-me entediada.

Eu preferia estar assistindo televisão com Gabriel no colo agora, que na companhia de um cara que logo estará tentando me comer, como todos fazem.

Como se tentasse estabelecer uma conversa interessante, ele começa a perguntar sobre mim, meus gostos, meu passado e, para meu tormento, quer saber em que trabalho. Invento que sou recepcionista em um hotel de luxo em Fortaleza, resposta que dou a todos que me fazem a mesma pergunta.

Depois, ele me fala sobre si mesmo, sobre sua vida desinteressante no sertão, a migração para Quixadá, seu começo difícil, a vida universitária e tantas outras coisas que já não consigo mais prestar atenção no que diz.

Como a maioria dos Cearenses, ele tem meia dúzia de irmãos, é filho de lavrador de subsistência e, durante a adolescência, veio morar na casa de uma tia para estudar na cidade.

Ainda nem começamos a jantar e já estou ansiosa para ele ir embora. Não que sua companhia seja desagradável, é apenas desinteressante, ele fala demais, sobre assuntos irrelevantes. Talvez o problema esteja comigo, com o fato de ser obrigada a ouvir os homens com quem saio na boate, antes e depois do sexo. Isso enche o saco.

Fazemos a refeição, à luz de velas, o que acho totalmente desnecessário e cafona, e voltamos a nos sentar na sala, o efeito do vinho nos deixando mais soltos, quando então ele aproveita para se aproximar, sentando-se ao meu lado.

Como eu já esperava, ele cria todo um clima, proferindo meia dúzia de palavras sussurradas, românticas, antes de colocar sua boca sobre a minha, beijando-me muito suavemente, sua mão acariciando minha face, o contato tão desinteressante quanto sua conversa. Ainda assim correspondo, pois talvez essa seja a sensação normal de quem está começando uma relação, o turbilhão que me invade quando Afonso me toca é que é anormal, doentio.

CAPÍTULO VII

Como não estou acostumada a ficar apenas no beijo, sigo meus instintos de fêmea e monto em seu colo, à cavaleiro, esfregando meu sexo sobre sua ereção, por sob os tecidos das roupas. Pressiono meus peitos contra seu tórax, esperando que ele me jogue no sofá e pule sobre mim, mas não acontece. Surpreendentemente, ele interrompe o beijo e afasta-me alguns centímetros, dizendo:

— Uau! Você é uma loucura. — Movo meus quadris mais uma vez sobre seu pau duro dentro da calça e mordo o lábio inferior, sensualmente, porque é só assim que sei agir com os homens. — Mas precisamos ir mais devagar. Isso não pode começar com sexo. Quero muito mais com você. — Ele me tira do seu colo, sentando-me ao lado. — Quero algo sério. Que você seja minha companheira. Que siga o caminho ao meu lado, pois gosto de você de verdade. Não quero que se sinta usada.

Hã? Do que ele está falando? Casamento? Mas que sorte a minha: quando o cara não me trata como um pedaço de lixo, me coloca em um pedestal. Onde fica o meio termo disso?

— Me desculpa Guilherme. Acho que me empolguei com o efeito do vinho. — Eu precisava inventar alguma coisa para justificar o que ele deve estar considerando uma falta de pudor e vergonha na cara.

Ele segura minhas duas mãos, beijando-as, delicadamente, antes de fitar-me profundamente nos olhos, dizendo:

— Preciso saber, Sophia. Eu tenho alguma chance de fazer parte da sua vida? De verdade, como um namorado sério, um companheiro, ou você só quer uma aventura?

Será que se eu falar que quero apenas uma aventura ele sai correndo pela porta? Isso seria no mínimo cômico.

Relembro o motivo que me fez chamá-lo até aqui e acho que a resposta para isso é a primeira opção, embora saiba que preciso contar-lhe a verdade sobre mim, o quanto antes.

— Te quero na minha vida. Como meu companheiro. — *“Pelo menos até você saber em que trabalho”.*

Seus lábios se curvam num sorriso quase angelical.

— Prometo fazer de você uma mulher feliz.

“Credo, isso está parecendo cena de novela mexicana.”

Tenho a impressão de que estou brincando com fogo, pois quando ele souber que sou uma prostituta se sentirá enganado e só Deus sabe qual será sua reação.

Ele sela meus lábios com outro beijo, mais ávido desta vez, como se o compromisso que acabamos de assumir o encorajasse a se tornar mais íntimo.

Desta vez já não é tão insosso, sua intensidade me afeta de certa forma, despertando a ternura em mim, um sentimento que jamais esperei que um homem me despertasse.

Eu gosto cada vez mais do seu beijo comportado e concluo que valeu à pena convidá-lo para esse jantar, ouvir sua conversa sem graça. Era exatamente isso que eu queria: sentir-me

respeitada, querida e amada, tudo o que aquele tirano me fez acreditar que eu não merecia.

A discreta batida na porta nos faz interromper o beijo. Olho dentro dos seus olhos e sorrio satisfeita, ele sorri de volta e nessa troca de olhares, nesse pequeno gesto, está a certeza de que somos capazes de levar felicidade à vida um do outro, de que valeu à pena termos nos conhecido. Nesse exato momento, assumimos o compromisso de pertencermos um ao outro.

A porta é aberta parcialmente e o rosto sorridente de Tati aparece no pequeno espaço.

— Estou interrompendo os pombinhos? — Ela pergunta.

— Não. Pode entrar Tati. — Falo e o sorriso dela se alarga ao ver o meu.

— Gabriel dormiu. Preciso colocá-lo na cama. Mas se vocês quiserem eu saio de novo.

— Imagina. Não precisa. — Guilherme fala com descontração.

— Então tá. — Tati entra com Gabriel nos braços, Ricardo seguindo-a, os três desaparecendo rumo ao quarto do meu pequeno príncipe.

— Então, o que você vai fazer amanhã a noite? — Guilherme pergunta.

— Vou trabalhar no hotel. — Falo, mecanicamente, como se recitasse a fala de uma peça teatral.

— Que pena. Ia te convidar para sair. Em que noites você está de folga?

— Noite sim e noite não.

— Pelo menos estará livre na noite do show. — Ele fica em pé, seu físico atlético se alongando diante de mim, o volume na sua calça atraindo minha atenção. — Te vejo no sábado então.

— Até sábado.

Ele espalma sua mão na lateral do meu rosto, com carinho, puxando-me para um beijo, do qual me surpreendo ao gostar.

Acredito que, com o tempo, possa realmente amá-lo.

Não se passou nem um minuto desde que Guilherme saiu pela porta, quando Tati vem correndo do quarto, com seus olhos arregalados de curiosidade.

— Me conta tudo. E não esquece nenhum detalhe. — Ela diz, ansiosamente.

Deixo-me afundar no estofado, desalentada, ciente que ela não me deixará ir dar um beijo de boa noite no meu bebê até lhe fazer um relato completo e detalhado da minha noite.

Como ela não sabe que Afonso esteve aqui durante a tarde e que isso me levou a tomar a decisão de me aproximar de Guilherme, fica mais fácil contar como foi a noite, deixando-a exultante com o fato de que gostei do encontro.

Durmo profundamente durante toda a noite, acordando cedo e bem disposta na manhã seguinte.

Consigo chegar na faculdade antes do início da aula, com tempo de jogar conversa fora com minhas amigas, antes da chegada do tirano, que me encara com espanto ao ver-me aqui, dentro do horário.

Como estudei em casa, o conteúdo que Rita me enviou por e-mail, consigo ser brilhante durante a aula, participando ativamente dos debates acerca do conteúdo estudado, expressando minha opinião, que parte do meu aguçado poder de reflexão que me garantiu sempre boas

notas nas disciplinas, fazendo questão de mostrar àquele imbecil que, ao contrário do que ele pensa, uma garota de programas também pode ser inteligente.

Minha firme decisão de ir falar com ele depois da aula já não está tão firme assim. Não por ter mudado de idéia em relação a afastá-lo definitivamente de mim, mas por temer a reação que sei que meu organismo terá ao aproximar-me dele.

Ainda assim, espero que todos deixem a sala, respiro fundo e vou até ele.

— Preciso falar com você. — Falo, o mais firme que minha insegurança permite, colocando-me diante da sua mesa, onde ele organiza os papeis na valise.

Seu rosto se ergue para me encarar e fico hipnotizada com a azul claro dos seus olhos, prisioneira do magnetismo que seu rosto irradia, escrava da lasciva que a visão da sua boquinha carnuda, bicudinha, gostosa, me desperta.

Meu clitóris palpita, implorando por aquela boca.

— Pode falar. Estou ouvindo. — Ele fala, calmamente, seus olhos varrendo meu rosto e meu corpo, demorando-se sobre meus seios ocultos pelo tecido da camiseta.

— Não quero que volte à minha casa, ou a dirigir-me a palavra que não para falar assuntos relacionados à disciplina. — Ele permanece em silencio, observando-me com uma expressão indecifrável. Hesito antes de prosseguir. — Eu tenho um relacionamento agora. Não quero que você interfira. Fui clara?

Ele ergue uma sobrancelha, a irritação se estampando em seus olhos.

— Relacionamento com quem? Aquele menino que estava com você na festa da UFC?

— Menino pra você que é quase um velho. Eu e ele temos a mesma idade.

O corpo dele estremece brevemente, a raiva crescendo na sua expressão.

— E por acaso ele já sabe com o que você trabalha?

— Isso não é da sua conta. A única coisa que te interessa é ficar longe de mim. Seus olhos faíscam, enquanto os mantêm duros sobre os meus.

— Se você quer assim, que seja. Não voltaremos a falar que não assunto da aula. — Sem mais palavras, ele segura sua valise entreaberta e deixa a sala, apressadamente.

Sozinha na enorme sala vazia, estranhamente silenciosa, sou tomada por uma sensação horrível de abandono que se mistura à tristeza e solidão, sem que eu compreenda a razão. Esta sensação me acompanha até em casa e fica comigo pelo resto do dia.

Quando a noite chega, minha tristeza é intensificada pela perspectiva de ir à boate, tolerar aqueles homens horríveis, o sexo forçado, as conversas vazias.

Tati ainda tenta me convencer a ficar em casa hoje, argumentando que o show de Paula Fernandes será amanhã e preciso estar descansada para enfrentar a noite, mas não posso ficar sem o dinheiro de cumprir todos os meus compromissos.

Então, visto meu jeans surrado, a blusa do uniforme da faculdade, despeço-me de Gabriel e parto na minha moto para Fortaleza, chegando lá duas horas depois.

Localizada em frente à praia de Mucuripe, em pleno centro urbano de Fortaleza, a boate onde trabalho tem o privilégio de estar em meio a um dos principais pontos turísticos da cidade, que está repleto de pessoas nesta época do ano, tornando o tráfego mais lento e o movimento na boate mais intenso.

Como todas as noites, ao entrar, encontro o lugar repleto de homens, das mais diferentes idades, raças, estilos, alguns já acompanhados das garotas, outros ainda apenas bebendo e observando, escolhendo quem levará para a cama. Esses homens costumam vir aqui em grupos e divertem-se com os shows de Streeptease, realizados por garotas que não têm estômago para ir para a cama com um estranho, reservando-se a ganhar apenas o que lhes é arremessado pelos clientes durante os shows, permitidos pelo proprietário do estabelecimento com o intuito de deixar os homens excitados, incentivá-los a escolher uma garota e alugar um quarto, trazendo, assim, lucro tanto para a mulher quanto para a casa.

No camarim coletivo, troco o jeans e camiseta por um shortinho preto de lycra colado, tão minúsculo que cobre apenas minha intimidade, deixando parte das nádegas redondas à mostra. Não há um homem que não fique com tesão olhando-me neste shortinho e é o que preciso para uma noite de sexta-feira.

Completo o traje com uma blusinha curta da mesma cor e sandálias de salto alto. Faço uma maquiagem escura, escovo bem os cabelos e estou pronta.

No imenso salão, mal iluminado, onde a música sertaneja toca no volume ideal para não atrapalhar as conversas, sou alvo de todos os olhares masculinos ao me dirigir para uma mesa desocupada a um canto, de onde posso ver todos os homens e escolher aqueles a quem pertencerei esta noite. Prefiro escolher, que ser escolhida.

Sento-me, acendo um cigarro e cruço uma perna sobre a outra, sensualmente.

Alguns dos clientes acenam na minha direção, chamando-me com gestos de mão, mas não me agrada de nenhum deles, alguns estão bêbados demais e os outros são muito jovens. Prefiro esperar mais um pouco.

Leila também está sozinha a uma mesa, mas não fazendo disso uma estratégia para selecionar seus clientes, como eu. Ela está na fossa por causa de um cara por quem se apaixonou, que não a quer, como acontece com todas as mulheres daqui que se apaixonam. Casos como o dela se repetem constantemente nesse meio, mas algumas mulheres não aprendem, não enfiam na cabeça que, embora estando apaixonado, um homem jamais assumiria um compromisso com uma garota de programas.

É o que está acontecendo com Leila e tantas outras. O sujeito a conquistou, por pura maldade e depois desapareceu, sem deixar nem o número do celular. Talvez ele tenha sumido quando percebeu que estava gostando também. Enfim, é algo que nunca vai mudar, tola é quem se deixa conquistar.

Do outro lado do salão, há outra mesa com apenas um ocupante. Um homem muito forte, alto, cujas feições me parecem familiares, embora a penumbra não me permita descobrir de quem se trata. Desde que sentei-me, ele não tira seus olhos de mim, mas parece muito jovem para um programa. Homens com pouca idade me estressam, por se julgarem merecedores do meu prazer e tentarem despertar-me tesão com suas carícias repugnantes, além de demorarem demais a gozar, o que depois de alguns minutos começa a machucar, sem falar no risco de a camisinha se romper pelo excesso de estocadas.

Estou observando-o, tentando descobrir quem é, quando ele se levanta e caminha até mim.

Ao vê-lo de perto, sinto o sangue fugir da minha face, meu estômago se revirar. Embora a

boate tenha vários seguranças, não consigo evitar o pavor que toma conta de mim.

O sujeito é o mesmo canalha que tentou me estuprar na noite em que estive na festa na UFC. Em pé diante de mim, ele fita-me de cima, com seus olhos frios, sombrios, assustadores, enquanto me encolho sobre a cadeira, quase entrando na parede atrás de mim.

— Quanto você cobra? — Ele pergunta, com tom áspero, a expressão dura. Engulo em seco, tentando controlar o pânico antes de responder.

— Nem se eu estivesse passando fome sairia com você! — Consigo ser abrupta como pretendia. Ótimo!

— Por que não, sua puta safada? Meu dinheiro é diferente do dinheiro dos outros?

— Não vou sair com você e ponto! Agora sai da minha frente porque não estou afim de olhar pra sua cara.

Ele bufa, antes de segurar-me brutalmente pelo braço, forçando-me a ficar em pé.

— Você se acha mesmo muito gostosa. Mas não vale nem dez reais. Você dá pra todo cachorro sarnento que te procura e vai dar pra mim também.

A cena atrai a atenção de algumas pessoas e logo alguém avisa Roberto, o segurança, que aproxima-se correndo e não economiza na violência ao agarrar meu agressor por trás, arrancando-o de mim.

Com as pernas tremulas, deixo-me cair de volta na cadeira, enquanto observo Roberto arrastar o cretino para fora da boate, sem sutileza alguma.

— Você vai me pagar sua vagabunda! — Ele grita, antes de ser expulso do recinto.

As meninas mais próximas a mim, vêm conferir se estou bem e para não admitir que sou uma cagona, medrosa, finjo estar super tranqüila, quando na verdade há um nó em minha garganta que se recusa a se desfazer.

Quando todas se afastam, dirijo-me ao bar, em busca de um Martine, quando um homem toma-me o caminho, varrendo meu corpo e meu rosto com olhos cobiçosos.

— Você está disponível? — Humm, ele começou bem.

Examino-o detalhadamente. Tem mais de quarenta anos, o que é sua melhor característica, já que a idade lhe confere experiência suficiente para saber que não vou me excitar com suas carícias e poupar-me-á do seu toque repugnante; não parece bêbado, usa roupas sofisticadas e é educado.

Ótimo. Acabo de selecioná-lo para meu primeiro programa da noite.

— Totalmente disponível. — Respondo, umedecendo meus lábios com a língua, maliciosamente, para em seguida, segurar sua mão e conduzi-lo à recepção e depois para o quarto, onde fazemos aquilo pelo que ele está me pagando, sem que eu consiga enxergá-lo realmente, minha mente absorta pelo que aconteceu há pouco, meu organismo tomado pelo medo do que aquele estuprador barato pode me fazer se nos encontrarmos em algum lugar onde eu esteja desprotegida.

CAPÍTULO VIII

Tirando o incidente com o universitário tarado, o restante da minha noite não poderia ser mais perfeita. O cara que seria meu primeiro programa acabou me pagando para ficar com ele até a hora em que eu fosse dormir. Apesar de ser um rico empresário, era uma pessoa solitária em busca de alguém com quem pudesse falar sobre tudo sem correr o risco de que esse alguém usasse seus segredos contra ele. O sexo foi rápido como eu determinei e dormi mais cedo que de costume, com a carteira recheada, é claro. Enfim, não é todos os dias que se tem uma sorte como essa.

Como hoje é sábado e não há aula na faculdade, durmo praticamente durante todo o dia. No final da tarde eu, Tati e Gabriel vamos ao shopping, onde compramos roupas novas para o show da Paula Fernandes e arrumamos o cabelo. Tati faz banho de brilho e escovinha, eu vou um pouco mais longe e repico as pontas para dar ainda mais volume à cabeleira castanha.

Começamos a nos vestir depois que Karina, a amiga de Tati chega para cuidar de Gabriel. O rosto da menina, loirinha, sardenta, não me é estranho, já a vi aqui em casa algumas vezes antes, talvez muitas vezes, o sono meu de cada dia não deixa meu cérebro guardar muitas informações a respeito de pessoas.

Como se trata de um show sertanejo, escolhemos roupas de acordo. Tati usa um jeans azul claro, rasgado nas pernas, camisa quadriculada com botões na frente e botas de cano longo e salto alto. Faz uma maquiagem discreta e fica linda.

Como descrição nunca foi o meu forte, visto um shortinho jeans de cós baixo, desfiado nas pernas, camisa de flanela amarrada na frente, deixando o umbigo à mostra, botas de cano longo e salto alto e o chapéu de vaqueiro que fiz questão de comprar para complementar o traje.

Escureço os olhos com rímel e sombra e passo apenas um brilho nos lábios.

— Menina você tá um arraso com esse shortinho. Eu queria ter essa coragem. — Tati fala, observando-me com admiração.

— Não precisa de coragem, basta ter auto estima. E isso eu tenho de sobra. — Ambas sorrimos em uníssono. — Hoje vamos beber todas. — Completo.

— Você sabe que sou fraca pra bebida. Vou só bebericar como sempre faço.

Observo-me mais uma vez no grande espelho na parede, satisfeita com o quanto a roupa me caiu bem, acentuando minha cintura bem definida, deixando minhas coxas firmes e meu abdômen liso, do tipo que muitas garotas passam horas na academia tentando adquirir, à mostra, ressaltando meus quadris bem desenhados. O decote está bem comportado, porque não se pode mostrar tudo de uma vez sem parecer vulgar.

— Que horas eles disseram que vão chegar? — Pergunto, impaciente. Não gosto de esperar.

— O show começa às onze. Eles devem estar chegando.

— Ainda não entendi porque Ricardo vem com Guilherme. Ele não tem o próprio carro?

— Porque o estacionamento hoje deve tá o olho da cara. Ele queria economizar, afinal já pagou pelo meu ingresso e pelo dele.

— E o meu ingresso? Ninguém me falou nada sobre isso.

— Não esquentar. Guilherme deve ter comprado o seu.

Nesse momento a campainha toca e vamos juntas à sala, Tati abrindo a porta para os dois rapazes que também se vestem como peões, com camisas de flanelas e botas.

— Você está linda. — Guilherme fala ao entrar, examinando-me dos pés à cabeça antes de beijar-me suavemente nos lábios.

Com o canto do olho, vejo Ricardo dar um beijo faminto em Tati, quase devorando seus lábios e sinto um pouco de inveja dela, pois era um homem assim que eu queria: quente e desejoso como... É inevitável, o rosto de Afonso se materializa em minha mente, a breve lembrança de como ele me beijou, me fazendo incendiar.

Queria que Guilherme fosse como ele nesse sentido, mas não se pode ter tudo.

— Vamos então. Estou louca por uma cerveja. — Falo.

Todos concordam. Todavia, antes de sair, corro ao quarto de Gabriel, que dorme profundamente em seu berço, ao lado de Karina, que passa seu tempo assistindo filmes no Tele Cine. Dou-lhe um beijo na bochecha e saio.

Vamos todos no Audi conversível de Guilherme, seguindo em baixa velocidade pelas ruas da cidade.

Tomando toda a liberdade, ligo o som do carro, colocando um CD de Victor e Leo para tocar no último volume.

O bar onde o show será realizado é um dos poucos localizados próximo ao açude Cedro, do qual podemos ter uma bela vista.

Chegando lá, como previmos, encontramos dificuldade em estacionar, todos os lugares reservados para carros, abarrotados.

O evento ocorrerá em uma imensa área aberta, cercada por grades de ferro, já lotado de pessoas, a maioria vestidas em estilo sertanejo, como nós. Algumas estão dançando, outras apenas em pé conversando. Ao fundo está o grande palco, com telão, onde é exibido um clipe da música que toca, jogo de luzes e dançarinos. Há poucas mesas do outro lado, aparentemente todas ocupadas. Quando começo a pensar que não encontraremos um lugar desocupado para nos sentarmos, Guilherme nos encaminha para uma mesa, com quatro cadeiras, que reservou antecipadamente. Além de bonito, bem sucedido, ele também é muito bem relacionado.

Nos acomodamos ali e ele pede uísque com gelo.

Observo alguns casais dançando forró, ao som eletrônico de “Aviões do Forró”, o ritmo da música atraindo-me para a pista de dança.

Será que devo convidar Guilherme para dançar? Tal comportamento é socialmente aceitável? Devo esperar ele me convidar? E se ele não o fizer?

Estou tão desacostumada a frequentar esses lugares, onde as pessoas vêm apenas em busca de diversão, que simplesmente não sei como agir.

Eu e Guilherme saboreamos o uísque forte, conversando em voz alta, para que a música não nos impeça de sermos ouvidos, enquanto Tati e Ricardo trocam uns amassos, sem se importar se estão sendo observados.

Algumas doses de uísque e conversas desprovidas de conteúdos relevantes depois, vejo

Ricardo convidando Tati para dançar o forró e morro de inveja dela.

Por que Guilherme não me convida? Será vergonha do meu shortinho? Na festa da UFC ele me convidou logo que chegamos.

— Você quer dançar? — Pergunto, muito sem jeito.

— Claro. Vamos nessa.

Nos colocamos em meio aos outros casais, Guilherme me segurando firme pela cintura, colando seu corpo no meu e nos deixamos embalar pelo ritmo agitado, contagiante, da musica, fazendo os passos com perfeição.

Agora sim, estou começando a me divertir. Talvez tenha me faltado um pouco disso durante minha adolescência e até agora, durante a vida adulta. Nunca tive oportunidade de me divertir assim. Antes porque meus pais não permitiam. Agora porque além de precisar das noites para trabalhar, é necessário manter uma vida reservada para evitar problemas como o que aconteceu na festa da UFC.

Guilherme dança muito bem e me conduz pela pista com maestria. Entre uma musica e outra ele e Ricardo vão ao bar em busca do uísque e cervejas para refrescar o calor intenso.

Algumas horas depois, a musica cessa e o condutor do evento sobe ao palco para anunciar o inicio do show, é nesse instante, que, em meio a uma multidão de centenas de pessoas, meus olhos se deparam com Afonso e minha mente, subitamente, fica bloqueada para receber qualquer outra informação que não a presença dele, com sua postura imponente, os olhos fixos em mim, seu corpo junto ao da loira que está ao seu lado, a mesma com quem estive na festa da UFC. Ela mantém um braço em torno da cintura dele, como se fossem íntimos e talvez sejam. Talvez ele faça amor com ela todas as noites, sem discriminá-la depois. Talvez a trate com carinho, como nunca me tratou ou tratará, porque sou uma prostituta.

Por mais que tente, não consigo desviar meus olhos deles, um bolo se formando em meu estomago, uma angustia inesperada tomando conta de mim, sem que eu compreenda a razão de tudo isso, se ele nada significa na minha vida, foi apenas alguém que me comeu e depois me tratou mal. Muitas mulheres passam por isso.

Tento me convencer de que ele nada representa para mim, mas no fundo sei que isso é mentira. Afonso foi o único homem que conseguiu me dar prazer de verdade, que consegue me deixar sem fôlego com apenas um olhar, que me faz esquecer até meu nome quando estou em sua presença e perto de quem eu realmente queria estar agora.

Pena que ele me despreze por ser quem sou. Quer apenas me comer. Duvido que se deixasse ser visto na companhia de alguém como eu.

Merda de vida. Se eu tivesse escolhido outro caminho, talvez tivesse alguma chance.

Por outro lado, devo me convencer de que alguém preconceituoso e arrogante como ele não merece um minuto dos meus pensamentos, que dirá toda a minha atenção.

Paula Fernandes entra no palco e mal consigo enxergá-la, meus olhos atentos a cada movimento do professor com a loura, que agora estão abraçados, se deliciando ao sabor da musica lenta, ao vivo, que começa. Daqui a pouco estarão se beijando e, sinceramente, não quero estar aqui para ver isso.

Merda! Preciso dar um jeito de sair daqui.

— Vou ao banheiro. Já volto. — Falo perto do ouvido de Guilherme, para que este me ouça e afasto-me antes que ele tente me impedir. Certamente já percebeu o que me levou a sair tão de repente, da mesma forma que percebeu meu interesse por Afonso no nosso encontro anterior.

Afasto-me rapidamente deles, todavia, antes que eu consiga alcançar a saída, Tati me alcança, detendo-me ao segurar-me pelo braço.

— Peraí, onde você vai? — Ela pergunta, sem se preocupar que todos em volta ouçam sua voz alterada.

— Afonso está aqui com uma mulher. Não sei te explicar o motivo, mas não dá pra ficar olhando pra isso. Vou embora.

— O quê? Ta louca?! Cadê ele? Me mostra.

Discretamente, gesticulo na direção dele, que não mais olha para mim, atribuindo toda a sua atenção à loira de quem não desgruda.

— É aquele ali.

— Caraca! Você não me disse que ele é tão gato!

— Tô indo nessa Tati. Até mais.

— Deixa de ser boba, menina. Parece que não sabe viver. Se você for embora agora ele vai te desvalorizar ainda mais porque vai perceber o quanto te afeta. Mas se você ficar, sem dar moral pra ele, mostrar o quanto está se divertindo com Guilherme, ele não vai deixar de te notar. Ah, mas não vai mesmo. Você dá de dez a zero naquela loura oxigenada que ta com ele. Se valoriza que ele também vai te valorizar.

Tati está certa em cada palavra. Onde ela aprende essas coisas?

— Você tem razão. Vou ficar e me divertir. Deixe que ele veja o que está perdendo.

— É isso aí garota. — Tati fala sorrindo e voltamos de mãos dadas para junto dos rapazes.

Agarro Guilherme pelo pescoço e deixo-o me embalar ao sabor da musica romântica, sem parar de esboçar meu melhor sorriso, fingindo estar me divertindo mais que realmente estou. Espero que Guilherme não perceba meu jogo. Isso o magoaria.

Embora todas as fibras do meu corpo me implorem a olhar na direção de Afonso, checar se ele e a loura já estão se beijando, recuso-me a fazê-lo, fingindo ignorá-lo completamente.

Quando Paula Fernandes canta uma musica mais agitada, que me permite rodopiar pela pista de dança, olho na sua direção e ele não está mais lá. Examino todas as direções, desesperadamente e não o vejo em parte alguma. Certamente saiu há horas e eu não vi. Deve ter levado a loira para seu hotel e estão transando agora.

Merda! Por que dói tanto imaginar essa cena? Devo estar ficando louca.

Quer saber? Foda-se ele. Estou começando a me divertir de verdade, não preciso da sua presença para isso.

Parte da minha súbita descontração se deve ao efeito do uísque em meu organismo, que começa a interferir no meu comportamento, deixando-me mais solta. Não estou muito familiarizada com uísque, geralmente prefiro Martine, por isso está me pegando tão depressa.

Paula Fernandes começa a cantar Pássaro de Fogo, minha musica preferida e aparentemente

a de todos ali, pois as pessoas se agitam com o início da melodia.

Como vem fazendo desde o início do show, Guilherme agarra-me pela cintura e puxa-me para si, apertando meu corpo contra o seu, embalando-nos suavemente.

— Adoro essa musica. — Ele diz.

— Eu também.

Enlaço meus braços em torno do seu pescoço e recosto minha cabeça no seu peito largo, sentindo-me aconchegada, querida, reconfortada. Apesar de estar completamente tonta pelo efeito do uísque, confio em Guilherme a ponto de me equilibrar cegamente nele, pois sei que não me deixará cair.

É de um homem assim que eu preciso. Pela primeira vez, esta noite, tenho certeza de que estou fazendo a coisa certa ao ficar com ele.

Muito lentamente, seus lábios escorregam pela minha face e encontram os meus, selando-os com um beijo calmo, vagaroso, que correspondo, sem muita emoção.

Guilherme interrompe o beijo, levando seus lábios até meu ouvido, para dizer:

— Eu vi o jeito que você olhou para aquele professor. Percebi que tem interesse nele. Mas, apesar disso, estou disposto a lutar por você. A te fazer esquecer qualquer homem que possa estar entre nós.

Suas palavras me comovem. Jamais antes me senti tão querida e respeitada. Porém, acredito que ele mudará de opinião quando souber a verdade sobre minha profissão.

— Você tem razão, Guilherme. Aquele homem me afeta mais do que eu gostaria ou sou capaz de controlar. — Sinto seu corpo estremecer brevemente de encontro ao meu. — Mas isso vai passar. Você é o homem certo pra mim e sei que vai me fazer esquecê-lo.

— Vou fazer de você uma mulher feliz.

Ele volta a me beijar, mais sofregamente. Embora não seja repugnante, seu contato também não é tão bom, me desperta uma certa ternura, embora sinta falta do tesão louco que me arrebatou quando estava nos braços de Afonso.

Quando a musica termina, a cantora faz um breve intervalo, quando então Guilherme e Ricardo nos deixam para irem em busca de mais uísque, como se eu já não estivesse bêbada o suficiente.

Aproveitando que tenho apenas Tati como testemunha, arrisco um olhar na direção do local onde o tirano estava antes de desaparecer, espantando-me ao vê-lo caminhando na minha direção, com passos apressados, esbarrando nas pessoas em seu caminho, sua fisionomia contraída, seu olhar duro fixo no meu rosto.

— Preciso falar com você. — Ele fala, asperamente, colocando-se diante de mim, tão perto que o cheiro mentolado do seu hálito acalca-me as narinas.

Ou seria o cheiro da loura que ficou impregnado nele?

— Não tenho nada pra falar com você. Já te disse pra não me dirigir a palavra que não para tratar algo sobre a disciplina. Que parte disso você não entendeu? — Sou tão firme quanto gostaria, embora por dentro esteja trêmula, meu coração insistindo em bater descompassado, minhas pernas amolecendo como geléia.

O que esse homem tem de diferente que causa toda essa reação em mim?

— Cai fora cara! — Tati intervém, fitando-o com a carranca mais feroz que já vi nela. — A Sophia está acompanhada e muito bem acompanhada, por um homem de verdade que não descrimina ela por causa do que faz!

— Você ouviu. Cai fora! — Completo.

— Desculpa, mas tenho mesmo que falar com você.

Nada me preparou para o que acontece em seguida. Agindo como um louco, ele segura-me pela cintura, erguendo-me do chão e joga-me sobre seu ombro, como faria um homem das cavernas, carregando-me na direção do estacionamento, quando então estranho que sua camisa esteja molhada. Talvez estivesse dando uns amassos na loira às margens do açude, ao invés de levá-la para o hotel.

Todos os olhares se voltam para nós, alguns com diversão, outros com espanto, embora ninguém interfira, provavelmente acreditando que se trata de uma briga de casal.

Enquanto me debato, na fracassada tentativa de me libertar, meu chapéu e minha bolsa caem no chão, ficando esquecidos em meio à multidão que os pisoteia.

Afonso me carrega até o estacionamento escuro e deserto. Chegando lá, atira-me dentro de um Fiat Palio amarelo, pela porta do motorista, entrando pelo mesmo lado e dá a partida, enquanto descubro que a outra porta está sem a maçaneta, tornando impossível sua abertura.

— Por acaso você surtou?! Está me seqüestrando!? — Pergunto, incrédula, chocada.

Ignorando minhas palavras, ele deixa o estacionamento com dificuldade, por causa da grande quantidade de carros que há ali e pega a auto estrada, seguindo em alta velocidade para fora da cidade, sem que eu possa fazer nada para impedi-lo.

CAPÍTULO IX

— Você é maluco, só pode. — Falo. A embriaguez me impedindo de analisar os acontecimentos com coerência, mil possibilidades atravessando-me a mente. Sendo a principal delas a hipótese de que ele pode ser um psicopata e vai me esquartejar na primeira curva escura.

— Fica calma. Eu só quero conversar com você. Mas com aquele barulho infernal e aquele garoto por perto era impossível.

— Ah, e você acha que tem o direito de me raptar só porque quer falar comigo? Corta essa! Eu não quero papo com você. Por que não vai conversar com aquela oxigenada que tava pendurada no seu pescoço? — Minha voz está enrolada por causa da embriaguez, o movimento do carro causando-me náuseas quase incontrolláveis.

— A Camila? Ela não é nada pra mim. Na verdade, nenhuma mulher é, além de você. Não consigo parar de pensar em tudo o que aconteceu entre nós. Às vezes acho que vou enlouquecer. Quando vi você se esfregando naquele moleque, com esse shortinho. — Os olhos dele se estreitam, fixos na estada deserta e escura à nossa frente. — Minha vontade foi de dar uma surra em vocês dois.

Ele deve estar bêbado para me falar essas coisas, ou muito desesperado por uma foda comigo. Me recuso a acreditar em qualquer palavra que parta da sua boca, que não seja de ódio e discriminação em relação a mim. Ele deixou bem claro, na forma como me tratou antes, o que pensa a respeito do que faço. Não me convencerá de que pensa em mim de outra forma, de que signifique algo para ele. Não me deixarei enganar por sua falsidade.

— Não me venha com mentiras, professor. Eu sei muito bem o que sou pra você. Agora para a porra desse carro e me deixe descer antes que eu...

— Antes que você o quê? A porta não abre por dentro. Você não pode pular.

Um calafrio percorre-me a espinha. Ele planejou isso, inclusive deu um jeito na porta.

— O que você quer de mim? Eu não tenho dinheiro pra pagar um resgate. Guilherme e eu acabamos de nos conhecer. Ele não pagaria pra me resgatar.

Afonso solta uma sonora gargalhada.

— Acredite, isso não é um seqüestro. Essa porta não abre por falta de manutenção. O que está sendo bem útil agora.

— Então o que é isso?

— É o que te falei. Quero conversar com você.

— Pois então fala logo. Preciso voltar pro meu namorado. — Faço questão de enfatizar a última frase.

Ele acelera, aumentando a velocidade do carro, minhas náuseas se intensificando, várias cenas macabras povoando-me a mente. Posso ver claramente o carro capotando conosco dentro.

— Pára a merda desse carro! — Grito.

Ele continua acelerando por mais alguns minutos, até que, por fim, reduz e encosta no acostamento escuro. Ao desligar o motor, o silêncio completo invade o ambiente, deixando um clima meio fantasmagórico no ar.

— Eu não estou mentindo quando digo que penso em você. — Ele fala depois do longo silêncio. A voz mais calma, o semblante relaxado. — Na verdade passo a maior parte do meu tempo fazendo isso.

Seu olhar parece tão verdadeiro, sincero, que cogito acreditar em suas palavras e meu coração dá um salto no peito, bombeando o sangue mais depressa em minhas veias.

Preciso, com urgência, sair desse carro, afastar-me da tentação que é esse homem, pois mesmo que ele esteja sendo verdadeiro em suas palavras, e apesar de todo o meu corpo clamar por um contato seu, não posso permitir que ele volte a me tocar. Seria muita falta de amor próprio da minha parte.

— Abre a porta. Preciso descer. Estou com vontade de vomitar.

Ele observa-me em silêncio por um momento, aparentemente confuso, depois abre a porta do motorista e salta, permitindo-me a saída pelo mesmo lado.

Instintivamente, direciono minha atenção para os dois lados da estrada, com a esperança de que passe algum carro a quem possa pedir parada.

— Você ouviu uma palavra do que eu disse? — Ele indaga, colocando-se diante de mim, encurralando-me entre seu corpo grande e o carro.

— O que você quer que eu diga? Que está tudo bem? — Sou firme no meu tom de voz. — Acontece que não está. Não dá pra relevar o jeito que você me tratou. Meu orgulho é uma das poucas virtudes que tenho.

— O que você quer? Um pedido de desculpas? Se é isso, estou pedindo agora. — Sua voz assume um tom de súplica, tão comovente que por pouco não me atiro em seus braços e digo que está tudo bem. — Por favor me desculpa por ter te menosprezado, por ter criticado sua profissão. Embora eu continue não concordando com o que você faz, estou arrependido por ter te tratado mal. Me dá a chance de me redimir.

Meu coração insiste em dar saltos no peito, quase saindo pela boca.

Afonso acaba de dizer tudo o que eu queria ouvir dele, ainda assim, estou em dúvida se ele está sendo sincero. Acreditar é o caminho mais perigoso a seguir.

— Por que está arrependido? Não te entendo. Você parecia muito certo da sua opinião.

— E você ainda pergunta? Será que não deu pra perceber o quanto estou louco por você? O quanto te desejo cada vez que te olho? O quanto fiquei puto quando te vi com aquele menino? O quanto tenho vontade de tocar fogo naquela maldita boate cada vez que imagino o que aqueles pervertidos fazem com você lá?

Tenho a impressão de que todo o uísque que bebi esta noite se recusa a permanecer dentro de mim e meu estômago embrulha uma última vez, sem que eu consiga segurar o vomito que cai sobre os sapatos de Afonso.

Quero me desculpar por minha estupidez, mas me sinto cansada demais para proferir qualquer palavra. Pouco a pouco minhas pálpebras vão se tornando pesadas, até que me deixo emergir na negra escuridão que parece me engolir.

A última coisa que vejo antes de perder a consciência, é Afonso me segurando em seus braços para não me deixar cair, seu rosto aflito fitando-me de perto.

“Porra! Nunca mais bebo uísque na vida”.

Desperto com uma dor de cabeça infernal. Tento recordar-me do que houve e os acontecimentos voltam-me à mente, confusos como flashes de um filme que assisti. Lembro-me de ter deixado o show com Afonso, contra a minha vontade, de ele me pedindo desculpas e depois tudo se perde. Não me recordo se o desculpei.

Encontro-me confortavelmente deitada numa cama grande, embora não faça idéia de onde seja, ou como vim parar aqui. Percorro os olhos ao redor, em busca de respostas e espanto-me ao constatar que se trata de um luxuoso quarto de hotel, mobiliado com moveis sofisticados, onde as frestas nas janelas permitem a entrada dos raios do sol, indicando que já é dia lá fora.

Confusa, sento-me no colchão, surpreendendo-me ao descobrir que estou completamente nua.

Putá merda! Afonso deve ter se aproveitado da minha embriaguez e abusado de mim, como faria qualquer homem em seu lugar. Esse só pode ser o quarto de hotel onde ele está hospedado e como estou nua, ele certamente fez o que quis comigo. Caralho! Como fui cair nessa? Espero que pelo menos ele tenha usado preservativos.

Estou levantando-me, quando ele sai do banheiro, usando apenas uma toalha branca felpuda em torno dos quadris, exibindo o físico perfeito, formado por músculos bem definidos, coberto por gotículas de água, que o deixam ainda mais irresistível.

Num impulso, retorno para meu lugar na cama, cobrindo-me com o lençol.

— O que você fez? — Pergunto, asperamente.

Ele estaca no centro do aposento, fitando-me aparentemente confuso, para logo seu olhar assumir uma expressão de perplexidade.

— Você não está pensando que eu... — Ele se interrompe, como se tivesse dificuldade em formular as palavras. — Acredite, não aconteceu nada do que você está pensando.

— Então por que estou nua?

— Porque você vomitou na sua roupa.

— Eu não posso ter vomitado na minha calcinha.

— Não. Na calcinha você fez xixi. Por isso tirei.

Caraca! Queria que um buraco se abrisse sob mim e me engolissem agora.

— Não fique constrangida. É bastante comum isso acontecer com quem bebe cerveja e pelo visto você bebeu muitas. — Afonso continua. — Já pedi seu café da manhã e um analgésico. Tenho certeza de que você vai precisar.

Constrangida demais para proferir qualquer palavra, vejo-o se livrar da toalha, estendendo-a num cabide, completamente à vontade com sua nudez.

Observo-o enquanto vasculha um guarda roupas, de costas para mim, e meu sangue ferve de tesão, o formigamento se fazendo na altura do meu ventre. Caralho que bunda é essa que ele tem! Firme, redonda, musculosa. Adoraria senti-la sob minhas unhas crescidas enquanto estivesse entre minhas pernas, movendo-se para cima e para baixo.

— Você quer tomar um banho ou prefere esperar pelo café? — Ele pergunta, cometendo a

sandice de vestir uma bermuda e camiseta, escondendo a oitava maravilha do mundo.

— Acho que vou esperar.

Ele senta-se no colchão, aos pés da cama, o cheiro gostosa, másculo, da sua loção pós barba alcançando-me, atijando ainda mais minha libido.

— Você se lembra do que te falei ontem? — Ele pergunta, fitando-me fixamente, com uma intensidade que me deixa sem chão.

— Mais ou menos. — Lembro-me do seu pedido de desculpas, mas seria bom ouvi-lo repetir as palavras.

Ele abre a boca para falar, mas é interrompido pelo toque estridente da campainha da porta, que causa uma pontada de dor na minha cabeça.

Afonso abre a porta para receber a enorme bandeja com o café da manhã, pousando-a aos meus pés na cama.

Ali há pão fresco, suco de laranja, misto quente, frutas, café, leite, um comprimido e um copo d'água. Tudo enfeitado com um girassol.

— Engole isso primeiro. Vai te fazer se sentir melhor. — Ele fala, oferecendo-me o comprimido e o copo com água.

— O que é isso?

— Dorflex. Além de analgésico é relaxante muscular.

Sento-me no colchão, encostando-me na cabeceira da cama, escondendo minha nudez com o lençol. Recebo o comprimido da mão dele e o engulo com a água, para em seguida servir-me de pão com manteiga e café, ciente de que ele estuda, minuciosamente, cada um dos meus movimentos, embora eu evite seu olhar perturbador.

— E então Sophia? Você vai me desculpar? — Ele pergunta, de repente.

— Você não está arrependido de verdade. Só fala isso porque ta afim de me comer.

— Acredite, te comer é o que mais quero todos os dias. Mas reconheço que agi errado com você. Estava movido pela raiva de ter que te dividir com tantos homens. Se ponha no meu lugar. Como você se sentiria se o primeiro homem pelo qual se interessasse, depois de meses, ficasse com todas as mulheres que o quisessem?

Eu não o compreendo. Acabamos de nos conhecer e ele age como se tivéssemos algum tipo de relacionamento. Como se eu fosse uma namorada de quem sente ciúmes.

— Há quanto tempo você se separou? — Pergunto.

Ele respira fundo, resignado, como se não se sentisse à vontade para falar sobre o assunto.

— Há sete meses. Desde então vinha tentando passar em algum concurso na minha área em outra cidade, para onde pudesse me mudar. E consegui aqui.

— Como você descobriu a traição da sua mulher?

— Sai mais cedo do trabalho um dia e os flagrei transando no sofá da sala.

— Isso deve ter sido horrível.

— Foi um baque. Eu sempre fui fiel, jamais cogitei traí-la e acreditava que ela pensasse do mesmo jeito. Mas o pior veio depois, quando toda a cidade começou a rir da minha cara, como se eu fosse o culpado na história.

— Você ainda gosta dela?

Ele hesita antes de responder e sinto uma pontada no coração.

— Foram cinco anos de casamento. Não dá pra esquecer assim de uma hora para a outra.

— Como você agiu quando os flagrou?

— Eu perdi a cabeça. Dei uma surra no cara. Um frentista de posto de gasolina. Saí de casa no mesmo instante. Depois ela me procurou, se dizendo arrependida, afirmando que só aconteceu aquela vez, me acusando de dar mais importância ao meu trabalho que a ela. Acredita que ela teve a cara de pau de me culpar?

— E nem passou pela sua cabeça voltar pra ela?

— De jeito nenhum! O que ela fez é imperdoável. — O corpo dele estremece brevemente, deixando evidente o quanto o passado ainda o afeta, o que me deixa ainda mais curiosa em relação ao que há entre ele e a loura com quem estava no show.

— O que há entre você e aquela loira que te acompanhava ontem?

— Nada sério. Apenas saímos algumas vezes.

— Me disseram que você desistiu de arranjar uma confusão, quando sua primeira noite de aula na UFC foi trocada por uma festa, por causa dela.

— Poxa! Mal cheguei aqui e as pessoas já estão falando de mim!

— Bem vindo a Quixadá.

— Ela se mostrou muito gentil ao me convidar para a festa. Não quis parecer grosso perto de uma pessoa amigável. Foi só isso.

— Só amigável... — Pisco um olho maliciosa. — Mas bem que você andou dando uns amassos nela ontem no açude.

— Que absurdo! De onde você tirou isso?

— Eu notei que sua camisa estava molhada ontem à noite.

Subitamente, ele fica sério, seu semblante se contraindo, seus olhos se tornando sombrios.

— Você é muito perceptiva para quem estava bêbada. — Diz, num fio de voz. — Não foi o que você está pensando. Eu me molhei sem querer quando fui lavar as mãos na pia do banheiro.

Sei que ele está mentindo e isso me irrita. Por que não fala logo a verdade? Eu conheço os homens o suficiente para saber que um deles não levaria uma mulher a um show sem receber nada em troca.

Termino de comer e levanto-me enrolada no lençol que se estende até meus tornozelos.

— Vou tomar um banho. Preciso ir pra casa. Meu filho está me esperando.

Movendo-se com a agilidade de um garoto de dezoito anos, ele coloca-se em meu caminho, detendo-me, seu rosto relaxado novamente, sua expressão suavizada.

— Você não vai sair daqui antes de me dizer que estou desculpado.

Sua proximidade é perigosa, principalmente havendo tão pouca roupa entre nós.

— Ok, se você faz tanta questão disso, eu te desculpo, mas não acontecerá mais nada entre nós.

Ele ergue uma sobrancelha, surpreso, sem desviar seus olhos dos meus.

— Posso saber o porquê?

“Porque eu tenho medo de me apaixonar e sofrer, pois sei que um homem como você não

levaria a sério uma garota como eu!”

— Porque não estou afim. — Minto, tentando avançar na direção do banheiro, sendo novamente detida por ele.

— Não seja mentirosa. Você me quer tanto quanto a quero. Posso te provar isso.

Antes que eu possa impedi-lo, ele me agarra pela cintura, prendendo meu corpo de encontro ao seu e sela meus lábios com um beijo que me deixa sem fôlego, sua língua explorando voluptuosamente minha boca, despertando-me o mais selvagem dos desejos.

Fervendo de tesão, esqueço-me de todas as palavras ditas, de todas as minhas imposições e esfrego meu corpo no dele, enlouquecendo com sua firme ereção pressionada contra meu ventre, enfiando meus dedos sob sua camiseta, em busca de mais dele, de sentir o contato direto com seu corpo gostoso, viril, sob meus dedos.

Arfo, sequiosa, úmida, ansiosa por ser preenchida por sua virilidade, sem que nada mais me importe que não a lasciva crua do seu corpo no meu.

Sem afastar seus lábios dos meus, Afonso usa as duas mãos para desenroscar o lençol que me cobre, o tecido macio caindo aos meus pés. Leva sua mão até minha intimidade, inserindo os dedos entre meus grandes lábios, afundando-os na minha entrada lambuzada, para em seguida deslizá-los até meu clitóris e massageá-lo, tão habilidosamente, que dá a impressão de que seus dedos foram feitos para isto.

Meu sangue ferve em minhas veias, meu coração bate descompassado, minha pele parece em chamas. Sensações novas, enlouquecedoras, que conheci apenas nos braços desse homem e são impossíveis de serem contidas, me deixando à disposição dele.

A cada movimento dos dedos dele sobre meu clitóris, fico mais excitada. Estou quase gozando, quando aperto minhas pernas em torno da sua mão e um gemido escapa-me dos lábios.

— Diga agora que não me quer, Sophia... — Afonso sussurra, deslizando seus lábios até meu ouvido, lambendo o lóbulo da minha orelha, sem deixar de tocar minha boceta, fazendo-me escrava da minha própria luxúria.

— Ah... eu te quero... e quero muito...

Ele volta a inserir sua língua na minha boca, ao mesmo tempo em que enterra os dedos na minha vagina, movendo-os depressa, para fora e para dentro, levando-me à minha perdição. Logo estou gozando em sua mão, tão gostoso, como foi apenas com ele, meus gemidos sufocados por sua boca gostosa.

Como fez quando estávamos no meu sofá, ele tira seus dedos do meu canal empapado e os introduz na sua boca, chupando o líquido do meu gozo, sem desviar seus olhos dos meus, uma expressão de prazer, indescritível, estampada na sua face.

— Puta merda! Você é uma delícia. E é um verdadeiro furacão. Isso explica porque escolheu a profissão em que está.

Ele tinha que dizer isso?!

Mais uma vez, suas palavras providas da sua opinião equivocada, me atingem como um balde de água fria, destruindo todo o encanto do momento, deixando-me tensa, irritada.

— Sai da minha frente! — Esbravejo, esmurrando-lhe o peito sólido com punhos cerrados,

sem que ele se mova um centímetro.

— Porra Sophia! Qual é o problema?

Tento passar, ele me segura pelos pulsos, mantendo-me no lugar.

— Será que você não percebe?

Sinto vontade de chorar e ao mesmo tempo afundar minhas unhas afiadas em seu rosto.

— Não percebo o quê? Me explica. Por favor.

CAPÍTULO X

Tento ignorá-lo, escapar do seu domínio, lhe dirigir a indiferença que ele merece, mas é impossível, pois estou aqui, em seu terreno, subjugada, refém da minha própria devassidão.

Apesar de possuir total domínio sobre minhas emoções, lhe falta sensibilidade ou inteligência suficiente para entender que é o único capaz de me dar prazer.

Queria ser capaz de sair por aquela porta agora e deixá-lo sozinho com sua ignorância, mas estou completamente perdida de paixão, sequer sou mais dona dos meus sentidos.

— Não é assim com todos. — Falo, meio sem jeito. Me abrir nunca foi o meu forte.

— Como assim?

— Eu nunca, na minha vida, senti prazer com outro homem que não fosse você. Com o pai do meu filho foi parecido. Mas não tão intenso.

Um misto de perplexidade e incredulidade surge na expressão dos seus olhos. Se ele insinuar que estou mentindo, crio forças e vou embora daqui agora.

— E como você consegue ficar com tantos homens sem sentir nada? — Ele parece atônito.

— A pessoa acaba se acostumando.

Eu esperava todas as reações da parte dele, menos a compaixão que se estampa em seus olhos azuis.

— Por Deus! E eu te julgando sem saber de nada. — Ele me abraça, afetuosamente, afundando o rosto nos meus cabelos, me fazendo parecer pequena entre seus braços.

O calor que emana dele me excita loucamente, me fazendo esquecer qualquer assunto que debatíamos.

Sequiosa, ergo meu rosto para fitá-lo, entreabrindo os lábios para receber o beijo que vem sôfrego, sua língua explorando minha boca, lascivamente, enquanto minhas mãos escorregam até sua ereção coberta pelo tecido da sua bermuda, apertando-a entre meus dedos.

Afonso deixa escapar um gemido selvagem, abafado pelos meus lábios. Ergue-me em seus braços, carregando-me até a cama, estendo-me sobre o colchão. Coloca-se de joelhos ao meu lado, seus olhos varrendo cada centímetro da minha completa nudez, me causando arrepios.

— Você é linda. — Sussurra, para em seguida deitar-se sobre mim, voltando a me beijar, roubando-me o fôlego.

Com mãos urgentes, puxo a barrada sua camiseta até conseguir tirá-la pela sua cabeça, desnudando seu tórax sólido, que pressiona meus seios frágeis, numa doce tortura.

Passo as mãos nas suas costas musculosas, descendo até suas nádegas, apertando-as por sobre a bermuda, para no instante seguinte, Afonso descer sua boca pelo meu corpo, plantando mordiscadas e lambidas sobre minha pele sensível, deixando um caminho se chamam por onde passa.

Coloca um dos meus peitos entre seus lábios, mamando suavemente o mamilo enrijecido, me deixando cada vez mais doida de tesão.

Quando sua língua dança sobre meu mamilo, quase vou ao clímax outra vez, um gemido de suplica escapando-me da garganta, minhas unhas se cravando no lençol da cama, minha cabeça se lançando para trás, quase que espontaneamente.

Quando começo a acreditar que não pode haver sensação melhor que essa, ele desce um pouco mais e coloca sua boca sobre minha boceta, sua língua úmida e quente se infiltrando na minha vagina lambuzada pelo gozo recente, acariciando-me lá dentro, em círculos, tão deliciosamente que meus gemidos se tornam incessantes, totalmente descontrolados. Em seguida, a leva até meu clitóris, refazendo os movimentos circulares, mais depressa agora, fazendo-o inchar de encontro à sua carícia.

É tudo muito intenso, tão indescritivelmente bom, que me pergunto como consegui viver até hoje sem isso.

Afonso suga meu grelo inchado e, instintivamente, abro mais minhas pernas, dizendo-lhe, com o gesto, o quanto isto é bom.

Movo brevemente meus quadris, para cima e para baixo, esfregando minha vagina em seu queijo másculo e o orgasmo vem, arrebatando-me, me puxando para uma espécie de frenesi do qual não quero mais sair.

Afonso se alimenta do meu orgasmo, em seguida trás sua boca até a minha, beijando-me ferozmente, fodendo minha boca com sua língua gostosa, me deixando ainda mais ansiosa por senti-lo dentro de mim.

— Agora deixe-me te provar. — Falo, completamente dominada pela luxúria.

Então, inverte as posições, deitando-me sobre ele, explorando seu corpo delicioso com minha boca, mordiscando, beijando lambendo, me deliciando com sua virilidade, com a solidez dos seus músculos. O corpo dele é muito gostoso para um homem com mais de trinta anos de idade. Parece um garoto de vinte.

Com urgência, desço sua bermuda de tecido, tirando-a pelos pés, apreciando, maravilhada, seu pau duro, grande, grosso, lindo! Tão convidativo que coloco-me de quatro sobre o colchão e caio de boca nele, levando-o até minha garganta, antes de lambe-las laterais e chupar sua cabeça, saboreando o líquido salgado que se mistura à minha saliva.

Tudo em Afonso me excita, até o gosto do seu pau.

Levo-o novamente à minha garganta e trago de volta, chupando a cabeça, lambendo as laterais, para em seguida repetir todo o percurso, seus gemidos grossos me causando arrepios.

Ele ergue ligeiramente seu dorso e segura meus cabelos atrás da minha cabeça, apressando meus movimentos de vai e vem, movendo os quadris para cima e para baixo, fodendo minha boca sem dó.

— Assim, gostosa. Me chupa que vou encher essa boquinha de porra. — Sua voz é um grunhido excitante.

De súbito ele pára de mover minha cabeça, segurando-a firme no lugar, seu pau muito fundo em minha garganta e goza, os jatos de esperma jorrando abundantemente dentro de mim, me sufocando, quase me roubando a respiração.

Espero que seus espasmos se cessem e engulo todo o seu gozo, deliciada, antes de chupar mais um pouco a cabecinha, exigindo cada gota do seu prazer.

— Porra! Isso foi bom demais. — Ele fala, sua respiração ofegante aumentando minha excitação. Afasta as mechas de cabelo que caem-me no rosto e segura minha face entre suas mãos grandes, puxando-me para cima, apossando-se dos meus lábios, enquanto deita-se sobre mim.

Afundo meus dedos em sua nuca e chupo sua língua com força, um sentimento de posse se misturando ao prazer em mim. Uma vontade louca de que ele fosse somente meu.

Logo o pau dele passa de semi ereto para totalmente duro, comprimido entre sua pélvis e minha coxa.

Erguendo ligeiramente seu tronco, Afonso segura seu pau ao meio e o esfrega na minha boceta melada, nossos líquidos se misturando, deliciosamente.

Ah! Como isso é bom. Não pode existir sensação mais prazerosa que senti-lo assim, tão intimamente, tão meu, embora existam precauções que precisamos tomar.

— Você tem uma camisinha por aí? — Pergunto, quase sem fôlego.

— Vou procurar.

Ele caminha pelo quarto, verificando as gavetas, exibindo sua deliciosa nudez.

Seu corpo beira a perfeição: seus ombros são largos, o tórax e os braços musculosos, sem exagero, o peito coberto por uma rala camada de pelos negros, as coxas firmes e peludas. E sua bunda? Ah, o que dizer daquela bunda! Empinada, durinha, do tipo que dá vontade de morder.

— Achei. — Ele comemora, mostrando o pacote de preservativos.

Tira um da embalagem e desenrola sobre sua virilidade.

Em seguida, volta a deitar-se sobre mim, cuidadosamente, beijando-me os lábios da forma que apenas ele sabe fazer, me deixando sem fôlego, sem raciocínio. Abre mais minhas pernas com seu joelho, encaixa seus quadris entre elas e me penetra, lentamente, deliciosamente, seu tamanho avantajado preenchendo minha vagina por completo, pressionando suas paredes, me proporcionando um prazer indescritível.

Sua língua entra e sai da minha boca, lascivamente, ao mesmo tempo em que seu pau faz o mesmo na minha boceta, indo e voltando, cada vez mais depressa, meu prazer se intensificando, minha umidade aumentando, sua pélvis depilada massageando meu grelo a cada estocada lenta.

Nossos corpos estão completamente unidos, carne na carne, meus peitos esfregando no seu tórax, meus dedos enterrados em sua nuca, meus pés cruzados sobre sua bunda. É tudo muito intenso, como jamais foi com outro homem, como eu sequer cogitava que poderia ser.

É um momento que jamais poderia acabar, pois me sinto verdadeiramente no paraíso, tomada por emoções que me fazem delirar.

Sem deixar de me penetrar, profunda e vagarosamente, como se tentasse prolongar cada estocada, Afonso abandona meus lábios, erguendo ligeiramente a cabeça, seus olhos fixando-se nos meus, quando então posso ver a mesma paixão que me assola estampada em suas duas piscinas azuis e fico comovida com a certeza de que ele está tão afetado pelas emoções quanto eu, como se estivéssemos fazendo amor e não apenas sexo.

Ele continua me fodendo enquanto mantém seus olhos fixos nos meus. Sem deixar o meu interior, levanta-se, levando-me junto, sentando-se sobre suas panturrilhas, de modo que fico

montada em seu colo, nossos corpos ainda colados, seu pau indo mais fundo em mim.

Contorno seu pescoço com os braços, puxando-o para mais um beijo, nossas línguas se atritando lascivamente, meus quadris se movendo em círculos sobre ele, seu pau fazendo círculos dentro de mim, empurrando mais as paredes do meu canal, me dando ainda mais prazer. Os movimentos permitem que meu clitóris se esfregue mais na sua pélvis, lisa e depilada e logo o gozo se forma em minhas entranhas, que suplicam por um alívio.

Afonso percebe que vou explodir e tira seus lábios dos meus, afastando brevemente seu rosto para que nossos olhares se encontrem. Assim, sem desviarmos o olhar um do outro, o orgasmo vem, violento e arrebatador para nós dois, nossos corpos ondulando juntos, nossos gemidos ecoando em uníssono pelo grande aposento, seus espasmos intensificando meu prazer.

É tudo tão intenso, magnífico, enlouquecedor, que as lágrimas brotam dos meus olhos, sem que eu consiga controlar ou mesmo compreender a razão.

— Se eu morresse agora, poderia afirmar que finalmente conheci a verdadeira felicidade. — Ele fala, sua voz ofegante, ligeiramente rouca.

Continuamos na mesma posição, nossos corpos trêmulos, suados, saciados, se recusando a se desgrudarem.

Afundo meus dedos em seus cabelos, sem conseguir desviar meus olhos dos seus.

— Não fale de morte, Afonso. Pois nunca me senti tão viva como agora.

A boca dele entreabre e lhe entrego meus lábios para mais um beijo de tirar o fôlego, antes de nos deixarmos cair sobre a cama, ainda unidos, envolvidos por um silêncio gostoso, tranquilo, que me traz uma misteriosa sensação de paz.

Permanecemos assim por um longo momento, até que Afonso deixa o meu interior para tirar o preservativo, voltando a deitar-se ao lado, aninhando-me em seu ombro. Levo minha mão aos seus cabelos curtos, acariciando-os, quando então a realidade volta-me à mente e lembro-me de que preciso ligar para Tati, saber como meu filho está, avisá-la de que estou bem.

— Preciso ligar pra casa. — Falo.

— Usa meu celular.

— Até porque o meu estava na bolsinha que você me fez deixar cair no show.

Deve ter virado picadinho.

Seus lábios lindos se abrem num sorriso.

Observo-o e, apesar de nos conhecermos há tão poucos dias, tenho a sensação de que somos íntimos, de que nos conhecemos há anos.

— Vou te dar um celular novo. Cor de rosa igual o antigo.

— Acho bom que seja mesmo.

Ele senta-se no colchão para alcançar seu celular que está sobre o criado mudo, entregando-me o moderno aparelho.

Forço minha mente a lembrar-se do número de Tati e os digito.

— A/ó. — Ela atende no segundo toque.

— Oi Tati. Como estão as coisas aí em casa?

— *Por Deus, Sophia! Eu já estava pensando em chamar a polícia pra descobrir onde você está. O que aconteceu com você?*

— Depois te conto tudo, mas pode ficar tranqüila porque nunca estive melhor. Como ta o Gabriel?

— *Está ótimo. Quem não está nada bem é o Guilherme. Já me ligou umas duzentas vezes e até veio aqui pessoalmente para se certificar de que você realmente não está.*

Putá merda! Como dizer a Guilherme o que aconteceu, sem magoá-lo? Apesar do que, a essa altura ele já deve ter deduzido tudo, pois Tati certamente lhe falou como e com quem deixei o local do show.

— Depois eu converso com ele. Se precisar de alguma coisa, use o cartão de credito que está na caixinha de musica. Tchau.

— *Peraí. Me diz onde você está e que horas vai chegar.*

— Bom... chego em casa daqui a umas duas horas. — Afonso faz gestos com um braço, pedindo-me mais tempo. — Talvez três horas. — Os gestos dele se intensificam. — Na verdade não sei que horas vou chegar. Mas fica sossegada. Estou super bem.

Afonso estica o polegar, fazendo sinal de ok.

— *Você ta com aquele professor, não é?* — O tom da voz dela, subitamente, assume um aspecto de gravidade.

— Isso mesmo.

— *Só espero que você saiba o que está fazendo.* — Deixando evidente sua contrariedade, ela desliga antes que eu fale mais alguma coisa.

— Acho que sua amiga não gosta muito de mim. — Afonso fala.

— É porque ela só ouviu falar do seu lado tirano.

— Você disse a ela que sou um tirano? — Ele pergunta sorrindo, o sorriso mais encantador que meus olhos já viram.

— Mas é isso que você é.

Ele fica serio. Leva seu dedo indicador à minha testa, escorregando-o até meus lábios.

— Não vou ser mais. Eu prometo.

Prisioneira do seu magnetismo irresistível, declaro:

— Eu acredito em você.

Passamos toda a manhã trancados no quarto, entregues ao desejo selvagem que nos toma cada vez que nos tocamos ou nos olhamos, insaciavelmente, incansavelmente.

Transamos em todos os lugares da suíte, desde o banheiro, até a ante sala.

Por volta do meio dia, estamos trêmulos de fome e exaustão, quando então sou obrigada a vestir uma bermuda e uma camiseta dele, para deixarmos o quarto, em busca de uma boa refeição.

Antes de mais nada, insisto para que passemos no shopping, onde compro roupas novas e troco seus trajes grandes demais no meu corpo, por um vestidinho de malha verde, curto, folgadoinho e confortável. E as botas por tênis.

Depois, almoçamos no Evenescense, um restaurante sofisticado, localizado nas proximidades do açude Cedro, perto também do local onde houve o show, cuja vista hoje me

parece mais encantadora que o de costume.

Comemos a deliciosa peixada cearense, acompanhada de vinho branco.

Como é o primeiro dia de folga de Afonso desde que chegou a Quixadá, convido-o para um tour pelos demais pontos turísticos da cidade. Começamos por uma caminhada às margens do Cedro, onde Afonso tira várias fotos de nós dois, diante das águas azuladas, onde os raios do sol se refletem lindamente e da famosa pedra da galinha choca. Depois o levo para conhecer a lagoa dos Monólitos e o Museu Histórico Jacinto de Sousa. Todavia, o que o deixa realmente fascinado é o Memorial de Raquel de Queiroz, onde é possível encontrar a história, obras e alguns pertences da maior escritora cearense, de quem ele se diz grande admirador.

Assistimos o por do sol do Morro do Urucu, onde está o Santuário Nossa Senhora Imaculada Rainha do Sertão e de onde podemos avistar toda Quixadá, a cidade me parecendo encantadora aqui de cima, como jamais me pareceu antes, com suas luzes se acendendo à medida que a penumbra se faz.

É noite quando retornamos ao centro da cidade, Afonso indo na direção do seu hotel, em vez de ir rumo à minha casa, como lhe pedi.

— Preciso ir pra casa ver meu filho, Afonso. — Falo.

— Tati está cuidando dele. Por favor, passe essa noite comigo. Amanhã cedo, antes da aula, te deixo em casa.

É uma proposta tentadora. Antes de aceitá-la, ligo para Tati que me atende emburrada, embora me deixe tranqüila ao me garantir que meu bebê está bem.

Poderíamos passar em minha casa, para que eu o visse pessoalmente antes de irmos para o hotel, todavia não posso descartar o risco de nos depararmos com Guilherme por lá e criarmos uma situação desagradável, constrangedora, para todos nós.

Jantamos no pequeno restaurante do hotel, antes de subirmos ao quarto, onde nos entregamos à paixão louca que explode em nossos corações, sem que compreendamos a razão de um sentimento tão intenso, entre duas pessoas que mal se conhecem.

Transamos insaciavelmente, durante quase toda a noite, entregues ao desejo ensandecido que parece inerente à nossa proximidade, até que por fim ficamos imóveis sobre a cama, saciados, exaustos, nossos corpos colados, aconchegados um no outro, envolvidos numa aura de felicidade, paz e tranqüilidade, que apenas em seus braços conheci.

CAPÍTULO XI

— Tenho uma proposta pra te fazer. — Ele fala, depois do longo silencio, apoiando a cabeça sobre um cotovelo para fitar o meu rosto.

— Pode fazer. Estou ouvindo.

Ele hesita antes de continuar.

— Bem... estou procurando uma casa pra alugar e gostei muito daquela onde você mora. — Ele faz uma pausa para estudar a confusão que certamente se estampa em minha expressão. — Como ela é grande o bastante, estava pensando em pagar o aluguel e deixar você, Tati e Gabriel morarem lá. — Fito-o perplexa, mas ele não me espera falar. — Assim você poderia reduzir, consideravelmente, seus gastos e trabalhar em outro lugar.

Estava demorando! O preconceito dele nunca terá fim. Sempre vai me amolar com seu julgamento.

— Não to afim de morar com ninguém. — Falo, afastando-me dele.

Não satisfeito, ele segura meu rosto com uma mão, forçando-me a fitá-lo.

— Entenda que não estou te descriminando, ou algo assim. Apenas quero ver você bem e naquele lugar isso é impossível. Você mesma confessou que não gosta do que faz. Um dia todos vão saber a verdade e não apenas você, mas também seu filho será descriminado. — Reflito em suas palavras e preciso admitir que, em parte, ele está certo. — Estou precisando de uma assistente. Você pode trabalhar para mim. Sem ter que pagar o aluguel seu salário será suficiente para sustentar seu filho.

— Eu tenho que pagar a faculdade e o salário da Tati também. Você não vai me remunerar tão bem.

— Posso conseguir uma bolsa pra você terminar o curso de graça e pago o salário de Tati, afinal estarei morando lá também.

A idéia é tentadora. Morar sob o mesmo teto que ele, não precisar mais passar as noites acordada, nem tolerar aqueles homens nojentos. Seria tão bom que me recuso a acreditar que seja possível, para evitar a decepção depois.

Por outro lado, não tenho nada a perder. Se for apenas uma ilusão, volto à minha vida como se nada tivesse acontecido.

— Eu não sei... — Começo, mas não sei como completar a frase, pois não há uma justificativa aceitável para recusar uma proposta boa como essa.

— Mas não quero que se engane. Não estou te propondo casamento, ou algo assim. Nós viveremos sob o mesmo teto, mas não teremos compromisso algum. Seremos pessoas livres para nos relacionarmos com outras pessoas.

Sinto uma pontada em meu coração. Se ele diz isso é porque tem outra mulher em mente, a loura oxigenada, quem sabe.

Imagino-o nos braços dela, ou de qualquer outra, fazendo o mesmo que acabamos de fazer e

uma dor devastadora, inexplicável, invade-me a alma, deixando-me desolada, sem que eu compreenda a razão de tais sentimentos.

— Vamos fazer assim. Vou pensar na sua proposta e depois te dou uma resposta.

— Quanto tempo?

— Não sei. Até eu me decidir.

— Não me faça esperar muito. Não suporto a agonia de saber que você está lá, sendo usada por aqueles malditos.

Apesar de agora ter certeza de que ele não fala com a intenção de me magoar, suas palavras me afetam, machucando-me.

— Ta bom. Vamos dormir. Temos aula amanhã cedo.

Ele planta-me um beijo casto na testa antes de me puxar novamente para junto do seu corpo, aninhando-me em seu peito largo, confortavelmente.

Assim, em seus braços, passo a melhor noite da minha vida, dormindo agarradinha com ele, aconchegada, nossos corpos se encaixando com perfeição, como se fossem desenhados um para o outro.

Na manhã seguinte, pouco antes do início da aula, Afonso deixa-me diante de casa, quando nos despedimos com um beijo demorado, carregado de saudade, como se não fossemos voltar a nos ver daqui a pouco na faculdade.

Entro em casa invadida por uma felicidade jamais antes experimentada, que me ilumina a alma, me conforta o coração, desde que aceitei o pedido de desculpas de Afonso. Agora entendo porque as pessoas dizem que perdoar é sagrado, embora não seja apenas esse o motivo da minha euforia, mas tudo o que senti em seus braços, acompanhado da certeza de que não foi a última vez.

— Bom dia Tati! — Falo, exultante, quando ela abre a porta da frente me observando com sua cara de sono.

— Perdeu a chave de novo? — Ela pergunta sonolenta.

— Pois é, deixei cair minha bolsinha quando o troglodita me jogou em seu ombro.

— Ele era tirano, agora é troglodita e ainda assim você passou a noite com ele. — Seu tom é acusador.

— O que são pequenas atitudes diante da grandeza dos sentimentos? — Falo, desconhecendo a mim mesma. — Onde está Gabriel?

— Dormindo. Você sabe que ele acorda tarde. — Ela responde, seguindo-me quando vou na direção do quarto de Gabriel, futuramente o quarto de Afonso, se eu decidir deixá-lo morar aqui. — O Guilherme veio aqui várias vezes ontem.

— Deixa que me entendo com ele depois.

Entro no quarto do meu príncipe e tiro-o do berço, apertando-o contra meu corpo, beijando suas bochechas rosadas, despertando-o do seu sono.

— Caramba! Você acordou o garoto. Que maldade! — Tati me repreende pela segunda vez em menos de dez minutos. Ignorando-a, parto para a cozinha com Gabriel no colo, ela me seguindo. — O que há entre você e esse professor?

— Não sei Tati. Imagina uma felicidade infinita, unida a um tesão louco que nunca acaba, mais a vontade de ficar junto as vinte e quatro horas do dia. É isso que há entre nós. — Sento-me à mesa, passando manteiga em um pão fresco que se encontra ali. Tati senta-se diante de mim, com seus olhos grandes ainda mais arregalados, inquiridoramente.

— Você se apaixonou sua tonta!

— Ta doida? Eu mal conheço o cara.

— Isso não tem nada a ver. Existe paixão até à primeira vista. Resta saber se ele sente o mesmo por você.

— Ele me propôs vir morar aqui em casa, para que eu não precise pagar o aluguel. — Vejo os lábios dela se curvarem num sorriso, o que é muito, considerando o quanto estava brava quando cheguei. — Me ofereceu também um emprego e uma bolsa pra terminar a faculdade de graça.

— Caraca! Que maneiro! Ele vai te assumir como esposa?

Eu ficaria tão eufórica quanto ela se isso fosse verdade, todavia, recordo-me das palavras dele, sobre termos total liberdade para sairmos com outras pessoas e uma desoladora sensação de vazio invade-me a alma, sem que eu compreenda a razão, já que nunca planejei viver com um homem, pelo contrario, sempre evitei compromissos.

A proposta de Afonso é perfeita, não entendo porque ter que responder a pergunta de Tati com um não, me deixa tão melancólica.

— Não, Tati. Ele só vai morar aqui. Não teremos nenhum compromisso.

Vejo o sorriso dela se desfazer, seus olhos assumindo uma expressão de piedade.

— Que pena amiga. E você vai aceitar a proposta dele?

— Ainda não sei. Tenho que pensar. O que você acha?

Antes que ela tenha a chance de abrir a boca para responder, Guilherme adentra a cozinha, sorrateiramente, repentinamente, assustando-nos.

Como ele foi capaz de entrar aqui sem bater na porta? Invadir nossa privacidade dessa forma? Há quanto tempo está aqui, ouvindo nossa conversa?

Cogito seriamente expulsá-lo da minha casa, por sua indiscreta intromissão, mas devo uma explicação a ele, por ter deixado a festa com outro homem após tê-lo convidado. Contudo, será a nossa ultima conversa, por causa da sua atitude em tomar a liberdade de invadir minha cozinha.

— Preciso conversar com você em particular. — Ele diz, o tom da voz tão duro quanto seu semblante. Seus olhos refletindo uma fúria bestial.

— Pode falar na frente de Tati. Não tenho segredos com ela. — Falo, incomodada com a intromissão.

— Tem que ser a sós e é urgente.

Cogito, mais uma vez, colocá-lo para fora de casa, já que tenho aula daqui a pouco, mas realmente devo essa conversa a ele.

— Ok, vamos até meu quarto. Mas tem que ser rápido. Daqui a pouco preciso ir pra faculdade.

Entrego Gabriel a Tati e dirijo-me para o quarto, Guilherme seguindo-me de perto, sua

tensão quase palpável.

No aposento, fecho a porta por dentro, enquanto ele examina o ambiente, para em seguida cravar seu olhar sombrio em meu rosto.

— Você não vale nada! — Fala, abruptamente, fulminando-me com o olhar.

Sinto minha face empalidecer. Não preciso que ele continue para saber que descobriu a verdade sobre meu trabalho.

— O quê?!

— O Tiago me contou tudo. Ele viu você numa boate em Fortaleza. Como pôde ter tentando me enganar? Eu por acaso tenho cara de palhaço?

Tiago deve ser o sujeito que tentou me violentar. Certamente nos viu juntos no show e na festa da UFC, e para vingar-se de mim, falou ao meu respeito. Provavelmente espalhou o boato por toda a cidade.

— Eu não tentei te enganar. Eu ia te contar tudo. Estava apenas esperando o momento certo.

— E que momento seria esse? Quando todo mundo estivesse rindo da minha cara por sair por aí com uma prostituta?!

Putá merda! Mais uma pessoa para me descriminar. Tati me garantiu que Guilherme agiria diferente. A atitude dele prova que ela não conhece as pessoas tanto quanto imagina.

— Me desculpa. Eu não queria te prejudicar. — Falo, desviando meu olhar para o chão.

— E pra completar ainda me deixa sozinho pra sair com aquele professorzinho de merda. Ficaria ridículo se eu dissesse que ele me tirou de lá à força.

— Eu já pedi desculpas. Se afaste de mim e sua imagem não será prejudicada.

— Você pensa que é simples assim? Você entrou na minha vida. Você me convidou pra sair. Acha que agora pode me descartar assim sem mais nem menos?! Só porque aquele almofadinha te chamou pra morar com ele?!

— Hã?!

Ele aproxima-se, colocando-se tão perto que posso ouvir sua respiração pesada.

— Eu quero que você seja minha e de nenhum outro homem. — Sua voz é baixa e tem um assustador tom de ameaça. — Nenhum outro cara, além de mim, voltará a te tocar. Se alguém vai te tirar dessa vida, esse alguém sou eu. Não aquele professorzinho de merda! Ele não quer nada sério com você. Quer morar aqui, mas sem te assumir. Como você pode cogitar colocar um cara como ele dentro da sua casa? Você mal o conhece. Não sabe de onde veio ou porque veio parar aqui nesse fim de mundo. Você nunca parou pra pensar nisso?

Analiso suas palavras, e embora, acredite que ele esteja certo em relação à afirmação de que eu não conheço Afonso o suficiente para colocá-lo dentro da minha casa, acho que a outra parte do que disse seja fruto de uma mente louca.

— Ta doido Guilherme? Você não tem direito nenhum sobre mim. Ninguém tem.

— É aí que você se engana. Se você se recusar a ficar comigo, só comigo, vou contar pra toda cidade o que você faz todas as noites em Fortaleza pra ganhar a vida. Você nunca mais terá paz. Vai ouvir piadinhas na rua, as pessoas vão te virar a cara onde você for, seu filho será motivo de chacota quando começar a freqüentar a escola.

Sua ameaça desperta a raiva dentro de mim, fazendo meu sangue ferver nas veias.

Como ele se atreve a me chantagear? Bastardo!

Empino mais meu nariz, olho dentro dos olhos medonhos dele e, fazendo uso de uma coragem que não sei de onde saiu, o desafio:

— Não vou ceder à sua chantagem, seu maldito! Quer falar de mim por aí? Ótimo! Vá em frente. Deixe que toda a cidade saiba o que faço. Ninguém tem nada com minha vida!

Apesar da minha firmeza, em meu íntimo estou trêmula, apavorada com a hipótese de ele cumprir o que diz.

— Você pensa que as pessoas vão deixar de te odiar só porque vai colocar aquele filho da puta dentro da sua casa? Vai ser ainda pior! Ele também será discriminado, por assumir uma prostituta. A primeira coisa que ele vai perder é o emprego.

Sinto um frio no estomago, um nó se formando em minha garganta. Por mais que seja difícil admitir, ele tem toda a razão. Afonso seria tão afetado quanto eu se Guilherme me dedurasse.

Se existia em mim alguma esperança de algum dia ter uma vida com Afonso, esta acaba de ser destruída, afinal, eu seria incapaz de concordar com algo que pudesse prejudicá-lo.

Essa é a sorte de uma garota de programas: nunca poder ficar com quem realmente quer.

— O que você quer de mim? — Pergunto, sem conseguir controlar o tremor em minha voz.

— Quero você, Sophia. Eu gosto de você de verdade. Quero que você seja a minha mulher, por toda a minha vida. Nunca vou te maltratar, ou te abandonar. Vou arcar com todas as suas despesas, faculdade, aluguel, o salário da Tati, pra que você nunca mais volte a se prostituir, para que pertença apenas a mim e a mais ninguém. Você seguirá sua vida tranqüila. O que você faz será passado e ninguém nunca saberá.

Tenho a nítida impressão de que ele está louco. Como pode tentar me forçar a fazer algo por meio de chantagem e ainda dizer que é para o meu bem? Como pode dizer que nunca me maltratará, se está fazendo isso agora? Como pode dizer que gosta de mim e ao mesmo tempo me chantagear? Como pode acreditar que alguém é capaz de entrar num relacionamento, contra a sua vontade? Na minha opinião, essa idéia só pode ser fruto de uma mente doentia. O que o torna ainda mais perigoso.

— Definitivamente não, Guilherme. Nunca deixaria de fazer o que faço para me tornar dependente de alguém. Principalmente de uma pessoa que me faz uma chantagem absurda dessas. Agora se você puder me dar licença, preciso ir à faculdade.

— Você ta me dizendo que prefere se prostituir que ter uma vida direita? — Ele parece perplexo.

— Nesses termos, sim. Só vou mudar de profissão quando tiver outra que me pague o suficiente.

— Ok então. Se você pensa assim, vou lá ver o que o juizado de menores vai fazer quando souber que tem uma criança vivendo à custa da prostituição. No mínimo vão te tirar a guarda dele.

Processo suas palavras e meu estomago revira violentamente. Subitamente, minhas pernas ficam bambas, o pavor tomando conta de mim.

Se ele fizer o que acabou de prometer, corro o risco de perder a guarda do meu filho. Essa é

uma certeza que tenho.

Guilherme dirige-se para a porta, quando então, apresso-me em tomar seu caminho, detendo-o.

— Espera. — Falo, quase desesperada. — Vou pensar no assunto. Me dê alguns dias para decidir.

— Te dou um dia. Hoje a noite volto para saber a resposta. — Seu olhar se parece com o de um louco, me levando a desconfiar que seu lucrativo negócio não teve a origem que ele me revelou. — Mas desde agora exijo que você se afaste daquele professor. Se eu sonhar que você deixou ele te tocar de novo, esqueço minha generosidade e vou te mostrar quem realmente sou.

— Há ódio no seu tom de voz.

— Mesmo que eu concorde com tudo isso, seu amigo que me viu na boate ainda sairá por aí falando a todos sobre mim.

— Não vai. Eu cuidei disso.

— Como assim? — Pergunto, desconfiada.

— Isso não interessa. O importante é que ele não vai falar nada. — Seu olhar se parece cada vez mais com o de um louco, como se ele deixasse cair sua máscara de bom rapaz, mostrando quem realmente é e isso me deixa apavorada, por não saber com quem realmente estou lidando. E se ele matou o amigo para silenciá-lo? Parece loucura, mas foi o que me deu a entender. — Agora troque de roupas e vá pra sua aula. Não quero que se atrase por minha causa. À noite volto para obter minha resposta.

Deixando sua dura ameaça pairada no ar, ele sai do quarto, o som dos seus passos apressados atravessando a sala, desaparecendo para a rua.

Encolho-me contra a porta fechada, com minha mente fervendo, meus nervos à flor da pele, minha alma receosa.

Nem de longe Guilherme é a pessoa que aparenta ser. Não passa de um louco e só Deus sabe do que pode ser capaz. Embora eu o tenha enfrentado hoje, em meu íntimo sei que não tenho outra saída que não ceder à sua chantagem, para manter minha integridade, a integridade de Afonso e, principalmente, para manter meu filho perto de mim.

Mas como será isso? Não posso nem imaginar. Me tornar totalmente dependente de uma pessoa que pode ser perigosa, ir para a cama com ele todas as noites, mesmo o odiando por me coagir desta maneira e, acima de tudo, afastar-me definitivamente de Afonso, o único homem que eu realmente quero, ou já quis.

Putá merda! Putá merda! O que vou fazer agora? Estou encurralada, presa entre a cruz e a espada.

Para todo pecado há castigo e esse é o meu por ter seguido o caminho que todos julgam errado, pecaminoso. Vai ver todos estão certos.

Com meu corpo ainda trêmulo, como se tivesse acabado levar uma surra, troco o vestido de malha por jeans e a camiseta da faculdade, prendo os cabelos num prático rabo de cavalo, pego minha mochila e deixo o quarto.

Encontro Tati na sala, ainda de pijama, brincando com Gabriel no carpete.

— Credo, que cara é essa?! Parece que o Guilherme tava te contando uma história de terror. Tati me conhece realmente. Conseguiu descrever, basicamente, como me sinto.

Não vou falar a ela sobre a louca chantagem daquele lunático, pois sei que ela seria capaz de ir à padaria dele e quebrar tudo por lá, achando que estaria me protegendo.

— Não foi nada Tati. Só estou meio cansada. — Num impulso, seguro Gabriel em meus braços, apertando-o contra meu corpo, as lágrimas ameaçando banhar-me o rosto. Não sei o que seria da minha vida se o perdesse. Acho que seria meu fim. Beijo suas bochechas rosadas e o devolvo ao carpete. — To indo Tati. Até mais.

— Até.

CAPÍTULO XII

Faço o percurso de casa até a universidade, de moto, em alta velocidade, minha mente fervilhando a ponto de não me permitir enxergar nada a minha frente, ignorando os sinais vermelhos, os cruzamentos perigosos, os carros nas ruas. Consigo visualizar apenas o rosto de Guilherme, seu olhar de louco, sua chantagem doentia. Preciso de calma para pensar sobre o que farei com isso. Não posso acatar sua vontade assim submissamente, como também não posso enfrentá-lo sem sofrer os planos da sua mente perturbada.

Tem que haver outra saída e preciso encontrar.

Chego no início da aula. Desta vez cumprimento Afonso com um bom dia, ao entrar na sala e desta vez ele responde, com o canto da boca curvado num meio sorriso.

Sinto um aperto no coração ao me dirigir para o fundo da sala, por saber que será necessário que eu afaste-me dele, pelo menos até saber o que fazer, afinal essa é a principal exigência de Guilherme. Preciso fazer com que ele acredite que concordei com sua chantagem, pelo menos até saber como me livrar dele.

Sento-me perto de Rita e Solange, no fundo da sala. Tento me concentrar na aula, não consigo. Minha mente absorta por pensamentos sombrios, trabalhando em busca de uma solução.

Evito olhar para Afonso, pois a cada vez que o faço, meu coração aperta mais no peito, pela certeza de que não ficarei mais com ele. Não mais provarei daquela boca linda, gostosa, não mais serei sua.

Mesmo que eu não ceda à chantagem de Guilherme, não seria capaz de aceitar Afonso na minha casa, ou na minha vida, pela certeza de que isso o prejudicaria. Guilherme estava certo ao afirmar que o preconceito das pessoas o afetaria, acarretando, inclusive, a perda do seu emprego.

Eu preciso arcar, sozinha, com as consequências dos meus erros. Não seria certo envolvê-lo. Tampouco posso contar a ele tudo o que está acontecendo, pois ele certamente tentaria confrontar Guilherme e isso apressaria a perda do seu emprego.

Preciso pensar em algo para dizer a Afonso, justificar o fato de que não acontecerá mais nada entre nós, sem deixá-lo acreditar que nada significou para mim, quando na verdade, foi a melhor parte da minha existência.

Quando o som estridente da campainha anuncia o início do intervalo, dirijo-me ao refeitório com minhas amigas, encontrando o lugar lotado de alunos, o barulho das suas conversas incomodando-me, intensificando a dor em minha cabeça.

- Eita! Você tá esquisita esses dias, mas hoje bateu o Record. O que é que você tem?
- Rita pergunta ao nos sentarmos à mesa, carregando nossos sanduíches e sucos.
- Nada. Acho que é o estresse do curso. — Minto, descaradamente.
- Também ando estressada com isso. Em pleno mês de julho, todo mundo de férias, e nós aqui ralando.

— Pior vai ser encontrar essa diversidade cultural que o Afon... o professor Afonso exigiu sobre a qual escrevêssemos.

— Meu Deus! Olha só o que aconteceu gente! — Solange, que se mantém entretida com a tela do seu celular, exclama, alarmada, sem desviar os olhos do aparelho digital na sua mão.

— O quê? — Eu e Rita perguntamos em uníssono, a curiosidade desviando minha atenção dos meus problemas.

— Foi encontrado hoje de manhã, o corpo de um estudante da UFC, boiando no açude Cedro, com um tiro na cabeça e a família diz que ele estava desaparecido desde sábado à noite, quando saiu para o show da Paula Fernandes. Acabaram de postar a notícia no Facebook. A polícia ainda não sabe quem é o assassino.

Absorvo suas palavras e um calafrio percorre-me a espinha.

— Tem uma foto dele? — Pergunto, invadida por um mau pressentimento.

— Sim. Olha aí. Era bem jovem.

Olho na tela do celular dela e todo o meu corpo estremece do mais puro terror. O cara assassinado é o mesmo que tentou me violentar na UFC, que estive na boate e foi expulso pela segurança e que certamente falou a Guilherme que me viu lá.

Guilherme disse que cuidou para que seu amigo não falasse a mais ninguém sobre mim. Só pode ser esse o seu amigo, o que não deixa dúvidas: Guilherme o assassinou para silenciá-lo.

Putá merda! Onde fui me meter! Guilherme é pior do que eu pensava e agora todos nós estamos correndo risco de vida. Eu, Afonso, Tati e até Gabriel, meu pequenino.

Preciso dar um jeito de sair da cidade, fugir desse louco que parece capaz de tudo.

— Qual era o nome dele? — Rita pergunta.

— André Chaves Neto.

Eu tenho a impressão de que ouvi Guilherme chamá-lo de Tiago, quando referiu-se a ele esta manhã em meu quarto. Deve ter trocado os nomes para me confundir, mas não conseguiu. Com aquele olhar dele de louco, sua chantagem descabida, doentia, não tenho dúvidas de que é um assassino. Talvez sequer seja a primeira vez que mata alguém.

— Você tá legal, Sophia? Ficou pálida de repente. — Solange fala.

— Acho que foi pela má notícia. Ninguém merece morrer tão novo. *“Nem mesmo um estuprador.”* Completo, mentalmente.

Mais que nunca, preciso tomar cuidado com Guilherme, fingir ter aceitado seu jogo, enquanto providencio tudo para sair da cidade.

O primeiro passo será falar com Afonso, sem deixar que ele perceba o que realmente está acontecendo, pedir que se afaste de mim, que não vá mais à minha casa. Não será uma conversa fácil, pois o quero com todas as minhas forças, mais que já quis qualquer coisa na vida.

As duas horas restantes de aula se arrastam lentamente, sem que eu ouça ou escreva uma palavra do conteúdo discutido em sala. Tenho quase certeza de que ficarei reprovada nessa disciplina, porém esse é o menor dos meus problemas agora.

Ao final do tempo, espero todos os alunos deixarem a sala, para em seguida dirigir-me à mesa de Afonso, colocando-me diante dele, meu sangue fervendo com sua simples

proximidade, como se ele tivesse jogado algum tipo de feitiço sobre mim.

— Você não estava prestando atenção na aula. — Ele fala, fitando-me fixamente nos olhos, com uma intensidade que me deixa sem fôlego.

— Preciso te falar uma coisa.

— Pode falar. Quer sentar?

— Não. Prefiro ficar em pé. — Apóio minhas mãos sobre o tampo de mogno da mesa, buscando forças para agir contra a minha vontade, fazer o oposto do que meu coração pede. — O acordo que você me propôs, não vai rolar. — Começo, minha voz tremendo brevemente, sem que eu consiga controlar. — Também não quero que você volte a minha casa. Não vai acontecer mais nada entre nós.

Ele encara-me diretamente, seus olhos inexpressivos tentando decifrar os meus, buscando a razão da minha decisão, antes que eu diga.

— Posso saber o motivo?

Engulo em seco, tentando desfazer o nó que se instala em minha garganta.

— Eu gosto de ser livre e minha profissão me permite isso. Ficar com você me ocuparia noites em que eu poderia estar ganhando dinheiro. Espero que compreenda.

Sem mais conseguir sustentar seu olhar, dou-lhe as costas, dirigindo-me para a porta.

Fazendo uso da sua admirável agilidade, ele se coloca em meu caminho, cravando seus olhos inquiridores em meu rosto.

— Você pensa que sou idiota? Alguma coisa aconteceu que está te fazendo agir assim e eu quero saber o que é.

Puxo forças do fundo da minha alma, para dizer:

— Você se acha mesmo muito especial, não? Só porque uma garota não quer ficar com você, não significa que haja uma razão para isso. É a lei do livre arbítrio. Eu não te quero e pronto!

Vejo a magoa, a amargura, se estampar em seus olhos lindos e necessito de um esforço inumano para conter o impulso de me atirar em seus braços e mostrar o quanto o quero.

— Não vou aceitar isso. Eu sei que o que tivemos foi verdadeiro. Você não estava fingindo e não pode ter mudado tão de repente.

— E o que foi que tivemos?! Nada! Foi só sexo! Você nunca me propôs compromisso algum, portanto não te devo satisfação de nada. Estou apenas te avisando de que o sexo não acontecerá mais. Não vai fazer tanta diferença assim pra você, afinal sexo você encontra em qualquer lugar.

— Então é isso o que você quer? Um compromisso?

Caramba! Se eu disser que sim, ele me assume? Valeria à pena tentar, se eu não estivesse ferrada até a raiz dos cabelos.

— Não foi isso que eu disse.

— Não é como você está dizendo. Não foi apenas sexo. Nunca será bom assim, se não for com você.

O seu tom de voz íntimo, sussurrado, sensual, unido à suas palavras, me causam arrepios, um formigamento se fazendo na altura do meu ventre.

Porra! Preciso sair de perto dele agora, ou vou perder a cabeça, pular no seu pescoço e pedir que me foda aqui e agora.

— Você entendeu o que eu quis dizer. Agora preciso ir.

Sem mais, passo por ele e deixo a sala rapidamente, antes que seja impedida novamente.

Caminho com passos apressados até o estacionamento e volto para casa na minha moto, carregando um aperto insuportável no coração, uma dolorosa sensação de vazio, uma agoniada vontade de chorar. Sentimentos que não consigo compreender, se conheço Afonso há apenas alguns dias. Ele não pode significar tanto para mim. Não posso estar apaixonada, como Tati insinuou esta manhã. Não houve tempo para isso.

Preciso esquecer meus sentimentos e raciocinar com praticidade, organizar os pensamentos, elaborar uma forma segura de deixar Quixadá com Tati e Gustavo, sem que Guilherme se dê conta da minha ausência até que eu esteja bem longe.

Se ele realmente matou aquele garoto, é capaz de tudo e não vou ficar aqui para descobrir do quê.

Chego em casa de cabeça quente. Ignorando as risadas de Tati e Gabriel, que partem da direção da cozinha, vou direto para meu quarto, onde tiro as roupas calorentas e tomo um demorado banho frio, a água deixando-me ainda mais alerta.

Enrolo uma toalha felpuda nos cabelos molhados e um roupão em torno do corpo, antes de dirigir-me à cozinha e sentar-me a mesa, onde Tati tenta fazer meu bebê comer seu caldo de feijão com batata amassada e fígado.

Eufórico com minha chegada, Gabriel pula da cadeirinha de refeições e sobe em meu colo, abraçando-me, enquanto Tati me observa atenta.

— O que foi? TPM? — Ela pergunta, erguendo uma sobrancelha maliciosa.

— O cara que me atacou na festa da UFC foi encontrado morto esta manhã no Cedro, com um tiro na cabeça. O assassino ainda não foi descoberto.

Não posso contar mais que isso a ela, pois a deixaria sobressaltada tanto quanto estou. Não quero que ela também sinta essa incessante sensação de adrenalina e pavor que está dentro de mim desde que conversei com Guilherme.

Eu encontrei meus problemas sozinha e vou enfrentá-los do mesmo modo. Só ainda não sei como convencê-la a ir embora da cidade comigo, deixando Ricardo para trás.

— Caraca! Eu vi a notícia no jornal. Foi aquele safado que te agarrou?!

— Foi ele mesmo.

— E por que essa cara de velório? Não vá me dizer que está com pena.

— Fala sério! Não estou.

— Como foi a conversa hoje com Guilherme?

— Foi boa. Vou ficar com ele. Seriamente.

— Ótima decisão. Ele sim quer algo sério com você. Diferente daquele professor, que só quer te usar pro sexo. Só não entendo porque você parece tão triste.

Não sei porque as pessoas atribuem tanta importância ao relacionamento sério.

— Talvez eu esteja a costumada a ser usada.

Ela fita-me com expressão de perplexidade, antes de levantar-se, dizendo:

— Quer saber? Vou pra escola antes que essa sua doença me contagie. Sem mais, deixa a cozinha, indo para seu quarto.

Esta tarde não consigo dormir como de costume, minha mente maquinando um plano de fuga.

Para deixar Quixadá, definitivamente e me instalar em outra cidade, precisarei de dinheiro, o que tenho guardado na poupança, que seria para montar meu consultório, não é suficiente. O banco não me concederia um empréstimo sem que eu tenha um comprovante de renda, portanto resta-me apenas escolher um dos meus clientes babões e pedir a grana. Não sei se algum deles me dará uma quantia tão alta, mas preciso tentar. É minha única opção.

Agora resta saber como descobrirei os números dos telefones deles, se meu celular foi destruindo durante o show quando Afonso me carregou para fora de lá pendurada em seu ombro.

Preciso ligar para a boate e tentar descobrir se alguma das meninas que moram lá têm o número de algum deles. Certamente possuem, pois esse tipo de homem experimenta todas da casa.

Tenho que fazer isso ainda esta tarde, já que à noite Guilherme estará aqui para me infernizar.

Quando Gabriel desperta do seu sono vespertino, troco suas roupas e as minhas e saio com ele à rua, em busca de um orelhão, já que não tenho telefone fixo em casa. Ligo para o único número que tenho decorado: o da boate e peço para falar com uma das garotas que ficam instaladas lá, Celeste, a mais velha, aquela que conhece bem todos os clientes e possa ter o número do telefone de alguns deles.

Ela me passa os números de três deles, empresários cearenses com quem costumo sair.

Ligo para os três e todos concordam em me emprestar o dinheiro, porém, todos impõem a mesma condição: que eu vá buscar a quantia pessoalmente, durante um encontro. Marco com os três, para amanhã, na parte da manhã, quando Guilherme acreditará que estou na faculdade. Até amanhã decido qual ou quais deles vou encontrar.

De volta em casa, sirvo a mim e Gabriel do sorvete que está no congelador e nos sentamos na sala diante da televisão ligada, ele no carpete, eu no sofá, momento em que sinto falta da paz que era minha vida.

Logo o noticiário do jornal local interrompe a novela para dar uma notícia extraordinária e por pouco não me engasgo com meu sorvete.

O repórter fala sobre a morte de André, o universitário tarado, afirmando que a polícia encontrou um único suspeito até agora, o professor universitário Afonso Lemes Almeida, com quem o garoto foi visto pela última vez, discutindo, fervorosamente, logo no início do show de Paula Fernandes. A imagem seguinte, mostra Afonso entrando na delegacia para prestar depoimento, embora não esteja sendo preso.

Os repórteres o cercam, bombardeando-o com perguntas, desferindo-lhe acusações, hostilidade, enquanto ele os ignora, mantendo os olhos, ocultos por óculos escuros, longe das câmeras, apesar de não tentar esconder o rosto, como os acusados costumam fazer quando são filmados diante de uma delegacia.

Quando a reportagem termina, estou dormente sobre o sofá, quase em estado de choque.

CAPÍTULO XIII

Subitamente recordo-me de que a camisa dele estava molhada aquela noite, quando me pendurou em seu ombro e me tirou do show, a lembrança despertando-me calafrios.

Terá Afonso matado aquele cara? Mas por que faria isso?

O repórter disse que eles foram vistos discutindo logo no início do show, foi quando Afonso desapareceu de onde estava, surgindo muito tempo depois, para me tirar de lá, quando sua camisa estava molhada.

Pode ser coincidência, mas pode não ser.

Com tristeza, chego à conclusão de que a possibilidade de Afonso ter cometido esse crime não pode ser descartada, pois, apesar da pessoa íntegra e moralmente correta que ele parece ser, ninguém em Quixadá o conhece realmente. A história que ele me contou sobre seu passado, sobre os acontecimentos que o levaram a vir morar aqui, sozinho, em um lugar tão distante da sua terra natal, pode ser falsa, talvez ele seja apenas um foragido da polícia.

Outro calafrio percorre minha espinha e já não sei mais o que pensar, minha mente turva, repleta de suposições tenebrosas.

Por mais que as evidências apontem para ele, em meu coração, sinto que Afonso seria incapaz de fazer isso. Mas meu coração me enganou quanto ao pai de Gabriel. Me fez acreditar que amava e era amada, sendo que tudo terminou em uma dura ameaça de morte por parte dele.

De repente, a porta da sala se abre e deixo escapar um grito de susto, para no instante seguinte, ver Tati entrando.

— Meu Deus! O que foi isso? — Ela indaga, observando-me com olhos arregalados. — Você tá ficando doida?

— Por que você tá em casa essa hora?

— Por que faltou lanche na escola e nos liberaram mais cedo. — Ela senta-se ao meu lado no sofá. — Sophia, você precisa me contar o que tá acontecendo, pra que eu possa te ajudar. Eu sou sua amiga, te conheço o suficiente pra saber que há algo errado.

Reflito por um instante e chego à conclusão de que preciso falar sobre tudo com ela, afinal, tenho sempre a impressão de que ela é mais esperta que eu, poderá me ajudar a solucionar esse caso. Sem mencionar que preciso dividir isso com alguém, ou vou acabar enlouquecendo de verdade. E não há ninguém próximo a mim como Tati.

Com detalhes, narro-lhe tudo o que está acontecendo, desde a chantagem feita por Guilherme, passando pela suspeita de que ele assassinou o garoto, até minha decisão de deixarmos Quixadá às escondidas.

Ela me ouve atentamente, seu queixo cada vez mais caído, seus olhos tão arregalados que estão quase virados nas órbitas.

— Como assim você acha que foi o Guilherme quem matou aquele verme?! É claro que foi

o professor! Nós conhecemos o Guilherme desde que viemos morar aqui, o cara é gente boa. Só te fez essa chantagem porque ta apaixonado por você e não encontrou outra maneira de te arrancar dessa vida. Pensa bem: ele quer um relacionamento sério com você, te quer como esposa! Só escolheu o meio errado de conseguir isso. — Tati fala depressa. — E quanto a esse outro? O que sabemos dele? É apenas um estranho que chegou aqui há poucos dias e só Deus sabe porque razão! Sophia, ninguém deixa de morar em São Paulo, mesmo que seja no interior, para morar no Ceará. Acorda mulher! Foi ele quem matou o cara!

— Mas por que razão? Ele não tinha motivos. Já Guilherme sim.

— Você disse que Guilherme se referiu ao amigo que contou a ele sobre você com o nome de Tiago e o que morreu se chama Andre. É simples: peça a ele pra te apresentar o Tiago e tire suas duvidas. — Ela faz uma pausa para puxar o ar. — O professor pode ter seus motivos. Talvez o tal do Andre foi tirar satisfações com ele por causa da surra que levou no dia que tentou te agarrar. Talvez saíram no tapa perto do açude e o outro o matou. O repórter disse que eles foram vistos discutindo durante o show, por que ele não te contou isso?

Analiso cada uma das suas palavras. Tati pode estar certa. Conhecemos Guilherme há anos, nunca se ouviu falar nada de errado sobre ele, pelo contrario, é querido por toda a população. Sua chantagem deve ter provido da sua falta de tato em conquistar uma mulher como se deve. Todavia, não consigo pensar em Afonso como um assassino.

— Você ta apaixonada por esse Afonso, por isso não enxerga a verdade. — Tati fala, como se fosse capaz de ler meus pensamentos. — Vem cá, vamos descobrir quem é esse professor de verdade.

Ela segura-me a mão, puxando-me para o quarto, Gabriel nos seguindo sorridente. Sentamo-nos lado a lado diante do computador e Tati o liga. Na barra de pesquisas do Google, digita o nome completo de Afonso, quando aparecem vários sites de notícias da cidade de Americana, em São Paulo, de onde Afonso veio. Tati clica sobre um deles e o que aparece no monitor, me deixa paralisada.

Trata-se da notícia sobre o assassinato de um frentista, morto com um tiro na cabeça, há sete meses, quando o único suspeito, o professor universitário, Afonso Lemes Almeida, marido da amante da vítima, foi liberado da acusação por falta de provas.

Há uma longa narrativa falando sobre o caso, sobre como Afonso encontrou a esposa nos braços do frentista, uma semana antes deste aparecer morto.

É claro que a policia logo o acusou, todavia ele não foi condenando por possuir um álibi convincente, sendo que até hoje o caso está sem solução.

Tati clica em outros sites de Americana, onde encontramos a mesma notícia. Em uma delas há as fotos de Afonso com a esposa, uma loira alta, deslumbrante.

Não há mais como ter dúvidas da culpa dele nesses dois assassinatos, pois se realmente fosse inocente, quando me contou sobre como descobriu a traição, teria me falado também que o cara foi morto. O fato de ter ocultado algo tão grave, denuncia sua culpa.

Caramba! Como pude me enganar tanto? Eu realmente tenho o dedo podre para homens.

— E aí, ainda te resta dúvida? O amante da mulher dele morreu da mesma forma que Andre, com um tiro na cabeça. — Tati fala, seu rosto ligeiramente assustado. — Se você não

tomar cuidado, pode ser a próxima.

Meu corpo estremece de puro pavor, ao constatar que ela pode estar certa.

Embora meu coração se recuse a aceitar, não há outra verdade: Afonso matou esses homens.

— E depois que eu fui embora do show, o Guilherme voltou pra perto de vocês? — Pergunto, me apegando ao ultimo fio de esperança de que ele seja o verdadeiro culpado.

— Ele e Ricardo voltaram com as bebidas. Depois ele saiu pra te procurar e não apareceu mais. Voltamos pra casa de taxi.

— Ta vendo? Ele pode ter matado o cara nesse tempo.

— Sophia, amiga, não se iluda mais. Está na cara que foi o professor.

Por mais que me doa, preciso admitir que ela está certa.

Todavia, mesmo que Guilherme seja inocente, me recuso a viver com ele por meio de uma chantagem, sem amor, sem a paixão que conheci tão recentemente nos braços do homem que pode ser um assassino.

Sei o quanto é difícil viver com alguém sem amor. Se ficar com um cliente por uma hora é uma verdadeira tortura, imagina a vida inteira.

Não vou entrar nessa canoa furada. Fugirei como tinha planejado.

— Mesmo que Guilherme seja inocente, não vou morar com ele. Prefiro fugir. Tati fita-me com tristeza nos seus grandes olhos castanhos.

— Eu sei que não vou conseguir te convencer do contrario, mas devo te dizer que ficar com ele seria a coisa certa a fazer, pois o verdadeiro amor vem com o tempo. Ele te ama de verdade, eu sei disso. Com o tempo você poderia passar a amá-lo também. Mas a vida é sua. Eu... eu... — A voz dela vacila. — Eu não vou poder ir com você, meu lugar é perto de Ricardo. Vou sentir muita falta de você e Gabriel.

Meu coração sangra, as lágrimas ameaçam aflorar dos meus olhos.

Tati é minha única amiga de verdade, a luz que ilumina meu caminho, a sensatez que não possuo, minha principal referencia de família. Sem ela, não sei o que será de mim. Mas a vida é assim, cheia de perdas.

— Eu entendo e embora fique muito triste vou respeitar sua decisão.

Quando a noite cai, Ricardo, que esteve de serviço hoje na delegacia, traz informações sobre o depoimento prestado por Afonso, que se declarou inocente do assassinato, embora tudo aponte para ele, que sequer tem um álibi.

Ele concorda com Tati de que Afonso é culpado, pois jamais antes houve um crime assim em Quixadá e como o professor é novo na cidade, é mais fácil acreditar que foi ele.

No instante em que Ricardo e Tati saem, a campainha toca e vou atender a porta para Guilherme, que parecia estar vigiando do lado de fora, esperando que eu estivesse sozinha com Gabriel para vir falar comigo.

Ele usa jeans, camiseta de malha verde e tênis. Tem os cabelos bem penteados e intensifica seu olhar sobre o meu.

— Entra. — Falo, desanimada.

Ele adentra a sala, acomodando-se no sofá onde Gabriel brinca, segurando-o em seus braços

e quase tenho um troço ao imaginar que meu filho pode estar nos braços de um assassino, pois na minha concepção, ele ainda é o principal suspeito.

— Me dá aqui ele. Ta na hora de dormir. — Falo, tirando-lhe o garoto apressadamente.

Levo meu filho em meus braços para seu quarto e Guilherme me segue sem ser convidado, como se fôssemos íntimos, como se tivesse liberdade dentro da minha casa, o que me deixa profundamente irritada.

— E então, o que você decidiu? — Ele pergunta, às minhas costas, tão perto que posso ouvir sua respiração.

Coloco Gabriel em seu berço, cubro-o com o lençol e começo a embalá-lo, antes de responder:

— O que posso fazer se você não me deu muita opção? Já me afastei de Afonso e não fui à boate hoje. Acho que sou toda sua.

Os lábios dele se abrem num largo sorriso, seus olhos esverdeados reluzindo satisfação.

— Você não vai se arrepender da sua decisão. Vou me esforçar as vinte e quatro horas do dia pra te fazer a mulher mais feliz do mundo, como você merece ser. Você vai ver como sua vida vai mudar pra melhor. Você não precisará mais sair com aqueles velhos babões, nem passar sono, nem se preocupar com contas ou despesas. Sua única função será cuidar do seu filho e tentar gostar de mim, como gosto de você.

Ouvindo-o falar assim, tenho a impressão de que suas intenções são as melhores do mundo, de que ele realmente gosta de mim e faz tudo para me ver bem, por outro lado, a voz da razão dentro de mim, me alerta de que uma pessoa capaz de me fazer a chantagem que ele fez, tem uma mente doentia.

Gabriel dorme rapidamente e dirijo-me para sala, Guilherme seguindo-me.

— Como vai ser isso? Vamos ser namorados como Tati e Ricardo?

— Não. Eu quero você como minha mulher. Amanhã mesmo me mudo pra cá.

— O quê?!

— Por que o espanto? Achou que ia te deixar solta por aí?

— Ah e pretende fazer de mim uma prisioneira?

— Claro que não. — Ele segura-me pelos ombros, fazendo-me sentar no sofá, sentando-se no outro estofado diante de mim, fitando-me com a mesma intensidade de quando chegou. — Entenda que não quero seu mal, pelo contrario, estou disposto a te fazer feliz. Um dia você vai olhar para trás e ver que a prostituição é o inferno comparada à vida que vou te dar. Você vai ser a mulher mais amada, respeitada e bem vista de Quixadá. Seu filho será respeitado na escola. — Ele faz uma pausa, umedecendo os lábios com a língua. — Se você não se sente preparada pra dormir comigo, eu vou entender e saber esperar. Não quero que faça isso contra a sua vontade, como fazia com os homens que te pagavam, mas apenas quando quiser de verdade. Espero quanto tempo for necessário. Posso dormir no quarto de Gabriel. Basta colocar o berço dele no seu quarto.

Ele não se parece com o mesmo louco que me chantageou esta manhã, pelo contrario, mostra-se o mais amável dos seres humanos, me deixando confusa, sem saber em qual dos dois

acreditar.

— Sobre o seu amigo que te falou que me viu na boate. O único cara daqui que me viu lá, está morto. Foi você que o matou? — Pergunto, sem desviar meus olhos dos seus.

Vejo o espanto, a confusão se estampando em seu olhar e fico quase certa da sua inocência.

— Mas é claro que não! Você ta doida?

— Você disse que deu um jeito de que ele não falasse sobre mim com mais ninguém. Esse é o único jeito que vejo.

Ele fica ainda mais espantado, como se não esperasse pela acusação.

— Isso porque você não tem amigos. O cara que me falou foi o Tiago. Ele é meu amigo e o convenci a ficar calado. Se você quiser te levo pra falar com ele e tirar suas duvidas. O Andre estudava junto comigo, mas pouco falava com ele. O cara era anti-social, não se misturava com ninguém.

— Então eu quero falar com esse Tiago. Só pra ter certeza.

Ele fita-me em silencio por longo um momento, seus olhos incrédulos, em seguida balança a cabeça negativamente e sorri, embora seus olhos não acompanhem o gesto.

— Eu não acredito que você pensou isso de mim. Cara! Eu moro na sua rua há dois anos, todo mundo aqui me conhece e sabe que não faço mal a ninguém. Como pode ter passado pela sua cabeça que matei aquele cara?

— Você não me parecia tão bonzinho, quanto diz ser, hoje de manhã quando me chantageou.

Ele percorre os dedos através dos seus cabelos curtos.

— Eu sei que exagerei. Mas foi a única forma que encontrei de te segurar em casa. Desde que você se mudou pra Quixadá eu te olho todos os dias, te desejo as vinte e quatro horas desse dia e você nunca olhou pra mim. Eu sei que não tenho chance com você se não for assim. Mas não será sempre dessa forma. Um dia você vai me desejar da forma que te desejo e seremos felizes. Eu te prometo.

Eu poderia me comover com suas palavras, se a expressão de louco, que vi em seu rosto hoje cedo, não estivesse vívida em minha mente.

— Quero falar com seu amigo Tiago. — Falo.

Ele abre a boca para falar, mas o toque da campainha interrompe-o.

Como não estou esperando ninguém fico surpresa e ao mesmo tempo apreensiva. Sentimentos que me abandonam, dando lugar à louca paixão que faz meu coração bater mais forte no peito, minha respiração ficar pesada, meu sangue correr mais quente nas veias, no instante em que abro a porta e vejo Afonso em pé diante de mim.

Fitamo-nos em silencio por um longo momento, uma violenta tempestade de sentimentos acontecendo no meu interior. Até que ele diz:

— Boa noite. Posso entrar? — Sua voz é calma, sua expressão tão triste que quero me atirar em seus braços e dar-lhe a certeza de que tudo ficará bem.

Não importa o que estão dizendo dele, não importa o que descobri essa tarde na internet, sei que ele não matou ninguém, meu coração me diz isso. Ao olhar para ele, vejo apenas um inocente.

Certamente ele tem algum inimigo que matou o amante da mulher dele para incriminá-lo. Só sinto que não foi ele. Não posso estar enganada.

— Não. Não pode. — Guilherme fala, rispidamente, colocando-se ao meu lado. — Ela está acompanhada.

Afonso desloca seu olhar do rosto dele para o meu, do meu para o dele, a decepção se estampando nas suas piscinas azuis.

— Acho que agora entendo o motivo da conversa que tivemos depois da aula. — Fala, consternado. — Não quero incomodar. Vim apenas trazer o celular que te prometi.

Ele estende-me a caixinha branca que trás em sua mão, Guilherme colocando-se na minha frente antes que eu a alcance.

— Ela não precisa de nada de você. Se quiser um celular, eu mesmo dou a ela. Agora some daqui!

— Se ela me disser que não quer, então eu levo de volta. — É a resposta de Afonso.

Aflita, pelo confronto entre ambos e ao mesmo tempo irritada pela intromissão de Guilherme, passo na frente dele e recebo o caixa da mão de Afonso.

— Obrigada. Foi gentileza da sua parte. — Falo.

— Eu te devia.

Sem mais, ele dá-nos as costas e afasta-se, um vazio estanho, uma dor dilacerante, invadindo-me a alma.

Afonso já está do outro lado da rua, próximo ao seu carro, quando, seguindo a um impulso incontrollável, atravesso minha varanda e a rua correndo, colocando-me diante dele, meu coração quase saindo pela boca.

— Eu acredito em você. Sei que você não matou aquele cara. — Falo, por ímpeto.

Afonso observa-me em silencio por instante, antes de me estreitar em seus braços, apertando-me contra seu corpo, afundando seu rosto nos meus cabelos.

— Obrigada por acreditar em mim. Você é a única, mas também é quem realmente me importa.

Ficamos abraçados por um longo momento, até que uma lufada de vento frio nos atinge e, como se fosse alertada para a realidade, me desvencilho do abraço.

— Quanto a Guilherme, eu... eu... — Não sei como continuar.

— Eu acho que entendo. Ele te ofereceu compromisso e eu não. Sorte a dele.

Passa pela minha cabeça falar a verdade, contar-lhe sobre a chantagem, mas isso seria pior, pois o levaria a confrontar perigosamente Guilherme. Deixe que pense o que está pensando, que acredite que o troquei por uma relação séria. É melhor assim.

— Espero que você seja feliz. — Ele entra em seu carro. — Até amanhã na aula.

— Até.

Ele dá a partida e segue pela rua pouco movimentada, enquanto o observo até que desapareça no horizonte, restando-me apenas o vazio da sua ausência.

De volta à minha sala, encontro um Guilherme puto da vida, encarando-me com dureza, de cima, como se tivesse alguma autoridade sobre mim.

— Espero que isso nunca se repita. — Ele diz, asperamente.

Sinceramente penso em mandá-lo ir pro inferno, mas não vou dar início a uma discussão que não me levará a nada. Ele que pense que tem algum domínio sobre mim, até que eu tenha tempo de me mandar daqui, desaparecer das suas vistas para sempre. Recomeçar minha vida como meu filho, bem longe dele e da sua chantagem.

— Você já jantou? — Pergunto, sem fazer questão de sorrir.

— Não.

— Vem. Vou preparar alguma coisa pra gente.

Quando ele volta a acreditar que o aceitei na minha vida, sua expressão suaviza, seus modos se tornam mais gentis, sua voz fica calma.

Queria ver a cara dele quando descobrir que parti, para nunca mais voltar.

CAPÍTULO XIV

Após o lanche rápido, durante o qual Guilherme insiste em dizer o quanto sou boa cozinheira, julgando apenas pelo macarrão com queijo que preparei para nós dois, esperamos a chegada de Tati e Ricardo, que mostram-se totalmente amáveis com ele, como se já fosse membro da família, saímos no seu Audi conversível rumo ao campus da UFC, a procura do seu suposto amigo Tiago, que segundo ele, está assistindo aula.

Me recordo de que Afonso está ministrando aula nesse horário e a perspectiva de vê-lo, sem poder tocá-lo, de que ele me veja com o energúmeno do Guilherme, pela segunda vez hoje, como se fôssemos um casal de verdade, causando-me uma dor desoladora.

Nos dirigimos para a lanchonete da instituição, localizada no mesmo pátio onde houve a festa que viemos juntos, as lembranças horríveis da noite voltando-me à mente. Sentamo-nos em uma das mesas ao ar livre, onde todos que passam por nós, sejam professores ou alunos, cumprimentam Guilherme com simpatia, deixando claro o quanto ele é querido, o que não consigo compreender. Tenho a impressão de que as pessoas amam aquilo que é socialmente aceitável, o que há por fora do ser humano, ignorando seu interior.

Tomamos refrigerante diet., ao som de Ana Carolina, que ecoa no volume baixo.

Quando a campainha toca, sinalizando o encerramento da aula, Guilherme dá um telefonema, pedindo ao seu amigo que nos encontre aqui e minutos depois, um rapaz de meia estatura, moreno claro, com o rosto coberto por espinhas e aparelhos nos dentes, parecendo mais um adolescente que um universitário, senta-se a nossa mesa, cumprimentando Guilherme, observando-me com timidez.

— Sophia, esse é Tiago. Está na minha turma e gosta de sair pra Fortaleza nos finais de semana. Foi ele quem me disse, quando nos viu juntos na noite do show, o que você fazia lá na capital.

Observo atentamente o rosto do jovem rapaz, esforço-me, mas não consigo recordar-me de tê-lo visto na boate. O que não é de estranhar, considerando que o lugar é meio tomado pela penumbra e fica lotado durante os finais de semana, é impossível ver todos que entram e saem de lá.

— Espero que você não diga a mais ninguém onde me viu, Tiago.

— Não vou fazer isso. Não sou mexeriqueiro. Só falei pro Guilherme porque ele é meu amigo e achei que devia saber com quem anda. Mas não tenho nada com sua vida. Não falaria mesmo que ele não tivesse me pedido.

— Está bem. — Falo, convencida de que o rapaz está sendo sincero.

É nesse instante que vejo Afonso. Alto, imponente, lindo! Destacando-se em meio à pequena multidão de estudantes e professores que se dirigem em direção à outra ala da instituição. Ele tem o rosto sério, muito compenetrado. Ainda não me viu e espero que não veja.

Todavia, parece sentir o peso do meu olhar e vira-se na minha direção, cravando seus olhos

em mim, detendo-se no seu trajeto, meu coração disparando no peito, o sangue correndo mais quente em minhas veias.

Posso ver o misto de tristeza e desapontamento na sua expressão enquanto me encara, por um breve momento, deslocando seu olhar para os dois rapazes na mesma mesa, antes de desviar o olhar e retomar seu destino.

Concentrado na conversa com seu amigo, sobre a aula que perdeu hoje, Guilherme não o vê. Quando o outro deixa a mesa, despedindo-se com educação, pergunta.

— E então? Ainda acha que matei o Andre? — Ele pergunta, erguendo uma sobrancelha.

— É. Pode não ter sido você.

— Claro que não. A cidade inteira está falando que foi seu querido professor.

— Ele não teria motivo para fazer isso.

— Pode ter e você não sabe. Alias você não sabe nada sobre ele. O cara chegou à cidade não tem nem quinze dias. Pode ser um psicopata foragido.

Ele pensa como Tati e como, certamente, todos na cidade estão pensando. É a velha opinião do senso comum.

— Não quero falar sobre ele. Me leva pra casa. Quero dormir.

— Ta cedo ainda. Quero te mostrar uma coisa.

— O que? — Estou curiosa.

Ele paga a conta da lanchonete, para em seguida segurar-me a mão, conduzindo-nos para o segundo bloco da instituição, o mesmo onde Andre tentou me violentar, de onde Afonso saía há pouco. Adentramos os corredores desertos e silenciosos, as lembranças de um dos piores momentos da minha vida voltando-me nítidas, me fazendo estremecer.

Hoje o lugar já não está tão assustador, pois de vez em quando pessoas passam por nós, nos cumprimentando com cordialidade, provavelmente funcionários do lugar.

Alguns metros de corredores adentro, ele destranca uma das muitas porta e entramos na sala pequena, abafada, com forro de gesso, mobiliada com uma escrivaninha, computador, armários de aço e vários pôsteres de Paulo Freire pendurados na parede.

— Que lugar é esse? — Quero saber.

— É a minha sala. — Ele responde com orgulho. — Fui eleito presidente do grêmio estudantil essa semana.

— Legal. Parabéns. — Acho que era isso que ele esperava ouvir.

— Eu sei que pra você significa pouco. Mas é uma grande conquista para alguém como eu. Poxa, ele quase me comoveu.

— Alguém como você, como?

— Eu vim do sertão com uma mão na frente e outra atrás, Sophia. Não tinha nada, não conhecia ninguém. Agora tenho meu negócio, em breve estarei formado em Ciência da Computação e sou uma pessoa respeitada pela sociedade. Futuramente, posso me tornar prefeito de Quixadá. — Ele aproxima-se de mim, enquanto recuo alguns passos. — E você será a mais linda primeira dama do Ceará.

Ele chega mais perto e minhas costas encontram a parede, me impedindo de recuar mais.

— Nunca passou pela sua cabeça que meu passado pode destruir seu sonho de ter uma

carreira política? — Pergunto.

— Não importa. Eu abriria mão dos meus sonhos por você. — Sua voz é rouca, sussurrada, seu olhar queimando sobre o meu.

Percebo, através do seu olhar, a intensidade com que ele me quer e nada sinto que não repulsa. Talvez fosse diferente se ele não tivesse cometido a baixaria de me chantagear. Sua atitude o fez perder qualquer chance que poderia ter de me conquistar realmente. Não entendo como ele pode não perceber isso.

— Me leva pra casa. Agora!

A decepção se expressa nos seus olhos verdes. Talvez ele tenha acreditado que me impressionaria com sua sala exclusiva e seus planos brilhantes para o futuro. Grande engano!

— Tudo bem. Vamos nessa.

Passa das dez horas da noite quando ele me deixa diante de casa, sem que eu o convide para entrar.

Seguindo suas exigências, ficamos combinados que ele se mudará para minha residência amanhã à tarde, depois da aula, quando, se tudo der certo, estarei com o dinheiro que preciso para desaparecer de Quixadá no instante em que ele se distrair.

Ainda não sei para onde vou, sei apenas que em qualquer lugar posso começar do zero, como comecei aqui, desta vez, sem me envolver com homem algum que não seja por dinheiro, pois essa é a razão dos meus problemas.

Na minha nova vida, sentirei falta apenas de Tati e de Afonso.

Durmo pouco durante a noite e levanto cedo na manhã seguinte. Embora meus encontros em fortaleza estejam marcados para as oito, nove e dez horas. Estou de plano a comparecer ao de oito e de dez, afinal um homem não se contentará em ficar menos que duas horas comigo em troca da grande quantia em dinheiro que me dará.

Então, antes que Tati e Gabriel acordem, visto-me com jeans e camiseta, como se fosse à faculdade, levando um traje mais sensual e maquiagem na minha mochila e parto para fortaleza na minha moto, em alta velocidade, o percurso tão familiar que o faço mecanicamente, sem prestar muita atenção na paisagem árida à minha volta ou no asfalto que se estende diante de mim.

Chego ao local combinado, um pequeno restaurante no subúrbio da cidade, onde há alguns motéis por perto, as quinze para as oito, aproveitando os quinze minutos restantes para trocar as roupas casuais por um vestido de malha preto, curto e coladinho e me maquiar no banheiro do modesto estabelecimento.

Sento-me a uma mesa, sob o olhar malicioso dos poucos homens presentes, a maioria homens casados acompanhados de suas amantes, já que esse é um ponto de encontro estratégico para quem pretende ir a um motel discretamente.

Peço uma água mineral e logo vejo Raimundo entrar, usando camisa social branca e calça caqui.

Ele é empresário do ramo dos transportes, tem cerca de quarenta e cinco anos de idade, um físico nada conservado, com uma barriga ridícula estufada, é calvo, porém simpático, gentil e, principalmente, rico.

— Bom dia, minha querida. — Ele fala ao aproximar-se, beijando minha mão, para em seguida varrer meu corpo com seus olhos cobiçosos. — Você está linda como sempre.

“Pára de blá blá blá e vamos ao que interessa”.

— Você também está ótimo. — Minto, forçando um sorriso.

Volto a me sentar, ansiosa por estar com seu dinheiro em minhas mãos.

Ele senta-se do outro lado da mesa.

Conversamos um pouco sobre bobagens sem importância alguma, pelo menos para mim, até que ele pergunta:

— Então, pra que precisa de tanto dinheiro, andou arranjando problemas? — Fico impressionada com o quanto ele consegue parecer gentil mesmo quando me acusa.

— Sim. Dos piores. Me envolvi com dois homens ao mesmo tempo e um deles pode ser um assassino. Não faço idéia de qual dos dois. — A vantagem de se conversar com um quase estranho, é que pode-se falar abertamente, com a certeza de que não será julgada por isso.

— Nossa! Que situação. O que você pretende fazer agora?

— Vou embora. Ainda não sei pra onde. Mas vou recomeçar minha vida. Há boates e faculdades em todos os lugares. Posso começar do zero.

— Ah, mas eu não acredito que vou ficar sem você.

Porra! Ferrou! Eu não devia ter falado que partirei, isso pode impedi-lo de me dar o dinheiro. Aff! Sou mesmo uma anta!

— Mas é claro que não vai. Não estarei muito longe daqui. Basta você me chamar e eu virei correndo.

Ele sorri satisfeito, tranquilizando-me.

Sua mão, repugnantemente macia, cobre a minha, seu olhar fixa-se no meu.

— Trouxe todo o dinheiro que você pediu. Mas não posso te entregar aqui, num lugar tão cheio. O que acha de irmos pra um lugar mais íntimo?

Não me surpreendo com sua proposta, pois já esperava por ela.

— Tem vários hotéis aqui perto. Vamos escolher um.

O sorriso dele se amplia, para logo se desfazer, ao passo em que meus olhos se arregalam de pânico, quando vejo Guilherme surgindo dos fundos do restaurante, aproximando-se de nós com o semblante contraído, uma fúria bestial refletida nos olhos esverdeados.

— Quer dizer que você pretendia fugir de mim?! — Ele grita, atraindo a atenção das poucas pessoas presentes.

Levanto-me, fitando-o desafiadoramente.

— Pretendo! Você pensa que pode me obrigar a viver com você contra a minha vontade?!

— Você não vale nada mesmo! Prefere foder com um monte de velho, como esse aí, todas as noites, que ser uma mulher direita, que pertencer a um homem apenas.

— Você está muito alterado, meu rapaz. Não... — Raimundo tenta interferir, mas Guilherme o interrompe, abruptamente:

— Não se mete, cara! Ou vou partir sua cabeça em duas partes!

— Eu escolho ser livre! Não importa de que forma. — Retruco.

— Isso não é ser livre é ser sem vergonha! Uma vadia! É isso que você quer?!

— Quero! E você não tem nada com isso. Melhor ser vadia que viver com um chantagista barato como você.

— Cala essa boca! — Tenho a impressão de que ele vai me bater a qualquer momento, tamanho é o ódio refletido em seu olhar. — Você vai voltar pra casa comigo, agora!

Ele segura-me pelo braço, bruscamente, tentando puxar-me na direção da saída, sem que meus esforços para me libertar consigam detê-lo.

Alguns fregueses do restaurante, que até então observavam a cena em silêncio, unem-se e partem em minha defesa, imobilizando Guilherme, forçando-o a libertar meu braço, quando aproveito para escapar.

Sem olhar para trás, deixo o estabelecimento correndo. Do lado de fora, monto minha moto e parto de volta para Quixadá, aflita, sobressaltada, a adrenalina correndo solta em minhas veias, a estrada de asfalto se tornando apenas uma mancha azul em movimento diante de mim, por causa da alta velocidade.

Como Guilherme me encontrou aqui? Terá desconfiado do meu plano e me seguido? Ou Tati contou tudo a ele?

Prefiro acreditar na primeira hipótese.

Ele é mais sagaz do que parece. Provavelmente se escondeu nos fundos do restaurante, de onde podia me ouvir, enquanto eu trocava de roupas no banheiro. Mas isso não tem mais a menor importância, preciso pensar no que acontecerá posteriormente.

Agora que descobriu meu plano, não sei o que esperar dele, se vai me dedurar para toda a cidade, ou se ainda está disposto a ficar comigo em troca do seu silêncio. Ambas as possibilidades me são abomináveis.

Putá merda! O que vou fazer agora? Não consegui pegar o dinheiro e não terei outra chance de fazê-lo. Meus planos de fugir e reconstruir minha vida acabam de ir por água abaixo. E, mais que nunca, meu destino está nas mãos de Guilherme.

Tati está certa quando diz que a vida que ele quer me dar é a melhor, é a coisa certa a fazer, o caminho certo a seguir, mas eu não conseguiria viver como uma prisioneira, sob os domínios de um homem por quem não sinto nada, subjugada. Isso iria contra a minha natureza. Sem falar que ele se julgará meu dono e de Gabriel, podendo chegar a interferir na educação do meu filho e, como para a maioria das pessoas educação é sinônimo de castigos físicos, ele certamente tentará bater no meu pequenino, quando então eu correrei um sério risco de me tornar uma assassina.

Putá que pariu! Se algum dia eu conseguir me livrar dele, nunca mais me envolvo com um homem, que não profissionalmente.

Chego em casa de cabeça quente. Deixo a moto de qualquer jeito na varanda e adentro a sala, caminhando de um lado para o outro do cômodo, tentando colocar os pensamentos em ordem, Tati interrompendo sua faxina para me observar.

— O que aconteceu, Sophia? Você está me deixando nervosa.

— O cretino do Guilherme me flagrou com o cliente que ia me dar o dinheiro para fugir. — Coloco-me diante dela, fitando-a diretamente nos olhos, antes de perguntar: — Você contou a ele que eu ia à Fortaleza hoje?

Lentamente, a magoa surge em seus olhos castanhos.

— Claro que não. Como pode pensar isso de mim?

Observo sua reação e tenho certeza de que não foi ela. Na verdade já tinha essa certeza antes, queria apenas confirmar.

— Desculpa, Tati. Não to conseguindo pensar direito agora. Não sei o que vai acontecer, o que Guilherme vai fazer comigo.

— Se acalma. O cara é gente boa. Não vai te fazer mal algum, isso eu posso te garantir. Se te seguiu hoje foi por ciúmes.

— Não! Foi por não confiar em mim.

Ela meneia a cabeça negativamente, reprovando minha opinião.

É perda de tempo falar com Tati sobre Guilherme, pois ela sempre o defenderá.

Agitada, deixo-me cair no sofá ao lado de Gabriel, que pula em meu colo eufórico. No instante seguinte, ouço os pneus de um carro cantando sobre o calçamento da rua e não tenho dúvidas de que é Guilherme.

— Cacete! Tira meu filho daqui Tati. — Falo, estendendo-lhe o garoto, meu sangue agitado nas veias, meu coração disparado por causa da adrenalina.

Tati segura Gabriel, mas não deixa a sala.

— Vou ficar aqui. Não por temer que ele te faça algo. Só pra te provar depois que ele não é como você pensa.

Num rompante, a porta se abre e ele entra, a fúria estampada em seus olhos de louco, sua face contorcida, suada. Aproxima-se de mim, com passos pesados, ignorando a presença de Tati e com um rosnado, esbraveja:

— O que você pensa que estava fazendo?! Pensa que pode fugir de mim?!

— Penso e vou! Na primeira oportunidade caio fora! Não vou viver com um chantagista barato como você!

— Eu sei que você quer ser uma vadia! Prefere se vender pra qualquer um, correndo o risco de contrair uma doença sem cura, que ser uma mulher direita. Mas não vou deixar que jogue sua vida fora dessa maneira. — Ele grita, abruptamente.

— Tati, tira meu filho daqui.

— Pega leve Guilherme. — Tati o alerta, todavia, permanece onde está.

Ignorando-a, Guilherme aproxima-se mais de mim, intensificando seu olhar furioso sobre o meu.

— Ou você sai dessa vida e se torna minha mulher, ou vou agora mesmo ao jornal da cidade, pedir pra que meu amigo Juarez faça um artigo sobre a prostituição, sendo você o foco principal do assunto.

Meu estomago revira, minha mente fica nublada ao imaginá-lo cumprindo tal ameaça, as conseqüências que isso traria à minha vida.

— Você finge que se importa comigo, com o fato de eu estar nessa vida, mas não acredito! Está apenas usando desse artifício pra me prender a você, seu hipócrita!

— Você é quem sabe, Sophia. Se não me considera bom o suficiente pra você, fique com

sua vida e com a certeza de que amanhã toda a cidade saberá dela.

Ele faz menção de sair. Sem tempo para pensar em uma solução melhor, sigo um impulso e me coloco em seu caminho, detendo-o antes de alcançar a porta.

— Espera. Não faz isso. Pensa no meu filho.

Ele lança um olhar rápido na direção de Gabriel, que brinca tranqüilo no colo de Tati.

— Isso é pro bem dele também. Ou você acha que o juizado de menores te deixará ficar com ele depois de saber o que você faz?

Tenho a impressão de que estou caindo em um abismo sem fundo. Não vejo outra saída que não ceder à sua maldita chantagem.

— Se você faz tanta questão disso, pode vir morar aqui em casa. Eu não vou mais tentar fugir. Pode confiar em mim.

Caramba! Como isso é humilhante. Como Tati pode considerar uma pessoa como ele gente boa, ou mesmo normal?

— Vou te dar uma ultima chance, Sophia. Se você sair da linha, mesmo que seja um pequeno deslize, eu não pensarei duas vezes antes de mostrar a todos quem você realmente é.

— Ta bom, não vou sair da linha.

“Vai acreditando, seu otário, doente mental. Na primeira chance, me mando com meu filho e deixo que Tati lamba suas feridas, já que te admira tanto!”

— Não se esqueça: ultima chance. — Ele mantém seus olhos cravados em meu rosto por um breve momento de silencio, antes de continuar. — Agora que estamos acertados, vou buscar minhas coisas. — Vira-se para Tati e, com tom de voz totalmente diferente, mais calmo, completa: — Tati, você poderia me fazer a gentileza de levar as coisas de Gabriel para o quarto de Sophia?

Tati desvia seu olhar para mim, em busca de uma aprovação, como se não passasse pela sua cabeça que quem manda aqui agora é ele, afinal pagará todas as contas, inclusive o salário dela.

— Pode ir Tati. — Falo.

Sem mais palavras, Guilherme deixa a casa.

CAPÍTULO XV

Nunca tinha me sentido tão só, desde os dias em que morei na rua, como nesta tarde.

Guilherme muda-se para minha casa, sem que eu consiga pensar em uma forma de impedi-lo. Invade minha privacidade, tira minha liberdade, incomoda-me com sua desprezível presença, sem que eu possa fazer nada a respeito.

Tati se mostra tão empolgada com a chegada dele, que faltou aula para ajudar a instalá-lo no quarto que era de Gabriel. Ela tenta me convencer de que tudo o que está acontecendo é para o meu bem, de que Guilherme está me resgatando de uma vida que eu não mereço, quando na verdade tenho a sensação de que há uma guerra entre mim e ele e nessa guerra, ela está do lado dele, o que me faz sentir traída, como se estivesse perdendo a amiga.

Como ela pode fazer isso comigo? Como pode me trair dessa maneira? Nunca vou entender.

Após o almoço, os deixo organizando as coisas dele no outro aposento e me tranco no meu quarto com meu pequenino, mas não consigo adormecer, minha mente fervilhando com os pensamentos.

Não consigo afastar a hipótese de que posso estar recebendo um assassino na minha casa, sob o mesmo teto que meu filho.

A conversa que tive com Tiago não me convenceu de que ele é inocente. Na minha opinião, alguém capaz de fazer uma chantagem tão vil, é também capaz de matar. Infelizmente, não posso apontá-lo como suspeito à polícia, sem revelar o que eu fazia em Fortaleza. Vou esperar que o caso seja solucionado de outra forma.

Estou deitada em minha cama, perdida em meus pensamentos, quando ouço o toque de um celular que não reconheço.

Demoro alguns minutos para localizar o moderno aparelho na gaveta do criado mudo, recordando-me, só então, de que Afonso o trouxe para substituir aquele que foi destruído quando ele me tirou do show de Paula Fernandes.

Todavia, não me recordo de ter dado a número a alguém. Sequer eu mesma sei o número desse aparelho. O que comprova que só pode ser uma ligação de Afonso.

Meu coração dá um salto com a constatação.

— Alô. — Atendo, demonstrando uma calma inexistente.

Há um longo momento em que ouço apenas o som de uma respiração do outro lado da linha, até que a voz máscula me alcança.

— *Olá Sophia. Sou eu, Afonso.*

Minha nossa! Como é bom ouvir a voz dele! Nunca imaginei que sentiria tanta falta de algo, com o que tão pouco convivi, como senti falta de ouvir essa voz.

— Como você está? — Indago, minha voz ligeiramente trêmula.

— *Levando. E você?*

— Levando também.

— *Senti sua falta hoje na aula.*

— Precisei faltar. Mas amanhã estarei lá.

— *E o namorado?*

— Está morando aqui em casa.

Segue-se outro momento de silencio. Quando começo a cogitar que ele desligou, ouço-o novamente.

— *Você o ama?*

— Não.

— *Então essa união repentina, foi apenas mais um negócio?*

— Sim. Todo mundo, inclusive você, vivia me julgando por causa do meu trabalho.

Então decidi parar.

— *Acho que você fez a coisa certa.*

— Todos acham. — *“Menos eu.”*

— *Eu só liguei pra ouvir sua voz.* — Ele faz outro momento de silencio. — *Até amanhã na aula.*

— Até.

Ele desliga.

Fecho os olhos. Visualizo, mentalmente, sua boquinha linda, carnuda, bicudinha. Imagino-a sobre a minha, beijando-me da forma que apenas ele sabe fazer, roubando-me o fôlego, depois passeando sobre meu corpo, obstruindo-me a sanidade.

Os pensamentos despertam o desejo lascivo dentro de mim. Sinto como se estivesse em chamas, quando, de repente, o telefone toca novamente e meu coração dispara no peito.

— Alo.

— *Foda-se tudo. Eu não liguei apenas pra ouvir sua voz. Isso é pouco. Quero te ver. Deixa esse cara prá lá e vem se encontrar comigo.*

Meu coração acelera ainda mais, o sangue fluindo mais quente em minhas veias, sua proposta me deixando loucamente excitada.

Como eu queria aceitá-la! Correr para seus braços e entregar-me à paixão visceral que queima-me por dentro. Mas não posso, pois Guilherme não me daria uma terceira chance e se me flagrou em Fortaleza, imagina em Quixadá.

— Não posso. — Murmuro.

— *Por que não? Você disse que não ama Guilherme.*

Porra! O que dizer agora? Não posso contar sobre a maldita chantagem, sem que haja o risco de ele tentar confrontar Guilherme.

— Quero ser uma mulher direita. — Minto. — Não é assim que deve ser? Ele demora para responder.

— *É sim, você está certa. Desculpe pelo que eu disse.* — Ele desliga sem que eu tenha a chance de desculpá-lo.

Minha satisfação é colossal quando deixo o quarto, com Gabriel nos braços, e descubro que o cangaceiro do Guilherme foi cuidar da sua padaria, deixando-me em paz na minha casa.

Preparo um lanche para mim e meu pequenino e sento-me na sala, em frente à televisão, mantendo-me indiferente à presença de Tati, que está no outro sofá, tentando puxar assunto,

sem que eu lhe dê minha atenção.

Se ela quer conversar, que vá atrás do seu querido Guilherme.

No final da tarde, meu desprezível companheiro, aparece para fazer uma refeição, tomar banho e se arrumar para ir à faculdade. Inacreditavelmente, tenta estabelecer um dialogo comigo, como se nos déssemos bem ou mesmo fossemos um casal de verdade. Ignoro-o também, respondendo apenas o básico e indo para outro cômodo da casa, sempre que ele fala comigo.

Quer conversar? Fale com Tati!

À noite Ricardo vem apanhá-la para irem ao cinema, quando não consigo me conter e o indago sobre o caso do assassinato. Segundo ele, a policia continua investigando, solicitaram inclusive a colaboração de peritos de Fortaleza e, por falta de outras evidencias, até o momento, Afonso continua sendo o único suspeito.

Guilherme chega da faculdade antes de Tati e Ricardo. Tenta criar um clima romântico entre nós, por estar sozinho comigo, mas destruo seus planos ao me trancar em meu quarto com Gabriel, onde permaneço até a chegada de um novo dia.

Finalmente é manhã, vou deixar meu cativado por algumas horas e de quebra rever o homem que não deixa meus pensamentos nem quando estou dormindo.

Após o demorado banho frio, visto um jeans colado, a camiseta do uniforme da faculdade, seco os cabelos, deixando-os soltos ao longo das costas, faço uma maquiagem discreta, porém sensual, despeço-me de Gabriel, que ainda dorme, com um beijo na bochecha e deixo o quarto, animada pela expectativa de sair.

Contudo, meu desapontamento é total quando me deparo com o cangaceiro em pé diante da porta, obstruindo-me a saída, com as chaves do seu carro nas mãos.

Que eu saiba, a essa hora ele deveria estar na padaria vendendo seus pães.

— Bom dia. — Ele diz, fitando-me com uma expressão neutra. — Você está linda.

— Não preciso do seu cinismo logo de manhã. Com licença. Preciso ir à faculdade.

— Vamos. Eu te levo.

— Não precisa. Estou acostumada a ir na minha moto.

— Não estou contestando o fato de você andar por aí de moto, apesar de não ser um meio de transporte muito seguro. Quero apenas me certificar de que você estará mesmo na faculdade.

A raiva pipoca em minhas veias.

— Mas o que é isso? Uma prisão? Por acaso seu próximo passo, será colocar alguém no meu encalço pra me vigiar as vinte e quatro horas do dia?

Ele ergue uma sobrancelha maliciosa.

— Não coloque idéias na minha cabeça.

— Você seria mesmo capaz disso, seu doente mental?!

A fúria bestial se estampa em seus olhos claros.

— Cuidado como fala comigo Sophia. Eu posso me cansar de ser mal tratado por você. Sua ameaça desperta-me um calafrio na espinha.

— Já que não tenho opção, vamos indo. Estou em cima da hora. — Concordo, desviando

sua atenção do assunto anterior.

Ele se coloca diante de mim, fitando-me de perto, de cima, ameaçadoramente.

— Eu conheço todo mundo naquela faculdade. Se eu souber que você pelo menos olhou praquele maldito professor, fora da sala de aula, eu não respondo por mim.

Então essa é a vida que ele quer me oferecer: uma constante consecução de ameaças. Ele espera realmente que alguém consiga viver assim?

Guilherme me deixa diante do campus universitário às sete e trinta em ponto. Ao entrar na sala de aula e ver o rosto de Afonso, tão lindo, tão querido, minhas pernas ficam moles, meu coração batendo depressa, como se tentasse saltar do meu peito.

Ele cessa sua fala para fitar-me nos olhos, a paixão refletida em suas duas piscinas azuis.

Nessa breve troca de olhares, está a certeza de que ele significa mais para mim do que eu supunha. Não foi apenas sexo o que aconteceu entre nós. Foi muito mais. E está evidente, na sua forma de me encarar, que o quão também fui importante para ele. Pena que não tivemos a oportunidade de viver esse sentimento tão novo e desconhecido.

Esforçando-me para controlar minhas emoções, me dirijo para o fundo da sala, sentando-me perto de Rita e Solange, que me recebem preocupadas com minha falta de ontem, embora depois do comportamento de Tati, eu já não esteja certa da veracidade da amizade de alguém.

Não ouço uma palavra do que Afonso diz durante a aula, minha atenção totalmente concentrada no seu corpo lindo sob a calça e a camisa social pretas; em cada um dos seus movimentos elegantes e sutis; na sua face perfeita; na sua boca carnuda, bicudinha, deliciosa. Ah que boca! Aquela boca! É uma verdadeira fonte de prazer. Eu daria um rim pela oportunidade de senti-la mais uma vez.

Quando a campainha toca, anunciando o intervalo, despertando-me dos meus pensamentos, percebendo o quanto minha calcinha está molhada.

Putá merda! O que esse homem faz comigo? Minha vida seria bem mais fácil se eu ficasse excitada assim por Guilherme.

— Sophia, preciso falar com você. Encontre-me na minha sala. — A voz de Afonso soa grave, máscula, autoritária, todos os demais alunos olhando-me, alguns com compaixão, outros com deboche, acreditando que serei vítima de uma bronca.

Lembro-me das ameaças do cangaceiro e abro a boca para falar:

— Não poss...

— Agora! — Ele me interrompe, firme e seco, deixando a sala em seguida.

— Não liga não amiga. Esse tirano não vai ficar aqui muito tempo. Logo a polícia provará que ele é um assassino e você estará livre dele. — Rita fala, com compaixão.

— Não deixe que ele te pise. Se for grosso demais, dê queixa na diretoria. — Solange completa. — Isso que ele está fazendo com você, já é perseguição.

— Obrigada, meninas. — Falo, sorrindo sem graça.

Acompanho-as até o refeitório, deixando-as para me dirigir ao setor administrativo, onde ficam as salas dos professores, os corredores mais movimentados e iluminados que os da UFC.

Vejo o nome de Afonso em uma das muitas portas, certifico-me de que ninguém está me observando e dou uma leve batida, entrando em seguida.

A sala é ampla, decorada com uma mesa em mogno creme, um armário de aço novo, repleto de livros, escrivaninha com computador e o ar condicionado.

Afonso se encontra sentado atrás da mesa, observando-me com uma expressão indecifrável.

— Caraca! To impressionada. A sala de vocês é bem mais confortável que as dos profissionais da UFC.

— E como você sabe? Já conheceu muitas salas por lá? — Seu tom é maldoso, insinuativo.

— Só a de Guilherme.

— Por que você nunca me falou que pretendia ir morar com esse cara?

— Foi decisão de ultima hora.

Ele encara-me em silencio por um longo momento, a desconfiança se estampando em seu olhar.

— Tenho a impressão de que você não está me contando tudo.

— Impressão sua. — Minto.

— Em todo caso, não foi pra falar sobre ele que te chamei aqui.

— E foi pra falar sobre o quê?

— Sente-se. — Ele gesticula para a cadeira diante de si, mas me recuso a chegar tão perto dele, pois sei como meu corpo reagiria à sua proximidade.

— Estou bem aqui. — Respondo, encolhendo-me mais contra a parede, o mais longe possível dele.

— É sobre a acusação que estão me fazendo. Quero que você saiba que não matei aquele garoto.

Vejo a sinceridade nas suas piscinas azuis. Embora mal o conheça, não acredito que foi ele, como todos acreditam. Minha intuição aponta para sua inocência.

— Não acho que foi você. Só não entendi porque você estava discutindo com ele durante o show.

— Ele estava te observando há horas durante aquele show. No instante em que você saiu sozinha de onde estava, ele foi atrás de você. Eu sabia que ele tentaria terminar o que começou naquela noite na UFC e o segui, detendo-o antes que ele te alcançasse. Avisei que se ele tentasse alguma coisa eu chamaria a policia, mas ele estava bêbado e fez um escândalo. Inclusive derramou cerveja na minha camisa.

Isso explica porque a camisa dele estava molhada quando me pendurou em seu ombro aquela noite e porque tinha desaparecido quando voltei com Tati. Mas ainda não explica o assassinato do amante da sua ex mulher e porque ele me escondeu isso.

— E quanto ao assassinato do amante da sua ex mulher? Por que você não me contou isso? Vejo o espanto em seu olhar.

— Como você soube disso?

— Pela internet.

— Estava me investigando?

— Mais ou menos. Não mude de assunto. Quem matou aquele cara e por que você me escondeu isso?

— Eu não sei quem o matou. Ninguém sabe. O caso está até hoje sem solução. Não te

contei porque tive receio de que você desconfiasse de mim, como todo mundo desconfia. Mas te garanto uma coisa: eu nunca matei ninguém.

Meu coração me diz que ele está falando a verdade.

— Eu não ia desconfiar de você se tivesse me falado.

— Até as pessoas que me conhecem há anos desconfiaram.

— Eu acredito na sua inocência.

— Você é a única. Em Americana quase fui apedrejado pela população e aqui está quase acontecendo o mesmo por causa do assassinato daquele garoto. As pessoas já estão me olhando torto, me julgando por algo que eu não fiz.

— Quem você acha que pode tê-lo matado?

— Quem mais sabia que ele tentou te violentar?

Um frio atravessa meu estomago.

— Ninguém.

Afonso estuda meu rosto com atenção, tentando decifrar minha expressão. Letamente, levanta-se e se aproxima, meu corpo reagindo violentamente a ele, meu sangue correndo mais quente nas veias, cada uma das minhas células implorando por um contato seu.

São sensações tão intensas, que me impedem de pensar claramente.

Ele se coloca diante de mim, tão perto que posso sentir o cheiro gostoso da sua loção pós barba, o calor do seu corpo atingindo-me como uma corrente de eletricidade que me percorre de cima a baixo.

— O que você está me escondendo, Sophia? — Ele indaga, sem desviar seus olhos dos meus.

Do que ele está falando? Sobre o que estávamos conversando mesmo?

Já não consigo me recordar, aquela boca linda, tão perto, obstruindo-me a memória.

Tento responder sua pergunta, mas a voz não sai. Em vez disso, umedeço meus lábios com a língua, instintivamente, meus olhos fixos na sua boca irresistível, como se eu estivesse sob uma espécie de hipnose.

CAPÍTULO XVI

Ao observar meu gesto, Afonso aproxima-se mais, e me agarra pela cintura, agilmente, colando seu corpo sólido no meu, cobrindo minha boca com a sua, num beijo que me deixa quase sem fôlego.

Engolfada pelo turbilhão de sensações lascivas que apenas ele consegue me despertar, enlaço meus braços em torno do seu pescoço, afundando meus dedos nos seus cabelos curtos, na altura da sua nuca, puxando-o mais para mim, sequiosa por sua boca deliciosa, que cobicei durante toda a manhã. Chupo seus lábio inferior, depois o superior, para em seguida sugar sua língua com volúpia, o tesão crescendo dentro de mim, como se todo o meu corpo estivesse em chamas.

É incrível a intensidade com que o quero, a forma como meu corpo clama pelo seu, descontroladamente.

Afonso esfrega sua ereção no meu ventre, me deixando tão doida que um gemido abafado escapa-me dos lábios.

Sem afastar seu corpo do contato com o meu, ele ergue-me do chão, girando-me no ar, sentando-me sobre sua mesa, abrindo minhas pernas com os joelho para aconchegar seus quadris entre elas, seu membro duro pressionando minha boceta, por sob o tecido das roupas.

— Se você quiser que eu pare, diga agora, porque logo será tarde demais. — Ele sussurra de encontro aos meus lábios, sua voz rouca, entrecortada pela respiração pesada.

— Não quero que pare. — Murmuro, plantando beijos no seu pescoço deliciosamente cheiroso.

— Pensei que quisesse ser uma mulher direita, fiel ao seu companheiro.

— Aí está uma coisa que nunca serei: uma mulher direita.

Ele sorri, lindamente, seus olhos refletindo satisfação.

— Ainda temos uns quinze minutos de intervalo. — Fala.

— Então acho melhor nos apressarmos.

Sem hesitar, ele volta a beijar-me nos lábios, inserindo sua língua atrevida na minha boca, enquanto enfia suas duas mãos sob minha camiseta, em busca dos meus peitos, desprovidos de sutiã, massageando meus mamilos, me fazendo delirar de desejo.

Com mãos urgentes, puxo a barrada sua camisa de dentro da calça, acariciando, com a ponta dos dedos, seu peito rochoso, me deliciando com seus músculos bem definidos, para em seguida abrir o zíper da sua calça, tirando o pau grande, grosso, duro, lambuzado, de dentro da cueca, apertando-o entre meus dedos, a lasciva crua crescendo dentro de mim.

Queria colocá-lo na boca, me lambuzar com o liquido que expele, mas não há tempo, prefiro tê-lo na minha vagina nesses poucos minutos que nos restam.

Com agilidade, Afonso abre o zíper do meu jeans, colocando-me em pé para tirá-lo pelos meus pés, junto com a calcinha. Observa minha boceta de perto, sua boca entreabrindo, seus

olhos cintilando luxúria e volta a sentar-me na mesa, abrindo-me as pernas, voltando a se colocar entre elas. Segura seu pau pelo meio e o esfrega na entrada empapada da minha vagina, levando-o até meu clitóris e voltando, subindo e descendo, repetidamente, arrancando-me um gritinho de puro prazer.

— Puta merda! Que boceta gostosa! Quente, molhadinha. — Ele fala, num grunhido sensual, erótico, que me deixa ainda mais excitada.

Dominada pelo mais primitivo dos desejos, Inclino o torso para trás, apoiando-me nas minhas duas mãos sobre a mesa, abrindo mais minhas pernas, arreganhando-me diante dele, ansiosa por tê-lo dentro de mim, quando então recordo-me do preservativo.

— Cadê a camisinha? — Consigo falar, com dificuldade para puxar o ar.

— Vou ver se tenho alguma por aqui.

Ele começa a fuçar na sua valise atrás de mim, me parecendo atraente como o inferno, com sua calça arriada até os joelhos, a camisa amarrotada, os cabelos desgrehados e o pau totalmente esticado, duro, melado, glorioso como a oitava maravilha do mundo, com suas veias protuberantes.

O fato de ele não ter um preservativo à mão, prova que não está acostumado a fazer sexo ocasionalmente, como a maioria dos homens. Certamente era fiel à esposa, como afirmou, o que me faz compreender cada vez menos porque essa criatura cometeu a sandice de traí-lo.

Ele encontra o preservativo, rasga a embalagem com os dentes, desenrola-o sobre o pênis e inclina-se para voltar a me beijar na boca, ao mesmo tempo em que me penetra, vagorosamente, cada centímetro do seu tamanho escorregando para dentro de mim, numa lentidão torturante, prazerosa, me fazendo pedir por mais, até estar todo enterrado no meu canal, me preenchendo, pressionando minhas paredes lambuzadas, enlouquecendo-me do mais puro prazer.

— Ah! — O grito me escapa, quando ele puxa os quadris e dá a primeira estocada, forte, indo mais fundo, o som das nossas pélvis se chocando ecoando pelo cômodo.

Afonso interrompe o beijo para fitar-me nos olhos, uma paixão visceral refletida nas suas piscinas profundamente azuis, sua boca linda entreaberta.

Com seu pau enterrado até a raiz na minha vagina, ele gira seus quadris, rodando-o dentro de mim, empurrando mais as paredes do meu canal, tão enlouquecedoramente gostoso, que deixo escapar outro grito.

— Gosta disso, não? — Ele pergunta, a voz rouca, sussurrada.

— Você não imagina o quanto...

— Então toma um pouco mais.

Ele dá outra estocada, e outra, e mais outra, metendo em mim repetidamente, cada vez mais forte, mais fundo, levando-me à uma doce loucura, que me faz gritar sem querer, incessantemente, as lágrimas fluindo dos meus olhos, sem que eu possa contê-las.

Inebriada, abraço seu corpo com minhas pernas, levando meus quadris um pouco mais para a borda da mesa, recebendo-o ainda mais fundo dentro de mim.

Desvio meus olhos dos dele por um instante, olhando para nossos sexos. Vejo seu pau entrando e saindo de mim, completamente melado, sua púbis depilada se esfregando no meu

clitóris inchado. É uma visão tão maravilhosamente erótica, excitante, que vou ao delírio, o gozo se formando em minhas entranhas, me fazendo gritar mais alto.

Meus olhos voltam a encontrar os seus e logo estou perdida, mergulhando no êxtase, meu corpo completamente fora do meu controle, sacudindo e convulsionando involuntariamente, arrebatado pelo orgasmo mais demorado e intenso que já tive.

— Ah, Sophia... — A voz grossa de Afonso sai num rosnado, ao passo em que ele goza, seu pau todo enterrado em mim, ondulando, seus espasmos se fazendo de encontro à minha carne sensível, ainda em êxtase, prolongando um pouco mais meu prazer. — Ah, Sophia... — Afonso fala uma segunda vez, agora tão imóvel quanto eu, embora ainda dentro de mim.

Ele segura meu rosto entre suas mãos e puxa minha boca para a sua. Coloca meu lábio inferior entre seus dentes, e os massageia assim, sem apertar, me fazendo compreender que sou sua, como jamais serei de outro homem, por mais que a vida tenha nos reservado caminhos diferentes.

Quando ele se afasta, saindo do meu interior, uma sensação de vazio toma seu lugar, como se estivesse faltando um pedaço de mim.

— Nossa... como isso foi bom. — Falo, secando as lágrimas dos meus olhos, ainda maravilhada.

— É bom assim com seu namorado também? — Afonso pergunta, enquanto tira o preservativo.

Suas palavras me atingem como um choque de realidade que subitamente me leva a tomar consciência do risco que estou correndo por estar aqui.

— Você tinha que estragar o momento falando isso, não? — Falo, descendo da mesa para vestir-me.

— Você não respondeu minha pergunta.

Recolho minha calça e minha calcinha do chão, vestindo-as.

— Eu nunca transei com ele.

Afonso pára de ajeitar suas roupas no lugar e estaca, fitando-me com espanto.

— Por que não?

— Porque ele está esperando até que eu o queira de verdade. Ele se aproxima para fitar-me mais diretamente.

— E se você não o quer de verdade, por que aceitou a proposta dele e não a minha? Porra! Agora ele me pegou. Não sei que mentira inventar.

Repasso mentalmente os motivos que me impedem de lhe falar sobre o fato de que estou sendo chantageada. Primeiro: ele tentaria partir Guilherme em dois, como tentou fazer com o falecido quando quis me violentar; segundo: ele apontaria Guilherme à polícia como suspeito do assassinato do tarado, pelo mesmo motivo que me levou a suspeitar dele e minha atividade clandestina em Fortaleza se tornaria conhecida por toda a cidade, inclusive pelo juizado de menores que poderia tomar-me a guarda do meu filho. Pronto! Esses dois motivos são suficientes para que ele não saiba a verdade.

— Fui morar com ele porque ele quis assumir um compromisso sério e eu aceitei. Fim.

— Eu também quis te tirar daquela vida.

— Mas não me queria de verdade, como ele quer.

— Entendo. — Ele continua me fitando com desconfiança.

— Vamos voltar pra aula. Porque se alguém perceber que estivemos juntos e isso cair nos ouvidos de Guilherme, estou completamente ferrada. — Minhas palavras atizam a desconfiança em seu olhar. — Vou indo. Espera um pouco e vai depois.

Antes que eu alcance a porta, ele se coloca em meu caminho, estreitando-me em seus braços. Afunda o rosto em meus cabelos, aspirando meu cheiro.

— Senti sua falta ontem e sentirei sua falta esta noite. Gostaria que esse cara não estivesse entre nós, para tê-la em meus braços a todo momento. Mas como não posso fazer nada a esse respeito, espero que pelo menos que você venha à minha sala amanhã durante o intervalo novamente, sem que eu precise te chamar.

— Eu virei. — Respondo, com dificuldade para puxar o ar, engolfada por uma nova onda de tesão que queima em minhas entranhas.

— Ótimo.

Ele me solta e deixo a sala completamente perdida, desnorteada, embriagada de paixão.

Meu Deus! Que homem é esse? Que poder é esse que ele tem de me deixar assim, completamente sem controle sobre mim mesma? Capaz de perder as estribeiras e correr o risco de me deixar ser vista entrando na sala dele por um dos amiguinhos de Guilherme?

O intervalo já acabou e, com exceção de alguns faxineiros que realizam seu trabalho por ali, o pátio do campus está deserto, todos os alunos nas salas.

Putá merda! Todos vão deduzir que estávamos juntos quando virem eu e Afonso chegando com atraso. Se minhas coisas não estivessem na sala, iria embora agora mesmo.

Todavia, ao entrar na sala de aula, meus receios são amenizados pela completa bagunça que se encontra no lugar. Os estudantes se comportam como se estivessem numa festa, alguns entram e saem e ninguém presta atenção em quem está presente ou não, com exceção, de Rita e Solange, ninguém mais notou minha ausência.

— Onde você tava até agora? — Rita pergunta, com casualidade.

— Na biblioteca. — Falo, pensando rápido. — Fui procurar um livro, mas não encontrei.

— O tirano te maltratou muito? — Desta vez é Solange quem pergunta.

— Não. Ele só queria me alertar sobre minhas faltas.

— Pelo menos ele tá se preocupando com você. — Rita dá de ombros e mudamos de assunto.

Consigo me concentrar na conversa delas até que meu Deus grego preferido entra na sala. Lindo! Impecável, como se não tivesse acabado de dar uma foda.

Registro, com olhos atentos, cada um dos seus movimentos elegantes e precisos quando caminha até a mesa diante do quadro branco, assumindo sua posição de professor, cessando a bagunça dos estudantes.

Antes de reiniciar sua aula, lança um olhar rápido, meio safado, na minha direção e é suficiente para que meu coração bata mais depressa no peito, o calor do desejo passeando pelas minhas veias.

Se no primeiro momento da aula, não consegui tirar meus olhos dele, imaginando sua boca linda sobre a minha, agora então estou praticamente em outra dimensão. Na dimensão do seu corpo gostoso, pensando no que acabamos de fazer, visualizando, mentalmente, seu pau grande entrando e saindo da minha boceta. Que delícia de homem ele é. Se não tomar cuidado, vou acabar gozando aqui mesmo, sozinha, apenas olhando-o.

Não consigo compreender o conceito da importância da diversidade cultural na psicologia, sobre o qual ele discorre e quando a aula termina preciso pedir o caderno de anotações de Rita emprestado para levar para casa.

Enquanto ela o entrega-me, todos deixam a sala, inclusive Afonso, que lança-me um olhar discreto antes de sair.

Depois, eu e Rita caminhamos lado a lado, atrás da turma, na direção da saída, o receio de que alguém possa ter me visto entrando na sala de Afonso, deixando-me tensa, preocupada.

Despeço-me de Rita, que vai para o estacionamento, e dirijo-me na direção do portão de saída, onde certamente o cangaceiro está me esperando, quando então, lanço mais um olhar na direção da entrada da área administrativa, à cerca de dez metros distancia de onde estou e não posso acreditar no que meus olhos vêem: Afonso está na entrada da ala, conversando com a loira que o acompanhava tanto na festa da UFC quanto no show. Está sorridente e muito próximo a ela, parecendo bastantes íntimos.

Estaco em meio ao fluxo de estudantes que caminham apressados esbarrando em mim, para observar a cena, a raiva queimando em minhas veias, o ciúme dilacerando-me por dentro. Como ele se atreve a questionar meu relacionamento com Guilherme, quando na verdade tem um com aquela mulher? Como pôde afirmar que sou a única a acreditar na sua inocência, quando aquela cadela parece caída aos seus pés? Ela não estaria com ele se achasse que é um assassino.

Ela pousa a mão sobre o ombro dele e ambos adentram a ala, certamente indo para a sala dele, talvez transar sobre a mesa, como ele acabou de fazer comigo.

Puta que pariu! Que ódio!

Cega pelo turbilhão de sentimentos ruins que me invade, volto a caminhar rumo à saída, avistando Guilherme parado diante do portão, como eu esperava.

Ao aproximar-me, estudo atentamente seu rosto, tentando decifrar sua expressão, adivinhar se meu encontro com Afonso chegou ao conhecimento dele. Aparentemente não, pois sua fisionomia está serena, seus olhos tranquilos.

— Olá. Como foi a aula? — Ele pergunta, com tom gentil, como se fôssemos um casal de verdade, ou pelo menos amigos.

“A aula eu não sei, mas o intervalo foi maravilhoso, gozei gostoso no pau de Afonso, como nunca vou gozar com você.”

— Foi boa. Discutimos sobre a importância da diversidade cultural na psicologia.

Ele sorri satisfeito e agradeço aos céus por me lembrar pelo menos qual assunto foi debatido na sala.

— Hoje é a inauguração do bistrô de um amigo meu, no centro da cidade. Todo mundo está comentando que o lugar ficou lindo e a comida é ótima. O que você acha de almoçarmos lá

hoje? — Estou abrindo a boca para recusar, quando ele me interrompe, ao completar: — Tati e Gabriel virão com a gente. Já estão nos esperando no carro.

Porra! Ele sabe como me convencer de algo. Eu não tenho o menor interesse em almoçar fora, na sua companhia, mas se é um programa do qual meu bebê pode participar, tenho que aceitar, para que ele saia e se divirta um pouco.

— Seria ótimo, pelo Gabriel. Mas não estou vestida de acordo. Precisamos passar em casa antes.

— Não há tempo. Fiz reservas para daqui a meia hora. Mas Tati trouxe uma blusa. Troque só a camiseta do uniforme.

— Então, ok. — Concordo, dando de ombros, a lembrança de Afonso conversando com aquela loira oxigenada povoando-me a mente, incomodando-me.

Eu e Guilherme nos dirigimos para o outro lado da rua, onde seu carro está estacionado. Chegando lá, Tati me recebe com um sorriso que vai de orelha a orelha, o qual não retribuo, mantendo-me séria ao tirar meu filho dos seus braços.

Gabriel está lindo, usando uma das suas calças jeans e camisa pólo. Parece a miniatura de um adulto.

Apaixonada, aperto-o de encontro ao meu corpo, aspirando seu cheiro gostoso, fazendo-o sorrir satisfeito, me inebriando com o afeto incondicional que transborda dentro de mim.

Acomodo-me com ele no banco de trás do Audi, ao lado de Tati, que agora parece sem graça, por finalmente perceber que estou lhe dando um gelo, enquanto Guilherme toma o volante e nos põe em movimento, em direção ao centro da cidade.

Aqui mesmo, troco a blusa do uniforme pela blusa preta de malha, colada e enfeitada com lantejoulas que Tati me trouxe.

Por pouco não encontramos vaga no amplo estacionamento do bistrô, o lugar abarrotado de carros, dos modelos mais caros. Pelo visto será um negócio lucrativo para o amigo de Guilherme.

O lugar é lindo por dentro. O amplo salão mobiliado por mesas pequenas de madeira de lei trabalhadas, decorado por lustres belíssimos, plantas naturais, um grande aquário a um canto e imensos espelhos em uma das paredes, sendo que nas outras pode-se ver quadros de artistas renomados. O ar condicionado deixa o ambiente ainda mais agradável.

Somos recebidos pelo proprietário, um homem de meia idade, simpático e elegantemente vestido, que trata Guilherme com amistosidade e nos encaminha para uma mesa, com quatro lugares, próximo ao aquário, que chama a atenção de Gabriel.

A comida não fica atrás no quesito perfeição. O salmão com creme de aspargos que como, está simplesmente divino.

Durante todo o tempo, Guilherme se mostra gentil, atencioso e jovial, tanto comigo quanto com Tati e Gabriel. Quem não nos conhece e nos vê, pode jurar que somos uma família feliz.

Contudo, nada que ela faça é capaz de mudar minha opinião ao seu respeito. Por mais que ele se esforce, como está se esforçando agora, jamais conquistará minha afeição. Ele colocou em risco a guarda de Gabriel, está me chantageando de forma vil e para isso não tem perdão.

Posso fingir que está tudo bem, por quanto tempo for necessário, porém em meu íntimo,

carrego a certeza de que em algum momento, terei a chance de fugir e o farei.
Desaparecerei da sua vida sem deixar vestígios.

CAPÍTULO XVII

Em uma mesa do outro lado do salão abarrotado de gente, há uma mulher fazendo sua refeição sozinha. É loira, tem cabelos longos, ondulados, a pele bem cuidada e é muito bonita e elegante. Tenho a impressão de que já vi o rosto dela em algum lugar, mas não recordo aonde.

Não sei se é impressão minha, ou se ela está me observando, com olhos atentos, desde que chegou ao estabelecimento. Talvez esteja apenas admirando a família feliz que parecemos ser, enquanto permanece mergulhada na sua triste solidão.

Eu não me importaria nem um pouco em trocar de lugar com ela.

Se eu tinha alguma dúvida de que ela esteve me observando, essa se dissipa quando entrego Gabriel a Tati e vou ao banheiro examinar como está minha cara pós foda. Encontro-me diante do espelho, quando levo um susto ao ver o reflexo dela, em pé, atrás de mim, fitando-me fixamente, com um olhar tão diabólico que causa-me um calafrio na espinha.

— Eu te conheço? — Pergunto, meus instintos me alertando de que não devo ficar de costas para ela.

Quando viro-me na sua direção, subitamente, suas feições suavizam, sua expressão maquiavélica desaparecendo, seus olhos verdes se tornando neutros.

— Talvez sim. — Ela abre uma das torneiras e lava as mãos, seus movimentos tão elegantes e sofisticados quanto sua aparência. — Sou modelo. Muitas pessoas conhecem meu rosto.

— Ah, isso explica porque tenho a impressão de que já vi você antes. Está de férias em Quixadá? — Só perguntei para parecer simpática, mas de repente me sinto indiscreta.

— Só de passagem. Indo para outra cidade.

Quero perguntar qual cidade, mas me detenho, afim de evitar parecer ainda mais intrometida.

— Bonita família a sua. — Ela fala.

— Obrigada. — *“Se quiser o marido, pode ficar com ele.”*

Ela seca as mãos com a toalha de papel e lança-me um sorrisinho, visivelmente forçado, antes de deixar o banheiro.

Quando volto à mesa, ela não está mais lá e esqueço rapidamente o acontecido.

Após o almoço, Guilherme nos deixa na porta de casa e segue direto para sua padaria. Gabriel já está sonolento e tenho tempo apenas de trocar sua fralda antes que ele pegue no sono.

Em seguida, tomo um demorado banho frio e deito-me ao seu lado na minha cama, o ar condicionado ligado na ultima potencia.

No instante em que fecho os olhos, encontro Afonso em meus pensamentos, lindo! Sua boquinha deliciosa colada à minha, num beijo que me deixa sem fôlego. Ah se fosse ele o homem a me levar ao restaurante, a viver sob o mesmo teto que eu, aí sim, aquela loira poderia

sentir inveja de mim.

Os pensamentos me agradam e ao mesmo tempo me assustam. Jamais cogitei ter um relacionamento sério com um homem e agora me pego sonhando com isso. Só mesmo Afonso para me fazer perder a cabeça de forma tão desmazelada.

Visualizo, mentalmente, o momento tórrido que vivi em seus braços hoje, na sua sala e o calor do desejo, subitamente, passeia pelo meu corpo.

Como aquilo foi bom! Pena que não se repetirá, pois não quero me tornar um empecilho no relacionamento dele com a loira oxigenada. Talvez ela consiga fazê-lo esquecer sua ex e o torne um homem feliz, afinal, mesmo que ele me quisesse, eu não poderia ser sua, já que estou enterrada em meus problemas até a raiz dos cabelos e em breve partirei da cidade para nunca mais voltar.

Fazer o quê? A felicidade não existe para todos.

Estou quase dormindo, quando o toque do celular ecoa pelo aposento e meu coração dá um salto no peito, por saber que é Afonso, pois apenas ele conhece esse numero.

— Oi. — Atendo.

— *Estou aqui de pau duro, pensando em você.* — Sua voz é rouca, sensual e me desperta um tesão louco.

— Nossa, como você é romântico!

— *Desculpe, baby, mas não sou mais o mesmo homem depois que te conheci.*

— Você era menos perverso antes?

— *Antes eu não passava a maior parte do meu tempo pensando em sexo.* — faz uma pausa antes de continuar. — *O que você tá fazendo?*

— Deitada, com Gabriel.

— *Deitada... huummm. O que eu não daria pra estar no lugar de Gabriel agora.*

— Ele sibila, puxando o ar pela boca, deixando claro que realmente está excitado. — *Como você está vestida?*

— Estou com uma calcinha preta, transparente, fio dental. O calor tá muito grande.

— Mentira, estou usando uma camisola de algodão folgadona.

— *Ai... delicia. Fecha seus olhos e imagina que estou tirando essa calcinha com os dentes.* Não seria uma má idéia, se ele não estivesse saindo com aquela loira oxigenada.

— Se você quer fazer sexo por telefone, acho melhor ligar praquela loira de farmácia que está com você.

— *A Camila?* — Ele sabe que estou falando dela, isso confirma que realmente estão juntos. Merda! — *Você nos viu conversando hoje?*

— Pois é, eu vi. Acho que você devia ter ligado pra ela e não pra mim.

— *Mas não é ela que eu quero e sim você.*

— Acontece que é com ela que você está.

— *Eu não estou com ela.*

— Vai me dizer que você nunca transou com ela?

Ele demora para responder e tenho a sensação que acabo de levar um soco no estomago.

Caralho! Ele transa com nós duas ao mesmo tempo. Filho da puta!

— *Não vou dizer que nunca aconteceu. Mas não é sério o que tenho com ela.*

— Quando aconteceu?

— *Quando você me deu um fora. Mas foram poucas vezes.*

— Nesse caso, acho melhor você ficar com ela. Adeus! Não volte a me ligar. —

Assim, encerro a ligação.

Dois segundos depois, e telefone toca novamente. Ignoro-o, um misto de raiva e tristeza consumindo-me, dolorosamente.

O telefone continua tocando, por um longo tempo, até que a melodia estridente é substituída por outra, o aviso de mensagem, eu suponho.

Seguro o aparelho e leio a mensagem na tela:

*Você não tem o direito de sentir ciúmes de mim,
pois também tem outra pessoa.*

“Eu não tenho relações com Guilherme, seu bastardo!” A voz grita em minha mente, sua afirmação deixando-me furiosa. Penso em respondê-lo com isso, mas me ocorre que não devo repetir algo que ele já sabe, então decido apenas ignorá-lo.

Minutos depois, chega outra mensagem:

*Conversamos sobre isso amanhã durante o intervalo.
Te espero na minha sala e nem pense em não aparecer.*

“Vai pro inferno babaca!”

Afastando todos os pensamentos, consigo dormir um pouco e acordo antes de Gabriel, esperando-o despertar para fazermos nosso lanche juntos.

É o melhor momento do meu dia, quando finalmente, estou sozinha com meu filho em casa, tranqüila, em paz, como era antes de todo esse inferno começar.

Faço uma salada de frutas para nós dois e nos sentamos na sala, diante da televisão ligada enquanto comemos, Gabriel no carpete, como gosta, e eu no sofá.

Ainda estou na frente da televisão quando Tati chega do colégio e senta-se no sofá ao lado, observando-me, enquanto a ignoro completamente.

— Precisamos conversar, Sophia. — Ela fala, hesitante.

— Pode falar, to ouvindo. — Retruco, sem olhar para ela.

— Por que você está agindo assim? Por que está diferente comigo?

— Impressão sua. Continuo a mesma. — Limito-me a dizer.

— Você sabe que não. É porque estou apoiando seu relacionamento com Guilherme? Finalmente viro-me para fitá-la no rosto.

— Qual relacionamento? De chantagista e chantageada?

— Eu sei que ele agiu errado nesse ponto, mas será que você não consegue enxergar que é pro seu bem? Você agora tem alguém pra cuidar de você e de Gabriel, sem precisar se

preocupar com as despesas da casa, em trabalhar, em passar sono.

— Desculpa, mas eu prefiro minha liberdade.

Ela estreita seus olhos sobre os meus.

— É por causa daquele professor, não é? Você gosta dele e ta bolada porque não pode mais ficar com ele.

— E quem disse que eu não posso?

— Você ainda ta se encontrando com ele?

— Pra que você quer saber? Pra ir correndo contar pro Guilherme?

— Para com isso Sophia. Eu sou sua amiga. Não faria algo pra te prejudicar. —

Ela faz uma pausa, esperando alguma reação da minha parte, como não obtém, continua: — E é por ser sua amiga, que te aconselho a ficar longe desse professor. Todos na cidade estão comentando que foi mesmo ele quem matou o Andre. Estão dizendo que a discussão dos dois foi feia durante o show. E isso é porque ninguém sabe ainda que o amante da ex mulher dele também foi assassinado.

— Eu não acho que ele seja capaz de matar alguém.

— Acorda mulher! Você ta apaixonada e por isso ta cega a ponto de não ver a verdade que ta bem diante de você. Lembre-se do quanto você se enganou com o pai do Gabriel. Ta acontecendo de novo, só que dessa vez é pior.

As palavras dela me irritam.

— Já chega Tati. Vai procurar o que fazer e me deixa em paz.

Ela parece contrariada.

— Ta bom, vou te deixar em paz. Mas um dia você vai ver que tenho razão.

Não sei se é impressão minha, ou se ela tem os olhos marejados de lagrimas quando deixa a sala.

É lamentável que nossa amizade esteja abalada, pois gosto de Tati como se fosse minha irmã, todavia, foi ela quem escolheu ficar do lado errado.

O restante do dia transcorre sem novidades. Quando a noite cai, Guilherme aparece para se trocar rapidamente e ir à faculdade. Ao retornar, aproveita que estou sozinha com Gabriel, para agir como se fôssemos uma família feliz e mais uma vez destruo seus planos ao trancar-me em meu quarto com meu pequenino, onde permaneço até o dia seguinte.

Finalmente é manhã e vou rever meu gostoso, embora pretenda apenas olhar para ele. Não irei à sua sala durante o intervalo, como ele espera, pois sou egoísta demais para dividir aquilo que gosto. Ele que fique com aquela oxigenada e faça bom proveito.

Ainda assim, vale à pena ir à aula, não para aprender, já que não ouço uma palavra do que ele diz sobre a disciplina, mas apenas para vê-lo, apreciar seu rosto lindo e seu corpo delicioso, recordar todas as emoções que vivi em seus braços e sonhar em um dia vivê-las com outro homem, quando conseguir me livrar de Guilherme.

Como fez ontem, o cangaceiro me leva de carro para o campus, fazendo questão de me deixar diante dos portões de entrada, onde a multidão de estudantes pode nos ver juntos.

Ou não passa pela cabeça desequilibrada dele que, da mesma forma que o falecido e seu

amigo Tiago me viram na boate, pode haver outros, entre aqueles estudantes, que também foram lá e o estão julgando agora por estar na minha companhia, ou ele não se importa tanto com o preconceito das pessoas, quanto demonstrou se importar antes.

Nunca vou saber.

Encontro Rita e Solange no pátio, jogando conversa fora antes que toque o sinal anunciando o início da aula.

Vamos juntas para a sala, onde Afonso já se encontra, sentado atrás da sua mesa, lindo como sempre, irresistível como água no deserto, compenetrado, analisando alguns papéis. Usa camisa social branca e calça caqui, os cabelos curtos, contribuindo para seu charme incomparável.

Como se fosse capaz de sentir o peso do meu olhar, ele ergue seu rosto, fitando-me fixamente, por um breve momento, seus olhos azuis reluzindo paixão e é suficiente para que eu fique sem chão, minhas pernas trêmulas, meu coração trabalhando mais depressa.

Já não sei mais quem sou ou que vim fazer aqui, sei apenas que quero aquele homem, com todas as forças da minha alma, embora, meu lado racional não me permitirá chegar perto dele novamente, porque ele tem outra.

A cena dos dois juntos, conversando animados, logo depois de ele ter me possuído, ainda está gravada em minha mente, impedindo que a raiva se esvaia do meu sangue. Ele devia ao menos ter sido discreto e a encontrado em outro lugar, onde eu não poderia vê-los. Ou mentido, no telefone, dizendo que nunca a tocou. Isso só prova que não tem consideração alguma por mim.

Como aconteceu ontem, passo as duas horas do primeiro tempo da aula, observando-o, admirando sua postura imponente, seus movimentos elegantes e ao mesmo tempo másculos. Relembro cada instante que passei em seus braços, o desejo me incendiando por dentro, minha calcinha ficando cada vez mais molhada.

Apesar de tudo o que sinto, me recuso a ir encontrá-lo durante o intervalo. Deixarei que fique me esperando até se cansar.

Todavia, quando o sinal toca, anunciando o intervalo, sua voz alta, áspera, autoritária e máscula, soa como uma trovada em um dia de tempestade:

— Sophia. Na minha sala. Imediatamente! — Sem esperar resposta, ele deixa o recinto apressadamente.

De repente, sou o centro das atenções de todos os alunos. Certamente estão acreditando que existe alguma picuinha entre mim e Afonso, pela forma ríspida como ele falou e foi exatamente essa a intenção dele: me colocar em uma situação que não posso deixar de ir à sua sala sem parecer uma aluna indisciplinada diante de todos.

Putá merda! Que safado! Mas se ele está pensando que vai conseguir alguma coisa comigo, está redondamente enganado.

— Fico indignada com a forma como esse idiota te trata. — Rita fala, zangada.

— Você quer que eu vá lá com você? — Solange pergunta. — Se eu disser a ele que você é uma pessoa boa, talvez ele largue do seu pé.

— Não precisa, amiga. Eu me viro. Mas agradeço.

Caminho lado a lado com as duas até a lanchonete no pátio, deixando-as para entrar na ala administrativa, averiguando se alguém está me vigiando, apesar do que, se houver pelo menos um amigo de Guilherme na minha turma, tenho certeza de que logo ele saberá que fui convocada por Afonso a comparecer na sua sala por dois dias consecutivos e o resto ele deduzirá sozinho.

Atravesso o longo corredor e entro, sem bater, na sala em que há o nome de Afonso na porta.

Encontro-o sentando atrás da sua mesa de mogno, sério, pensativo, seus olhos azuis buscando os meus, perturbadoramente.

CAPÍTULO XVIII

— Será que você ficou doido? Eu sou uma mulher comprometida. Você não pode ficar me chamando pra sua sala todo dia. As pessoas podem desconfiar. — Falo, com firmeza, ignorando a energia puramente sexual que parte dele e penetra cada um dos meus poros.

— Pensei que seu relacionamento fosse só um negócio. — Ele fala, calmamente, erguendo uma sobrancelha com malícia.

— E é. Mas o Guilherme não aceita me dividir com outro homem. Se ele descobre o que aconteceu aqui ontem eu to fodidamente ferrada.

A desconfiança se estampa em seu olhar perturbador.

— Por que todo esse receio. Por acaso ele é violento com você?

Não adianta tentar explicar as coisas a ele, sem revelar-lhe a verdade, o que não pretendo fazer. Estou perdendo meu tempo.

— Claro que não. Tenho que ir. Vim só pra te pedir pra fazer o favor de parar de me chamar pra vir à sua sala na frente dos alunos. Nada mais vai acontecer entre nós. Você tem uma namorada. Fique com ela.

Dou-lhe as costas e giro a maçaneta da porta, mas antes que tenha tempo de sair, ele se coloca atrás de mim, segurando a porta fechada com uma das mãos, seu calor gostoso me alcançando, despertando-me o mais primitivo dos desejos.

— Não vá. Fique. — Ele sussurra, tão próximo que posso sentir seu hálito quente acariciando minha nuca, me fazendo arrepiar.

— Não posso. — Falo, com dificuldade para puxar o ar, tamanha é minha excitação.

— Eu não tenho nada com Camila. O que aconteceu entre nós foi apenas sexo.

Suas palavras atizam a raiva em mim. Imagino-o dizendo as mesmas palavras a ela, ao meu respeito, pois o que houve entre nós foi apenas sexo também.

Agoniada, viro-me para fitá-lo no rosto, antes de perguntar:

— É isso que você fala de mim pra ela também?

— Ela não sabe sobre nós dois.

— Vai pro inferno Afonso. Você e essa oxigenada.

— Você não tem o direito de me cobrar fidelidade, pois tem outro homem também.

A raiva fala mais alto que minha racionalidade e, seguindo a um impulso incontrolável, desfiro-lhe uma bofetada no rosto, com força, minha unha crescida cortando sua pele, superficialmente.

Ele leva sua mão livre ao ferimento, seus olhos atônitos nos meus.

— É a segunda vez que você me bate. — Ameaça, com aspereza. — E vou te fazer pagar caro por isso.

Com sua invejável agilidade, ele tranca a porta atrás de mim, enfiando a chave no bolso da

sua calça, para no instante seguinte, segurar meus dois pulsos, acima da minha cabeça, aprisionando-os contra a porta. Pressiona seu corpo contra o meu, com força, quase me sufocando, para depois tomar-me os lábios, sofregamente, sua língua tentando se infiltrar na minha boca fechada.

Porém, minha resistência dura pouco, logo a lasciva fala mais alto dentro de mim e entreabro os lábios para receber sua língua, que invade minha boca, explorando-a com avidez, num beijo que me deixa completamente sem chão.

Ele conseguiu o que queria. Estou completamente sedenta por suas carícias, entregue à luxúria que seu beijo planta em mim. Em meu íntimo, nasce a certeza de que serei sua sempre que ele quiser.

— Você quer que eu deixe de ver Camila? — Ele pergunta, sua boca de encontro aos meus lábios, sua voz arrastada pela respiração pesada.

— Você faria isso por minha causa?

— Sim. Por você eu faço qualquer coisa.

Uma explosão de emoções acontece no meu interior, fazendo meu coração bater mais depressa no peito, pela certeza de que sou mais que apenas uma transa para ele. Embora isso não faça tanta diferença em nossas vidas.

— Então a deixe. Seja só meu e de mais ninguém. — *“Oh meu Pai, o que estou dizendo? Como ousar exigir dele algo que não posso retribuir?”*

— Sim. A deixarei. Serei só seu.

Ele volta a inserir sua língua na minha boca, tão gostoso que a chupo inebriada, sua ereção pressionada contra meu ventre, me deixando ainda mais doida de tesão.

Com mãos urgentes, Afonso puxa minha camiseta para cima, tirando-a. Em seguida, abre o zíper do meu jeans e se inclina para tirá-lo pelos meus pés, deixando-me apenas com a calcinha.

— Tire sua calcinha. — Ele fala, com tom autoritário, afastando-se alguns centímetros, devorando meu corpo com olhos sequiosos.

— Hã? — Estou tentando entender porque ele mesmo não faz isso, como fez das outras vezes, mas já não tenho sanidade suficiente para entender coisa alguma, minha racionalidade comprometida pelo turbilhão de sensações e sentimentos que me tomam conta de mim.

— Isso que você ouviu. Tire a calcinha.

Escrava dos meus próprios sentimentos, o obedeco, tirando a pequena peça de algodão, pendurando-a na maçaneta da porta.

— Agora deite-se na mesa. — Ele fala, sem desviar seus olhos dos meus.

Sem compreender que jogo é esse, vou até a mesa e deito-me de costas.

— Assim não, de bruços, na lateral.

Vou até a lateral do móvel retangular e faço com ele disse, deitando-me de bruços, meus seios de encontro ao mogno frio, meus pés apoiados no chão.

— Assim?

— Sim. Agora segure na outra borda da mesa e não solte.

Seguro na beirada da mesa, de modo que meu torso fica totalmente esticado sobre o tampo

de mogno.

— Agora abra as pernas. — Obedeço, excitada demais para contestá-lo. — Abra mais.

Abro tanto minhas pernas, que sinto a pele das minhas virilhas esticarem, ficando completamente arreganhada diante de Afonso, uma sensação estranha, meio assustadora, porém extremamente excitante.

— Que bunda linda você tem. E essa bocetinha rosada, que coisa mais deliciosa. — Sem que eu espere, ele me dá um tapa na bunda, assustando-me, me fazendo tremer. — Não se mexa. Não importa o que eu faça, você está proibida de se mover, entendeu? — Entendi.

Sua mão segura meus cabelos, atrás da cabeça, puxando-a para cima, seus lábios encontrando os meus, num beijo nada gentil, quando minha língua é quase arrancada por sua sugada.

Percebo que ele tem o rosto contraído, o olhar meio sombrio e, apesar de confiar cegamente nele, não consigo deixar de me sentir assustada com esse seu jogo inesperado.

Já tive relações BDSM antes, por dinheiro, mas tudo planejado, conversado com antecedência e em um local apropriado. Não assim de repente.

Afonso tira uma régua acrílica transparente de uma das gavetas da mesa.

— Você me bateu por duas vezes. Está na hora de receber um pequeno castigo por isso. — Meu corpo estremece com a perspectiva do que acontecerá em seguida. — Vou surrar você com essa régua e não quero, que em hipótese alguma, você se mova ou reclame, fui claro? — Ele fala como um autêntico dominante, revelando um lado seu que desconhecia e que, apesar de assustador, é também extremamente sensual.

— Entendi. — Repondo, com dificuldade para puxar o ar.

— Ótimo.

Ainda completamente vestido, ele se move atrás de mim, observando minha nudez de todos os ângulos possíveis, até que, de repente, bate-me com a régua, na bunda, minha pele ardendo, ligeiramente, uma dor surpreendentemente gostosa, lasciva, excitante.

Bate na outra nádega, mais forte, o estalo ecoando pelo recinto, minha pele queimando de dor e tesão, meu organismo pedindo mais, inesperadamente.

— Gosta disso, Sophia?

— Ah, sim.

Ele bate de novo, outra vez, repetidamente, alternando entre uma nádega e outra, até que minha bunda esteja latejando de dor.

— Acho que já chega por hoje. — Ele diz guardando a régua. — Pelo menos agora tenho certeza de que você vai pensar duas vezes antes de esbofetear meu rosto.

Tento me levantar, procurar seus braços, suas carícias, mas ele me impede, segurando-me no lugar.

— Não se mexa. Continue exatamente como está. É a visão mais gloriosa que já tive. Essa bundinha gostosa toda vermelha, com esse cuzinho pequeno no meio.

Volto à posição inicial, meu torso e meus braços esticados sobre a mesa, minhas pernas abertas, minha bunda empinada para ao alto.

Afonso tira suas roupas, expondo o corpo gostoso, o pau duro como uma pedra, todo babado, convidativo. Ajoelha-se atrás de mim e lambe minhas nádegas doloridas, antes de introduzir sua língua quente e úmida na minha vagina, metendo e tirando, fodendo-me assim, tão deliciosamente que os gemidos ensandecidos me escapam dos lábios, sem que eu possa me conter.

E seguida, ele lambe meu clitóris ritmadamente, em círculos, para logo o estreitar entre seus lábios grossos, mamando-o, me deixando completamente alucinada de prazer.

Agora entendo porque algumas mulheres viciam na submissão: as carícias, o toque, o prazer, tudo de torna muito mais intenso, arrebatador, quando consecutivo à dor. É como a bonança depois da tempestade.

Sem deixar de chupar meu grelo inchado, Afonso introduz dois dedos na minha vagina lambuzada, um rosnado meio selvagem escapando da sua boca, de encontro à minha carne sensível.

— Ah, porra! Como isso é bom... — Exclamo, todo o meu corpo se contraindo no orgasmo que se forma em minhas entranhas.

Logo estou em êxtase, gozando na boca e na mão dele, tão alucinadamente que os gritos fogem da minha garganta, meu corpo em convulsão, meus espasmos me fazendo sacudir.

Afonso dá uma ultima lambida na entrada da minha vagina, como se apreciasse se alimentar do meu gozo e coloca-se em pé, ainda atrás de mim.

— Continue assim, Sophia. Não se mova. Quero olhar mais um pouco pra essa bunda gostosa e essa bocetinha inchada.

Ele inclina-se e enterra sua língua no meu anus, lambendo meu orifício, despertando-me uma nova onda de tesão, que se alastra por todo o meu corpo, arrebatando-me, como se eu não tivesse acabado de gozar.

Ele não se cansa de me surpreender. Cada toque seu, se tornando mais excitante.

Volta a erguer o corpo, segurando seu pau pelo meio, esfregando-o sobre minha boceta melada, escorregando-o até meu anus, refazendo o delicioso percurso, até que eu esteja completamente lambuzada ali atrás, pronta, ansiosa por tê-lo dentro de mim.

Ele afasta-se para colocar o preservativo, dizendo:

— Agora vou comer esse cuzinho gostoso e você vai ficar quietinha pra mim. Entendeu?

— Sim.

Ele segura meus quadris com suas duas mãos, pressionando a cabeça do seu pau rochoso sobre meu orifício, penetrando-me devagar, abrindo caminho na minha carne rijá, escorregadia.

Mais uma vez, a dor se mistura ao tesão em mim. O pau dele é tão grande que tenho a sensação de estar sendo partida ao meio. Não sei se vou conseguir ir até o fim.

— Porra! Isso dói pra caralho. — Resmungo.

— Agüenta. Se reclamar, vou te bater de novo.

Quando seu pau está enterrado em mim até a raiz, ele passa a mover seus quadris em arremetidas vagarosas, para frente e para trás, em círculos, seus gemidos roucos, loucamente sensuais, ecoando pela sala.

Enfia sua mão entre minha perna e a mesa, alcançando minha boceta e passa a massagear meu clitóris, habilidosamente, em círculos e, pouco a pouco, a dor desaparece, o tesão louco prevalecendo, sua presença em mim se tornando tão prazerosa que sinto vontade de rebolar os quadris no seu pau, para trazê-lo mais fundo no meu interior, mas me contenho ao lembrar-me de que não devo me mover. Arrebatada de luxúria, perco o controle sobre mim mesma e os gemidos escapam-me dos lábios, ao passo em que Afonso passa a se mover cada vez mais depressa, suas estocadas se tornando mais fortes, mais fundas, mais enlouquecedoras. — Puta merda! Que cuzinho apertado! — Ele grunhe.

Porra! Foda-se que não posso me mover, nunca serei uma boa submissa, quero e faço. Rebolo minha bunda no pau dele, fazendo-o rodar no meu canal, empurrando mais minhas paredes, levando-o mais fundo em mim, enlouquecendo de tanto prazer.

Afonso geme alto, rouco, enviando sua energia sensual que me atinge em cheio, um novo orgasmo se formando nas minhas terminações.

— Ah... tesão... me come... não pára... vou gozar... — As palavras saltam da minha garganta.

Então, explodo, num orgasmo arrebatador, que por pouco não me tira o que resta da minha sanidade, ao mesmo tempo em que Afonso dá uma última estocada, parando fundo em mim, seus espasmos se fazendo de encontro à minha carne, seu gozo se esvaindo no meu interior, um único grunhido partindo da sua boca.

— Puta merda! Que delícia. — Ele fala, ainda dentro de mim, embora já estejamos moles, saciados.

Segura-me pelos cabelos, atrás da minha cabeça, puxando-me o rosto para o lado e beija-me demoradamente, apaixonadamente, nos lábios, me deixando sem fôlego. Em seguida, puxa o pau para se livrar do preservativo.

— Já posso me levantar, mestre? — Pergunto, com diversão.

— Vem cá. — Ele usa suas duas mãos para colocar-me de pé e estreita-me em seus braços, apertando-me com força contra seu corpo suado, afundando o rosto nos meus cabelos. — Peça-me qualquer coisa que quiser, mas nunca mais me peça pra te deixar, porque isso está fora do meu alcance.

Meu corpo estremece contra o dele, uma súbita vontade de chorar invadindo-me, por saber que nunca ficaremos juntos de verdade, pois a vida nos reservou caminhos bem diferentes.

Logo que tiver oportunidade, fugirei para longe, por causa de Guilherme e assim me afastarei também dele.

— Ta bom, não peço mais. — Falo, sufocando as lágrimas, forçando o sorriso. — Agora me fala uma coisa, você por acaso é praticante de BDSM?

Ele sorri lindamente.

— De vez em quando gosto de variar, mas na verdade prefiro fazer amor. Hoje queria apenas te mostrar quem é que manda nessa relação.

É minha vez de sorrir.

— Que relação? Nós não temos nada sério.

— Você quer exclusividade, baby. Isso é uma relação para mim.

— Ok, então será uma relação entre aluna e professor. Parece promissora. E por falar em professor, vamos voltar pra sala, porque o intervalo já terminou faz tempo.

— Tinha até me esquecido disso.

Ele me beija mais uma vez, com paixão, antes de me soltar.

Visto-me apressadamente, observando-o fazer o mesmo. Ajeito os cabelos desgrehados, antes de falar:

— Vou indo na frente. Espere um pouco antes de ir. Pra ninguém desconfiar.

— Tudo bem, pode ir. Mas não esqueça: amanhã quero você aqui no instante em que o sinal tocar.

— Eu venho. Não precisa me chamar diante da turma toda.

— Combinado.

Carregando um vazio enorme no meu interior, como se deixasse para trás uma parte de mim, destranco a porta e saio.

No corredor, demoro a acreditar no que meus olhos vêem: Caminhando na minha direção, vagarosa e ameaçadoramente, vindo do lado de fora, está Guilherme, fitando-me fixamente com seus olhos diabólicos, sua fisionomia contraída.

CAPÍTULO XIX

Estaco, paralisada, com a sensação de que o chão desapareceu de sob meus pés, meu sangue gelando nas veias, meu coração apertando no peito.

Certamente ele foi informado por um dos alunos de que eu estava aqui, na sala de Afonso e que não foi a primeira vez.

Puta merda! O que vou fazer agora? Ele avisou que não me daria uma terceira chance. Cumprirá todas as ameaças que me fez e, ainda por cima, fará um escândalo que prejudicará Afonso, acarretando sua demissão. O mínimo que pode acontecer se a diretoria souber que ele teve relações sexuais com uma aluna na sua sala durante o horário de expediente.

Puta merda! Puta merda! Por que não fiquei longe de Afonso como pretendia?

— Eu devia te dar uma surra, vagabunda! — Guilherme esbraveja, com voz baixa e extremamente ameaçadora, seus olhos de louco cravados em meu rosto. — Pra sua sorte não sou homem de bater em mulher.

— Por favor, Guilherme, vamos conversar lá fora. Não será bom que você faça um escândalo aqui.

— Não será bom pra quem?! — Dessa vez ele grita. — Está com medo que eu faça seu amante filho da puta perder o emprego?

Permaneço em silêncio, forçando minha mente, entorpecida pelo pânico, a trabalhar rapidamente, em busca de uma saída, enquanto ele segura meu braço com brutalidade, apertando-o com violência, arrastando-me para fora da ala, sem que eu proteste, já que preciso evitar um escândalo que possa prejudicar Afonso.

Todavia, estou decidida: no instante em que deixarmos as dependências do campus, não mais cederei a sua maldita chantagem, estou cansada disso. Se ele quiser me expor a toda cidade, como prostituta, colocando em risco a guarda de Gabriel, que o faça. Pior precisar viver, constantemente, sob seus domínios.

Sei que as consequências disso serão catastróficas. Precisarei abandonar a faculdade e deixar Quixadá o quanto antes. Ainda não sei para onde irei, ou com que dinheiro, mas vou dar um jeito. Pedirei abrigo na casa de uma das meninas da boate em Fortaleza, se for necessário, até conseguir me estabelecer. Sinto apenas por Tati, que não terá mais onde morar.

Mas ela tem Ricardo, não precisará aprender a se virar sozinha, como eu aprendi.

Guilherme arrasta-me com violência através do pátio do campus, na direção da ala onde ficam as salas. Todas as pessoas por quem passamos, param para nos observar, embora ninguém interfira, certamente acreditando que se trata de uma desavença entre um casal de namorados.

Em frente à sala de aula, encontramos os alunos do lado de fora, reunidos em grupos, jogando conversa fora, silenciando-se imediatamente para nos observar, quando nos aproximamos, me fazendo sentir ainda mais humilhada.

— Rápido. Pega suas coisas e vamos sair daqui. — Guilherme fala, deixando-me na porta da sala, algumas pessoas cumprimentando-o com amistosidade, como se ele não estivesse agindo como um monstro.

Entro apressada no recinto quase deserto, dirigindo-me para minha cadeira, enfiando os cadernos na mochila, pendurando-a no ombro, enquanto Rita e Solange me observam atônitas, perguntando-me o que está havendo, sem que eu tenha tempo de explicar, pois preciso tirar Guilherme daqui antes que Afonso deixe sua sala e ambos possam se confrontar.

Mas meu plano não dá certo. No instante em que atravessamos o pátio, rumo ao portão de saída, Guilherme ainda puxando-me pelo braço, com violência, Afonso deixa a ala administrativa, seus olhos detendo-se sobre nós e, como eu esperava, se apressa em vir na nossa direção, alcançando-nos rapidamente.

— Posso saber o que está acontecendo aqui? — Afonso indaga com espanto, seus olhos furiosos se cravando na mão abusiva de Guilherme em torno do meu braço. — Por que você está deixando esse cara te tratar desse jeito, Sophia?

Logo, uma pequena multidão de pessoas se forma a nossa volta, entre alunos, professores e funcionários da instituição, todos deduzindo o que se passa, com base na minha demora na sala de Afonso.

— Não é nada Afonso. Está tudo bem. — Falo, tentando evitar que Guilherme se vire para ele.

Mais uma vez meus esforços são em vão, pois Guilherme vira-se para encará-lo com os olhos faiscando de ódio.

— Nunca mais coloque suas mãos em Sophia, seu desgraçado. Ela é minha. Você está me entendendo? — Guilherme fala, entre dentes.

— Quem tem que decidir isso é ela, não você.

Agindo como uma fera violenta, Guilherme solta meu braço para empurrar Afonso, com seus punhos cerrados, brutalmente, quase o derrubando no chão. No instante seguinte, os dois seguranças do campus o seguram, um de cada lado, imobilizando-o.

— Quer que chame a polícia, professor? — Um dos seguranças pergunta.

— Não. Apenas tire ele daqui.

Sem que Guilherme proteste, os dois homens o arrastam na direção da saída.

Quando faço menção de segui-los, Afonso segura-me o pulso e fala:

— Não vá, fique comigo. — Seu olhar é o mais apaixonado que já vi e fico emocionada. Cogito, seriamente, contar toda a verdade a ele, sobre a chantagem vil de Guilherme e pedir sua proteção, porém, isso o prejudicaria também, causaria sua demissão por ter transado com uma aluna na sua sala e sua discriminação, quando todos souberem a verdade, por apoiar uma garota de programas.

Não posso permitir que ele seja prejudicado a tal ponto. Vou me virar sozinha, como sempre me virei.

— Não posso. — Limito-me a dizer, para em seguida, puxar meu pulso da sua mão, seguindo Guilherme para fora.

Os seguranças o deixam diante do seu carro, do outro lado da rua, alertando-o de que não

deve voltar a importunar o professor Afonso dentro das dependências da instituição, antes de voltarem ao campus.

Puto da vida, Guilherme chuta o pneu do Audi, proferindo um punhado de palavrões, para logo assumir seu lugar ao volante, esperando que eu entre pela outra porta.

Em silencio, ele dá a partida, adentrando o transito em alta velocidade, ultrapassando, perigosamente, outros veículos.

— Dá pra ir mais devagar? Eu tenho um filho pra criar. Não posso morrer esses dias não. — Falo.

Então, ele acelera um pouco mais, chegando a cento e sessenta por hora.

— Se você se preocupasse com seu filho, não estaria fodendo com um assassino. Recuso-me a discutir com ele sobre Afonso.

— Acabou Guilherme. — Falo, o mais firme possível. — Quero você fora da minha casa e da minha vida. Pode falar de mim pra quem quiser. Eu não me importo mais.

Ele permanece em silencio por um instante, como se absorvesse minhas palavras. Então, pára no acostamento, bruscamente, os pneus cantando sobre o asfalto.

— Por que isso agora? Por causa do seu maldito amante? — Seus olhos reluzem ódio.

— Com certeza não é por causa dele. Mas porque não conseguiria viver assim, sob seus domínios, como um fantoche nas suas mãos. Sem ter vontade própria. Só na sua cabeça mesmo que um ser humano pode suportar uma vida dessas. Foi um erro da minha parte ter concordado com isso.

— Você prefere ser uma vadia, dar pra todo homem que tenha dinheiro no bolso, que ser uma mulher direita? Que ter uma vida de tranqüilidade?

— Eu prefiro ser uma vadia, que ser sua prisioneira.

— Do que você está falando? Você nunca foi minha prisioneira. Eu por acaso te tranquei em casa alguma vez?

Olho dentro dos olhos dele, antes de prosseguir, pois ele parece não compreender que forçar uma pessoa a estar ao seu lado, é uma forma de aprisionamento.

— Você me chantageou, Guilherme. Me obrigou a ficar com você, mesmo contra a minha vontade. Isso é uma prisão.

Ele abre a boca, como se pretendesse retrucar. Logo desiste, permanecendo em silencio, o ódio se abrandando no seu olhar, sua fisionomia relaxando.

Por fim, volta a encarar-me. Com voz mais calma fala:

— Eu sei que a chantagem não foi a melhor forma de agir, mas eu não tinha outra forma. Eu me apaixonei por você no instante em que te vi pela primeira vez, há dois anos. Durante todo esse tempo, você nunca olhou para mim. Eu sabia que você não deixaria aquela vida de outra forma. Sabia que jamais conseguiria te conquistar a ponto de você me aceitar como único na sua vida.

Suas palavras me surpreendem.

— Caramba, Guilherme, você nem tentou!

— Eu sabia que não tinha chance! — Ele faz uma pausa, como se esperasse resposta, como não obtém, continua: — Apesar da forma errada como começamos, estou disposto a tudo pra

te fazer feliz, pra te dar uma vida boa. Você lembra como foi divertido ontem no restaurante, com Tati e Gabriel? Será sempre assim. Nós seremos uma família feliz. Quanto ao sexo, posso esperar quanto tempo for necessário até que você me queira de verdade. — Seu olhar se intensifica sobre o meu. — Me perdoa pela chantagem, Sophia. Eu te amo. Me dá essa chance de te fazer feliz.

Não acredito em uma palavra do que ele diz. Se ele realmente me amasse, não teria me deixado sem opção, se realmente quisesse me fazer feliz, me permitiria escolher entre ficar ao seu lado ou não. Isso que ele sente não é amor, é possessividade, a recusa em aceitar um não de uma garota que deseja.

— Eu sinto muito. Não vai rolar. Não quero ficar com você.

Lentamente, seus olhos voltam a ficar medonhos, raivosos, sem que os desvie dos meus.

— Se você quer assim, não posso fazer mais nada. Estou indo agora mesmo falar com meu amigo da televisão. Ele vai adorar debater o assunto no programa dele. Afinal não é todo dia que uma mulher de Quixadá vende o corpo pra sustentar o filho e a faculdade e ainda ostentar uma casa boa e empregada. Ah! E antes que eu me esqueça, vou ter que voltar à faculdade para explicar ao diretor o motivo que me fez tirar você de lá hoje. — Seu tom é assustadoramente ameaçador. — Agora sai do meu carro, vagabunda.

Está feito. As cartas estão na mesa. Minha vida logo será exposta à toda a cidade. Não há mais como voltar atrás. O juizado de menores virá atrás de mim para me tirar meu filho. Afonso será demitido por justa causa.

Com um calafrio na espinha, penso em pedir desculpas e aceitar ficar com ele, mas não posso viver assim, prisioneira das suas vontades. Prefiro fugir e o farei, antes que tirem Gabriel de mim.

Sem uma palavra, desço do carro, vendo-o arrancar em alta velocidade, desaparecendo em meio ao tráfego.

Pego um moto taxi e meia hora depois estou em casa.

Encontro Tati passando roupas no meu quarto, Gabriel brincando sobre a cama.

Aflita, sobressaltada, seguro-o em meus braços e o aperto de encontro ao meu corpo, como se ele fosse capaz de me transmitir as forças de que preciso agora para tomar todas as decisões certas e encontrar uma saída para a encrenca na qual estou metida até a raiz dos cabelos. Preciso pensar com precisão, evitar que meu pequenino seja tirado de mim.

— Algum problema? — Tati pergunta, sem interromper a tarefa.

— Todos! Nesse exato momento, seu queridinho Guilherme está a caminho da casa do jornalista que vai contar minha história, de forma pejorativa, pela televisão, pra toda a cidade e região. Depois acredito que ele vá ao conselho tutelar dar queixa sobre como sustentei Gabriel até hoje.

Ela deixa a tarefa de lado, sentando-se na beirada da cama, fitando-me com olhos perplexos.

— Por Deus, Sophia! O que você fez?

— O que eu fiz?! Como assim? Eu não fiz nada. Ele é que está tentando destruir a minha vida.

Ela reflete antes de falar.

— Não acredito que ele vai fazer o que prometeu. Só te ameaçou pra você ficar com ele, porque te ama tão desesperadamente que não soube mais o que fazer.

— Acontece que ele vai fazer sim.

— Por mais que você pense o contrario, eu sou sua amiga. Se ele fizer isso, estarei do seu lado para o que der e vier.

Estou tão transtornada, que sua palavra amiga me reconforta e, assim, a abraço fortemente, esquecendo suas atitudes dos últimos dias.

— Ele vai falar de mim Tati. Você não acreditaria nas histórias que já ouvi as meninas da boate contando sobre o que os homens são capazes de fazer quando amam ou odeiam uma mulher. Eles são piores que nós.

— E o que você pretende fazer? — Afastamo-nos do abraço.

— Ainda não sei. Preciso pensar. Só sei que não posso continuar morando em Quixadá. — Fito-a com tristeza. — Provavelmente nós vamos ter que nos afastar. Você precisa pedir apoio a Ricardo.

É a vez de ela me fitar com tristeza.

— Nossa relação não está muito boa. — Dá de ombros. — Mas eu sei me virar sozinha.

— Não Tati. Você nunca pode pensar assim, ou acabará caindo na mesma vida que eu e arranjando os problemas que estou enfrentando agora. Você vem comigo se Ricardo não te quiser.

Os olhos dela marejam de lagrimas.

— Tá bom Sophia. Agora tenho que terminar de fazer o almoço. Vou ficar de olho na televisão pra ver se passa alguma coisa sobre você no canal local.

Ela sai do quarto, deixando-me mergulhada no meu mar de tormentos, minha mente fervilhando com os pensamentos.

Preciso agir rápido, encontrar uma forma de ir embora de Quixadá antes que o conselho tutelar ou o juizado de menores me tire meu filho.

Decidida, tiro o celular que Afonso me deu da mochila e digito o numero do telefone da boate, o único que tenho decorado. Sou atendida pela recepcionista, uma boa amiga, a quem faço um resumo de tudo o que está acontecendo, sem mencionar, é claro, o fato de que o único homem de Quixadá que vi por lá foi assassinado, já que ninguém se arriscaria a ajudar uma pessoa que pode estar envolvida com um assassino e peço que me mostre uma solução.

Ela me dá o numero do telefone de Rafaela, uma das garotas que, segundo ela, há dias procura alguém com quem dividir o aluguel da casa onde mora. Todavia, me alerta de que eu devo procurar outro lugar para trabalhar, pois certamente lá será o primeiro local onde o juizado tentará me encontrar.

Rafaela começou a freqüentar a boate há poucos meses. Embora não tenha muita intimidade com ela, já nos falamos algumas vezes.

Ansiosa, digito os números dela e, depois de vários toques, finalmente sou atendida por uma voz sonolenta.

— Bom dia. É Rafaela?

— *Ela mesmo. Quem fala?*

— Aqui é Sophia, da boate. Provavelmente você não vai se lembrar de mim, pois nos falamos poucas vezes. Fiquei sabendo que você está procurando uma pessoa com quem dividir o aluguel e gostaria de me oferecer. Peça informações sobre mim aos funcionários da boate. Eles vão te dizer como sou.

— *Acho que me lembro de você, a morena bunduda de Quixadá. Você tem filhos?*

— Sim. Um menino de dois anos. Mas tenho uma pessoa para cuidar dele durante o dia, para que possamos descansar e à noite.

— *Você parece meio desesperada. Problemas?*

Porra! Seu eu falar a ela que sim, recusará minha proposta, pois ninguém quer se envolver com os problemas dos outros. Ela saberá que há algo errado quando me vir indo para outra boate, mas então já estarei instalada lá.

— Não. Nenhum. Apenas quero ficar mais perto do trabalho. Ela demora para responder.

— *Eu tinha conversado com uma menina antes. Ela ficou de me dar uma resposta essa noite. Caso não dê certo com ela, entro em contato com você. Te encontro nesse numero?*

— Sim.

— *Então até amanhã.*

E encerro a ligação.

Espero que dê certo, pois os alugueis em Fortaleza são caríssimos.

Entretanto, estou aflita demais para conseguir a ficar de braços cruzados, esperando a resposta dela, que pode ser negativa. Então, tomo um relaxante banho frio, visto um shortinho de malha confortável e camiseta e sento-me diante do computador, procurando anúncios de casas e quitinetes para alugar em Fortaleza. Mesmo nos bairros mais afastados do centro da cidade, são todos muitos caros, embora eu tenha que optar por um deles se Rafaela ficar com a outra garota.

Esta tarde, Tati se recusa a ir para a escola, argumentando que quer estar em casa para acompanhar o noticiário e descobrir, o quanto antes, se Guilherme realmente cumpriu sua ameaça.

Quanto a mim, não tenho duvidas de que ele fez isso.

Após o almoço, deito-me com Gabriel em meu quarto, para que ele tire seu cochilo de todas as tardes. Logo que ele dorme, volto ao computador, quando então, ouço Tati gritar meu nome da sala, espavorida, assustando-me.

Com meu sangue gelando nas veias, corro até lá, e não preciso que ela me diga porque me chamou, meus olhos se detendo no noticiário na televisão.

Ainda não estão falando sobre mim, como eu esperava. As imagens são de Afonso sendo preso, algemado, escoltado por dois policiais uniformizados, diante da delegacia.

Sinto meu coração me sufocando, ao ouvir o que o repórter diz.

Segundo sua narrativa, Camila, a filha única do poderoso empresário Marcos Antonio Jr, foi encontrada morta esta manhã no açude Cedro, com um tiro na cabeça. Como estava saindo com Afonso, nos últimos dias, ele foi o primeiro a ser investigado e, algumas horas atrás, a arma do crime, um revolver calibre trinta e oito, a mesma que tirou a vida de Andre, foi

encontrada no porta luvas do carro dele, na garagem do seu hotel.

CAPÍTULO XX

Quanto mais ouço o que o repórter diz, menos sinto minhas pernas. Meu coração parece sem forças para bombear o sangue até meus pulmões.

Entorpecida pelo horror, deixo-me cair no sofá, tentando me convencer de que isso pode ser mentira, de que a polícia pode ter se enganado, pois admitir que Afonso é um assassino é doloroso demais. Porém, não há mais como desacreditar. O revolver estava no carro dele. Não pode ter sido outra pessoa.

Putaquepariu! Como puder ter me enganado tanto? Sou mesmo muito lesada.

— Acredita agora que foi ele? — Tati fala, com evidente satisfação, por ter sua opinião comprovada.

Meneio a abeca, atônita, estupefata, sem saber o que dizer.

A reportagem termina, embora Tati não desligue o monitor. Mergulho fundo em meus pensamentos, repassando, mentalmente, todos os momentos vividos com aquele homem. E a cada instante fica mais difícil acreditar no que ele fez.

— Tudo bem que ele pode ter tido motivo para matar André. A discussão dos dois deve ter se estendido para além do que as pessoas presenciaram. Mas por que ele mataria Camila? Ele me disse que estava transando com ela. Não tinha motivo para matá-la.

Tati fita-me com incredulidade.

— Fala serio, Sophia! Depois dessa você ainda acha que não foi ele?

— Eu só acho que ele não tinha motivo pra isso. — Reflito um pouco mais, antes de continuar. — E se foi Guilherme que cometeu os dois assassinatos e depois colocou a arma no carro dele para incriminá-lo e tê-lo fora do seu caminho?

— Acorda Sophia! O Guilherme não foi a São Paulo matar o amante da ex dele. O cara é um assassino. Aceita isso de uma vez. Talvez ele matou a Camila por puro prazer.

Tento pensar em algo mais que possa tirar sua culpa, mas não há nada. Não há mais como negar: Afonso realmente é um assassino.

Putamerda! Já vi mulheres sem sorte para homem, mas como eu, está para nascer!

— Vou voltar pro quarto Tati. Fica de olho aí e qualquer coisa me chama.

— Ta.

Quase em estado de choque, deito-me ao lado de Gabriel na cama, encolhendo-me, um bolo horrível fazendo meu estomago embrulhar. Imagino Afonso atirando friamente em André, depois em Camila e um calafrio percorre-me a espinha. Não consigo compreender como fui capaz de me enganar tanto com uma pessoa. De alimentar uma paixão tão intensa por alguém capaz de tirar vidas.

As horas passam sem que eu perceba, tão mergulhada estou em meus pensamentos.

Quando Gabriel acorda, carrego-o no colo para a cozinha e, como de costume, preparo um lanchinho rápido para nós dois, sentando-me no sofá da sala, diante da televisão ligada, para fazer a refeição, enquanto Tati vai tomar banho.

Quando ela termina e ocupa o outro sofá, volto para meu quarto, afim de ficar sozinha, analisando meus pensamentos.

No instante em que deito-me na cama, o toque do celular ecoa pelo cômodo, assustando-me, fazendo meu coração disparar no peito.

Só pode ser Afonso, pois apenas ele tem esse número. Cogito seriamente não atender, mas opto por ouvir o que ele tem a dizer.

— Oi. — Atendo, hesitante.

— *Sou eu, Afonso.*

— Eu sei.

— *Você já está sabendo o que aconteceu?*

— Sim. Passou na televisão.

— *Eles me deixaram dar apenas um telefonema. Eu podia ter ligado pra minha mãe, ou um dos meus irmãos, ou até mesmo um advogado. Mas preferi falar com você. Pra te dizer que, apesar de tudo apontar para o contrário, eu não matei aquelas pessoas. E você é a única que eu preciso que acredite em mim.*

Sua voz aquece meu coração. Parece inacreditável, mas, apesar do que fez, sinto um afeto tão imensurável por ele, que as lágrimas ameaçam aflorar dos meus olhos, por imaginar a injustiça da qual ele está sendo vítima, se realmente for inocente.

— O revolver estava no seu carro. Não tem como ter sido outra pessoa. — Falo, minha voz trêmula.

— *Alguém colocou a arma lá para me incriminar. Acredite, Sophia: eu não matei ninguém. Tenho muitos defeitos, mas não sou um assassino.*

— Quem poderia estar tentando te incriminar?

Ele demora para responder, como se hesitasse e tenho a impressão de que está me escondendo algo ainda pior que sua culpa.

— *Eu não sei.* — Sua voz é hesitante. — *Mas quem fez isso com Camila, pode tentar algo contra você. Quero que me prometa que tomará cuidado.* — Um calafrio faz todo o meu corpo estremecer. — *Não saia sozinha de casa. Não deixe a porta destrancada. Fique atenta. Eu não me perdoaria se algo te acontecesse.*

Há angustia na sua voz e, apesar de a verdade estar diante de mim, continuo sentindo que ele é inocente, assim como sinto que está me escondendo algo.

— Você está protegendo quem matou essas pessoas?

Mais uma vez, ele demora para responder, o que evidencia sua incerteza, ou culpa.

— *Não. Se eu soubesse quem foi o entregaria e sairia daqui. E você, está me escondendo algo?*

Um frio atravessa meu estômago. Acho mais provável Guilherme ter matado essas pessoas que ele, para incriminá-lo e tirá-lo da minha vida. Ele pode ter sido informado que fui à sala de Afonso ainda ontem e me levou par almoçar fora com a intenção de me convencer que estava tudo bem e eu não suspeitasse dele quando Camila fosse morta, pois, segundo o jornalista, ela foi assassinada ainda ontem a noite.

Talvez tenha convencido Tiago a mentir, a inventar que me viu na boate, para desviar minha atenção do seu envolvimento com Andre.

É tudo muito confuso e já não sei o que pensar. Minha única certeza é de que se alguém quer ver Afonso na cadeia, esse alguém é Guilherme e Afonso precisa saber disso, para que possa se defender.

— Tenho que te contar uma coisa. — Hesito várias vezes antes de falar. — Eu não estava com Guilherme por opção. Ele descobriu que eu freqüentava a boate e me chantageou. Disse que um outro amigo dele me viu lá e lhe contou, prometendo não falar a mais ninguém, mas o único homem de Quixadá que vi naquele lugar foi Andre.

— *Por Deus, Sophia! Por que você não me contou isso antes? Eu teria quebrado a cara desse maldito! Você disse estava? Não está mais?*

— Não. Decidi dar outro rumo à minha vida. Você entendeu o que eu quis dizer?

— *Sim. Você acha que ele pode ter matado Andre para silenciá-lo e Camila para me tirar da sua vida.* — Ele não parece dar muita importância à nova descoberta. — *Mas que rumo você vai dar à sua vida? Por acaso está pensando em ir embora?*

— Sim. Logo que for possível.

— *E quanto a nós dois?*

— Nunca houve nós dois. Você sabe disso. Ele faz uma longa pausa.

— *Para mim há um nós dois. Não foi apenas sexo. Há algo entre nós e você sabe disso... Sophia, estão me mandando desligar. Por favor, não esqueça o que eu disse: tome muito cuidado.*

— Eu tomarei. Adeus Afonso.

— *Até breve, Sophia.* E encerramos a ligação.

Meu coração sangra, minha alma clama por socorro, por ter Afonso perto de mim. Ele estava certo quando disse que há mais entre nós. Há uma paixão louca que me faz duvidar que ele seja capaz de matar, que me faz desejar estar com ele as vinte e quatro horas do dia, que me faz querer chorar ao imaginá-lo numa cela suja de cadeia, junto com pessoas realmente perigosas.

Certamente, esse sentimento está me impedindo de enxergar a verdade, como Tati acredita. Afonso pode sim, facilmente, ser o culpado por esses assassinatos, a morte do amante da sua ex mulher é a maior prova disso.

Afim de descobrir mais sobre esse caso, ligo o computador e procuro pelos sites de notícias de Americana. Digitando o nome de Afonso na barra de pesquisas, encontro, rapidamente, várias reportagens sobre o ocorrido. Leio-as atentamente, como se buscasse uma peça que falta para montar um quebra-cabeças.

De acordo com as narrativas sobre o caso, Afonso era uma das pessoas mais queridas pela população, sempre muito correto em tudo o que fazia. Passou a maior parte da sua vida estudando, para, após concluir o doutorado na Espanha, retornar à sua terra natal e se tornar um dos professores universitários mais requisitados e bem conceituados da cidade. Quando

flagrou sua esposa, uma ex garçonete, que tinha a beleza como principal qualidade, surtou e deu uma surra no amante dela. Quinze dias depois o cara foi encontrado no quartinho fétido onde morava nos fundos do posto de gasolina onde trabalhava como frentista, com um tiro na cabeça. Considerando o fato de que ele era amante da sua esposa, Afonso foi o primeiro acusado, porém, não foi condenado por provar que se encontrava numa academia que começara a freqüentar, depois das aulas, treinando Box, na companhia de alguns amigos, no horário em que o frentista foi morto, o que o isentou da acusação.

Todos os sites abordam as mesmas informações, embora alguns acrescentem que Afonso pode ter convencido os amigos a mentirem em seus depoimentos, já que o verdadeiro assassino nunca foi encontrado.

Em um dos sites, há uma foto de Afonso, sorridente, abraçado com a esposa. Olho para o rosto dela e sinto o sangue fugir da minha face, um frio atravessando meu estomago. A esposa dele é a mesma mulher que falou comigo no banheiro do bistrô ontem, por isso tive a impressão de que a conhecia, já tinha visto essa foto antes, quando examinava os sites na companhia de Tati. Como pude não tê-la reconhecido?

Esta pode ser a resposta que eu procurava: a esposa de Afonso matou o amante com a intenção incriminá-lo, por que razão eu nem consigo imaginar. Veio atrás dele em Quixadá, presenciou sua discussão com Andre, durante o show e deu fim à vida do rapaz para que Afonso fosse acusado. Fez o mesmo com Camila e depois colocou o revolver no carro dele, para se certificar de que ele não se livraria da acusação.

Parece loucura, considerando que se o odiasse a ponto de querer vê-lo na cadeia, ela poderia ter matado apenas ele. Por outro lado, parece fazer todo o sentido. Primeiro porque Afonso nunca mencionou a presença dela em Quixadá, certamente porque a está protegendo, ou porque não sabe que ela está aqui. Segundo porque ele me alertou, ao telefone, que eu tomasse cuidado. Obviamente desconfia, ou tem certeza de que ela é a assassina e pode vir atrás de mim, por causa do que aconteceu entre nós.

A constatação causa-me tremores descontrolados. A sensação de adrenalina que vem me acompanhando nos últimos dias, gelando-me o sangue. Ouço o gritinho eufórico de Gabriel, partindo da sala e suspiro aliviada, pela certeza de que ele está bem.

Se Afonso desconfia da ex mulher, mas não tem certeza, preciso avisá-lo que ela está na cidade, assim ele poderá apontá-la como suspeita à polícia e sair da prisão. Porém, se ele sabe que ela cometeu todos esses crimes e a está protegendo, preciso saber o motivo. Talvez ainda a ame, a ponto de sacrificar sua liberdade pela dela.

São muitas suposições a serem processadas. Preciso manter a calma, raciocinar claramente e conversar com Afonso, o quanto antes, pois apenas ele pode esclarecer essa história.

Não sei se ele pode receber visitas na cadeia, mas ainda assim vou tentar.

Decidida, troco as roupas confortáveis por jeans, top de malha e tênis. Prendo os cabelos num rabo de cavalo e passo protetor solar no rosto. Estou pronta para sair, quando, Tati grita meu nome alarmada, da sala, e mais uma descarga de adrenalina percorre todo meu corpo.

Prevendo do que se trata, corro para a sala, e lá está o apresentador de um programa de auditório de Quixadá, conhecido por tratar de temas polêmicos, falando, ao vivo, ao meu

respeito, exibindo uma enorme foto minha, no telão ao fundo do palco.

Sem mais sentir minhas pernas, deixo-me cair no sofá, ouvindo-o atentamente.

Sua discussão aborda uma reflexão sobre a prostituição, considerando a mesma um problema social grave, causado por mulheres promiscuas, preguiçosas, que se negam a pegar no pesado, optando por uma vida fácil. Segundo ele, esse tipo de mulher, elencando-me como exemplo, dissemina o vírus HIV entre os cidadãos do bem, que as procura por se tratar de uma forma fácil e barata de diversão; propagam o uso e tráfico de drogas; roubam; mentem; traem; incentivam o adultério.

Faz questão de ressaltar o quanto esse meio de vida é sujo e vil e mostra sua indignação por ter uma cidadã de Quixadá, fazendo uso desse subterfúgio para ganhar a vida, ao mesmo tempo em que vive inserida em meio às pessoas de bem, encenando o papel de uma boa universitária.

Segundo ele, uma pessoa como eu não merece ser mãe, pois a convivência de uma criança com alguém capaz de vender o próprio corpo, não pode ser saudável, podendo acarretar seu aliciamento futuro, além de levá-lo a conhecer o mundo das drogas e bebidas precocemente.

Quanto mais o homem, careca, baixinho, fala, mais fico pasma, paralisada no sofá.

Tenho certeza de duas coisas: Guilherme o instruiu a dizer tudo aquilo, com o intuito de me destruir e, a partir de hoje, serei discriminada, julgada e condenada pela população de Quixadá.

Preciso deixar a cidade o mais depressa possível. Mas não sem antes falar com Afonso. Meu Deus! Mas que dia interminável! As tragédias parecem não ter fim!

— Eu não posso acreditar que Guilherme fez isso. — Tati fala, boquiaberta, enquanto o apresentador continua falando, suscitando a opinião das pessoas da platéia, que não poderia ser pior. Cada um com seu julgamento cruel, preconceituoso.

— Ele não é a pessoa maravilhosa que você pensava. — Consigo falar.

— Ah, mas ele vai me pagar. Vou quebrar tudo naquela padaria.

— Melhor deixar isso pra lá, Tati. Não vale a pena.

— Eu sinto muito, Sophia. Nunca imaginei que ele fosse capaz de uma coisa dessas.

— Isso acontece. A gente se engana com as pessoas.

— Acho que depois dessa você não poderá sair na rua pelo menos por alguns dias.

— É exatamente o que pretendo fazer agora.

— Pra onde, criatura? Vão te apedrejar lá fora.

— Eu não me importo. Preciso falar com Afonso.

— Aff! Esse cara de novo.

Ela parece irritada e isso me contagia. Porém, me recuso a discutir com ela outra vez.

— A esposa dele está em Quixadá. Eu a vi ontem quando estávamos no restaurante. Acho que ela pode ser a assassina e talvez ele a esteja protegendo. Quero olhar nos olhos dele e ouvir o que ele tem a dizer sobre isso. — Tati fita-me atônita. — Não vou demorar e preciso que você mantenha a porta trancada. Não abra para absolutamente ninguém. Entendeu Tati?

— Sim. Não vou abrir a porta.

— Ótimo. Até daqui a pouco.

Deixo-a perplexa em seu lugar e saio, esperando que ela tranque a porta por dentro antes de montar minha moto, na varanda, e me inserir no trafego da rua, rumo ao centro da cidade, onde fica a delegacia.

O frio no estomago, a sensação de adrenalina, se recusam a me deixar, como se já fizessem parte de mim.

CAPÍTULO XXI

Ao estacionar no acostamento da rua movimentada, diante da delegacia, procuro hostilidade no olhar das pessoas por quem passo, mas não a encontro, o que prova apenas que ainda não assistiram o programa na televisão.

Logo na recepção, sou informada, por um policial que tem cara de sono, de que Afonso pode receber visitas apenas de um advogado, então minto, inventando que sou a advogada dele, sem que o sonolento me peça uma identificação.

Sou encaminhada por outro policial a uma sala grande, mal iluminada, mobiliada por uma mesinha pequena, duas cadeiras e um bebedouro.

Fico sozinha por alguns minutos, até que a porta se abre e Afonso entra, escoltado por um terceiro policial, suas mãos algemadas diante do corpo.

Olho seu rosto abatido, suas roupas amarrotadas, as mesma que usava esta manhã, quando transamos sobre a mesa da sua sala e uma dor aguda invade meu peito, por vê-lo nesse estado.

Seus olhos azuis, tristes, se cravam em meu rosto e as emoções são afloradas dentro de mim, um misto inexplicável, intenso, de euforia, angustia, paixão, tesão, confusão, que me impede de pensar com clareza.

— Oi. — Falo, minha voz ligeiramente trêmula.

Hesitantemente, ele aproxima-se, passando seus pulsos algemados por cima da minha cabeça, puxando-me para junto de si, quando então o calor que emana dele, desperta o desejo primitivo em mim.

— Como é bom te ver. Infelizmente nessas circunstâncias. — Sua voz também está trêmula.

Apresso-me em me desvencilhar do abraço, afastando todos os sentimentos, forçando minha mente a pensar com clareza e priorizar o motivo que me trouxe aqui.

— Precisamos conversar. — Falo, o mais firme que consigo, sentando-me à mesa, gesticulando para que ele ocupe a outra cadeira. Ele senta-se diante de mim, sem desviar seus olhos perturbadores dos meus. — Quero que seja sincero comigo, Afonso. Você sabe que sua ex mulher está em Quixadá?

Ele não demonstra espanto algum e não precisa que fale para que eu saiba sua resposta.

— Eu não tinha certeza. Mas desconfiava.

— E por que você não tinha certeza? Ela por acaso não te procurou?

— Não. Nunca a vi aqui. Mas meu irmão me avisou, por telefone, há dois dias, que ela deixou a cidade.

Agora é a vez de proferir a pergunta mais difícil:

— E por acaso foi ela quem matou essas pessoas e você a está protegendo?

Seu olhar continua neutro, o que torna difícil saber quando ele mente ou fala a verdade.

— Claro que não a estou protegendo. — Ele respira fundo antes de continuar. — Mas também desconfio de que pode ter sido ela. Não passou pela minha cabeça, quando mataram o Andre, afinal ele era um cara anti-social, sem amigos e um estuprador, como você bem sabe.

Qualquer um podia ter tirado a vida dele. Mas quando soube que Camila foi morta, tive quase certeza de que foi Luciana.

— E por que ela faria isso?

— Por vingança. Para me ver na cadeia. Ela nunca aceitou o fim do nosso casamento, que na verdade aconteceu antes de eu flagrá-la com aquele frentista. Eu já não sentia mais nada por ela, pouco a tocava, o que a deixava furiosa. E quanto mais ela se enfurecia, menos eu a desejava. Acho que ela fodeu com aquele cara por carência afetiva, por isso colocou a culpa em mim. Depois que saí de casa, ela me procurou diversas vezes, tentando uma reconciliação e quando se convenceu de que não tinha volta, matou o próprio amante pra me incriminar. Ela não sabia que eu tinha começado a treinar boxe a noite. Pensou que eu estaria sozinho no hotel, estudando, quando cometeu o crime. Como o plano dela de me colocar atrás das grades não deu certo, acho que ela resolveu tentar uma segunda vez e agora conseguiu o que queria.

As palavras dele apenas confirmam o que eu já tinha em mente, embora muitas lacunas estejam sem explicação.

— Mas que história doida. Por que você não falou isso à policia antes que ela tivesse tempo de fugir?

— Primeiro porque nunca tive certeza de nada, é tudo suposição. Segundo porque não tenho nenhuma prova. Nem sabia se ela realmente estava aqui. Você que está me dizendo.

— Eu a vi ontem em um restaurante no centro da cidade. Ela foi falar comigo no banheiro. Mas só soube quem era ela hoje, quando vi a foto de vocês dois num site.

Subitamente, a expressão dos olhos dele muda de neutra para alarmada e não precisa que ele diga uma só palavra para que eu saiba o que se passa em sua mente.

— Se ela te seguiu até o restaurante, é porque já sabe sobre nós. — Sua voz está tão alarmada quanto seu olhar. — Você precisa tomar cuidado Sophia. Muito cuidado.

Processo suas palavras e meu estomago revira, um suor frio cobrindo minha pele. Porra! Onde ele achou essa doida para se casar?

— Fala serio, Afonso! Por acaso você conheceu essa criatura num hospício?

— Não. Ela tem transtorno depressivo, mas tomava a medicação em casa. O quadro dela se agravou quando soube que a medicação a tornou incapaz de engravidar. Não tenho certeza, mas acho que ela interrompeu o tratamento.

— Mas é claro que interrompeu. Só mesmo uma maluca pra sair por aí matando todo mundo com a intenção única de colocar o ex na cadeia.

— Se ela realmente fez isso, é porque está muito doente. Por isso te digo: tome todo o cuidado possível.

— “Se ela realmente fez isso?!” Você ainda duvida?

— Ela era a pessoa mais meiga e sensata quando a conheci. Por isso fica difícil acreditar. Mas agora que você a viu aqui na cidade, acho que não há mais como duvidar.

Subitamente, sinto-me irritada, não sei se por ele colocar a culpa dos atos dessa louca numa doença, ou por dizer que ela era meiga e sensata.

— E agora? Você vai falar à policia sobre ela, ou vai esperar ela matar mais alguém?

— Lógico que vou falar. Se ela ainda não tiver fugido, logo será presa e eu estarei fora daqui. — Ele faz uma pausa, umedecendo seus lábios lindos com língua. — E como estão as coisas entre você e Guilherme?

— Não estão mais. Como eu te disse por telefone, desisti de ceder à chantagem e ele cumpriu a ameaça de me expor perante toda a cidade. Hoje eu fui o assunto de um programa de televisão local.

— Mas já?

— Sim. Pelo visto ele já tinha conversado com o apresentador. O circo estava todo armado, só esperando minha decisão.

— Eu sinto muito que as coisas sejam desse jeito.

— Parece que não tivemos muita cautela em escolhermos com quem nos relacionarmos.

— O que você pretende fazer agora?

— Ir embora de Quixadá. Minha vida aqui acabou.

Posso ver um brilho intenso, indecifrável, reluzir no seu olhar, subitamente.

— Não faz isso. Me espera sair daqui. Vou cuidar de você e de Gabriel. Eu prometo.

“Como? Morando na minha casa e arcando com minhas despesas para que eu não precise mais me prostituir, mas sem ter compromisso algum comigo?”

— Eu sei me cuidar sozinha. — Levanto-me, um nó se formando em minha garganta. — Preciso ir. Meu filho está me esperando.

Ele também fica em pé, contornando a mesa, colocando-se diante de mim, tão perto que o calor gostoso que emana do seu corpo me atinge como uma descarga de eletricidade que me percorre inteira antes de se instalar no meio das minhas pernas.

— Espere. Não vá ainda. — Sua voz é rouca, sussurrada, enlouquecedoramente sensual.

— Tenho que ir. — Mal consigo falar, tomada pelo turbilhão de emoções que esse homem consegue me despertar. — Preciso ficar com Gabriel. Nunca se sabe quando a louca pode aparecer.

— Obrigada por ter vindo. Por confiar em mim. E mais uma vez te peço: não vá embora da cidade. Espere por mim.

Meu coração, meu intimo, minha alma, tudo aquilo que não consigo controlar dentro de mim, insistem para que eu diga a ele que o esperarei. Porém, meu ultimo e pequeno vestígio de sensatez, me faz dizer a coisa certa:

— Não posso.

Sem esperar que ele retruque, dirijo-me apressadamente para a porta de saída, o guarda abrindo-a para me ceder passagem.

Ao alcançar a rua, ainda tenho meu coração disparado no peito, pelo efeito da proximidade de Afonso e esse poder misterioso que ele tem de abalar cada uma das minhas estruturas.

Agora, sozinha, longe do seu poder, posso analisar melhor nossa conversa e chego à conclusão de que ele pode estar certo: sua ex mulher pode ter cometido todos esses assassinatos, ou não estaria se escondendo dele durante todo esse tempo.

Quando eu contar tudo isso à Tati, tenho certeza de que ela vai dizer que ele está mentindo, que seria impossível uma loura deslumbrante como ela, chegar tão perto dele, durante o show,

quando hipoteticamente presenciou sua discussão com Andre, sem que ele tenha notado a presença dela.

Ainda assim, prefiro ouvir a voz do meu coração e acreditar na inocência dele.

Ao atravessar a rua movimentada, em direção à minha moto, estacionada do outro lado, percebo muitos olhares hostis se voltando para mim, tanto dos pedestres quanto dos motoristas que passam.

Um cara meio calvo, que dirige uma caminhonete, buzina e joga uma piadinha, incentivando os demais a fazerem o mesmo. Logo há muitas buzinas, assovios, vozes alteradas, dirigidas à mim, dando-me a certeza de que agora toda a cidade conhece minha realidade e preciso dar o fora o quanto antes.

Se Rafaela não telefonar-me ainda hoje, amanhã cedo alugo qualquer quartinho na periferia de Fortaleza e mudo-me, apenas para fugir dessa situação.

É quase noite quando chego em casa. Como eu já previa, há a pichação de um pênis ereto na fachada da residência, com a palavra “boqueteira” escrita mais abaixo. Na varanda, encontro ainda, um saco plástico cheio com o que me parece, pelo odor extremamente desagradável, fezes de animais e algumas camisinhas abertas.

Sei que isso é apenas o começo de uma discriminação que se estenderia a todos os setores da minha vida e se tornaria ainda pior, se eu permanecesse em Quixadá. O que me incentiva a providenciar minha partida para o quanto antes.

Deixo a moto na varanda e ao enfiar minha chave na fechadura da porta, espanto-me ao constatar que esta está aberta, sendo que recomendei à Tati, mais de uma vez, antes de sair, que a mantivesse trancada.

Um arrepio se faz em minha nuca e entro sobressaltada. Encontro a televisão ligada, embora não haja ninguém na sala. Tomada por um mau pressentimento, sigo apressadamente para a cozinha, onde encontro Tati, manuseando as panelas sobre o fogão.

— Onde está Gabriel? — Pergunto, minha voz soando mais alta do que eu pretendia.

— Deixei ele na sala, assistindo televisão. Não está lá?

Subitamente, não sinto mais minhas pernas, um abismo se abrindo sob meus pés. Todo o meu corpo estremece de horror, pela simples perspectiva do que possa ter acontecido.

Desesperada, corro para os demais cômodos da casa, Tati me seguindo. Examino atentamente os três quartos e não encontro Gabriel em nenhum deles. Averiguo ainda na área de serviço e no quintal. Ele realmente não está aqui.

Lentamente, mergulho no mais obscuro poço de desespero, minhas pernas faltando, Tati apoiando-me para que eu não caia no chão, ajudando-me a chegar até o sofá.

— Tati, cadê meu filho?

— Não sei. Eu deixei ele aqui na sala. Não tem nem dez minutos. — Ela parece aflita.

— Eu disse pra você deixar a porta trancada.

— Mas eu deixei. Não estava trancada quando você chegou?

— Não.

Ela meneia a cabeça confusa, como se não soubesse o que pensar. Quanto a mim, estou quase certa de que a diabólica mulher de Afonso o levou, não sei exatamente com que

propósito, já que tem o ex marido na cadeia, como queria.

— Ouvi a baderna de alguns adolescentes aí na porta mais cedo. Será que eles o levaram tentando te assustar?

— Espero que seja só isso. — Falo, angustiada. — Vou chamar a policia.

Com minhas mãos trêmulas, pego o celular e digito os números da emergência. Em meia hora uma viatura da policia militar está na minha porta. Ricardo vem junto. Todos os três policiais uniformizados acomodando-se na sala para tomar meu depoimento, quando então, conto a eles todos os acontecimentos, desde a morte de Andre durante o show de Paula Fernandes, passando pela chantagem de Guilherme, até minha conversa desta tarde com Afonso. Inclusive mostro a foto da maldita ex a eles.

Enquanto falo, não deixo de perceber o quanto Tati e Ricardo parecem distantes, como dois estranhos. Talvez ela esteja sofrendo com o fim do seu relacionamento, precisando da minha amizade e eu atolada em meus problemas.

— Nós recebemos a denuncia do professor Afonso no final desta tarde, provavelmente depois que ele conversou com você, soube que a ex mulher está na cidade e pode ter cometido os assassinatos dos quais ele é acusado. Já mobilizamos toda a policia para procurá-la. Tenho certeza de que logo ela será encontrada. — O policial que parece comandar os demais fala, com formalidade. — Reze para que não tenha sido ela que pegou seu filho. — Ele faz uma pausa, observando minha reação. — Devemos considerar, também, que pode ter sido o Guilherme, para se vingar ou os adolescentes arruaceiros. Não devemos pensar o pior.

Sem forças para empurrar as palavras através do nó que há em minha garganta, apenas meneio a cabeça, afirmativamente.

— E quanto aos atos de vandalismo que aconteceram na sua porta, você deseja apresentar uma queixa? — Outro policial pergunta.

— Não. Quero apenas meu filho de volta. Pelo amor de Deus.

— Nós vamos fazer todo o possível para encontrá-lo. — É Ricardo quem fala.

— Sabemos que a porta foi destrancada sem arrombamento, por alguém que certamente tem a chave. A pessoa com maior chance disso é Guilherme, que morou aqui todos esses dias. Por isso vamos começar por ele. — A voz do policial é firme e me transmite segurança. — Sei que é difícil manter a calma numa hora dessas, mas tente fazer isso. Nós vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance.

Eles colhem o depoimento de Tati, que afirma ter deixado Gabriel sozinho na sala por apenas dez minutos. Averiguam, minuciosamente, cada cômodo da casa, depois vão embora, deixando-me a garantia de que trabalharão duro para encontrar meu pequenino, embora nada seja capaz de amenizar minha aflição, nem mesmo essa garantia.

CAPÍTULO XXII

Eu e Tati ficamos sozinhas em casa, nos apoiando, ela tentando me consolar, embora esteja sofrendo também, pois é apegada a Gabriel como se fosse seu próprio filho.

A noite avança lentamente, os segundos se transformando em minutos, os minutos em horas, a angustia se intensificando dentro de mim, à medida que minha mente cria mil possibilidades. Imagino meu bebê nas mãos daquela louca, sofrendo torturas, talvez sendo morto, como foram todos os demais que ela quis matar. Logo ela que nunca conseguiu gerar um filho. Sua mente doentia pode levá-la a torturar Gabriel, por ser uma criança linda que não saiu do seu ventre.

Penso também que Guilherme pode tê-lo levado, em busca de uma vingança mais acirrada, por não achar suficiente me expor para toda a cidade.

Se foi ele, vou descobrir agora mesmo.

Decidida e ao mesmo tempo cansada de esperar, deixo a casa, ignorando os protestos de Tati que tenta me impedir. Monto em minha moto e me dirijo para a casa de Guilherme, localizada ao lado da sua padaria.

Chegando lá, encontro tudo fechado, porém vejo, através da vidraça da janela, uma luz acesa do lado de dentro, que me encoraja a bater na porta.

Ele abre na terceira batida, seus olhos verdes expressando espanto ao fitar o meu rosto.

— Onde está meu filho, seu filho da puta! — Grito, fora de mim.

— Eu não peguei seu filho. Mas adoraria parabenizar quem fez isso. — Há rancor no tom da sua voz.

Seguindo a um impulso incontrollável, ergo minha mão para dar-lhe uma bofetada no rosto, todavia, ele a detém a meio caminho, segurando-a com força, aproveitando para puxar-me para o lado de dentro da casa, fechando a porta atrás de mim.

— Me solta! A policia acabou de sair lá de casa e sabe que vim pra cá. — Minto, o pânico tomando conta de mim.

— Mentirosa. Eles estiveram lá há horas. Sei disso porque vieram direto pra cá, me incomodar com perguntas. Mas não há nada contra mim, Sophia. Eu não seqüestrei Gabriel. Meu único crime foi ter me apaixonado por uma ordinária como você.

Com brutalidade, ele me empurra de encontro à parede, minhas costas se chocando contra o concreto sólido, violentamente, machucando-me. Em seguida, aprisiona-me ali com seu corpo grande, sufocando-me.

Com uma das mãos, segura meus pulsos acima da minha cabeça, enquanto que com a outra, explora meu corpo, apertando meu sexo e meus seios, por sobre as roupas.

Era só o que faltava me acontecer: ser violentada, como se não bastasse todo o resto.

O medo, o ódio e a humilhação tomam conta de mim. Desta vez Afonso não está aqui para me salvar e não há nada que eu possa fazer para escapar, pois aparentemente, estamos sozinhos

na casa.

— Me larga, seu desgraçado. — Falo, a voz saindo fraca, as lágrimas ameaçando aflorar dos meus olhos.

— O único erro que cometi nessa história toda, foi não ter te comido, sua puta, pois é só pra isso que você serve. — Sua mão insolente se infiltra sob minha blusa, segurando um dos meus peitos, enquanto sua boca tenta alcançar a minha, sem que eu permita. — Mas nunca é tarde. Posso fazer isso agora mesmo, se eu quiser. Posso me divertir com você a noite inteira, sem que você possa me impedir.

Como se toda a dor, a tensão, a angustia e o desespero, acumulados ao longo do dia, explodissem de uma só vez no meu interior, desisto de lutar contra ele e entrego-me à enxurrada de lágrimas que brotam dos meus olhos, descontroladamente, banhando-me abundantemente a face, meus soluços saindo altos.

Guilherme me sufoca na parede por mais um instante, até que seu olhar se detém em meu rosto e ele finalmente me solta, afastando-se, sem deixar de me encarar.

— Isso tudo é nojo de mim?! — Ele parece transtornado. — Você está acostumada a trepar com todo tipo de homem, mas comigo não consegue? — Tento falar, a voz não sai. Estou emocionalmente esgotada. — Vai embora daqui. Agora!

Ele abre a porta e antes que mude de idéia, atravesso-a, apressadamente. Já estou montando na moto, quando ele grita:

— Não fui eu quem pegou seu filho!

O estrondo que se segue, é o som da porta sendo batida, bruscamente.

Sem conseguir conter o pranto desenfreado, piloto velozmente até em casa, chegando lá em poucos minutos. Deixo a moto na varanda e entro ainda chorando.

— Por Deus, Sophia! O que aquele cretino fez com você? — Tati levanta-se do sofá para me receber, espavorida.

Atiro-me nos braços dela, recebendo seu abraço amigável e deixo o pranto continuar rolando, minhas lágrimas molhando sua blusa, meus soluços fazendo meu corpo sacudir.

Estou tão desorientada, esgotada, mentalmente e emocionalmente, que não consigo proferir uma palavra sequer. A única coisa que me faria melhorar agora, seria uma notícia boa sobre meu filho.

Tati me conduz até o sofá, sentando-se numa ponta, me fazendo deitar com a cabeça sobre suas pernas, deixando-me chorar, assim, até que as lágrimas pareçam ter secado e restem apenas meus olhos inchados.

Como se emergisse de um pesadelo, olho no monitor da TV e percebo que passa das duas horas da manhã.

— Vai dormir Tati. Está tarde. — Falo, finalmente, num balbúcio quase inaudível.

— Não preciso dormir. Quero ficar aqui com você. Vamos pensar positivo e daqui a pouco a polícia chega com uma boa notícia. — Ela coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Quer saber? Vou fazer um café bem gostoso pra nós e um pouco de cuscuz. O que você acha?

— Acho bom.

Ela me deixa sozinha para se dirigir até a cozinha, de onde logo parte o cheiro gostoso de café fresco.

Não sei o que seria de mim nesse momento se não tivesse Tati ao meu lado. Não posso acreditar que cogitei ir embora deixando-a para trás.

Comemos o cuscuz e tomamos o café aqui mesmo na sala. Depois, voltamos à posição inicial, ela sentada no canto do estofado, eu deitada com a cabeça sobre suas pernas, até que somos vencidas pela exaustão e adormecemos assim.

Quando acordo, Tati está dormindo no outro sofá. Percebo, pela vidraça da janela, que o dia já amanheceu, mais um dia de sol. Ouço uma batida na porta e descubro que foi isso que me acordou.

Sem pensar duas vezes, corro para abri-la, quando então sou tomada pelo mais glorioso misto de alívio, felicidade e gratidão.

Nos braços de um dos policiais que estiveram aqui em casa ontem à noite, está Gabriel, lindo! Sorridente, estendendo seus bracinhos para mim.

Lágrimas de emoção brotam dos meus olhos, abundantemente, quando o tomo em meus braços, apertando-o contra meu corpo, aspirando seu cheirinho único, pressionando meus lábios nas suas bochechas rosadas.

— Meu amor... você está bem? — Falo, num murmúrio.

Ele balbucia algumas palavras incompreensíveis, gesticulando para os policiais e o riso parte dos meus lábios, se misturando aos meus soluços.

Após me observarem em silêncio por um instante, os três policiais, entre eles Ricardo, entram na sala, despertando Tati com o ruído dos seus passos.

— Gabriel! — Ela grita, ao mesmo tempo em que levanta-se com um pulo, vindo nos abraçar, seu corpo trêmulo de emoção.

— Onde ele estava? — Pergunto, observando o quanto o rosto dos três homens parecem cansados, seus olhos avermelhados de sono, evidenciando que trabalharam durante toda a noite para encontrarem meu filho e jamais serei capaz de agradecê-los o suficiente por isso.

— Estava em uma casa abandonada, no subúrbio da cidade, com Luciana, a ex mulher do professor. — O policial que parece comandar os outros explica. — Uma vizinha acordou durante a madrugada com o choro da criança e desconfiou que havia algo errado, já que não morava ninguém na casa. Então ligou para a central. Fomos avisados logo em seguida e conseguimos prender a seqüestradora há algumas horas. Ela está sendo interrogada agora.

— Ela confessou ter cometido os assassinatos?

— Ainda não. Mas com certeza vai confessar. Ela é completamente desequilibrada. Encontramos muitas imagens do professor Afonso, aqui em Quixadá, no celular dela. Pelo visto ela o estava seguindo há dias. Há imagens em que ele parece com Camila, outras com você, perto do açude Cedro e tem até ele discutindo com André na noite do show. O mais espantoso é que ela conseguiu filmar tudo isso sem ser vista. — Ele faz uma pausa antes de prosseguir. — Encontramos com ela também uma passagem de ônibus para São Paulo, com hora marcada para as seis horas desta manhã. Você teve muita sorte. Ela ia desaparecer com Gabriel.

Processo suas palavras e os calafrios percorrem meu corpo.

— Como ela entrou aqui sem arrombar a porta? — Pergunto.

— Ela disse que os vândalos que picharam sua parede abriram para ela. Agora, mesmo que você não registre uma queixa, a policia vai atrás deles.

— Sentem rapazes. Vocês aceitam um café? — Tati fala, com um meio sorriso, seus olhos marejados de lágrimas.

— Não podemos demorar. Nosso plantão acabou faz algum tempo. Precisamos ir pra casa descansar. — O mesmo homem fala.

— Eu aceito o café. — Ricardo declara, sentando-se bastante à vontade no sofá que conhece tão bem, enquanto Tati o fuzila com um olhar fulminante.

— Eu nunca vou ter como agradecer a vocês o suficiente. Gabriel é minha vida. — Falo, emocionada.

O policial, um homem moreno, com feições duras e olhos serenos, observa-me em silencio por um instante, antes de falar:

— O que fizeram na fachada da sua casa foi um ato de vandalismo grave e de discriminação. Tem certeza de que não deseja registrar uma queixa?

Olho nos olhos dele e não entendo porque está sendo tão bom comigo. Obviamente já conhece minha história, como toda a cidade passou a conhecer após o programa de televisão. Não compreendo porque não está me condenando como todo mundo.

Talvez, afinal, existam alguns tomates preservados, numa caixa de tomates podres.

— Agradeço, por tudo mesmo. Mas não será necessário. Não pretendo ficar na cidade por mais tempo. Logo eles terão que escolher outra coisa pra se distrair.

Seus olhos permanecem nos meus por mais alguns minutos de silencio. Em sua expressão vejo curiosidade e admiração, algo que jamais acreditei que um estranho me dirigisse.

— Você é quem sabe. Por ter aberto sua porta, eles serão julgado. — Ele faz menção de sair. — Não esqueça de se apresentar na delegacia esta tarde para prestar seu depoimento contra a seqüestradora.

— Estarei lá.

Sem mais, ele deixa a casa, seu colega seguindo-o, Ricardo ficando na sala, totalmente à vontade no sofá, enquanto Tati está na cozinha preparando café para ele.

Invadida pela mais plena felicidade, ergo meu pequenino no ar, acima da minha cabeça, rodopiando-o, sendo recompensada pelo seu sorriso lindo, inocente. Dirijo-me na direção da porta do meu quarto, quando a voz de Ricardo atrai minha atenção.

— Se eu fosse você denunciava esses vândalos, ou eles não vão parar de te incomodar. — Ele fala. — Prostituição não é crime, mas discriminação é.

— Quer saber de uma coisa, Ricardo? Estou cansada de guerra. No momento quero paz e denunciar essa gente não vai me trazer isso.

Sem mais, entro no meu quarto.

Junto com meu pequenino, tomo um banho demorado, relaxante, como se a água fosse capaz de me limpar da angustia que me pesou na alma durante toda a noite. Depois, vestimos roupas limpas e confortáveis e vamos para a cozinha em busca de algo para comer.

Ainda do corredor, posso ouvir as vozes alteradas de Tati e Ricardo partindo de lá. Estão brigando feio e pelo pouco que ouço, sei que ele a traiu.

No instante em que entro na cozinha, carregando Gabriel nos braços, eles se silenciam, visivelmente tensos, envergonhados.

Sem pretender atrapalhar, finjo que eles nem estão aqui e abro a geladeira, a procura de algo rápido de preparar. Encontro uma lasanha congelada e a pego.

— Deixa que eu faço isso, Sophia. — Tati diz, tirando a lasanha da minha mão. — O Ricardo já ta de saída.

— To de saída o escambau. Não vou embora até você me dizer que vai falar com a Raimunda.

Agora eu fiquei curiosa.

— Quem é Raimunda? — Pergunto, sentando-me a mesa com Gabriel no colo, enquanto Tati coloca a lasanha no micro ondas.

Ricardo e Tati se entreolham. E é ela quem fala primeiro.

— É a garota que ta grávida dele.

Putá que pariu, por essa eu não esperava. Logo Tati, que se julga tão eficiente em conhecer o interior das pessoas, está sendo traída pelo homem com quem namora há mais de um ano.

— E por que você tem que conversar com ela?

— Pra que ela explique pessoalmente como engravidou, já que Tati se recusa a creditar em mim. — É Ricardo quem fala.

— Acho que todo mundo sabe como se engravida, Ricardo. — Faço questão de ser irônica.

— Mas não foi como vocês estão pensando. — Ele está muito sem graça. — Ela apareceu de madrugada lá no quartel, quando eu tava de plantão. Tirou a roupa na minha frente e depois pulou no meu colo. Eu sou homem, porra. Mas só aconteceu essa vez.

— Sinto muito Ricardo, mas essa história de que não resistiu porque é homem, não cola com mulheres inteligentes. — Falo, sem sentir remorso algum.

— Foi isso que eu disse pra ele. — Tati interpela, puta da vida. — Se um cara tirasse a roupa na minha frente e pulasse em cima de mim, eu não ia transar com ele por livre e espontânea vontade, nem que esse cara fosse o Robert Pattison.

— Acho que a sua batata ta assando, colega. — Digo. — É melhor você dar um tempo e esperar que um dia Tati te perdoe, porque no momento, isso não parece possível.

Ricardo bufa, insatisfeito.

— Espero quanto tempo for necessário. Vou atrás de você em Fortaleza, se você se mudar, mas se convença de uma coisa: — Com um gesto meio brusco, ele a segura pelos ombros, interrompendo sua tarefa, forçando-a a encará-lo. — Eu nunca vou desistir de você, porque você é a mulher que eu amo e nunca nenhuma outra vai tomar o seu lugar. — Solta-a e olha na minha direção. — Até mais Sophia.

Ele deixa a casa, com passos pesados, enquanto suspiro romantizada pela cena que acabo de presenciar. Será que algum dia ouvirei isso de um homem, que não seja mentalmente perturbado como Guilherme?

Se eu estivesse no lugar de Tati, com Afonso me dizendo tais palavras, acho que perdoaria a

traição e me atiraria nos braços dele, sem pensar duas vezes.

Talvez aí esteja a diferença entre mim e as mulheres normais, como Tati: elas sabem ser sensatas, eu não.

Eu e Gabriel comemos a lasanha em silêncio, enquanto Tati se empenha em realizar os afazeres domésticos, silenciosa como não costuma ser. Coitada, deve estar totalmente desnorteada.

Após a refeição, Gabriel adormece e o acomodo na minha cama, para em seguida, sentar-me ao computador, decidida a alugar o primeiro quartinho barato em Fortaleza que encontrar nos anúncios, já que a vaca da Rafaela não ligou. Certamente ela ficou com a outra garota. Foda-se, pelo menos terei um cantinho só meu.

Analiso muitos anúncios, comparando preços, localização e conforto, afinal uma criança na idade de Gabriel não pode ser instalada em qualquer pocilga.

Do lado de fora do meu quarto, ouço os ruídos altos de Tati, provavelmente dando uma faxina pesada na casa, pois é isso o que ela faz quando está zangada.

Ao sair em busca de um copo d'água, deparo-me com ela no corredor, carregando uma grande caixa de papelão na direção da porta da rua.

— O que é isso? — Indago, curiosa.

— As coisas daquele alopado do Guilherme. Vou jogar tudo no meio da rua, para que os vândalos façam bom proveito. — Subitamente sorrio, não sei se de suas palavras ou da sua carranca.

— Pode jogar. — Assinto, retomando minha ida à cozinha.

CAPÍTULO XXIII

Consigo me comunicar com a dona de uma vila de quitinetes, cujo preço me parece razoável, considerando que está localizada em um bairro não muito distante do centro da cidade, fica próximo a uma boa escola pública que Tati pode freqüentar e de uma creche, caso seja necessário deixar Gabriel com alguém. No site, há fotos do lugar tanto internamente, quanto do lado de fora. Foi o que mais gostei entre todos que vi e combinei de ir me encontrar pessoalmente com a proprietária logo na manhã seguinte, com a esperança de que possa me mudar em seguida.

Usarei o dinheiro que estava juntando para montar meu consultório após a formatura, para pagar os dois meses de aluguel adiantados que ela exigiu, o frete e outras despesas que uma mudança requer. Quando chegar lá, procurarei outra boate onde trabalhar e recomeçarei do zero. Desta vez tentarei passar no vestibular de uma universidade federal. Se o doente mental do Guilherme conseguiu, eu também consigo.

Ao encerrar minha busca, navego pelas redes sociais e descubro que sou o assunto do momento. Depois do programa sobre mim, exibido na televisão, virei piada em toda a cidade, principalmente entre os jovens, que ainda não sabem o quanto a vida pode ser difícil quando se tem um filho para criar e ninguém para ajudar.

Falam de mim com deboche, atribuindo-me os mais bizarros apelidos. Cada um faz questão de inventar uma piada com a minha vida, como se meu trabalho fosse motivo de vergonha.

O segundo assunto mais debatido nas postagens, são os assassinatos de André e Camila. Aparentemente, ninguém sabe ainda que outra suspeita foi encontrada, pois todas as acusações continuam apontando para Afonso. Os internautas sequer colocam em dúvida a culpa dele, já o condenaram entre si. Assim como condenaram a mim.

Fazer o quê? Essa é a sociedade em que vivemos: ou seguimos suas regras, ou somos banidos.

Após o almoço, Tati encontra coragem para ir à escola, onde sei que também será discriminada, por morar comigo. Todavia, decido não interferir em sua decisão de sair de casa e tentar estabelecer o convívio social. Espero que ela consiga, que suas amigas sejam verdadeiras a ponto de aceitá-la, mesmo quando todos a apontarem.

Quando ela sai tranco a porta por dentro, assim como a dos fundos e acomodo-me no sofá diante da televisão ligada, deixando Gabriel brincando com seus blocos de montar sobre o carpete.

Procuro alguma informação sobre Luciana nos noticiários, mas não há nada. Ou ela foi inocentada e liberada, o que acho bastante improvável, ou os jornalistas estão mal informados.

Apesar de me sentir exausta, pela semana infernal que tive, não consigo relaxar, a sensação de adrenalina se recusando a me deixar. Tenho a impressão de que a qualquer momento algo ruim acontecerá.

Troco os canais, repetidamente, sem encontrar nada que prenda minha atenção o suficiente

para me fazer relaxar. Estou tentando me concentrar em um filme de comédia romântica, quando, de repente, ouço uma batida na porta e uma nova descarga de adrenalina me percorre, fazendo meu sangue gelar nas veias.

O que pode ser agora? Os vândalos com mais uma das suas gracinhas? Guilherme com outra armadilha?

— Quem é? — Pergunto, em pânico.

— Sou eu Sophia. Afonso.

“O quê?! Não posso acreditar!”

Com meu coração disparado no peito, pulo do sofá, correndo para abrir a porta.

Ao vê-lo, sou tomada pelo turbilhão de emoções que faz uma tempestade dentro de mim, abalando cada uma das minhas estruturas. Ao mesmo tempo em que fico atônita com sua aparência: seu rosto lindo está coberto por hematomas e inchaços; há um corte em sua testa, de onde escorre um fio de sangue; suas roupas estão sujas e amarrotadas, sua camisa rasgada; a barba ligeiramente crescida piora ainda mais seu aspecto.

— Meu Deus! Os prisioneiros te deram uma surra na cadeia!? — Indago, alarmada.

— Não... Na verdade eu perdi a cabeça quando estava vindo pra cá e fui acertar as contas com Guilherme, por ter te chantageado. Mas acho que as aulas de boxe que peguei em Americana não serviram pra muita coisa. O cara quase me matou.

— Você tá louco? O Guilherme é muito mais jovem que você e tem quase o dobro do seu tamanho.

— Também não exagera. Ele só deu sorte. Foi isso.

— Nem me fala. Parece que você foi atropelado por um caminhão.

Fico imaginando como ele conseguiu bater em Andre, quando tentou me violentar, sem levar sequer um soco e apanhou de Guilherme.

— Posso entrar e descansar um pouco? — Ele tem mais de trinta anos de idade, mas parece um menino quando pede.

Só então dou-me conta do quanto estou sendo cruel ao deixá-lo do lado de fora no estado em que está.

— Claro. Me desculpa não ter convidado, mas ainda estou tentando entender o que aconteceu. — Ele entra e senta-se no sofá, cumprimentando Gabriel com um aperto de mão, como se o garoto entendesse o significado disso. — Você por acaso fugiu da cadeia? — Completo, ocupando o outro estofado.

Sua boca linda e deliciosa se curva num largo sorriso, que conforta meu coração, por me transmitir a certeza de que ele está bem, apesar dos machucados.

— Claro que não, tá doida?

— Então como saiu de lá?

— Luciana confessou. Ela matou André, Camila e seu amante. — Meu coração bate mais descompassado a cada palavra sua. — Fez tudo isso tentando me incriminar, como eu imaginava e está presa agora. Tenho certeza de que, após o julgamento, a família dela dará um jeito de transferi-la para São Paulo.

— Então quer dizer que você está completamente livre?

Ele fita-me diretamente nos olhos, a paixão reluzindo em suas duas piscinas azuis, me fazendo estremecer.

— Sim. Como um pássaro. — Responde.

Meu coração bate como um louco, meu sangue ferve nas veias, emoções deliciosas de euforia, satisfação, alívio e a mais intensa paixão me invadindo. Quero pular no colo dele e beijá-lo até perder o fôlego. Dizer o quanto o quero e me sinto feliz que esteja livre.

Todavia, contendo-me.

— Eu nunca duvidei da sua inocência.

— E você não tem idéia do quanto isso significa pra mim.

Seus olhos prendem os meus, por um longo momento de silêncio, todo o turbilhão de emoções se intensificando no meu interior, tudo a minha volta desaparecendo, meu mundo se resumindo à intensidade daquele olhar. Até que consigo desviar meus olhos para outra direção, como se fugisse de uma espécie de transe.

— Você quer tomar um banho? Comer alguma coisa?

— Ah, sim estou precisando disso. — Ele se ajeita sobre o sofá e um gemido escapa dos seus lábios, como se seu corpo também estivesse machucado. — Minhas coisas estão no carro. Já encerrei a conta no hotel.

Fito-o perplexa, incrédula.

— Por que? Onde você vai ficar?

— Vou ficar aqui com você. E não me peça para ir embora, porque eu já não tenho forças para ficar longe de você.

Digiro suas palavras e meu coração bate ainda mais descompassado. Posso imaginar onde ele quer chegar com isso, pois sinto o mesmo por ele, porém, me recuso a permitir que outro homem entre em minha vida. Até hoje isso só me trouxe problemas.

— Você não pode ficar aqui comigo. Estou de partida pra Fortaleza. Me mudo amanhã mesmo. Mas você pode ficar com a casa. O aluguel não é tão...

— Não. — Ele me interrompe. — Pára com isso. Você não vai a lugar nenhum. Eu vou estar do seu lado para o que der e vier. Logo essa discriminação que você está sofrendo vai passar. As pessoas vão esquecer. Até lá, vou te proteger.

— Não é só por isso, Afonso. Eu... — Engulo em seco, encontrando dificuldade para proferir as palavras. — Eu não posso deixar mais um homem entrar na minha vida. Isso só traz problemas. Está certo que com Pietro tive Gabriel, a coisa mais importante que tenho. Mas por causa dele fui expulsa de casa e fiquei sozinha no mundo. Com Guilherme foi ainda pior.

Afonso pula para meu sofá, como se, subitamente, estivesse curado das suas dores. Coloca-se tão perto de mim que posso sentir o calor gostoso que emana do seu corpo, incendiando-me, despertando o desejo selvagem que apenas ele consegue me suscitar.

— Não diga isso, Sophia. Eu não vou ser apenas mais um homem em sua vida. Eu vou ser... Bem, eu quero ser o homem da sua vida. Se você me aceitar.

O que ele quer dizer com isso?! Que vai assumir um compromisso comigo?! O que devo dizer agora?!

“Tati cadê você pra me aconselhar?”

Viver com ele, seria como viver no paraíso. Ter um sonho de felicidade realizado. Contudo, eu não acredito que exista um paraíso, tampouco acredito em sonhos.

— É melhor você tomar seu banho. Vou preparar alguma coisa pra você comer. — Levanto-me e pego Gabriel em meus braços, usando meu próprio filho como um escudo contra a tentação que é esse homem. — O banheiro fica no corredor. Você pode se acomodar no quarto de Gabriel. A segunda porta a esquerda.

Sem esperar que ele diga mais alguma coisa, sigo apressadamente para a cozinha, de onde posso ouvir seus passos deixando a casa, para logo retornar, fechando a porta por dentro, entrando no quarto de Gabriel.

Encontro frango empanado na geladeira e coloco na assadeira, para em seguida me ocupar em colocar o arroz e o feijão que sobraram do almoço, para esquentar e preparar mais um pouco de salada.

Logo ouço o som dos jatos de água do chuveiro, partindo do banheiro do corredor. Imagino Afonso sob a água, completamente nu, com apenas uma parede estreita nos separando e o calor da lasciva passeia pelo meu corpo, causando um formigamento na altura do meu ventre, minha calcinha molhando tanto que fico constrangida por estar na presença do meu filho.

Que feitiço foi esse que ele me lançou?

O chuveiro já se silenciou há alguns minutos quando termino de servir a mesa. Deixo a cozinha para ir avisá-lo no quarto, quando deparo-me com ele no corredor, ainda deixando o banheiro, usando apenas uma toalha em torno dos quadris. Tem os cabelos molhados, despenteados, a barba feita, o corpo másculo, ligeiramente peludo, coberto por gotículas de água.

Sem sombra de dúvidas é a visão mais gloriosa que já tive na minha casa.

Fico paralisada no final do corredor, sem conseguir desviar meus olhos daquele homem. Sinto como se todo o meu corpo estivesse, subitamente, em chamas. Meus mamilos intumescem, minha vagina palpita.

Putá merda! Que poder louco é esse que ele tem de me deixar doida?

Ainda vidrada naquele físico perfeito, que exala uma masculinidade crua, viril, em cada detalhe, mordo meu lábio inferior, espontaneamente.

Seus olhos se estreitam sobre minha boca, seus lábios se entreabrindo.

— Cuidado com o que faz perto de mim, Sophia. Eu posso não conseguir me controlar. E temos uma criança em casa.

Sua voz extrai-me do meu estado torpor, despertando-me para a realidade.

— Acho melhor você ir se vestir. A comida está na mesa.

Sem esperar resposta, volto para a cozinha e sento-me à mesa, colocando Gabriel em meu colo, para que, mais uma vez, meu filho seja meu escudo contra aquela tentação.

Logo Afonso junta-se a nós, usando bermuda jeans e camiseta de malha.

Vestido assim, ele parece um garoto de vinte anos e não um homem com mais de trinta.

— Obrigado pela refeição. Parece ótima. Desde ontem não como nada descente.

Suas palavras me comovem. Posso imaginar o que ele passou naquela cadeia e isso me faz querer afagá-lo.

Enquanto ele se serve, percebo que o corte em sua testa é mais profundo que eu tinha reparado.

— Você não quer ir a um hospital dar uns pontos nesse corte?

— Não precisa. Basta que eu faça um curativo.

Sem hesitar, coloco Gabriel no chão e parto em busca da minha caixinha de primeiros socorros, encontrando-a na ultima gaveta da minha cômoda.

Ao retornar à cozinha, surpreendo-me ao encontrar Afonso com Gabriel em seu colo, dividindo com ele sua refeição. O garoto à vontade como não fica com outra pessoa que é praticamente um estranho.

Socorro! Até meu filho foi fisgado pelos encantos desse homem!

— Acho que ele ta com fome. — Afonso fala.

— É porque está na hora do nosso lanche. Não dê arroz a ele essa hora. Isso engorda. — Deixo a caixinha de primeiros socorros sobre a mesa e tiro Gabriel do colo dele, sentando-o na sua cadeira de refeições, para em seguida, ir procurar algo mais leve na geladeira, para o seu lanche.

Encontro alguns sanduíches naturais e os deposito na sanduicheira para esquentar.

Enquanto realizo a tarefa, posso sentir o olhar atento de Afonso, sobre mim, às minhas costas, examinando meu corpo, oculto pelo shortinho desprovido de tecido e pela blusinha de malha, estudando cada um dos meus movimentos.

Quando volto à mesa, com o lanche pronto, posso ver a malícia reluzida em seus olhos azuis.

Enquanto comemos, fingimos engrenar uma conversa, ignorando a energia, puramente sexual, que nos envolve por completo.

Ao terminarmos a refeição, faço o curativo sobre o corte em sua testa, o contato direto com sua pele despertando todo o turbilhão de sensações descontroladas que ele enraizou em mim.

— Agora descanse um pouco. Você não me parece bem. — Falo.

— Acho que vou aceitar a oferta. Não dormi muito naquele chiqueiro. — Ele fala, sonolento. Coloca-se em pé, para fitar-me diretamente nos olhos. — Espero que você pense no que eu te disse. Porque não existe uma forma de você me fazer desistir de te ter.

Com essas palavras, ele deixa a cozinha entrando no quarto de Gabriel, fechando a porta pelo lado de dentro.

Aspiro e expiro o ar várias vezes, tentando voltar ao normal, apagar as labaredas acesas dentro de mim. Mas é em vão. Preciso de um banho frio. Com urgência.

Então, vou com Gabriel para meu quarto, deixo-o na cama e tomo um banho frio, demorado, para em seguida, vestir um short e blusa de malha mais comportados e voltar para a frente da televisão.

Finalmente o noticiário está exibindo informações sobre Luciana, a verdadeira autora dos crimes. É impressionante a frieza com que ela olha diretamente para as câmeras e fala que matou aquelas pessoas, colocando a culpa na sua doença mental.

Estou concentrada na narrativa dos fatos, feita pelo repórter, quando uma batida na porta me sobressalta.

“Por Deus! O que será dessa vez?”

Estou tão traumatizada com os últimos acontecimentos, que não espero nada de bom.

— Quem é? — Pergunto em voz alta.

— *Conselho Tutelar.*

Putá merda! O que eu mais temia aconteceu: a justiça vai tentar tirar meu filho de mim.

CAPÍTULO XXIV

Com meu corpo trêmulo de pânico, abro a porta para o homem muito alto e magro, vestindo paletó e gravata, apesar do calor infernal. Ele me examina dos pés à cabeça, com olhar de repreensão.

Obviamente está me julgando como toda a população, a pichação na fachada da casa piorando sua impressão.

— Pois não. — Falo, séria.

— Você é Sophia Galhardo Miranda?

— Eu mesma.

— O Conselho Tutelar recebeu a denuncia de que há uma criança, sob sua responsabilidade, sendo educada de maneira inadequada e precisamos que compareça à nossa sede, para uma conversa.

Maldito Guilherme! Provavelmente é o autor dessa denuncia.

— De maneira inadequada como?

— Em meio à prostituição e pelo que vejo na sua fachada, a coisa está pior do que pensávamos. — Trêmula, recebo a folha de papel que ele me estende. — A audiência será na segunda, quatro horas da tarde.

Ele vira-se para se afastar, quando o detenho, indagando:

— Preciso permanecer na cidade, ou posso me mudar?

— Pode ir pra onde quiser, desde que esteja presente na audiência.

Sem mais, ele atravessa a rua e entra no seu Fiat Palio, inserindo-se no trânsito.

Paralisada pelo horror, permaneço em pé diante da porta aberta, o desespero tomando conta de mim, as lágrimas brotando dos meus olhos, minha alma sendo dilacerada.

O conselheiro tutelar não vai me deixar ficar com meu filho, principalmente agora que aquele funcionário viu a pichação na fachada da minha casa, resultado de uma discriminação que poderá se estender até Gabriel.

Desorientada, quase em estado de choque, fecho a porta. Ao virar-me, deparo-me com Afonso atrás de mim, usando apenas a bermuda, o corpo glorioso à mostra, sem que agora eu consiga enxergá-lo.

— Fica tranqüila. Ninguém vai tirar o Gabriel de você. Eu não vou deixar.

— Não há nada que você possa fazer. É mais fácil você perder seu emprego se deixar todos saberem que está do meu lado.

— As coisas não funcionam assim. Eu sou concursado na UFC e tenho um contrato assinado na Rainha do Sertão. Ninguém pode me demitir sem um motivo melhor que esse. Prostituição nunca foi e nunca será crime nesse país, mas a discriminação que está sendo dirigida a você é. Se alguém é vítima nessa história, esse alguém é você. Confia em mim. Por mais que os preconceituosos tentem, ninguém pode tirar Gabriel de você.

Suas palavras são proferidas com tanta certeza, tanta confiança, que me transmitem uma

segurança boa, como há muito não sentia.

Seguindo a um impulso incontrollável, atiro-me em seus braços, abraçando-o com força, como se me agarrasse a uma tabua de salvação, sendo abraçada de volta.

Logo ele, que tanto me discriminou, quando nos conhecemos, agora está disposto a lutar ao meu lado, contra essa mesma discriminação.

Acho que essa paixão louca que nutrimos um pelo outro, pode tê-lo mudado.

— Me sinto tão perdida. — Murmuro, num sussurro quase inaudível. — Obrigada por ficar do meu lado.

Ele afunda seu rosto nos meus cabelos, aspirando profundamente.

— Estarei sempre aqui. Você nunca mais ficará sozinha. — Meu corpo estremece brevemente de encontro ao seu. — Apesar de amanhã ser sábado, ministrarei aula nas duas faculdades, para repor os dias perdidos. Vamos entrar de mãos dadas naquela faculdadezinha. Quero ver alguém se meter a besta com você.

— Não vou voltar pra faculdade, Afonso. Amanhã me mudarei pra Fortaleza.

É a vez do corpo dele estremecer contra o meu.

Tento me desvencilhar do abraço, mas ele não deixa, segurando-me com braços poderosos, mantendo-me onde estou.

— Não repita isso. Você não vai a lugar nenhum. Seu lugar é aqui. Comigo, com Tati e com Gabriel. Não adianta tentar me tirar da sua vida, porque eu não vou sair.

Eu não entendo o motivo de tamanho interesse da parte dele agora, se há poucos dias me propôs que morássemos juntos, sem termos compromisso algum.

— O que você quer de mim, Afonso?

Ele afasta-se alguns centímetros, o suficiente para fitar-me nos olhos. Refletido em seu olhar, vejo o brilho da paixão e da lasciva.

— Como você pode não perceber?

— Perceber o quê?

— Estou apaixonado por você, Sophia. Loucamente, incondicionalmente. Quero ter você como minha mulher e nada me fará desistir.

Lentamente, digiro suas palavras e meu coração dispara como um louco no peito. De súbito, minhas pernas ficam moles, meu sangue correndo mais quente em minhas veias.

Não sei o que dizer ou mesmo o que pensar sobre isso. Minha única certeza é de que também o amo, perdidamente, desesperadamente, e assumir esse amor é o caminho mais perigoso a seguir, pois posso me machucar mais adiante e estou cansada de ser machucada.

Afonso fita-me em silêncio por um longo momento, como se esperasse resposta. Quando se convence de que não obterá, volta a me abraçar, dessa vez com pegada, agarrando-me pela cintura, colando seu corpo sólido, quente, no meu, para logo depois tomar-me os lábios, beijando-me daquela forma que me deixa sem fôlego, completamente sem chão.

Passa pela minha mente que Gabriel está nos observando, porém logo todas as informações são bloqueadas pelo desejo lascivo, intenso que toma conta de mim, passeando por todo o meu corpo, fazendo meu sangue ferver, meu coração disparar, minha vagina palpitar ansiosa.

Contorno meus braços em torno do seu pescoço, puxando-o mais para mim, deixando que

chupe minha língua, voluptuosamente, enquanto esfrego meu ventre contra sua firme ereção.

Ah! Como isso é bom! Como é glorioso senti-lo assim, tão perturbadoramente viril, tão sequioso, tão meu.

A mão dele passeia pelo meu corpo, por sobre o tecido das roupas. Está indo na direção do meu sexo, quando, de repente, a porta se abre e Tati entra.

Nos afastamos rapidamente, meu corpo ainda arfando.

— Estou interrompendo alguma coisa? — Tati pergunta, deslocando seu olhar, espantado, do rosto de Afonso para o meu, do meu para o dele.

— Imagina Tati. Não está interrompendo nada. — Falo, sorrindo constrangida, minha respiração ainda ofegante.

Os olhos dela se arregalam ao se deterem sobre a enorme protuberância que se faz na bermuda de Afonso, que senta-se depressa no sofá, cruzando uma perna sobre a outra, escondendo sua ereção.

Putá merda! Que vergonha!

— Como foi na escola? — Pergunto, ciente que meu rosto está vermelho.

— Uns engraçadinhos jogaram umas piadas em mim, mas o chato do Ricardo apareceu por lá se intrometendo e nem me deixou quebrar a cara deles. E minhas amigas não me discriminaram como a gente esperava. Pelo contrário, acharam a história interessante e ficaram super curiosas pra saber mais sobre você. — Ela aponta o polegar na direção de Afonso e completa: — Quando foi que ele saiu da cadeia?

— Agora há pouco.

— Minha inocência foi provada Tati. — Ele fala, como se soubesse que ela o acusava.

— Acho que te devo um pedido de desculpas.

— Tudo bem, sem problemas. Eu também teria desconfiado de mim, devido às circunstâncias.

Ela sorri satisfeita, antes de falar:

— O traste do Ricardo veio me deixar em casa. Está aí fora me esperando pra conversar. — Ela abandona sua mochila sobre o sofá e segura Gabriel em seus braços, dirigindo-se para a porta ainda aberta.

— Espera. Você não vai trocar o uniforme?

Minha pergunta se perde no ar quando ela atravessa a varanda, indo para o carro de Ricardo, estacionado diante da residência.

Lentamente, Afonso levanta-se e tranca a porta por dentro.

— Desde quando ela chama o namorado de traste?

— Desde que ele a traiu.

— Acho que ela nos deixou sozinhos de propósito. — Ele encara-me com pura malícia. Tento pensar em algo que possa dizer para afastá-lo, mas nada me ocorre.

Foda-se, eu quero sentir o gosto da sua boca na minha, seu pau gostoso dentro de mim e nada vai nos impedir.

Então, como uma fera selvagem que abate sua presa, ele avança para mim, agarrando-me com pegada, me apertando com força, trazendo sua boca gostosa até a minha, beijando-me

com uma avidez que me leva ao delírio.

Completamente rendida à luxúria que cresce dentro de mim, a medida que ele me toca, deixo-o erguer-me em seus braços fortes e carregar-me para meu quarto.

Coloca-me no chão e volta a me beijar, mais devagar. Chupa meu lábio inferior, depois o superior, para em seguida, inserir sua língua na minha boca, deixando que eu a chupe com força, o tesão louco crescendo em minha entranhas.

Suas mãos alcançam a barra da minha blusa, puxando-a para cima, tirando-a pela minha cabeça. Em seguida, ele se abaixa para tirar meu short pelos pés, levando a calcinha junto. Afasta-se o suficiente para examinar meu corpo completamente nu, seus olhos lindos reluzindo a mais crua lasciva.

— Linda... — Ele sussurra, um sussurro sensual, quase inaudível.

Sem pressa, livra-se da sua bermuda, exibindo o pau muito grande e grosso, totalmente esticado, babado, com suas veias protuberantes e minha vagina lateja, quente, sedenta, ansiosa por tê-lo inteiro ali dentro.

— Lindo... — Murmuro, sem conseguir desviar meus olhos daquele pau.

— Todo seu.

Com essas palavras, ele volta a beijar-me na boca, invertendo as posições, deitando-se de costas na cama, levando-me junto, de modo que fico sobre ele. Usa suas duas mãos para segurar-me pela cintura, erguendo-me, levando-me para cima, com facilidade.

— Coloca essa bocetinha gostosa na minha boca. Porque sou capaz de morrer se não sentir o gosto dela agora.

Entendendo o que ele quer, monto seu rosto, meus joelhos nas laterais da sua cabeça, minhas mãos segurando a cabeceira da cama. Logo sua boca deliciosa está na minha boceta, sugando meus grandes lábios, para em seguida sua língua se infiltrar ente eles, penetrando minha vagina lambuzada, entrando e saindo, tão deliciosamente que todo o meu corpo parece em chamas, os gemidos de suplica fugindo-me dos lábios.

Sua língua quente e úmida, passeia pela minha intimidade, deliciosamente, alcançando meu clitóris, movendo-se sobre ele em movimentos rápidos, ritmados, enlouquecendo-me cada vez mais.

Porra! Isso vai ser muito rápido, estou excitada demais, não conseguirei segurar o gozo e Afonso sabe disso, pois logo prende meu clitóris entre seus lábios incomparáveis e o suga, voluptuosamente, levando-me ao clímax do prazer.

Sem conseguir conter os gritinhos que partem do fundo do meu âmago, gozo na boca dele, meu corpo sacudindo, minha cabeça indo para trás, meus quadris se movendo sem que eu possa parar. Até que, finalmente, fico imóvel, quando então Afonso dá uma última lambida na entrada da minha vagina, como se quisesse saborear o gosto do meu prazer.

Depois, manuseando-me com facilidade, leva-me para baixo, minha boceta lambuzada escorregando sobre sua pele, até que nossos lábios estejam na mesma altura e ele toma os meus, inserindo sua língua na minha boca, para que eu possa sugá-la e experimentar meu próprio gosto.

— Sentiu o quanto seu gosto é bom? — Ele sussurra.

— Sim... Agora quero sentir o seu.

Inebriada de paixão, desço minha boca através do seu corpo sólido, contornando seus músculos bem definidos com a ponta da minha língua, maravilhada. Sugo a pele do seu abdômen, mordisco sua pélvis e por fim alcanço seu pau esplendoroso, quando então passo minha língua nas suas extremidades, lambuzando-o com minha saliva, para em seguida chupar a cabecinha, me fartando com seu líquido salgado, delicioso. Depois o enterro inteiro na boca, extasiada com o tamanho avantajado, levando-o até minha garganta, quase me engasgando.

Com um grunhido, Afonso segura meus cabelos atrás da minha cabeça, empurrando-a e puxando-a, acelerando os movimentos de vai e vem, levando seu pau ainda mais fundo em mim, quase me impedindo de respirar.

Levo minha mão às suas bolas, acariciando-as e logo seu pau fica ainda mais duro na minha boca. No instante seguinte, Afonso ergue a cabeça para observar-me chupando-o e outro grunhido lhe escapa.

— Ah, gostosa, assim chupa seu macho, não pára, vou encher essa boquinha de porra. Então, ele enterra seu pau até a raiz na minha boca, pára aos movimentos, segurando minha cabeça firme no lugar e goza, seus espasmos se fazendo dentro de mim, seu esperma jorrando abundante na minha garganta, seus gemidos me despertando uma nova onda de excitação.

Engulo até o ultimo resquício do seu gozo e lambo os lábios, maravilhada.

Observo seu pau passar de ereto para semi ereto. Porém, antes que tenha tempo de lamentar o ocorrido, ele me joga sobre a cama, de costas, e pula sobre mim, beijando-me na boca, deixando-me sem fôlego, suscitando o desejo selvagem que queima em minhas entranhas, abalando cada uma das minhas terminações nervosas.

Logo seu pau volta a ficar duro, como pedra, de encontro à minha coxa e um gemido sai abafado dos meus lábios.

Afonso leva sua boca deliciosa até meus peitos. Chupa meu mamilo com força, para em seguida a ponta da sua língua dançar sobre ele, deixando-me cada vez mais doida, viciada.

Parte para o outro peito e o suga, antes de lambar o mamilo duro.

Putá merda! Como isso é bom! Eu seria capaz de gozar só com essa boquinha chupando meus peitos.

Mas quero mais que isso, assim como ele também quer.

— Por acaso, você tem uma camisinha aí? — Ele pergunta, sua respiração muito pesada.

— Ah... Sim. Na gaveta do criado mudo.

Ele tira o pacote intacto de preservativos do móvel, rasga a embalagem com os dentes e cobre seu pau com o látex.

Então, volta a deitar-se sobre mim, seus lábios cobrindo os meus, seus quadris se encaixando entre minhas pernas, nossos corpos colados de cima a baixo.

Lentamente, como se quisesse prolongar nosso prazer, penetra-me, seu pau grosso escorregando para dentro da minha vagina melada, seu tamanho pressionando as paredes do meu canal, tão deliciosamente, que me perco no devastador turbilhão de sensações e sentidos no qual me transformei.

Quando está todo enterrado em mim, até a raiz, ele puxa os quadris para trás e dá a primeira

estocada, forte, porém lenta, para em seguida, mover os quadris em círculos, seu pau rodando dentro de mim, proporcionando-me tanto prazer que os gritos me escapam.

— Você gosta de dar essa bocetinha pra mim, não é Sophia? — Ele sussurra, num ronronar excitante.

— Ah... Muito.

— Então vai dar ela pra mim todo dia, porque eu já to viciado.

Sem esperar resposta, ele silencia meus lábios com os seus, sua língua entrando e saindo da minha boca, lascivamente, à medida que seu pau se enterra cada vez mais fundo, forte e depressa na minha vagina, levando-me a uma loucura gostosa da qual jamais quero sair.

Movo meus quadris no mesmo ritmo que ele, o som das nossas pélvis se chocando ecoando pelo quarto. Estou quase gozando, quando ele pára, retirando-se do meu interior.

— Vira de quatro. — Ele diz, uma forte onda de excitação me fazendo estremecer, pela expectativa do que acontecerá em seguida.

Fico de quatro sobre o colchão e ele se coloca de joelhos atrás de mim, segurando meus quadris com suas duas mãos, penetrando-me assim, vagaroso e fundo, extraindo o máximo de prazer dos nossos corpos.

À medida que ele intensifica seus movimentos, penetrando-me cada vez mais depressa, com força, seu pau vai se tornando ainda mais duro dentro de mim, por pouco não me levando à loucura. Estou perto de gozar, quando ele segura meus cabelos, atrás da minha cabeça e me puxa para cima, minhas costas encontrando seu peito rochoso, suado, ligeiramente peludo.

Sem cessar as estocadas, ele morde o lóbulo da minha orelha e isso é a minha perdição.

— Ah, porra! Vou gozar...

Então, mergulho no êxtase uma segunda vez, mais intensamente agora, perdendo completamente o controle sobre meu corpo que convulsiona espontaneamente de encontro a ele, os gritos escapando da minha garganta, meu canal latejando ao redor da sua rigidez.

Logo ele explode também, seus espasmos se fazendo dentro de mim, intensificando meu prazer, seu leite quente jorrando na camisinha, até que nos deixamos cair saciados sobre a cama, ele em cima de mim e assim permanecemos por um longo momento, imóveis, silenciosos, recusando-nos a nos desgrudar, como se fizéssemos parte de um só corpo.

CAPÍTULO XXV

Por fim, ele se afasta, apenas para tirar o preservativo, voltando a deitar-se, de costas dessa vez, puxando-me para si, aninhando-me em seu ombro.

O silêncio que se segue nos dá a certeza de que compartilhamos da mesma sensação de paz e felicidade que parece nos envolver.

— Eu te amo, Sophia. — Ele fala, sua voz mansa como as águas de um lago.

— Eu também te amo, Afonso.

Ele ergue seu torso, apoiando a cabeça no cotovelo para fitar-me diretamente nos olhos, a paixão refletida em seu olhar perturbador.

— Então me diga que não se mudará pra Fortaleza. Que viveremos juntos nessa casa.

Penso uma, duas, três vezes. O que era mesmo que me impedia de assumir meus sentimentos? Já não consigo encontrar sentido nas minhas razões, tão perdida estou de paixão, prisioneira do brilho dos seus olhos.

— É complicado. — Começo, tentando encontrar razão dentro de mim. — Eu tive dois relacionamentos. O primeiro com o pai de Gabriel, que terminou me rendendo uma ameaça de morte e uma expulsão de casa. O segundo, com Guilherme, você já sabe no que deu.

— Eu não sou igual a eles. Guilherme é um verme doente mental e o pai do seu filho não te amava. Eu te amo de verdade e sou completamente lúcido. Se você aceitar ser minha, prometo dedicar o resto dos meus dias a te fazer feliz.

Caramba! Ele parece tão sincero, tão apaixonado, que me deixa em dúvida, entre arriscar ou não.

Minha mãe não é a pessoa mais sábia do mundo, mas, nesse instante, recordo-me de uma fala dela, quando disse que não podemos prever o que a vida nos reserva, que enquanto respirarmos, estamos em constante risco de sofrermos ou sermos felizes, independente do caminho que escolhemos.

Pensando nisso, escolho ouvir meu coração, ceder à paixão violenta que sinto por esse homem, sem mais medo de me arriscar.

— E se seu amor por mim acabar, como acabou por Luciana? — Faço uma última tentativa de encontrar uma pista de que me arrependerei de ceder.

— Eu nunca a amei como amo você. Além do mais, não podemos prever o amanhã. E se você deixar de me amar?

— Você vai permitir que isso aconteça?

— Nunca.

— Nesse caso. Vamos nos arriscar. Quem sabe possamos ser felizes juntos.

O corpo dele estremece de encontro ao meu, seu olhar se intensificando sobre meus olhos.

— Eu te garanto que seremos.

Sua promessa é selada por um beijo sôfrego, como apenas ele sabe beijar, me fazendo

esquecer até mesmo meu nome.

Logo estamos entregues ao desejo primitivo que despertamos um no outro e parece nunca ter fim. Dessa vez, sob os jatos da água do chuveiro.

— Imaginei seu quarto bem diferente do que é. — Afonso fala, enquanto nos vestimos após deixarmos o banheiro.

— E como você imaginou? Uma cortina cor de rosa na janela e um monte de ursinhos de pelúcia na cama?

Ele sorri lidamente.

— Não. Esperava vários pôsteres de bandas de rock da pesada, uma luz vermelha, talvez um closet abarrotado de vestidinhos curtos e um monte de maquiagem.

— Credo. Que conceito é esse que você tem de mim?

Instantes depois, deixamos o quarto de mãos dadas, meu lábios se recusando a deixarem de sorrir, os deles também.

Me surpreendo ao encontrarmos todos na cozinha, Tati preparando o jantar, Ricardo sentado à mesa com Gabriel no colo.

Quando foi que eles chegaram? Será que ouviram meus sons? Aff! Como isso é constrangedor.

Tati e Ricardo se silenciam ao nos verem entrando. Entreolham-se num gesto de cumplicidade que dispensa qualquer palavra para que eu tenha certeza de que sabem o que estávamos fazendo.

Gabriel pula do colo de Ricardo e vem correndo se enroscar nas minhas pernas, quando o seguro nos braços, apertando seu corpinho rechonchudo, afundando meu nariz na sua bochecha rosada.

— E aí cara, beleza? — Afonso cumprimenta Ricardo com um aperto de mão, sentando-se diante dele a mesa.

— Rapaz, fizeram um estrago na sua cara. — Ricardo comenta, observando os hematomas no rosto do outro.

— Pois é. Eu confiei nas poucas aulas de boxe que peguei e arranjei uma briga que não dei conta.

Ricardo sorri com simpatia, demonstrando que também foi fisgado pelo magnetismo de Afonso.

O que esse homem tem que todo mundo gosta dele? Açúcar?

— Guilherme tem curso de artes marciais, você não teria a menor chance contra ele. Pelo menos valeu a pena a tentativa. O que importa é a intenção e a sua foi boa. Aquele cretino ta merecendo mesmo uma surra. — Eu não sabia que Ricardo pensa isso de Guilherme. Achei que ainda fossem amigos. — O que ele fez com Sophia não se faz. Isso só prova que nunca se conhece as pessoas realmente.

Sento-me ao lado de Afonso, que pousa uma mão possessiva sobre minha perna desnuda pelo short.

— Infelizmente não fui eu a dar essa surra nele. Mas logo ele encontrará quem dê.

— Vamos parar de falar nesse urubu pra não feder a carniça durante o jantar. — Tati fala,

colocando uma travessa de arroz a grega sobre a mesa, com a sutileza de um elefante.

Pelo visto ela e Ricardo ainda não fizeram as pazes, embora as coisas pareçam melhores entre eles. Tenho certeza de que logo se acertarão.

— Tenho novidades Tati. Não vamos mais nos mudar pra Fortaleza. — Declaro.

A reação de Ricardo é imediata, indisfarçável: o sorriso se alarga em seu rosto, seus olhos brilham intensamente.

Quanto a Tati, continua servindo a mesa, sem esboçar reação alguma, porém, sei que no fundo ela está tão feliz quanto ele.

— Eu já estava esperando por isso. — Ela fala, deslocando seu olhar do rosto de Afonso para o meu, antes de juntar-se a nós a mesa, onde serviu frango grelhado, salada de verduras e suco de laranja, para acompanhar o arroz.

Todos nos servimos, o aroma delicioso da comida nos incentivando.

— Cara. Eu comprei umas latas de tinta hoje, pra pintar a sacada da casa. Ta afim de me ajudar? — Ricardo pergunta a Afonso.

— Ajudo sim. Mas só posso à tarde, porque vou precisar repor aula amanhã.

— Mas amanhã é sábado. — É Tati quem diz.

— Eu sei. Mas pra repor, o diretor concordou que fosse no sábado.

Os dois combinam de pintar a frente da casa durante a tarde.

Fazemos a refeição sem cessar a conversa descontraída, como se fôssemos uma família verdadeiramente feliz.

Ricardo e Afonso parecem se dar muito bem, como se conhecessem-se há mais tempo. Quanto à Tati, apesar de mostrar-se durona, irredutível, deixa transparecer o quanto ainda ama Ricardo e torço para que ela esqueça a traição e o perdoe de uma vez.

Após o jantar, nos reunimos na sala, para assistirmos o filme “Malévola”, no DVD.

Gabriel dorme nos meus braços ainda na sala. Coloco-o no seu berço, em seu quarto, antes de ir para o meu, com Afonso.

Passamos a noite juntos, entregues à paixão que queima em nossos corações, fazendo amor apaixonadamente, cada vez mais invadidos pela certeza de que fomos feitos um para o outro e esse mesmo sentimento que nos une, também nos dá força para lutarmos juntos contra o que nos aguarda amanhã.

Dormimos aconchegados, nos braços um do outro, em paz, tranqüilos, felizes, como há muito eu não me sentia. Aliás como eu nunca tinha me sentido antes, nossos corpos se encaixando com uma perfeição inacreditável, nossas almas repousando num sossego tão gostoso, que chego a duvidar de que possa existir algo melhor que isso na vida.

Contudo, quando desperto na manhã seguinte, todos os fantasmas estão de volta. A aflição, o medo da discriminação que me será atribuída quando chegar à faculdade, me desencorajando a sair de casa.

Sem deixar transparecer o que sinto, tomo banho junto com Afonso, quando fazemos amor mais uma vez, apaixonadamente, e voltamos ao quarto para nos vestirmos.

Estamos prontos para sair, ele usando camisa social branca e calça marrom, eu usando jeans e a camiseta do uniforme, com os cabelos presos num rabo de cavalo, quando ele finalmente

pergunta:

— Você tá muito calada. Alguma coisa errada? Hesito antes de responder.

— Não sei mais se vou ter coragem de ir àquela faculdade. Estou morrendo de medo. Ele se aproxima, colocando-se diante de mim, tão perto que o cheiro gostoso da sua loção pós barba me alcança, perturbando-me, fazendo meu sangue ferver nas veias, como se não tivéssemos acabado de transar no banheiro.

Fita-me diretamente nos olhos para dizer:

— Não precisa ter medo. Estou bem aqui do seu lado. Ninguém vai se atrever a levantar um dedo contra você.

— Vão discriminar nós dois. — Minha voz sai trêmula.

— É o que vamos ver. — Há confiança no tom da sua voz e isso ameniza minha aflição.

Deixamos o quarto de mãos dadas, e encontramos Tati na sala, sentada em um dos sofás, usando seu pijama de ursinho e pantufas cor de rosa. Tem uma tigela com cereais nas mãos, os cabelos desgrehados e o rosto inchado, como se tivesse acabado de acordar.

— E Gabriel? — Pergunto.

— Ainda tá dormindo.

— Vou dar um beijo nele.

Vou para o quarto do meu filho, deixando a porta aberta ao entrar. Encontro-o profundamente adormecido, de bruços, com um bumbum empinado, tão lindo, doce, inocente. Inclino-me sobre o berço para dar-lhe um beijo na face, quando ouço a voz de Tati partindo da sala.

— *Cuida direito da Sophia, héim cara. Eu sei que ela desistiu de ir pra Fortaleza por sua causa e se isso prejudicar ela, de alguma forma, você vai acertar as contas comigo.* — Ela diz.

— *Fica tranqüila. Eu a amo tanto quanto, ou mais que você. Se alguém quiser tocar num fio de cabelo dela, vai ter que passar por mim primeiro.* — Afonso retruca.

— *To de olho em você.* — Tati ameaça, me fazendo sorrir como uma boba.

Após beijar meu pequenino, volto à sala, me despeço de Tati e deixo a casa, de mãos dadas com Afonso, meu estomago embrulhando, minha pele coberta por um suor frio.

Entramos no seu carro e partimos rumo ao nosso destino.

Ao pararmos no estacionamento da faculdade, não tenho forças para deixar o carro, todo o meu corpo trêmulo, minhas pernas moles.

Afonso dá a volta, abre a porta do meu lado e estende-me sua mão, tentando me encorajar com palavras.

— Me dá só um minuto, tá? — Falo.

Respiro fundo, várias vezes, tentando me acalmar e por fim dou-lhe a mão, deixando o interior do carro.

Caminhamos de mãos dadas através do pátio ao ar livre do campus, onde estão os alunos da nossa turma, já que os demais não terão aula hoje, alguns funcionários da instituição, entre eles

os seguranças, que se colocam em alerta ao nos verem chegar.

Todos, sem exceção, param para nos observar, cochichando entre si, embora ainda não joguem nenhuma piadinha, como eu acredito que em algum momento acontecerá.

Afonso faz questão de passar mais perto das pessoas que o necessário, com o queixo erguido, olhando para os lados, como se desafiasse a todos, enquanto nos dirigimos para a ala administrativa.

Quanto a mim, mantenho-me cabisbaixa, observando a movimentação com o canto do olho.

Enquanto tenho um pequeno ataque cardíaco, atravessamos os corredores desertos da ala, em direção à sala do diretor, com quem Afonso pretende conversar.

Afonso bate na porta da sala dele, antes de abri-la e nos colocar para dentro.

O homem obeso, com mais de quarenta anos, está sentado atrás da sua mesa, manuseando um computador e deixa a tarefa para fixar seus olhos perplexos sobre nós, observando-nos boquiaberto.

— Bom dia. — Afonso fala, educadamente, sem jamais soltar minha mão. — Vim avisar que estou aqui para repor a aula de quinta feira, como o senhor sugeriu. Os alunos já se encontram no campus. Acabei de passar por eles no pátio. Alguma observação?

O homem continua nos observando com olhos incrédulos e fisionomia contraída. Desloca seu olhar várias vezes dos nossos rostos, para nossas mãos juntas. Abre a boca para falar, hesita, desiste. Por fim, diz:

— Eu não sei se é adequado que um professor saia por aí de mãos dadas com uma aluna.

— Não há nada que proíba andar de mãos dadas com ela no contrato que assinei. Ela é maior de idade, solteira, desimpedida, eu também. Portanto não vejo onde está o problema. Mais alguma coisa?

O homem abre a boca para falar, hesita e desiste novamente do que pretendia dizer.

— Não. Boa aula, professor.

— Obrigada. Tenha um bom dia.

Com isso, deixamos a sala do homem, atravessando novamente o pátio, ainda mais repleto de estudantes, agora na direção da ala onde ficam as salas de aula.

— Caramba! Você é corajoso. — Observo, admirada.

— Eu te disse pra confiar em mim. Não cometemos crime algum. Nem infligimos as normas.

Ao adentrarmos a sala de aula, todos os estudantes fazem o mesmo, seguindo-nos, tomando seus lugares.

Ainda cabisbaixa, dirijo-me para o fundo da sala, onde Rita e Solange estão sentadas. Como eu esperava, elas não olham para mim, permanecendo ocupadas em conversar entre si, ignorando-me por completo. Desolada, escolho uma cadeira não muito próxima delas e sento-me, ciente que sou alvo de olhares maliciosos, maldoso, e de cochichos e risinhos.

— Antes de começar a aula, tenho uma observação a fazer. — A voz de Afonso ecoa alta, firme, autoritária, silenciando a todos, completamente. — Na verdade é apenas uma lembrança aos desmemoriados, que por ventura possam ter esquecido o que lhes foi ensinado no passado: discriminação é crime e não vou tolerar um criminoso na minha aula, ou mesmo no meu local

de trabalho. Portando, acho bom vocês tomarem bastante cuidado com o que falam, ou como agem e avisem aos seus amigos das outras turmas, que não hesitarei em denunciar nenhum deles, caso se faça necessário. Fui claro? — Alguns assentem, com um breve gesto de cabeça. Outros nem se mexem. Todos permanecem em silencio. — Ótimo.

No instante em que Afonso dá as costas para a turma, afim de escrever o roteiro da aula no quadro branco, uma voz masculina, baixa, quase inaudível, ecoa pela sala:

— *Essa vagabunda deve chupar muito gostoso pra ele ta defendendo ela assim.*

Afonso vira-se novamente, seus olhos furiosos como os de uma fera selvagem, passeando pela sala, a procura do autor da frase.

— Quem disse isso?! — Sua voz é quase um rosnado. Ninguém responde. — Vou perguntar só mais uma vez: quem disse isso? — A sala permanece mergulhada no mais absoluto silencio.

— Todos os homens. Pra fora! Agora! Estão suspensos até segunda ordem.

Todos começam a falar ao mesmo tempo, em protesto, alegando que ele não pode punir a todos pelo erro de um. E ninguém faz menção de deixar a sala.

— Estão achando injusto?! — Afonso continua, sua voz soando como uma trovoadas em meio a uma tempestade, silenciando a todos. — Então apontem-me o culpado e apenas ele será punido.

Segue-se outro longo momento de silencio, até que Igor declara:

— Foi o Evaldo. Pronto, falei.

Evaldo levanta-se, proferindo um punhado de palavrões, partindo para cima de Igor, que permanece onde está.

— Se liga cara, eu não vou ser suspenso porque você não consegue manter a porra da sua boca fechada. — Igor completa e Evaldo recua, tentando, sem sucesso, suscitar uma revolta coletiva entre os integrantes da turma, contra Afonso.

Ao perceber que ninguém se sacrificará por ele, desiste e volta ao seu lugar.

— Evaldo Cordeiro Pinheiro, é isso? — Afonso pergunta, aparentemente calmo, frio, ameaçador.

— Sim. — Evaldo responde, transtornado.

— Você está sendo expulso dessa disciplina e de qualquer outra que eu venha a ministrar nessa faculdade. Como eu mencionei antes: não dou aula para criminosos. Ainda hoje acompanharei Sophia à uma delegacia onde ela possa prestar queixa de discriminação contra você. Vá para casa e aguarde a chegada da sua intimação.

O silencio que se segue na sala é quase palpável. Receio que Evaldo perca a cabeça e me dirija mais ofensas, já que está sendo expulso por minha causa. Graças a Deus não acontece. Relutante, ele apenas junta suas coisas e deixa a sala, sem dizer mais nada.

— Podemos retomar a aula, ou alguém tem mais alguma observação? — Afonso pergunta e o silencio se segue. — Ótimo. Vamos falar de antropologia. Retomando de onde paramos.

Quando a aula começa e todos parecem concentrados no conteúdo, aparentemente esquecendo-se de mim, volto a respirar normalmente, como se me livrasse de um peso que carregava nas costas.

Pouco a pouco, vou relaxando e sou capturada pela imagem imponente, elegante, máscula,

de Afonso a minha frente. Já não ouço nada do que ele diz, ou anoto o que escreve, apenas olho para ele, lembrando nossos momentos de intimidade, fissurada naquela boquinha linda, bicudinha, que parece ter sido feita para dar prazer, e que prazer!

As horas se passam sem que eu perceba e quando me movo sobre a cadeira, descubro o quanto minha calcinha está molhada. Afonso precisará resolver esse problema durante o intervalo.

CAPÍTULO XXVI

Por fim soa o som estridente da campainha, anunciando o início do intervalo. Espero que todos os demais alunos retirem-se da sala e aproximo-me do homem que desejei durante todas as duas horas de aula.

Não economizo no charme ao dirigir-me a ele, movendo meu corpo com sensualidade, caminhando devagar, rebolando meus quadris mais que o necessário, empinando meus peitos ocultos pelo tecido da camiseta.

Coloco-me do lado de cá da sua mesa e umedeço meus lábios com a língua, sem desviar meu olhar do seu.

Ele me examina dos pés à cabeça, demorando seu olhar sobre meus seios e faz aquela cara de tesão, que me deixa doida, sua boca entreabrindo brevemente, seus olhos se estreitando sobre os meus.

— Alguma de chance de uma reunião, particular, na sala do meu professor? — Indago, maliciosamente.

O canto da boca dele se curva num meio sorriso.

— Acredite, seria ótimo. Mas não podemos mais fazer isso. Guilherme certamente falou sobre nossos encontros ao diretor, que ainda não me acusou por saber que seria minha palavra contra a dele. Mas deve estar de olho, esperando um vacilo nosso. — Ele respira fundo antes de continuar. — Podemos ser vistos de mãos dadas por aí, mas transar dentro da faculdade, definitivamente, é uma falta grave que não podemos voltar a cometer.

Estico meu lábio inferior, imitando uma criança birrenta, antes de falar:

— Que pena. Passei duas horas planejando isso.

— E na aula? Você não prestou atenção? Fico embaraçada.

— Não. Quer dizer... um pouco.

— Sophia, definitivamente, você tem necessidades sexuais. — Fico ainda mais constrangida, enquanto observo-o depositar uma apostila na sua valise. — Com fome?

— Sim.

— Então vamos comer.

De mãos dadas, nos dirigimos para a cantina ao ar livre no pátio do campus, todos a nossa volta nos observando com o canto dos olhos, cochichando entre si. Todavia, depois do episódio ocorrido na sala, quando Afonso expulsou Evaldo, já não me sinto tão atingida ou ameaçada por essas pessoas, pelo contrario, sinto-me segura e protegida ao lado do homem que amo e que demonstra me amar.

Ocupamos uma das mesas e comemos sanduíches com suco, concentrados um no outro, no

quanto estamos felizes juntos, alheios ao veneno que é disseminado à nossa volta.

Durante as duas horas restantes da aula, mais uma vez, não consigo me concentrar no conteúdo debatido, mas apenas no homem que o ministra, minha ansiedade em tê-lo, crescendo a cada minuto.

Provavelmente vou precisar de aulas particulares se quiser passar na disciplina.

Ao chegarmos em casa, por volta do meio dia, encontramos Tati na cozinha, sentada à mesa, ajudando Gabriel a comer.

Tomo meu filho em meus braços, abraçando-o com amor, Afonso cumprimentando-o sem jeito, como se cumprimentasse a um adulto, quando percebo que Tati tem os olhos vermelhos, como se tivesse chorado.

— Algum problema Tati? — Pergunto, tomando o lugar dela na mesa, para terminar de alimentar Gabriel.

— Terminei de vez com Ricardo. Agora é definitivo. — A voz dela treme.

— Se é pra ficar nessa fossa, acho melhor você perdoar a traição e continuar com ele.

— Você diz isso porque nunca foi traída. Não sabe o quanto é difícil. — Olha para Afonso, sentado ao meu lado — Eu estou errada, Afonso? Por desejar o mínimo de respeito?

— Acho que você tá certa, Tati. Uma traição é imperdoável Já passei por isso e sei o quanto é doloroso.

O silêncio que se segue, é tenso, quase palpável, todos nós mergulhados na lembrança da louca da Luciana. Agradeço aos céus que ela esteja presa.

— Pois eu acho que você devia dar uma segunda chance a ele. — Declaro, quebrando o silêncio. — Os homens são assim mesmo, perdem o controle quando estão na frente de uma boceta.

— Então quer dizer que se o Afonso transasse com outra mulher, só porque ela se ofereceu, estaria tudo bem pra você? — Agora ela me pegou. Olho para ele e sou invadida pela certeza de que jamais aceitaria isso. É algo muito mais forte que eu. — Tá vendo? — Tati continua. — Quando se ama é impossível aceitar.

Sem mais, ela deixa a cozinha, as lágrimas escorrendo dos seus olhos.

Mais tarde, nós três almoçamos o delicioso risoto de camarão que ela preparou. Sentados à mesa, Tati se mostra tristonha, calada como nunca a vi antes e sinto-me desencorajada a demonstrar o quanto estou feliz, por ter Afonso, diante da amargura dela. Posso apenas torcer para que perdoe Ricardo e volte a ser a garota alegre de sempre.

Após a refeição, deixo Gabriel dormindo em seu quarto e entro no meu com Afonso, onde finalmente posso saciar o tédio que me acompanhou durante toda a manhã.

Mais uma vez, nos entregamos à paixão louca que aquece nossos corações e nos une mais a cada momento, tornando-nos um só ser.

Estamos imóveis, saciados, abraçados um no outro sobre a cama, com nossos corpos ainda trêmulos pelos orgasmos, quando a voz de Ricardo soa alta, partindo da rua, de um auto falantes.

Ele recita o poema “Ternura” de Vinicius de Moraes, para em seguida implorar pelo perdão

de Tati.

— Caraca! Preciso ver isso.

Levanto-me apressada, vestindo-me, Afonso fazendo o mesmo.

Ao deixarmos o quanto, encontramos Tati na sala, fingindo assistir um desenho animado, com a porta da rua fechada.

— Pelo menos escuta o que ele ta dizendo Tati. — Falo.

— To escutando, mas isso não vai mudar minha decisão.

— Caramba! Isso já é rancor.

Abro a porta para ver Ricardo dando um verdadeiro espetáculo. Ele está em cima de um carro de som, falando ao microfone, lembrando momentos românticos que ambos viveram juntos, fazendo juras de amor eterno, um pequeno aglomerado de pessoas se formando em volta dele.

Fico emocionada com uma demonstração de amor tão linda. E ao mesmo tempo penalizada, por Tati se recusar a perdoá-lo.

Os minutos se passam, Ricardo se recusa a desistir. Até que por fim, para a felicidade dele e de toda a platéia, Tati sai para a varanda.

— Pára de pagar mico, Ricardo. Está divertindo a vizinhança. — Ela diz.

Ricardo desce do carro de som e fica de joelhos diante dela, ainda falando ao microfone.

— Me perdoa meu amor. Dá essa segunda chance a nós dois, ao que sentimos um pelo outro. Prometo nunca mais faltar com você, porque te amo de verdade e sou incapaz de viver sem esse amor.

Tati cruza os braços diante do corpo, meneia a cabeça, como se estivesse indecisa. Por fim, declara:

— Pode desmanchar o circo e entrar, seu palhaço, se não daqui a pouco alguém chama o pessoal do hospício. — Ele levanta-se e tenta abraçá-la. Ela se esquivava. — Estou fazendo isso em nome do nosso amor, mas nunca se esqueça de que não haverá uma terceira chance.

— E nem vai precisar. Nunca mais quero passar por esse inferno que é te perder.

Então, eles se abraçam, entregando-se ao beijo demorado, aplaudido pelos espectadores.

Como se tivesse a certeza de que seria perdoado, Ricardo dispensa o carro de som e vai até seu corsa, de onde tira algumas latas de tinta e pincéis, trazendo-os para a casa. Ele e Afonso passam boas horas se dedicando a pintar a fachada, cobrindo a pichação feita pelos vândalos.

Ao terminarem, tomam banho e todos nos reunimos a mesa da cozinha para fazermos um lanche reforçado.

Tati está de volta ao seu normal, exibindo seu sorriso cativante, seus grandes olhos castanhos reluzindo uma infinita alegria.

Passamos as horas seguintes mergulhados numa paz gostosa, num sossego do qual nunca mais quero sair. São sensações novas, desconhecidas, que me cativam mais a cada momento. Não me lembro de ter sido tão feliz antes.

No final da tarde, combinamos de passar o domingo na casa de praia dos pais de Ricardo, um lugar paradisíaco, afastado da movimentação da cidade.

Quando a noite cai, Afonso sai de casa para ir repor sua aula na UFC. Insiste para que eu e

Gabriel o acompanhemos, mas não quero ter que olhar para a cara de Guilherme e sei que ele está na sua turma.

Deixa-me com uma desoladora sensação vazio, de que levou consigo um pedaço de mim. É um sentimento assustador, pois me torna completamente dependente dele.

E se um dia ele for embora?

Tati e Ricardo saem também, o que me faz sentir ainda mais desolada.

Tranco todas as portas e janelas, faço pipoca e acomodo-me no sofá diante da televisão ligada, com Gabriel. Assistindo um documentário sobre os animais africanos.

Logo ouço o alerta de mensagem no celular e meu coração dá um salto no peito. Só pode ser uma mensagem do meu amor.

Na tela do aparelho, leio a seguinte mensagem:

“A aula fica muito mais interessante quando há um par de olhos, repletos de luxuria, me observando do fundo da sala”.

Em resposta, digito:

“Tenho certeza de que há muitos pares de olhos te observando agora, com o mesmo sentimento”.

Em instantes ele responde:

“É verdade, muitos olhares. Alguém precisa avisar a essas meninas que meu coração já tem dona”.

Mas que convencido!

Zangada, digito:

“Pára de me enviar mensagem e vai trabalhar”.

Ele responde:

“Estou no intervalo. Um saco isso aqui. Preferia estar aí com você”.

Não respondo e logo ele envia mais uma:

“Vou continuar pensando nessa bocetinha quente e molhadinha. Hoje quero me acabar nela. Até daqui a pouco. Te amo”.

Excitada com sua promessa, tomo um novo animo e a solidão já não é um fardo tão pesado. A certeza de que ele está pensando em mim, me animando tanto que não vejo as horas passarem e logo ele está de volta. Todo meu. Lindo! Dono de um charme irresistível com suas roupas sociais caretas e sua valise de couro.

Como Tati ainda não chegou e Gabriel já está dormindo em seu quarto, sirvo-lhe o jantar na mesa da cozinha, ficando ao seu lado enquanto faz a refeição, para em seguida irmos para o meu quarto, fazermos aquilo em que realmente somos bons.

O domingo amanhece lindo e ensolarado, ideal para um dia na praia. Para onde partimos cedo, no carro de Afonso.

A casa dos pais de Ricardo é localizada em um ponto isolado de Canoa Quebrada, longe do vilarejo e das dunas onde os turistas fazem passeios de buggy.

Apesar de Tati e Ricardo já terem me convidado antes, é a primeira vez que venho aqui e fico simplesmente encantada com a beleza do lugar: a casa é simples, mas bem desenhada, com dois andares, tem uma ampla varanda na frente, a fachada marrom, em contraste com o marfim das portas e janelas. Não possui cerca nem muro. Tem um jardim meio abandonado diante, uma árvore centenária com um balanço feito de pneu e uma chaminé que indica a existência de uma lareira no seu interior. Fica a cerca de dez metros de distancia da enseada, onde a água do mar é tranqüila como um lago, diferente da praia, mais adiante, onde as ondas são agitadas.

A presença de arbustos às margens da enseada, indica que é um lugar pouco freqüentado pelas pessoas, o que o torna ainda mais atraente.

Por dentro a casa é tão simples quanto por fora: decorada com móveis rústicos de madeira, tem apenas uma sala e uma cozinha no primeiro andar, sendo que os quartos ficam no segundo piso. A lareira fica na sala ampla, onde deixamos as poucas coisas que trouxemos, entre elas mantimentos e roupas de banho.

— Quem tá afim de dar um mergulho? — Tati pergunta, animada, já se despindo do vestido soltinho de crochê que usa sobre o biquíni.

— Ôpa, to dentro. — Falo.

Ricardo e Afonso se entreolham e também concordam.

Como sou um pouco mais lerda que Tati, preciso subir a um dos quartos no segundo andar para trocar o short jeans e a regata pelo biquíni azul claro.

Quando retorno à sala, encontro todos prontos para o banho de mar, embora meus olhos enxerguem apenas Afonso e a sunga preta, curta e colada que ele usa.

Putá merda! Vai ser lindo assim lá em casa!

Não me canso de constatar o quanto o corpo dele é perfeito. Com cada músculo no lugar certo, o abdômen sarado, as coxas firmes e peludas, aquela linha de pelos negros que começa no seu tórax e desaparece na barra da sua sunga.

Ele pendura Gabriel em seu ombro, o garoto sorrindo exultante por ficar mais alto que todos nós, passa o braço livre em torno da minha cintura e vamos todo para o mar, Tati e Ricardo caminhando na frente, por já conhecem bem o lugar.

— Como vocês ficam lindos juntos. — Tati fala, ao olhar para trás para nos observar. A água é tão cristalina que é possível ver o fundo até um ponto bem distante da praia.

Mergulhamos e fico deliciada com o quanto a água é morna, em como nos misturamos aos peixes mansos, de várias cores e tamanhos diferentes.

Tati e Ricardo afastam-se para se agarrarem, enquanto Afonso parece estar pegando o jeito com Gabriel, pois não o solta um minuto, rodopiando-o pela água, tentando ensiná-lo a nadar, meu filho se divertindo como nunca.

Pela primeira vez na vida, tenho a sensação de que encontrei meu lugar no mundo, de que tenho uma família de verdade e esse sentimento é apavorante, pois vem concomitante ao medo de perder tudo, de repente, de uma hora para a outra Afonso me deixar, afinal é felicidade demais para quem nunca foi feliz antes.

Sem falar que amanhã acontecerá a audiência no Conselho Tutelar e embora Afonso tenha me garantido que Gabriel não será tirado de mim, o pavor se recusa a me deixar.

Mas não quero pensar nisso agora e sim me divertir ao lado dos meus amigos e os dois homens da minha vida.

Após nadarmos durante algum tempo, eu, Afonso e Gabriel deixamos a água, sentando-nos na areia branca, sob o sol gostoso da manhã, Gabriel brincando de construir prédios com a areia molhada.

Tati e Ricardo continuam na água, distantes de nós, beijando-se, grudados um no outro e não posso negar que sinto um pouco de inveja deles, pois queria estar assim com Afonso. Deve ser uma delícia transar numa água gostosa dessa.

— Você não trouxe uma saída de praia? — Afonso pergunta, observando-me com o canto do olho.

— Não. Por quê?

— Por que olhar pra você nesse biquíni não está me ajudando muito.

Desloco meu olhar do seu rosto para seu colo e só então percebo a gigantesca protuberância que se faz na sua sunga, meu sangue fervendo nas veias, do mais lascivo tesão, com a belíssima visão.

Porra! Que furacão esse homem!

— Huum. Acho que posso tornar as coisas ainda mais difíceis pra você. — Falo, com malícia, para no instante seguinte, pular sobre ele, deitando-o de costas no chão, ficando por cima, nossos corpos colados de cima a baixo, sua ereção pressionando meu ventre, intensificando o desejo selvagem que me incendeia por dentro.

Lanço um olhar rápido na direção de Gabriel e ao perceber que ele nos ignora por completo, levo meus lábios aos de Afonso, entregando-me ao beijo selvagem que recebo, me deixando sem ar, sem chão, me fazendo esquecer até meu próprio nome.

— Sophia... Não teste meus limites. Eu posso não me segurar e te comer aqui mesmo, na frente do Gabriel. — Sua voz é um grunhido rouco que me deixa ainda mais excitada.

— Eu confio em você. — Falo, louca de tesão, minha vagina encharcada.

Levo meus lábios aos seus uma segunda vez, infiltrando minha língua na sua boca, deixando que ele a sugue avidamente, tão gostoso que tudo se intensifica em mim.

Estou a ponto de convidá-lo para uma rapidinha na água, quando Tati aparece para me salvar.

— Sophia, vou com Ricardo e Gabriel preparar uma comidinha pra nós. — Ela diz, erguendo Gabriel em seus braços, o garoto protestando para não deixar a areia. — A meio quilometro daqui tem uma praia linda. Por que vocês não vão lá conhecer?

Eu e Afonso nos sentamos constrangidos, ele de costas, para esconder sua ereção.

— Vamos sim Tati. — Falo, embaraçada. — Mas por que vocês não vêm com a gente. Eu te ajudo com a comida quando voltarmos.

— Eu e Ricardo já fomos lá muitas vezes. Não é mais novidade. Mas para vocês sim.

— Então ta.

— Divirtam-se. — É Ricardo quem fala, com um largo sorriso, observando-nos com o mais malicioso dos olhares, deixando evidente que sabe o que vamos fazer lá, o que me faz sentir ainda mais envergonhada.

No instante em que os três se afastam, indo para a casa, Afonso segura-me pela mão e me faz levantar, conduzindo-me, apressadamente, na direção que Tati nos apontou ao mencionar a praia.

Não nos afastamos muito. Logo que estamos fora do campo de visão de quem se encontra na moradia, Afonso me ataca, sequioso, arrancando as peças do meu biquíni quase com violência.

CAPÍTULO XXVII

Livra-se da sua sunga, com a mesma urgência, exibindo a oitava maravilha do mundo, para em seguida erguer-me em seus braços fortes, carregando-me para o mar.

Estende-me sobre a areia onde terminam as ondas, a espuma nos alcançando, e coloca-se sobre mim, cobrindo-me com seu corpo grande, descansando seu peso nas mãos e nos joelhos apoiados no chão.

— Ah Sophia... Eu te quero tanto que chega a ser doloroso... — Sua respiração está ofegante.

— Pois possua-me, meu amor, porque sou completamente sua.

Então, ele sela meus lábios com outro beijo, do jeito que apenas ele sabe me beijar, deixando-me sem fôlego, tirando-me a sanidade, transformando-me num ser de sensações e sentimentos.

Arrebatada pela luxúria, chupo a língua dele, com a mesma intensidade do desejo selvagem que toma conta de mim, para logo senti-la passeando sobre meu corpo, deliciosamente, parando sobre um dos meus peitos, lambendo o mamilo enrijecido para depois sugá-lo, deixando-o ainda mais duro, levando-me mais à loucura.

Putá merda! Como isso é bom! Como sou sortuda por ter um homem gostoso como esse!

Cada vez mais distante da minha sanidade, afundo meus dedos nos seus cabelos curtos, puxando-o mais para mim, intensificando nosso contato, enquanto a espuma das ondas do mar alcançam-me até a cintura.

Afonso leva sua boca gostosa até minha boceta e um gemido me escapa antes mesmo de ele começar a me chupar, tamanha é minha expectativa. Logo sua língua está na minha vagina lambuzada, acariciando-a, entrando e saindo, para depois ir até meu clitóris, estimulando-o com movimentos rápidos, circulares, enlouquecendo-me.

É inevitável, em instantes o gozo se forma em minhas entranhas e me deixo explodir num orgasmo arrebatador, enlouquecedor, como sempre é com esse homem.

Após se alimentar do líquido que jorra do meu canal, ele trás seus lábios de volta aos meus, fodendo minha boca com sua língua deliciosa.

— Vou ter que te comer agora Sophia, não dá mais pra esperar. — Sua voz é um sussurro abafado pela minha boca.

Sem esperar que eu reclame da ausência de uma camisinha, ele agasalha seus quadris entre minhas pernas abertas e seu pau mergulha entre meus lábios vaginais, penetrando-me, devagar e profundo, como de costume, empurrando as paredes do meu canal com sua virilidade, pela primeira vez sem a barreira do preservativo, nossa carne latejando com o contato direto e não posso acreditar no quanto isso é bom. É como tê-lo por completo, sem empecilho algum.

Ele enterra seu pau fundo em mim, estocando devagar, girando-o no meu interior, intensificando, ao máximo, o prazer que podemos proporcionar um ao outro.

Esquecendo-me por completo da ausência da camisinha, entrego-me à lasciva crua que toma conta de mim, ficando mais doida a cada movimento dele.

Agindo por instinto, contorno-o com minhas pernas, movendo meus quadris de encontro aos dele, permitindo que seu pau vá ainda mais fundo em mim, tão fundo que não posso evitar os gritinhos que escapam da minha garganta, abafados pela boca dele.

Afonso acelera as estocadas, seu pau ficando ainda mais duro, o que é a minha perdição. Sem que eu possa evitar, um novo orgasmo se forma em meu ventre e abro meus olhos para fitar os seus quando gozo, chamando seu nome, me estilhaçando em mil pedaços, ao mesmo tempo em que ele se esvai dentro de mim, seus espasmos intensificando meu prazer, seu esperma quente jorrando no meu interior, até que ficamos imóveis, recusando-nos a nos afastarmos.

— Porra Afonso, você gozou dentro de mim. — Reclamo, minha respiração ainda ofegante, meu coração ainda acelerado no peito.

Ele escorrega pra o lado, saindo de dentro de mim, deitando-se de lado na areia, sua cabeça apoiada no cotovelo, de modo que possa fitar-me no rosto.

— E daí? — Pergunta, como se eu tivesse falado a ele apenas que a água do mar é salgada.

— E daí que eu não tomo anticoncepcional. Corro o risco de ficar grávida.

Seus olhos, ainda mais azuis devido à luz do dia, reluzem um brilho de satisfação.

— E eu espero que seja uma menina, linda como a mãe, para que eu possa ouvir você contar a ela o quanto foi magnificamente perfeito quando ela foi concebida, onde terminam as ondas do mar.

É impossível não sorrir, da mais pura felicidade, ao ouvi-lo falar assim.

Por outro lado, não podemos nos entregar ao romantismo. Ainda não somos casados e nem sei se seremos um dia. Se está sendo difícil criar um filho sozinha, imagina dois.

— Seu discurso é lindo, mas acho melhor não arriscarmos de novo. Agora vamos voltar. Faço menção de me levantar, mas ele segura-me no lugar.

— Peraí. Tenho um aperitivo pra você antes do almoço.

Com tais palavras, ele coloca-se em pé, fazendo-me ajoelhar diante de si, segurando-me pelos cabelos, em cima da cabeça, para levar minha boca até seu pau, que passa de semi ereto para completamente duro quando começo a chupar, a lasciva voltando-me com toda a força, arrebatando-me.

Segurando firmemente meus cabelos com uma das mãos, ele fode minha boca com força, levando seu pau enorme fundo em minha garganta, quase me deixando sem ar, seu liquido se misturando à minha saliva, minha vagina palpitando de ansiedade.

Mas não será dessa vez que o receberei novamente, logo seu pau fica mais duro dentro mim e sei que ele vai gozar.

— Ah, porra... já vou gozar, de novo... Tá vendo o que você faz comigo? — Ele grunhe. — Olha pra mim, Sophia, quero ver esses olhos lindos quando encher sua boquinha de porra.

Ergo meu olhar, fixando-o no azul brilhante dos seus olhos, sem deixar de chupá-lo, quando então ele enterra seu pau fundo, segurando-me firme no lugar e esporra na minha boca, seu leite quente jorrando abundantemente na minha garganta, um único gemido partindo dos seus

lábios.

Espero que seus espasmos terminem e engulo seu esperma, até a ultima gota, maravilhada com o sabor.

Ele puxa-me para cima e me prende entre seus braços, apertando-me contra seu corpo másculo, tomando meus lábios num beijo apaixonado, quando posso sentir as batidas aceleradas do seu coração de encontro a mim e fico emocionada por saber que sou responsável por isso e por proporcionar tanto prazer ao homem que amo.

— Eu te amo tanto. — Sussurro.

— Eu também te amo e vou amar sempre.

Buscando forças no fundo do meu âmago, consigo desvencilhar-me do abraço, antes que seja tarde e comecemos tudo de novo.

— Acho melhor a gente voltar antes que Tati e Ricardo pensem que nos perdemos e venham atrás de nós. — Falo.

— Eu não me preocuparia com isso. Eles sabem o que estamos fazendo. Mas preciso deixar você se alimentar.

Seus lábios se curvam num largo sorriso, que me contagia.

Pegamos nossas peças de roupas de banho do chão e, na água do mar, tiramos a areia que infiltrou-se nelas, vestindo-nos em seguida, retornando para a casa, abraçados, sem pressa de chegar.

Ao atravessarmos a varanda, antes de abrirmos a porta, Afonso diz:

— Coloca uma roupa por cima desse biquíni. Não quero que nossos amigos me vejam de pau duro.

Não consigo evitar e a gargalhada me escapa alta.

Na casa, encontramos Ricardo brincando com Gabriel na sala, enquanto Tati ainda está na cozinha.

Beijo as bochechas rosadas do meu filho antes de abrir uma das mochilas que trouxemos e pegar um vestidinho branco, curto e folgado, com o qual visto-me, para em seguida ir à cozinha, ajudar Tati com o preparo da comida.

Ela está preparando peixe ao molho.

— Precisa de ajuda aí? — Pergunto, sem conseguir que o sorriso se desfaça dos meus lábios.

— Não. Já to terminando. — Ela examina meu rosto e sorri satisfeita. — Como foi lá na praia?

— Ai Tati, foi maravilhoso. — Respondo, com um suspiro, antes de sentar-me a mesa de madeira no meio do cômodo amplo. — Você é a melhor amiga que eu podia ter. Obrigada!

— Qualquer coisa vale à pena pra ver você assim tão feliz, como nunca vi antes. — Ela sorri. — Você e Afonso ainda estão na fase da lua de chocolate. Eu e Ricardo já passamos por isso, há algum tempo. Batizamos todas as praias que há por perto daqui.

Meu sorriso se alarga.

— E essa fase da lua de chocolate passa com o tempo?

— Mais ou menos. As coisas continuam sendo maravilhosas, só que com menos

intensidade. O segredo é não deixar cair na rotina.

É impressionante, como apesar de conhecer o mundo, bem menos que eu, ela conheça tão bem a vida.

— Prontinho. Vai chamar os rapazes enquanto sirvo a mesa. — Ela diz, após provar o molho do peixe.

Nos reunimos todos a mesa e fazemos a refeição mergulhados na mais deliciosa paz, alegria e descontração. O assunto entre nós parece nunca ter fim. Estamos sempre falando e sorrindo, de nós mesmo e da sorte que temos por encontrarmos nossa cara metade.

Nosso domingo não poderia ser mais perfeito. Durante a tarde, descansamos na rede pendurada na varanda, passeamos de caiaque e pegamos sol espichados na toalha de praia estendida sobre a areia.

Quando a noite cai e voltamos para casa, sinto a melancolia me invadir, pelo receio do que me espera amanhã no Conselho Tutelar.

A segunda feira chega trazendo consigo uma densa e incessante nuvem de chuva que se estende por todo o dia, como não é comum nessa época do ano.

Pela manhã, vou à faculdade com Afonso, onde os cochichos, os olhares maldosos e o desprezo por parte das pessoas se repetem, sem que eu atribua qualquer importância a isso.

Como os professores do estado encerraram o reposicionamento das aulas perdidas durante a greve, Tati agora está oficialmente de férias, para felicidade geral de Gabriel e Ricardo, que poderão passar mais tempo com ela.

Quando a tarde chega, estou verdadeiramente em pânico, várias cenas se passando pela minha mente. Posso visualizar claramente o Conselheiro Tutelar declarando que não sou apta a cuidar de Gabriel e o medo se recusa a me deixar.

— Fica calma, Sophia. Você ta começando a ficar paranóica. Ninguém vai tirar o Gabriel de você. Não há motivo pra isso. — Afonso fala.

Estamos em meu quarto, terminando de nos vestirmos para ir à audiência. Tati e Ricardo nos acompanharão, para que testemunhem sobre como é a educação de Gabriel, caso seja necessário, já que são as pessoas mais próximas a nós e participam do nosso convívio.

— Eu não sei. Guilherme é louco. Pode estar armando alguma coisa pra se vingar de mim.

Meu amor se coloca diante de mim, perto o suficiente para que seu calor perturbador me alcance, atingindo-me com violência. Segura minha face entre suas mãos, fitando-me diretamente nos olhos, transmitindo-me a confiança de que tanto necessito.

— A justiça não foi feita para os loucos e sim para os sãos, como você. Contagiada por sua segurança, abraço-o apertado.

Vamos todos no carro de Afonso para o local da audiência, a sede de Conselho Tutelar, localizada no centro da cidade. Trata-se de um prédio modesto, de dois andares, com fachada branca, a pintura descascando e algumas pichações nas paredes.

Chegamos com dez minutos de antecedência e entramos. Somos conduzidos pela recepcionista a uma sala no final do corredor do primeiro andar, um cômodo amplo, mobiliado por varias fileiras de cadeiras de plástico e uma grande mesa retangular de mogno ao fundo.

Chegando lá, não posso acreditar no que meus olhos vêem: Acomodados nos assentos, a um

dos cantos da sala, estão Guilherme e seu amigo Tiago, certamente para falarem mal de mim. Puta que pariu! Esse bastardo não se cansa de me perseguir?

Lanço um olhar rápido na direção deles e percebo o brilho de ódio expressado em seu olhar enquanto observa a mim e Afonso.

Foda-se! Que morra de despeito por ser desmerecedor do meu amor.

Nos acomodamos no lado oposto da sala e fico satisfeita por tanto Tati quanto Ricardo não o cumprimentarem, provando, mais uma vez, que são meus amigos de verdade.

Alguns minutos depois, dois homens e uma mulher, todos formalmente vestidos, entram por uma outra porta, localizada nos fundos da sala e sentam-se a mesa, examinam alguns papeis, antes de um dos homens falar:

— Sophia Galhardo Miranda? — Os olhos dele me procuram entre os presentes, até que me levanto, entregando Gabriel a Tati para aproximar-me da mesa.

— Sou eu.

Eles se apresentam. A mulher é assistente social, um dos homens é psicólogo e o outro conselheiro tutelar. Falam seus nomes, mas não os memorizo.

— Sente-se, por favor. — Faço o que ele diz, sentando-me, com meu corpo trêmulo. — Recebemos uma denuncia de Guilherme Pavanneli de que você está educando uma criança em meio à prostituição. O que tem a nos dizer sobre isso? — É o conselheiro quem pergunta.

Sinto meu sangue gelando nas veias, minhas pernas entorpecidas, um bolo horrível se formando em meu estomago.

— Ele não está e nunca esteve em meio à prostituição. Não vou negar, eu vivia da prostituição até pouco tempo, mas fazia os programas em uma boate em Fortaleza. Nunca levei um homem a minha casa e sempre tive Tati para cuidar dele quando eu estava fora.

— Você disse que vivia da prostituição, não vive mais? — É a mulher quem indaga.

— Não. Agora tenho um companheiro.

— De acordo com as denuncias feitas pelo Sr. Guilherme, você recebia os clientes na sua residência, onde havia também consumo de drogas e álcool. Você tem como provar que isso não é verdade?

— Tenho. Trouxe duas testemunhas. Tatiana, a pessoa que mora comigo há dois anos e cuida do meu filho e o namorado dela, o policial militar Ricardo. Ambos convivem comigo diariamente e podem relatar exatamente como era minha vida.

— As testemunhas podem se aproximar. — O conselheiro fala.

Todos os quatro vêm, Tati, Ricardo, Gabriel e Afonso, ocupando lugares na mesa.

— Não eram apenas dois? Esse terceiro, quem é?

— É o meu companheiro.

— Então, o que as testemunhas têm a dizer?

Como era de esperar, Tati é a primeira a falar. Descreve, detalhadamente, como era minha rotina antes de conhecer Afonso, acrescentando à sua fala, o quanto sou uma mãe dedicada, carinhosa, zelosa e apaixonada pelo meu filho, a quem jamais permiti que faltasse nada. Ressalta, ainda, que o autor das denuncias é um desequilibrado mental que ameaçou contar para todo mundo qual era o meu trabalho verdadeiro caso eu não ficasse com ele e cumpriu a

ameaça quando me neguei a continuar sendo chantageada, expondo-me, de maneira baixa e sórdida em um programa de televisão.

— Minha nossa! Eu assisti esse programa. Não sabia que era você. — A assistente social fala, visivelmente atônita, deixando-me alarmada.

Com o assentimento do conselheiro, Ricardo dá o seu depoimento, confirmando tudo o que Tati falou e acrescentando que tenho sido vítima de discriminação desde que fui exposta na televisão, pelo autor da denúncia, a única coisa a interferir, negativamente, na educação de Gabriel.

Quando ele termina, Afonso se oferece para falar e relata que abandonei a prostituição sem risco de voltar, que o tenho como um companheiro que me ajudará a criar o meu filho. Ressalta, durante sua fala, que nunca conheceu uma mãe mais atenciosa que eu.

No momento seguinte, o conselheiro colhe o depoimento de Guilherme, que desmente tudo o que foi dito, reafirmando as mentiras que inventou ao me denunciar. Tiago também fala, inventando que me pagou para ter relações sexuais comigo na minha casa.

Por fim, os três ouvintes deixam a sala, retornando minutos depois, retomando seus lugares a mesa, quando meu coração ameaça parar de bater a qualquer momento, o medo da decisão deles me corroendo por dentro.

CAPÍTULO XXVIII

— Diante de tudo o que ouvimos aqui. — O conselheiro começa. — Chegamos à conclusão de que os únicos crimes cometidos nessa história foram de discriminação e chantagem cometidas contra Sophia. — Agora meu coração passa de quase morto para eufórico, batendo acelerado no peito. — Prostituição não é crime, aliciamento sim e ficou provado que esse não é o caso de Gabriel. Portanto, Sophia tem todo o direito de ficar com seu filho.

Nesse momento, recebo um abraço triplo, de Tati, Ricardo e Afonso.

Atrás de nós, Guilherme se manifesta, o ódio impregnado no tom da sua voz.

— Mas que porra de conselho é esse?! Deixam uma criança pequena aos cuidados de uma puta barata que dá pra qualquer um que tenha uma merreca no bolso.

O conselheiro fuzila-o com um olhar fulminante e eu não queria estar na pele dele agora.

— Cuidado com o que diz, rapaz.

— Eu sou um cidadão de bem, diferente dessa prostituta! Tenho o direito de me expressar.

— Cale-se! — Desta vez o conselheiro grita. — Expresse-se como quiser, mas em outro lugar que não seja minha sala. — Guilherme se silencia e o homem calvo, com mais de cinqüenta anos, volta seu olhar para mim, fitando-me por trás das lentes dos seus óculos meia lua. — Sophia, você deseja fazer uma denuncia a esse conselho, contra o Sr. Guilherme, por colocar seu filho em uma situação constrangedora de discriminação? Lembrando que você pode ainda procurar o Ministério Público e fazer outra denuncia contra ele, de coerção e discriminação.

— Não. Não desejo denunciá-lo. Tudo o que quero é viver em paz com meu filho.

— Se você decide assim, não há nada mais que precisemos tratar. Vocês estão

liberados. Posso ouvir os murmúrios de ódio que partem de trás de mim, de Guilherme.

— Só mais uma coisa. — A assistente social fala. — Como assistente social, quero que saiba que é meu dever abrir um processo contra o Sr. Guilherme por colocar a criança como alvo de discriminação.

— Por mim tudo bem.

Invadida pela mais esplêndida sensação alivio, paz e felicidade, levanto-me, entregando-me a mais um abraço triplo das pessoas que fazem parte da minha vida.

Juntos, nos dirigimos para a saída, quando, ao passarmos por onde Guilherme está sentando, podemos ouvir sua dura ameaça:

— Vocês todos vão me pagar caro por isso. Principalmente você, sua prostituta.

Olho diretamente em seu rosto, pela primeira vez desde que chegamos e vejo os hematomas, obviamente deixados por Afonso quando brigaram. Afinal meu amor apanhou, mas também bateu.

— Vai se ferrar, Guilherme. — Falo, entre dentes, retomando meu trajeto.

Não compreendo a razão de tamanho ódio por parte dele, se não fiz nada além de não amá-

lo como ele gostaria, o que não é minha culpa, pois não se escolhe a quem amar.

— Fica longe dela, cumpadi. — Ouço Ricardo dizer às minhas costas, ameaçadoramente, a resposta de Guilherme se perdendo na distancia que cresce entre nós.

É quase noite quando deixamos o prédio, a chuva fina caindo incessantemente, amenizando o constante calor que faz em Quixadá.

— Vocês viram a cara do Guilherme quando o conselheiro começou a falar? — Tati indaga sorrindo com descontração, enquanto caminhamos até o carro estacionado do outro lado da rua.

— Do jeito que ele se julga o dono da verdade, por ser socialmente correto, vai demorar pelo menos uns dez anos pra se recuperar dessa. — Falo, sorrindo com satisfação.

— O que vocês acham de irmos comer uma pizza pra comemorar? — Afonso propõe, ao entrarmos no carro, Tati com Ricardo e Gabriel no banco de trás, eu ao seu lado no assento dianteiro.

— Você não tem aula hoje? — Indago.

— Não. Eu não sabia até que horas a audiência se perduraria e cancelei.

— Então vamos à pizza. — Viro-me para trás. — Vocês topam?

— Estamos dentro. — É Tati quem responde.

Afonso dá a partida e nos conduz através do tráfego de carros do centro da cidade, rumo à pizzaria rodízio diante da qual eu passava todas as noites, quando freqüentava a boate em Fortaleza e sempre tive vontade de entrar, por me parecer um ambiente animado, sempre repleto de pessoas aparentemente felizes e pelo cheirinho de vários sabores de pizza que partia de lá.

Agora terei minha oportunidade de entrar.

Do lado de dentro o lugar é ainda mais cativante. Bem limpo e decorado, as mesas não ficam muito próximas umas das outras, como em alguns restaurantes, nos oferecendo a liberdade de conversamos sem receio de sermos ouvidos. Há plantas espalhadas pelo enorme salão, quadros coloridos nas paredes e uma musica animada, no volume certo, tocando ao fundo. É realmente um ambiente agradável, bom de estar.

Ocupamos uma mesa ao centro e nos esbaldamos numa farra gastronômica, experimentando pizzas dos mais variados sabores, bebendo refrigerante e conversando com descontração, sorrindo e comemorando o fato de termos um ao outro e sermos tão felizes com isso.

Os momentos são tão agradáveis que as horas voam sem que percebamos. Gabriel está dormindo em meus braços, desconfortável, quando proponho que voltemos para casa.

Afonso e Ricardo se unem para pagar a conta. Estamos de saída, quando Guilherme entra no estabelecimento, de mãos dadas com uma garota morena. Ao nos ver, dirige-se diretamente até onde estamos, com passos pesados, colocando-se próximo à nossa mesa.

— Hora se não é a prostitua e sua corja, achando que pode freqüentar, socialmente, os restaurantes da cidade. — Ele fala, com agressividade, sua voz tão alterada que atrai a atenção das outras pessoas.

— Cala essa boca e some daqui seu moleque. — Afonso retruca.

— Ou o quê?! O velhote vai me dar uma surra? Ai que medo. — Sua ultima frase é

pronunciada com deboche.

Afonso levanta-se, posicionando-se diante dele, desafiadoramente.

— Você já foi longe demais. Ultrapassou todos os limites. Chega disso!

Guilherme solta a mão da menina e empurra Afonso, quase o derrubando no chão, quando meu coração aperta no peito, meu corpo gelando de medo.

— Quem decide quando chega sou eu! — Guilherme esbraveja. — Você deve ter se esquecido da surra que te dei e está querendo levar outra.

Entrego Gabriel à Tati e também levanto-me.

— Vai cuidar da sua vida, Guilherme e deixa a gente em paz!

— E desde quando puta é gente?! Ta pensando que pode desfilar por aí pela cidade como se fizesse parte da sociedade?

Há ódio e rancor no seu olhar e no tom da sua voz. Tenho minhas duvidas se algum dia essa perseguição terá fim.

— Não fala assim com ela. — Afonso grita, avançando para ele. Tenta esmurralhe o rosto, mas Guilherme é mais rápido e se esquivava ao ataque, com facilidade, para em seguida revidar, desferindo um soco no estomago de Afonso.

As pessoas se aglomeram à nossa volta, observando a lamentável cena.

— É isso aí vacilão. Nunca mais fala assim com a Sophia. — Desta vez é Ricardo quem diz, levantando-se, partindo para cima de Guilherme.

É quando o massacre começa. Ricardo bate tanto nele, com tanta facilidade, que por pouco não fico com pena. Quando ele pára, Guilherme está no chão, quase desfalecido, seu rosto transformado numa mancha vermelha, sem que Ricardo possuia sequer um arranhão, ou mesmo esteja ofegante.

— Esse é o meu homem! — Tati diz, orgulhosa.

— Você era meu amigo cara. — Guilherme fala, num gemido, cuspiendo sangue. — Vai jogar nossa amizade fora por causa dessa...

— Não complete essa frase. Ou termino de te matar. — Ricardo ameaça. — Você não merece minha amizade. Tem agido como um doido, só porque a garota não te quer. Se algum dia você voltar ao normal, pedir desculpas a ela, posso repensar minha decisão. Por enquanto, você está avisado: se voltar a incomodá-la, vou te dar uma surra ainda pior. — Parecendo o herói de um filme de ação, que salva a mocinha, ele vira-se para nós. — Vamos pra casa antes que a policia chegue e esse verme invente mais mentiras.

Concordamos e deixamos a pizzeria, passando por cima de Guilherme, que fica lá, entendido no chão.

— Obrigado, cara. Por defender Sophia como eu não consegui. — Afonso agradece. Estamos no carro dele, inseridos no transito, indo de volta para casa.

— Não precisa agradecer irmão. Eu só fiz o que era certo. — Ricardo responde. — Não foi fraqueza da sua parte não conseguir bater nele, Guilherme tem curso de artes marciais.

— Mas você bateu nela com tanta facilidade. — Afonso parece admirado.

— Eu fui professor dele na academia.

— Você é meu herói. — Tati beija-lhe a face e os olhos dele brilham ainda mais, enquanto

seus lábios se curvam num largo sorriso.

Guilherme conseguiu estragar nossa diversão, aparecendo na pizzeria, todavia, valeu à pena, pois a surra que Ricardo deu nele parece tê-lo afastado de vez.

Os dias que se seguem são repletos de paz e tranqüilidade. Nada de anormal acontecendo. Apenas a felicidade me invadindo mais a cada dia vivido. Não me lembro de ter sido tão feliz antes na minha vida, graças ao amor de Afonso.

Cada dia que passamos juntos, mais o conheço e quanto mais o conheço, mais o amo. E esse sentimento já não me assusta como antes. Já não me sinto incomodada pelo medo de perdê-lo, não por estar certa de que ele nunca me deixará, mas pela certeza de que, mesmo se um dia chegarmos a nos separar, saberei que valeu à pena cada minuto vivido ao seu lado.

Com o passar dos dias, a discriminação das pessoas vai se cessando. Talvez estejam se esquecendo de mim. Já não jogam mais piadinhas na rua, ou me olham de canto de olho na faculdade. Inclusive Rita e Solange tentam uma reaproximação, pedindo-me desculpas por terem se afastado, alegando que podem voltar a serem minhas amigas, agora que mudei de vida e me tornei uma mulher direita. Todavia, o argumento delas não me convence. As desculpo, mas não quero mais a amizade delas, pois se realmente me prezassem, teriam me aceitado como eu era. Ademais, não considero desprezíveis as mulheres que estão na boate fazendo programas. Algumas delas têm mais caráter que muitas pessoas que se julgam socialmente corretas.

Com o fim do mês de julho, a disciplina de verão termina e consigo passar apenas porque Afonso altera minha nota, afinal ele é o responsável pela minha constante distração.

As aulas voltam ao normal, com cinco disciplinas por semana, sendo uma delas ministrada por Afonso e sei que ele precisará alterar minha nota novamente, pois me concentrar no conteúdo abordado em sala, é uma tarefa impossível para mim.

Em meados de agosto, Ricardo pede Tati em casamento. Exagerado como sempre, traz o carro de som e uma enorme faixa, com a descrição de uma declaração de amor, fazendo um verdadeiro espetáculo na frente de casa, atraindo a atenção de toda a vizinhança.

Tati aceita, feliz da vida e morro de inveja dela, pois queria que Afonso me pedisse também. Sinceramente não sei o que ele está esperando.

Três dias após o noivado de Tati, devido a enjôos e tonturas que venho sentido ultimamente, faço um teste de farmácia e confirmo que estou grávida, o que me deixa exultante e ao mesmo tempo desesperada, pois se contar a Afonso e ele pedir minha mão em casamento, depois, acreditarei que o fez por causa da gravidez.

Contudo, não posso continuar escondendo a verdade. Ele tem o direito de saber que naquela manhã, quando fizemos amor na praia, eu engravidei e pode ser de uma menina, como ele disse que quer.

Como sempre, Tati é a primeira a saber, fica tão feliz quanto eu e, apesar de concordar em ajudar a esconder a verdade, pelo menos por enquanto, me aconselha a dividir essa alegria com Afonso.

É terça feira quando decido que darei a notícia a ele. Tati concorda em ficar na rua até mais tarde com Ricardo hoje, para que eu e Afonso tenhamos mais tempo sozinhos. Ela prepara um

jantarzinho romântico para nós dois antes de sair e, enquanto Afonso ainda está na faculdade, coloco Gabriel para dormir e me produzo um pouco, vestindo um vestido de seda, curtinho, rosa bebê e sandálias de salto. Escovo os cabelos volumosos e faço uma maquiagem discreta.

Falta pouco para ele chegar. Estou sentada no sofá da sala, diante da televisão ligada, sem enxergar o que é exibido na tela, tamanha é a ansiedade que me toma. Não por temer que Afonso fique desapontado com a notícia, pois sei que ele quer essa criança tanto quanto eu. Temo apenas que ele se sinta obrigado a se casar comigo por isso e não queria que as coisas fossem assim. Gostaria que ele me pedisse em casamento espontaneamente. Apenas por desejar ter-me definitivamente na sua vida.

Mas nem sempre as coisas acontecem como queremos.

Estou vagando em meus pensamentos quando, subitamente, um ruído estranho parte da cozinha, assustando-me.

Desligo a televisão, para que o silêncio me permita ouvir outra vez e descobrir do que se trata, já que, com exceção de Gabriel que dorme em seu quarto, estou sozinha na casa, mas nada acontece.

Então, hesitante, levanto-me e dirijo-me para a cozinha, o medo crescendo dentro de mim.

Assaltos não são comuns em Quixadá, mas Guilherme está quieto demais para quem tanto tentou me destruir. Pode, facilmente, tratar-se de mais uma armação dele.

Chegando à cozinha, não vejo ninguém, todavia, a porta que tinha deixado trancada está aberta, escancarada e um calafrio percorre-me a espinha. Há alguém na casa, resta-me saber quem.

A primeira coisa que penso é em Gabriel. E, num impulso, viro-me para ir vê-lo no quanto, quando então, deparo-me com o verdadeiro terror: imóvel no início do corredor que liga a sala à cozinha, está Luciana, a ex mulher de Afonso, com a faca da cozinha na mão, ainda usando o uniforme da cadeia de Quixadá.

Ela parece uma louca, fitando-me fixamente com olhos esbugalhados, inexpressivos, desprovidos de qualquer emoção. E o que me deixa ainda mais apavorada, é que está entre mim e meu filho.

— Como você entrou aqui? — Pergunto, com cautela, abraçando-me ao meu próprio corpo, que estremece violentamente.

— Pela porta. — Ela responde, meneando a cabeça para a porta escancarada.

— O que você quer?

— O que você acha? — Ela ergue uma sobrancelha.

— Não sei. Não tenho nada que você possa querer.

— Ah, sim. Você tem. O meu marido.

Em meio ao terror, fico confusa. Pensei que ela odiasse Afonso, já que matou três pessoas com o objetivo único de incriminá-lo.

— Vocês não são mais casados.

— Sim, somos. Não dei o divórcio a ele. — Vasculho minha mente em busca de algo a dizer que possa desencorajá-la a qualquer ato de violência que esteja planejando, mas nada me ocorre. Dizer que vou chamar a polícia, ou que Afonso está chegando, só a apressaria a me

esfaquear. — Você acreditou mesmo que eu te deixaria ficar com meu marido? — Ela espera a resposta, como não obtém, continua: — Ele é meu e nenhuma vadia vai tirá-lo de mim.

— Se você o quer, por que tentou incriminá-lo? — Pergunto, com a intenção de ganhar tempo até saber o que fazer.

— Porque ele precisava pagar. — Ela faz cara de injustiçada. — Eu dediquei minha vida a ele. Dei todo o meu amor, desisti da faculdade pra cuidar dele. E o que ganhei em troca? Ele passou a me desprezar. Não fazia mais amor comigo. Não me dava mais atenção. — Meu celular começa a tocar e tenho certeza de que é Afonso tentando me alertar sobre a fuga de Luciana, pois geralmente, quando está no trabalho, ele nunca me liga, mas apenas manda mensagem. — Cheguei ao ponto de arranjar outro homem, pra mostrar a ele o quanto sou desejável, mas ele me deixou quando descobriu. Eu não merecia aquilo. Eu o amava de verdade e ainda amo. — Ela fala como uma louca, sem pausa, suas palavras sem nexos. — Se eu não amasse já tinha matado ele. Mas tentei me vingar de outra forma, fazendo dele um presidiário. E não é porque não deu certo que vou deixar ele solto por aí, com outra mulher. Nada disso. Ele não pode ser feliz enquanto eu fico trancada na cadeia. Você precisa morrer também. Assim como todas que entrarem na vida dele.

Ela profere a última frase com a naturalidade de quem descreve uma receita de bolo, enquanto mantém seus olhos frios fixos em mim e todo o meu corpo estremece de horror.

— O-olha, pensa bem no que vai fazer. Você já está pagando por três assassinatos. Não vai querer responder por mais um.

— Pra mim não vai fazer a menor diferença. Vou te matar e depois matar aquela peste do seu filho. Aposto que Afonso só está com você por causa dele. Pra se sentir o pai que nunca foi. Eu ainda tentei ficar com ele. Pretendia cuidar dele como se fosse meu filho, pois assim Afonso voltaria a me amar. Mas até isso a polícia tirou de mim. E agora vocês dois vão ter que morrer.

Lentamente, ela caminha na minha direção, meus olhos apavorados registrando cada um dos seus movimentos.

Tenho a porta da cozinha aberta atrás de mim, poderia correr e fugir da sua ameaça, mas não posso deixar Gabriel para trás. Ela o mataria em meu lugar.

Então, só me resta enfrentá-la. Lutar pela minha vida mesmo estando desarmada, pois me salvar, significa salvar também Gabriel.

Luciana mira a faca na direção da minha barriga e tenta me acertar.

Fazendo uso de uma agilidade que eu desconhecia possuir, consigo me esquivar, pulando para o lado. Ela faz uma segunda tentativa, desta vez me defendendo com uma cadeira, colocando-a entre mim e o objeto afiado.

Cogito tentar arrancar-lhe a arma, mas isso seria muito arriscado, então continuo me esquivando, fugindo dos golpes, arremessando utensílios domésticos sobre ela, mas nada parece capaz de detê-la.

Ela continua avançando para mim com a faca, até conseguir me acertar, a lâmina afiada cortando-me a carne, na altura do ombro, muito perto da minha garganta, de onde o sangue jorra quente e abundante.

De súbito, não sinto mais minhas pernas e deixo-me cair de joelhos no chão, a cozinha girando diante dos meus olhos.

Com um sorriso diabólico, ela parte para um ultimo golpe, sem que eu tenha mais forças para me defender, ou sequer fugir e sei que será um golpe fatal, que tirará minha vida.

Apesar de sentir-me muito cansada, tento lutar contra a negra escuridão, que parece me puxar para si, me engolir, pois preciso proteger meu filho que está no quarto e o que está em meu ventre. Todavia, a escuridão é mais forte que eu e logo estou perdendo os sentidos, a gravidade puxando-me mais para o chão.

Não sei se é impressão minha, ou se, pouco antes de desfalecer, vejo Afonso surgindo do corredor, às costas de Luciana, atirando-se sobre ela, para imobilizá-la.

Tento ficar acordada, afim de me assegurar de que meus bebês ficarão bem, mas não tenho mais forças para lutar contra o abismo escuro que me devora.

CAPÍTULO XXIX

Quando acordo, meus olhos são ofuscados por uma luz intensa, brilhante, que me faz piscar várias vezes antes de me acostumar a ela.

Tento me recordar de onde estou, mas nada me vem à mente. À minha volta há apenas borrões de imagens desconexas, de um lugar que desconheço.

Percebo que estou deitada e quando tento levantar-me, sou impedida por uma dor aguda, na altura do meu ombro, ao mesmo tempo em que o toque de mãos fortes, familiares, se fazem de encontro às minhas.

Direciono meu olhar naquela direção e, com esforço, consigo focalizar o rosto, tão amado, de Afonso. Ele está sentado ao lado do leito em que me encontro, tem o rosto muito abatido, cansado, a barba ligeiramente crescida. E é nesse instante, que as lembranças voltam-me à mente, nitidamente.

Posso visualizar claramente o momento em que Luciana me esfaqueou no ombro, minha luta por continuar acordada e sou invadida pela dolorosa incerteza de que meu filho está bem.

— Gabriel... — Murmuro, minha voz quase inaudível, minha garganta extremamente seca.

— Ele está bem, meu amor. — Afonso fala. — Tati está cuidando dele.

— O que aconteceu? — Pergunto, ainda meio confusa.

— Tente não falar muito. Vou chamar o medico.

Fazendo uso de todas as forças do meu corpo, aperto a mão dele, ciente de que foi um aperto muito fraco.

— Não me deixa aqui sozinha. — Peço.

— Não vou deixar. — Ele usa a mão livre para tirar o celular do bolso da sua calça, digita os números e logo pede a alguém que avise ao medico que estou acordada, voltando a depositar o aparelho em seu bolso. — O médico já vem te ver. Você vai ficar bem.

— Onde estou?

— No hospital Dr. Osório.

É um hospital particular da cidade.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Há dois dias. Você perdeu muito sangue. Por isso dormiu por tanto tempo.

Pouso minha mão livre sobre meu ventre, sentindo-o estranhamente vazio.

— Meu bebê está bem?

A amargura reluz em seus olhos azuis.

— Não. Nós o perdemos. O medico disse que foi devido ao susto.

Uma dor aguda invade-me a alma, me dilacerando por dentro.

— Era nossa menininha. — Minha voz soa trêmula.

— Eu sei meu amor. Vamos providenciar outra o mais depressa possível. Eu sei que não tomará o lugar dela, mas nos trará a mesma felicidade. — Seus olhos se intensificam sobre os meus. — Por que você não me contou que estava grávida?

— Eu ia contar aquela noite. Estava esperando o momento certo. Queria que fosse especial.

— Acredite, vai acontecer de novo e será muito especial.

— E a Luciana?

— Ela foi transferida pra uma penitenciária em Fortaleza. Não corre mais risco de fugir.

— Como ela conseguiu fugir da cadeia daqui?

— Ela seduziu o carcereiro e o convenceu a solta-la.

Nesse momento, o médico, um homem de meia idade, usando um jaleco branco e um estetoscópio pendurado no pescoço, entra pela porta.

— Bom dia, Sophia. Como está se sentindo?

— Como quem foi esfaqueada por uma louca.

Ele gesticula para que Afonso se afaste e toma o lugar dele ao meu lado. Puxa o lençol branco que me cobre até o pescoço e desenrola a bandagem que cobre meu ombro. As fisgadas me incomodando a cada movimento dele.

Após examinar atentamente o ferimento cheio de pontos, declara:

— Está sarando depressa. Se continuar assim, em dois dias você poderá receber alta. Sente alguma dor?

“Sim, a pior de todas. A dor de ter perdido meu filho”.

— Não. Estou bem.

Ele verifica minha temperatura antes de começar a escrever na ficha pendurada no leito.

— Vou prescrever mais antiinflamatórios e morfina, para o caso da dor voltar. — Ele deposita o prontuário de volta aos pés da cama. — Você teve muita sorte. A faca passou muito perto do seu coração. Quanto à gestação, era ainda muito recente, duas ou três semanas, por isso não resistiu ao susto. — Ele examina seu relógio. — Daqui a pouco a enfermeira vem ministrar os remédios e fazer outro curativo. Você já pode comer, se sentir fome, mas evite bebidas com gás e não tente se levantar. Visitas só à tarde. Qualquer coisa, pode me chamar.

Sem mais, ele deixa o aposento, tão apressado quanto entrou.

O quarto onde estou é grande e bem decorado. Tem armário, mesa com duas cadeiras, televisão, alguns ramalhetes de flores e uma janela por onde o sol entra. É bem diferente do hospital público onde Gabriel ficou internado, há um ano, quando teve pneumonia.

— Ouviu o que ele disse? Em dois dias você poderá voltar pra casa. — Afonso diz, voltando ao seu lugar na cadeira ao meu lado, segurando-me a mão, carinhosamente.

— Eu queria voltar hoje. Não preciso ficar aqui mais dois dias.

— Não vai dar uma de rebelde agora, né?

— Depende. Se você ligar pra Tati trazer meu filho, eu agüento esse suplicio.

— Você ouviu o homem. Visitas só à tarde.

— Mas Gabriel não é visita. É meu filho. Eu sei o quanto esse hospital é caro. Se você está pagando, pode trazer quem quiser.

Discutimos por mais alguns minutos, até que ele acaba concordando, com o objetivo de me fazer parar de falar, pois teme que isso possa me prejudicar. Logo, telefona para Tati, pedindo que traga Gabriel e em pouco mais de uma hora, meu pequenino está comigo, assim como Tati

e a canja de galinha deliciosa que ela me trouxe.

Dois dias depois, como o médico disse, recebo alta do hospital, embora continue de repouso e recebendo medicação em casa, de uma enfermeira que Afonso contrata para cuidar de mim.

Preciso afastar-me de todas as minhas atividades por um mês, inclusive da faculdade. Durante esse período, por mais que eu insista, Afonso se recusa a fazer amor comigo, por temer me machucar, embora esteja sempre presente, em todos os momentos em que não está ministrando aulas, dispensando-me toda a sua atenção, mimando-me tanto que, se não fosse pela falta de sexo, eu nem faria questão de me recuperar, só para tê-lo assim tão meu.

Com o passar dos meses, tudo volta ao normal. Ele volta a ser o homem quente e apaixonado de sempre, sexualmente falando. Retomo minhas aulas na faculdade, sentindo-me cada dia mais aceita pelas pessoas.

Argumentando que Gabriel precisa mais de mim, que nós de dinheiro, Afonso pede para que eu não arranje um emprego, pelo menos por enquanto, e me dedique exclusivamente aos estudos e a cuidar do meu bebê.

Nossos dias são repletos de paz, sossego, felicidade e muito amor. A convivência com o homem que amo não poderia ser melhor. Ele é calmo, mesmo nos meus momentos de explosão, é inteligente o suficiente para me compreender e meio aventureiro, me surpreendendo de vez em quando com presentes e propostas de passeios a lugares que ainda não conheço.

Apesar de toda a felicidade que me invade mais a cada dia, desde que perdi nosso bebê, sinto que ele está faltando em nossas vidas. É a peça que falta para nos completar inteiramente.

Paramos de usar camisinha desde que deixei o hospital, há três meses e a gravidez ainda não aconteceu.

Tati tem uma teoria para isso. Segundo ela, meu psicológico está inibindo a fecundação devido ao receio que tenho de que Afonso me peça em casamento apenas depois que eu engravidar, por se sentir na obrigação de fazer isso, já que estou esperando, ansiosamente, que ele me peça, sem outra razão que não nosso amor, para ter a certeza de que ele realmente quer ficar comigo.

Talvez ela esteja certa.

Contudo, a gravidez e o pedido de casamento, são o que mais quero na vida e não mais me importaria tanto com a ordem em que acontecessem.

Estamos no final do mês de novembro. Mais uma etapa da faculdade concluída.

Para comemorarmos o início das férias, eu, Gabriel, Tati, Afonso e Ricardo vamos passar o final de semana na casa de praia dos pais de Ricardo em Canoa Quebrada. Desta vez não tomamos banho de mar, pois o dia está chuvoso, meio frio, ideal apenas para ficarmos na varanda da casa, apreciando a bela paisagem.

No final da tarde de sábado, quando a chuva cessa, Afonso me convida para um passeio pelas praias desertas que há aos arredores e, é claro, aceito com uma excelente expectativa.

Caminhamos por mais de um quilômetro de praia, passando pelas mais exóticas paisagens, enquanto espero que ele me agarre, me jogue na areia e me possua com paixão a qualquer momento. Mas não acontece. Apenas conversamos. Como sempre o assunto entre nós nunca

escassa. Porém, hoje, tenho a impressão de que ele está falando mais que o normal.

— Você tá querendo me dizer alguma coisa? — Pergunto, desconfiada.

— Sim. — Ele responde depressa, parando de andar, virando-se para me encarar.

— Só estou um pouco nervoso.

Ai meu Deus, o que aconteceu agora?!

— Pois fala logo se não quem vai ficar nervosa sou eu.

— Fica calma. — Ele percorre os dedos pelos cabelos, num gesto de nervosismo, para em seguida, enfiar a mão no bolso da sua calça e tirar uma caixinha preta, revestida com veludo, quando então meu coração dispara, violentamente, no peito. — Eu comprei isso há alguns dias e estava esperando o momento certo para te dar... Quer dizer... Bem, a gente quase nunca fica só e quando ficamos... Você sabe o que acontece... Não que eu esteja reclamando, mas...

Caraca! Como ele enrola para fazer um pedido tão simples, algo que quero tanto.

Recebo a caixinha da mão dele e abro. Trata-se de um anel, com uma pequena pedra de diamante. Uma peça simples, mas com um gigantesco significado, que faz meu coração bater ainda mais depressa.

— O que isso significa? — Pergunto e embora já conheça a resposta, quero ouvir ele falar. Ele fita-me profundamente nos olhos, com expressão de calidez.

— Significa que estou pedindo você em casamento. Porque te amo, mais que jamais esperei amar alguém um dia. Você é a mulher da minha vida e quero passar o resto dos meus dias com você. Você aceita se casar comigo?

Uau! Isso foi melhor que um orgasmo!

Será que devo pedir um tempo para pensar? As mulheres comuns costumam pedir, mas definitivamente, não sou uma mulher comum e não há nada que eu possa desejar mais que me casar com ele.

— É claro que eu aceito, meu amor. Eu te amo e também quero passar minha vida com você. Você não imagina o quanto esperei pra te ouvir fazendo esse pedido.

— Ah, foi? Eu não sabia que você queria isso. Estava com receio de que dissesse não. Se eu soubesse antes...

— Afonso. — Eu o interrompo.

— O quê?

— Cala essa boca e me beija.

Com um sorriso, ele toma-me os lábios, com tanta sofreguidão, tanta paixão, que me deixa sem fôlego, o sangue fervendo em minhas veias, meu coração ameaçando saltar fora do peito, a luxúria invadindo-me com violência, a lasciva tomando conta de mim.

Interrompemos o beijo apenas enquanto ele coloca o anel no meu dedo e logo estamos nus nos braços um do outro, fazendo amor onde as ondas do mar terminam, loucamente, apaixonadamente, a certeza de que sempre pertenceremos um ao outro ainda mais presente dentro de nós.

Quando Afonso conta à sua família que se casará novamente, a mãe dele decide que virá passar o natal conosco, afim de me conhecer, o que me deixa mais nervosa a cada dia. Embora Afonso me garanta que não, tenho receio de que ela seja uma dessas peruas loiras que

debocham do sotaque dos nordestinos. Temo que me odeie por não ter modos sofisticados como Afonso tem, por ser muito jovem para ele, por ser morena, por tudo mais.

Estou tão receosa, que quando faltam dois para a véspera do natal, quando ela chegará, fico de cama, sentindo enjôos violentos, minha pressão baixa me deixando sonolenta.

Preocupado, Afonso se recusa a me deixar sozinha, permanecendo no quarto ao meu lado o tempo todo. Tenta me convencer a ir ao hospital, mas me recuso, pois sei que apenas estou nervosa.

Quando não suporta mais me ver assim, tão fraca e pálida, ele vai à farmácia em busca de algum remédio. No instante em que ele deixa o quarto, Tati entra, usando um vestido folgado, suas pantufas cor de rosa e comendo pipoca de uma tigela em suas mãos. Observa-me em silêncio, por um instante, antes de falar.

— Eu não sei o que seria de você sem mim. — Seu tom é casual.

— Ta falando de que, Tati?

— Se liga Sophia. Você ta grávida. Se lembra que teve os mesmos sintomas quando engravidou daquela vez?

Meu coração dá um salto no peito, tomado pela mais pura euforia. Ela tem razão, são sintomas de gravidez e minha menstruação está atrasada. Estava tão preocupada com a chegada da minha futura sogra que não enxerguei o que está bem diante dos meus olhos.

Finalmente aconteceu: terei um filho com o homem que amo. Talvez concebido na praia, como da outra vez, talvez uma menina, como ele quer. Mas nada disso interessa, tudo o que importa é que em breve, teremos o fruto do nosso amor.

É mais felicidade do que eu seja capaz de agradecer à vida.

— Por Deus Tati! Você tem razão. Como não percebi isso antes?

— Você precisa fazer um exame pra ter certeza antes de contar pro Afonso.

— Eu sei. Vou fazer isso amanhã mesmo. Mas já tenho quase certeza. — Acaricio meu ventre emocionada. — Como isso é maravilhoso.

— Hum! To louca pra chegar a minha vez. — Tati faz um olhar sonhador.

— O que você e Ricardo estão esperando?

— O casamento. Só vou engravidar quando estiver casada, formada e bem empregada. Quero dar o melhor pro meu filho e o salário do Ricardo não é lá essas coisas.

Onde ela aprendeu a ter tanto juízo?

— Pelo menos experiência em cuidar de criança você já tem. — Falo e sorrimos juntas.

— Ta vendo com eu tinha razão? Você só engravidou depois que Afonso pediu sua mão. Isso é psicológico.

— Você é quase uma vidente, Tati.

Na manhã seguinte, eu, Tati e Gabriel saímos cedo, com o pretexto de irmos à feira, quando na verdade vamos a uma clínica, onde faço o exame de sangue, que fica pronto em poucas horas, comprovando minha gravidez.

Estou tão feliz que mal caibo em mim. Agora preciso dar a notícia a Afonso.

— Quer que eu faça um jantarzinho romântico pra você dar a notícia a ele? — Tati pergunta

animada com a novidade.

Recordo-me do ultimo jantar romântico que ela preparou e definitivamente, não quero outro.

— Não precisa. Eu falo quando estivermos no quarto. Ela dá de ombros.

— Você é quem sabe. Vamos comprar roupinhas de bebê?

— Vamos.

Quando a noite cai, como sempre, nós quatro jantamos juntos a mesa da cozinha, conversando animadamente.

Esta noite, coloco Gabriel no seu berço mais cedo e vou para o quarto enquanto Afonso assiste o noticiário da noite na televisão. Chegando lá, troco o short e a regata por uma camisolinha preta de renda transparente, sensual, que comprei para uma ocasião especial e mais especial que essa é impossível. Escovo os cabelos densos, deixando-os soltos ao longo das costas, passo um pouco de ruge e gloss labial e apago a luz, deixando apenas algumas velas perfumadas acesas, forro a cama com o lençol de cetim e deito-me para aguardá-lo. Só espero não pegar no sono antes que ele chegue, afinal é difícil ficar acordada quando se está grávida.

Logo Afonso entra. Percorre seu olhar pelas velas, parecendo estranhar a penumbra, depois detém seus olhos sobre mim, a luxuria reluzindo em sua expressão.

— Nossa! Isso tudo é pra mim? — Seus olhos brilhantes passeiam pelo meu corpo semi nu.

— Isso e muito mais. — Sem desviar meus olhos dos seus, levanto-me, colocando-me diante dele, tão perto que posso ouvir sua respiração se tornando ofegante. — Tenho uma coisa pra te contar.

— O que é?

— Ainda é muito cedo para senti-lo, mas ele está aí dentro. Nosso filho. Seus olhos se arregalam, num misto de euforia e incredulidade.

— O quê?!

— Isso mesmo que você ouviu. Você vai ser papai.

Seus olhos se tornam ainda mais brilhantes, à medida que seus lábios se curvam num largo sorriso.

Surpreendendo-me, ele ajoelha-se aos meus pés e beija minha barriga, fazendo cócegas e o mesmo tempo excitando-me loucamente.

— Eu já sou pai de Gabriel, serei pai pela segunda vez e nem tenho palavras pra te dizer o quanto estou feliz. — Ele levanta-se devagar, sem afastar sua boca do meu corpo, arrastando-a sobre minha pele, até que nossos olhos voltam a se encontrar. — Eu te amo, Sophia. Obrigada por entrar na minha vida.

— Eu também te amo...

Com isso, ele sela meus lábios com o mais apaixonado dos beijos, intensificando o fogo do desejo que queima em minhas entranhas.

Completamente tomada pela luxuria, empurro-o com meu corpo na direção da cama,

quando então ele interrompe o beijo para perguntar:

— Isso não vai fazer mal pro bebê?

— Acredite, ele vai gostar disso tanto quanto nós.

Antes que ele volte a protestar, silencio-o com meus lábios, inserindo minha língua na sua boca, deixando-o chupá-la até que não tenha mais domínio sobre suas ações, ou pensamentos, o desejo agindo por ele, da forma como age por mim.

Fazemos amor durante quase toda a noite, entregues à luxúria cega que nos engolfa, a certeza de que pertencemos um ao outro tornando tudo mais intenso, inesquecível, enlouquecedor.

Antes de adormecer, exausta, saciada, aconchegada em seus braços, recordo-me da Sophia que um dia fui: a garota que nunca tinha sido feliz, que fugia de qualquer compromisso com um homem e que agora está flutuando de felicidade por ter sido pedida em casamento, por amar e ser amada, pela maravilhosa honra de poder dar um filho ao homem que logo será seu marido.

Enfim, a felicidade pode sim ter ficado para todos, basta que tomemos as decisões certas, geralmente aquelas que nosso coração nos aponta.

EPÍLOGO

Quatro meses depois.

— Força Tati. Eu experimentei ele há três dias, não posso ter engordado tanto.

Tati ofega às minhas costas tentando subir o zíper do meu vestido de noiva, que de ontem para hoje se tornou muito justo em meu corpo.

É um vestido branco, simples.

Estou no quinto mês de gestação, minha barriga começa a aparecer, por isso o vestido não fecha.

— Acho melhor você se casar com outra roupa. Esse aperto todo pode machucar o bebê. — Quem fala é minha sogra Adelaide, mãe de Afonso, a pessoa mais doce e cativante que já conheci, a quem certamente meu amado puxou.

— Mas acontece que eu não trouxe outra roupa. — Falo, com tristeza. — Tenta mais um pouco, Tati. Quem sabe dessa vez feche.

Estamos na casa de praia da família de Ricardo, onde eu e Afonso decidimos que nos casaríamos, pois foi onde ele pediu minha mão, onde engravidei dele da primeira vez e provavelmente da segunda também.

Será uma cerimônia simples na praia, com a presença apenas da família dele, que veio especialmente para a ocasião, da família de Ricardo, que amo como se fosse minha e a única parente de Tati que mora na cidade: a prostituta que me acolheu na sua casa quando morei na rua com Gabriel.

Não há ninguém da minha família biológica presente, pois ainda não me sinto encorajada a procurar por eles, embora pretenda fazer isso um dia.

Da janela do quarto onde estamos, no segundo andar da casa, posso ver o local da cerimônia: um pequeno altar, rodeado de coqueiros e flores, algumas poucas cadeiras ocupadas pelos convidados e uma mesa retangular abastecida de guloseimas. É tudo muito singelo, mas está perfeito para celebrar o dia mais feliz da minha vida.

— Pronto. Fechou. — Tati declara, ao fazer uso de todas as suas forças para fechar o zíper.

Tento caminhar, mas não consigo me mover, o vestido está apertado demais. Sequer consigo respirar normalmente.

— É acho que não vai rolar. Vou ter que ir pro altar com o vestidinho de algodão no qual vim vestida.

Nesse momento, Adelaide dirige-se à grande mala que trouxe, dizendo:

— Bem, eu percebi que sua barriga está crescendo depressa então tomei a liberdade de comprar um vestidinho mais folgado. — Ela tira um grande embrulho da mala, estendo-o para mim. — Espero que não se importe.

— Me importar?! Caraca! Você salvou o meu dia.

Ansiosa, abro o embrulho e vejo o vestido de chiffon lindo! Sem alças, tem o bojo em meia taça forrado, com uma fita sob os seios, de onde partem as várias camadas da sai esvoaçantes.

É branco, com pequenas flores abstratas cinzas.

— Que lindo! — Tati exclama admirada. — E esse com certeza vai servir, pois só aperta os seios.

Emocionada por sua atitude, vou até Adelaide e a abraço apertado.

— Obrigada Adelaide.

— Não me agradeça querida. Isso não é nada perto da felicidade que você levou à vida do meu filho. Agora vista, estou louca pra ver como ficará em você.

Visto-o com facilidade, sentindo-me confortável com minha barriga solta sob as saias de tecido leve. Fito-me no espelho na porta do closet, constatando o quanto a peça me caiu bem, como se tivesse sido feita sob medida.

— Ficou perfeito. — Tati fala e nós concordamos.

Em seguida, termino de fazer a maquiagem, coloco o ramalhete de pequenas flores do campo, naturais sobre os cabelos soltos, com cachos, pego o buque de rosas brancas e descemos a escadaria de madeira, indo para fora da casa, Adelaide caminhando de uma lado e Tati do outro.

No instante em que ponho meu pé fora da moradia, começa a tocar a musica A Thousand Years de Christina Perri, trilha sonora do meu romance com Afonso e todo o meu corpo fica arrepiado, as lagrimas brotando dos meus olhos.

— Isso foi obra sua Tati? — Pergunto emocionada.

— E de quem mais seria?

Então, olho adiante, na direção do altar e meus olhos encontram os do meu amado, lindos! Os raios do sol os deixando ainda mais azuis, mais reluzentes, o que me faz continuar caminhando na sua direção, sem tropeçar em meus próprios pés, tamanha é minha emoção.

Tati e Adelaide me levam até ele, antes de acomodarem-se em seus lugares.

— Você está linda. — Afonso sussurra, sem desviar seus olhos dos meus.

— Você também.

Ele usa um traje casual típico de praia: bermuda tocão branca e camisa da mesma cor.

Ali, ao som de Christina Perri, que toca repetidamente, com o vento esvoaçando nossos cabelos, diante dos nossos melhores amigos e de um padre, nos tornamos marido e mulher, jurando amor eterno um ao outro em qualquer ocasião de nossas vidas, até que a morte nos separe.

Após a cerimônia, todos nos cumprimentam com abraços, nos parabenizando pela união e dão início à singela recepção regada a champanhe, muitos petiscos e água de coco.

Eu e Afonso não conseguimos nos desgrudar. Estamos abraçados, descalços, com os pés enterrados na areia branca, quando Tati surge na porta da casa, com Gabriel nos braços, chamando-nos apressada.

Alarmados, partimos na direção dela.

— O que foi Tati? — Pergunto, preocupada.

— Não se preocupem. Não é nada serio. Só uma coisa que quero que vocês vejam na

televisão.

Sem entender nada, eu e Afonso nos entreolhamos antes de adentrarmos a sala, atribuindo nossa atenção à televisão ligada.

Está sendo exibido o mesmo programa de auditório que Guilherme usou para expor minha vida à toda a cidade, há alguns meses atrás. Todavia, desta vez o apresentador está falando do próprio Guilherme, abordando uma reflexão sobre o vídeo mais assistido na internet ultimamente, no qual há imagens de Guilherme e sua turma de amigos, completamente bêbados, fazendo uso dos seus conhecimentos de artes marciais para darem uma surra em um indígena franzino, na periferia de Fortaleza.

As imagens do vídeo são exibidas, revelando um verdadeiro massacre. Guilherme e seus amigos fazem uma farra batendo no pobre homem indefeso, sorriem, debochando da fraqueza dele, enquanto bebem uísque diretamente do gargalo da garrafa, sem desconfiarem que estão sendo filmados.

A discussão abordada pelo apresentador do programa, atenta para a questão do quanto conhecemos as pessoas com as quais convivemos diariamente, ressaltando que Guilherme parecia um cidadão do bem, até agora, quando sua máscara finalmente cai, revelando quem ele realmente é.

— Acho que ele não vai poder sair na rua sem ser esculhambado por um bom tempo. — Afonso fala, o canto do seu lábio curvado num meio sorriso.

— Sem falar que vai perder toda a freguesia da padaria. Talvez até vá embora de Quixadá.

— Tati é ainda mais enfática e sorridente.

— Esses caras são uns covardes. Nas artes marciais, a primeira coisa que se aprende é a usar os conhecimentos apenas para a auto defesa. — Ricardo complementa.

— Não deviam deixar os loucos aprenderem a bater. — Pego Gabriel dos braços de Tati e aperto-o contra meu corpo, antes de entregá-lo a Afonso, que se recusa a me deixar pegar peso.

Juntos, voltamos para a praia e dois minutos depois, já me esqueci completamente da existência de Guilherme.

Ao lado dos dois homens da minha vida e carregando minha princesinha Emily, em meu ventre, caminho pela enseada,

mergulhada no mais completo sossego, invadida por um misto de paz e felicidade com o qual começo a me acostumar, ciente de que sempre farão parte da minha vida.

FIM

